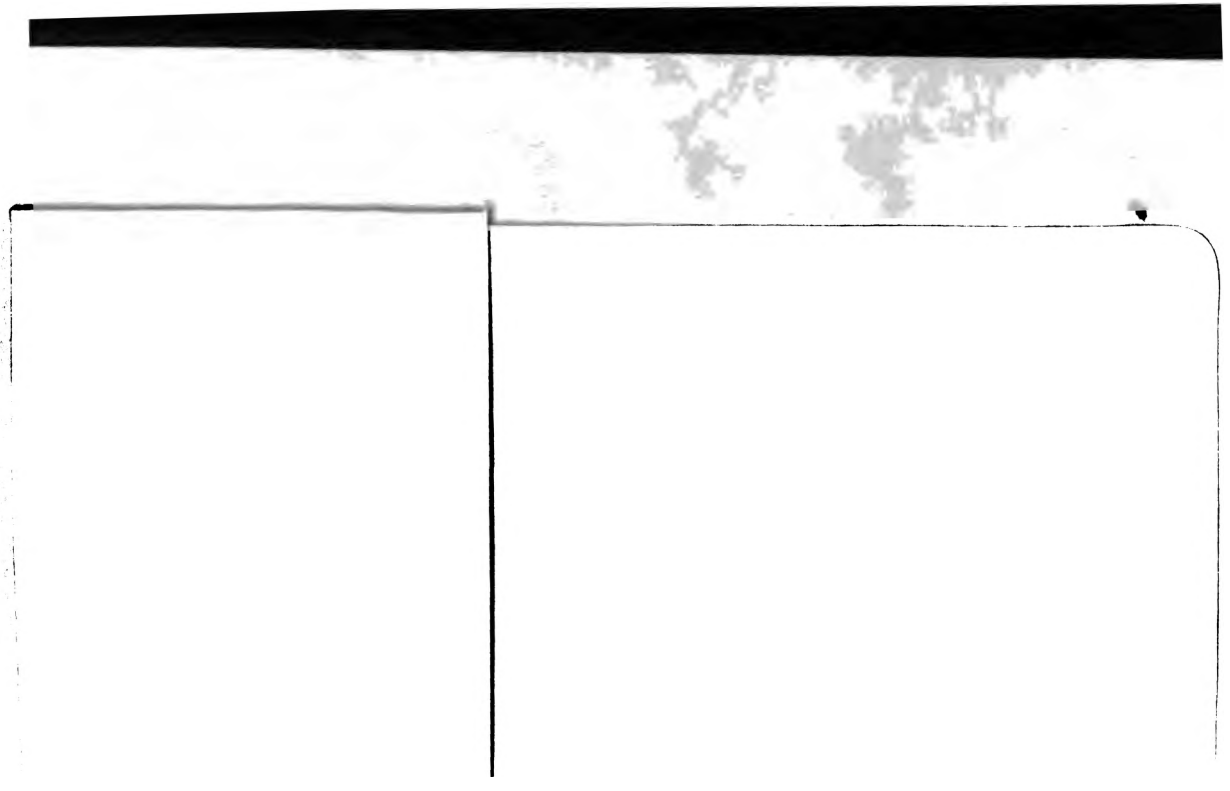
THE UNIVERSITY OF MICHIG



CÔRTE NA ALDEIA

E

NOITES DE INVERNO

DIALOGO I

ARGUMENTO DE TODA A OBRA

Perto da cidade principal da Luzitania está uma graciosa aldeia, que com egual distancia fica situada á vista do mar oceano, fresca no verão, com muitos favores da natureza, e rica no estio e inverno com os fructos e commodidades, que ajudam a passar a vida saborosamente; porque com a vizinhança dos portos do mar por uma parte, e da outra com a communicação de uma ribeira, que enche os seus valles e outeiros de arvoredos e verdura, tem em todos os tempos do anno o que em differentes logares costuma buscar a necessidade dos homens: e por este respeito foi sempre o sitio escolhido para desvio da côrte, e voluntario desterro do trafego d'ella: dos cortezãos, que alli tinhàm quintas, amigos ou heranças, que costumam ser valhacouto das excessivos gastos da cidade.

Um inverno em que a aldeia estava feita côrte com homens de tanto preço, que a podiam fazer em qualquer parte, se juntava a maior d'elles em casa d'um antigo morador d'aquelle logar, que tambem o fôra em outra edade da casa dos reis, d'onde com a mudança e experiencia dos annos, fez eleição dos montes para passar

n'elles os que lhe ficavam da vida, grande acerto de quem colhe este fructo maduro entre desenganos. Alli ora em conversação aprazivel, ora em moderado e quieto jogo se passava o tempo, se gosavam as noites, se sentiam menos as importunas chuvas e ventos de novembro, e se amparavam contra os frios rigorosos de janeiro.

Entre outros homens, que n'aquella companhia se achavam, eram n'ella mais costumados, em anoitecendo, um letrado que alli tinha um casal, e que já tivera honrados cargos do governo da justiça na cidade, homem prudente, concertado na vida, douto na sua profissão, e lido nas historias da humanidade: um fidalgo mancebo, inclinado ao exercicio da caça, e muito affeiçoado ás cousas da patria, em cujas historias estava bem visto: um estudante de bom engenho, que entre os seus estudos se empregava algumas vezes nos da poesia: um velho não muito rico, que tinha servido a um dos grandes da côrte, com cujo galardão se reparara n'aquelle logar, homem de boa creação, e, além de bem entendido, notavelmente engraçado no que dizia, e muito natural de uma murmuração que ficasse entre o couro e a carne, sem dar ferida penetrante. Ao senhor da casa chamavam Leonardo, e ao doutor Livio, ao fidalgo D. Julio, ao estudante Pindaro, ao velho Solino. Fóra estes havia outros de quem em seus logares se fará menção, que assim como os mais, não eram para engeitar em uma conversação de poucas porfias.

Uma noite de novembro, em a qual ja o frio não dava logar a que a frescura do tempo convidasse ao sereno, estando ainda Leonardo á mesa, porém no fim das iguarias, bateram á porta Pindaro e Solino, aos quaes o velho mandou abrir com grande alvoroço e festa; porque a de o buscarem era a que mais estimava por sua. Subiram, agasalhou-os com contentamento e cortezia. Sentaram-se perto da mesa, e disse o senhor da casa:—Peza-me que não viesseis mais cedo, que me poderieis acompanhar n'este trabalho tão necessario da velhice Mas se ainda virdes na mesa alguma cousa de vosso gosto, lançae mão d'ella, que de mistura achareis a minha boa vontade. — Eu sei (disse Pindaro) a que tendes de me fazer mercê; mas venho ceiado e tambem Solino, a quem tive por hospede, e já a conversa-

ção me dobrou o gosto das iguarias. — Eram ellas tão boas (respondeu Solino) que a mim me davam graça. Porém o serdes vós tão miudo nas cortezias, me deu muita pena: e já que sois tão discreto, e tanto meu amigo, d'aqui adeante emendae-vos nas cerimonias da mesa; e adverti ao vosso moço que não acompanhe com os olhos os bôccados dos hospedes, até o estomago: porque apostarei que me contou todos os da ceia, e anda tão destro no apartar das brigas, que ainda bem não desvio um prato do outro, quando me dá xaque em ambos, e me deixa em casa branca. E não vos pareça que é isto dizer que venho faminto; que, se assim fôra póde ser que o cumprimento do sr. Leonardo não ficára solto e livre; antes é fazer-vos lembrança que, pois daes tambem de comer, não tenhaes um moço Harpya, que descomponha o sabor dos manjares. — Bem sei (respondeu Pindaro) que ainda farto não haveis de deixar de roer. O meu moço é de uma d'estas aldeias visinhas, ha pouco que me serve; por isso, e por ser creado de estudante, lhe devieis perdoar o erro, e a mim o remoque; porém a vossa condição não se sujeita a respeito nem a desculpas. — É tão saborosa a murmuração de Solino (disse Leonardo) que tambem na mesa se póde estimar como boa iguaria: e se a eu tivera muitas vezes, déra vida ao appetite que para as outras me falta. — Se o ella fôra (tornou Solino) em mais occasiões me valêra das em que a vós podeis desejar. Mas, não tratando de vol-a offerecer, nem de a desculpar com meu amigo; como ceiastes hoje tão tarde, e não vieram mais cedo o doutor e D. Julio? — Antes (disse o velho) me mandaram já recado, e não devem tardar. Eu o fiz com a ceia, porque os homens de serviço me não deram logar senão a esta hora: mas ouço que batem á porta e devem ser elles.

A este tempo mandou juntamente alçar a mesa, e levar a luz á escada. Subiram o doutor e D. Julio; saudaram-se com muita alegria; e sentados perto do fogo, disse o velho: — Muito deveis ambos a Solino; porque vindo a esta casa com Pindaro, de quem foi convidado na ceia, e tendo a minha em estado de que se podia aproveitar de alguma cousa d'ella, vos achou menos, e perguntou a causa da tardança; signal é este de amor e da pouca razão com que o te-

mos por desobrigado de toda a affeição dos amigos. — Não é Solino tão descuidado do que lhe eu mereço (tornou D. Julio) que se esqueça de mim, e de quanto sentirei perder horas suas: e pelo interesse das da conversação do doutor o tivera em menos conta se as não desejára: e além d'isso posso affirmar que está pago da lembrança que teve, com a diligencia que fizemos pol-o trazer comnosco, que voltamos pela sua porta, e eu tirei uma pedra á janella, d'onde me disseram que ceiava com Pindaro; e cada um dos dois me fez inveja. — Ah! sr. D. Julio (respondeu elle) tão grande trovoada de cumprimentos seccos não podia deixar de lançar pedra. Eu tenho feita a conta, e sei que não posso pagar o que vos devo além d'essa honra e mercê, senão com a humildade com que a todas reconheço por vossas. Dae-vos por satisfeito de meus desejos, e de pôr aqui ponto nos cumprimentos: porque não tenho polvora mais que para a primeira salva. — Já eu me quizera metter em meio (disse o doutor) porque se vós a terdes em cortezias, não haverá quem as pague, se não fôr Pindaro, que tem uma corrente tão arrebatada, que não dá vau a nenhuma rethorica do mundo. — Agora (arguiu Leonardo) levastes tres de um tiro; não me dou por seguro n'este logar, inda que é de minha casa; porém não tendes razão contra Pindaro, que, cada vez que o ouço, me parece um livro de cavallarias. Se elle tivera encantamentos escuros, castellos roqueiros, cavalleiros namoradores, gigantes soberbos, escudeiros discretos, e donzellas vagabundas, como tem palavras sonoras, razões concertadas, trocados galantes, e periodos que levam todo o fôlego, pudéra pôr a um canto o Amadis, Palmeirim, Clarimundo, e ainda o mais pintado de todos os que n'esta materia escrevêram; e já estive em o persuadir que se mettesse em uma empreza semelhante; porém receio que se me ensoberbeça com a altivez de seu estylo, e despreze aos amigos. — Não merecia eu, sr. Leonardo, a vós, nem ao doutor (disse Pindaro) que tomasseis meus defeitos por materia de vossa galantaria: falo com sei, e cada um se extende conforme a roupa com que se cobre. Não sou tão philosopho como o doutor, tão cortezão como vós, nem tão engraçado como Solino, nem tenho maiores penas que a gaiola; porém se abrisse as azas

para compôr livros, não houveram de ser de patranhas. Por isso fiae mais de meus pensamentos. — Nunca o tive de vos offender (respondeu o velho) nem me parece com razão a vossa desconfiança: nem podeis fazer tão pouca conta dos livros de cavallarias, e dos famosos auctores que os escreveram, e que mostraram n'elles a sua boa linguagem com toda a perfeição: a graça de tecer e historiar as aventuras, o decoro de tratar as pessoas, a agudeza, a galantaria das tenções, o pintar as armas, o betar as côres, o encaminhar e desencontrar os successos, o encarecer a pureza de uns amores, a pena de uns ciumes, a firmeza em uma ausencia, e outras muitas cousas que recreiam o animo, affeiçoam e apuram o entendimento. Se vós tendes por despreso compôr livros de cavallarias, eu vos desengano que pertencem mais cousas ao bom auctor d'elles, que a um dos lettrados philosophos ou juristas, com que desejaes de vos parecer; porque lhe importa saber a geographia dos reinos e provincias do mundo, para encaminhar por ellas a sua historia; ter noticia dos nomes e cousas que usam n'aquellas partes, d'onde faz naturaes os cavalleiros, saber estylo de côrte para as mesuras, gasalhados e cortezias, conforme as pessoas introduzidas, conhecer da justiça, do torneio e do sarau, a ordem, as leis e as gentilezas, entender da bastarda e da gineta, o que convém para pintar o encontro, a quéda, o acerto, o dezar, o brio ou descuido de um cavalleiro, debuxar o cavallo nas côres, concertal-o nas redeas, no pisar, no arremesso, na furia, na destreza, nas carreiras, chaças e rodeios, e sobre o conhecimento de todas as sciencias e disciplinas, tambem ha de ter alguma noticia dos nigromantes antigos para os encantamentos que servem de bordão e valhacouto aos historiadores. — Tenho por mal empregado (disse então o doutor) tanto cabedal em cousa de tão pouco interesse, e não sou de voto que o auctor, que tiver as partes que vós dizeis que são necessarias para essa composição se occupe n'ella. De que servem livros de cavallarias fingidas? E se ha ociosos que os leiam, porque ha de haver algum que os escreva? Ou que espere algum fructo de trabalho tão vão? — Mas que certeza tão grande (tornou Leonardo) que cada um approva o que segue, sendo assim que ninguem se contenta do que

tem. Desejaveis agora que todos os livros, e todos os homens tratassem sómente da vossa profissão e fossem juristas e philosophos. Pois ainda que eu sou bacharel em linguagem, me atrevo a contradizer essa opinião adquirida em latim: porque para recreação, politica e bom estylo se não deve menor logar a estes, que aos vossos de trapaças e opiniões, e outros a que chamaes conselhos, que o dão ás vezes bem ruim a quem se fia de sua leitura.

— Eu era de parecer (disse D. Julio) que poupassemos esta materia para gastar a noite, pondo-a em maneira de disputa. E se a todos parece assim, cada um diga sua opinião nos livros que mais lhe contentam, e das razões que tem para os approvar; e d'este modo, ou affeiçoados ou convencidos, saberemos os que são de maior gosto e utilidade. — A isto (respondeu Solino) até agora estive calado contra minha natureza; porque me houve por incapaz de fazer terço ao doutor e Leonardo: mas pois o voto é que se jogue com toda a baralha, digo que é esta a melhor materia que se podia escolher para passar o tempo. E já póde ser que algum dos que aqui estão, que deseja deixar no mundo memoria de seu engenho, saiba n'esta occasião o em que o pode empregar melhor. — Pelo que a mim toca (disse o doutor) comecemos logo; e a vós, sr. D. Julio, é bem que demos a mão a troco do alvitre; e não tratando dos livros divinos, nem dos necessarios, dos de recreação nos podeis dizer quaes, a porque razões vos contentam. — A minha inclinação em materia de livros (disse elle), de todos os que estão presentes é bem conhecida: sómente poderei dar agora de novo a razão d'ella. Sou particularmente affeiçoado a livros de historia verdadeira, e mais, que ás outras, ás do Reino em que vivo, e da terra onde nasci: dos reis, e principes que teve, das mudanças que n'elle fez o tempo, a fortuna, das guerras, batalhas, e occasiões, que n'elle houve, dos homens insignes, que pelo discurso dos annos florecerão; das nobrezas e brazões que por armas, lettras, ou privança se adquiriram. O que me inclinou á escolha d'esta lição, foi que tive alguma de um homem muito douto, em o que o deve desejar de ser, e parecer o que é bem nascido; ao qual elle dizia, que o que mais convinha que soubesse era, o appellido, que

tinha, d'onde lhe veio; quem fôram seus passados, que armas lhe deixaram, a significação, e fundamento da figura d'ellas, como se adquiriram, ou accrescentaram. Logo os reis que reinaram na sua patria, as chronicas d'elles, os principios, as conquistas, as emprezas, e o esforço de seus naturaes; porque falando d'elles nas terras extranhas, ou na sua com extrangeiros, saiba dar verdadeira informação de suas cousas. E alcançadas estas, lhe estará bem tudo o que mais puder saber das alheias. E na verdade, nenhuma lição pode haver que mais recreie, e aproveite, que a que sei que é verdadeira, e por natural ao desejo dos homens deleitosa. —Não é essa a minha opinião (disse Solino) porque contra o gosto me assombram muito cousas passadas, e andar abrindo sepulturas de gente morta. E no que toca á verdade, certo que á conta dos enterrados se escrevem algumas vezes tão grandes mentiras, que lhes não levam vantagem os fingimentos de historias imaginadas. E havendo um homem de ler o que não é, ou o que sabe, é tão caldeado, e tão batido da forja dos auctores, que mudado traz o metal, a côr, e a natureza: estou melhor com os livros de cavallarias, e historias fingidas, que, se não são verdadeiros não os vendem por esses: e são tão bem inventados, que levam após si os olhos, e os desejos dos que os lêem. E não estima um auctor matar mais de dois mil homens com a penna, para fazer valente o seu cavalleiro, com a espada, sem estar receando os ditos das testemunhas que ficaram na batalha; que por eguaes respeitos pende cada um para seu cabo. Pois se é caso, em que um historiador queria passar adeante como Ariosto, não matou mais gente a peste grande em Lisboa, que Rodamonte nos muros de Paris. —Essa é uma das razões, porque eu os reprovo (tornou o doutor) porque a fabula é uma cousa falsa, que podia comtudo ser verdadeira, e acontecer assim como se fingiu. Porém a isto não dão logar os livros de cavallarias, com esses excessos, e outros encantamentos, fazendo casas, e torres de crystal, edificios, lagos, e columnas impossiveis, pyramides de alabastro, e casas de pedraria, cuja riqueza podia empobrecer a fortuna. E em nossos tempos, na India Oriental, sabemos que o rei Mogor andou muitos annos fabricando uma casa de esmeraldas, por

cujo respeito se passavam d'este Reino á nossa India as da Occidental. E emfim morreu sem a acabar; e não ha livro de cavallarias em que qualquer cavalleiro de um castello não acabe cousas maiores. E deixando isto, é graça, e galantaria comparar historias verdadeiras com patranhas disproporcionadas, que gastam o tempo mal a quem n'ellas se occupa, quando as outras servem de exemplo para imitar, de lembrança para engrandecer, e de recreação para divertir. A quem não anima ler as historias de seus passados? A quem não move o desejo de egualar a fama que lê de suas obras? O governo da paz? A ordem da guera? O trato dos homens? O commercio das provincias? D'onde se conserva, alcança, e sabe senão pelas historias verdadeiras? Porque n'ellas sabe cada um felizmente pelos successos alheios o que deve seguir. D'onde Marco Tullio chamou á historia mestra da vida.—Vós, sr. doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapacios: mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas historias, a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado, que não ha panno sem nodoa, nem légua sem máu caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fôssem, e não como succederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavalleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortezias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro, em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzellas, se cumpram palavras, guardem juramentos, e satisfaçam boas obras. Vereis que as damas andam pelas estradas, sem haver quem as offenda, seguras na sua virtude propria, e na cortezia dos cavalleiros andantes. E quanto ao retrato e exemplo da vida, melhor se colhe no que um bom entendimento traçou, e seguiu com muito tempo de estudo, que no successo, que ás vezes se alcançou por mão da ventura, sem a diligencia e engenho metterem nenhum cabedal. Não digo que os livros tenham excessos desatinados, que não sejam semelhantes á verdade, nem os encantamentos tão escuros e descon-

formes, que não tenham alguma maneira de enganar o juizo, porém os livros bem fingidos, como verdadeiros obrigam. Um curioso em Italia (segundo um auctor de credito conta) estando com sua mulher ao fogo lendo o Ariosto, prantearam a morte de Zerbino com tanto sentimento, que lhe accudiu a visinhança a saber o que era. E no que toca ao exemplo; um capitão valoroso houve em Portugal, que o não teve melhor o Imperio Romano, que com a imitação de um cavalleiro fingido, foi o maior dos seus tempos, imitando as virtudes que d'elle se escreveram. Muitas donzellas guardaram extremos de firmeza, e fidelidade, costumadas a lêr outros semelhantes nos livros de cavallarias. Na malicia da India tendo um capitão nosso cercado uma cidade de inimigos, certos soldados camaradas, que albergavam juntos, traziam entre as armas um livro de cavallarias, com que passavam o tempo. Um d'elles que sabia menos que os mais d'aquella leitura, tinha tudo o que ouvia lêr por verdadeiro. (e assim ha alguns innocentes, que cuidam que se não pode mentir em lettra redonda) os outros ajudando a sua simpleza lhe diziam que assim era. Veio occasião de um assalto, em que o bom soldado invejoso, e animado do que ouvia lêr, lhe pareceu ensaio de mostrar seu valor, e fazer uma cavallaria de que ficasse memoria; e assim se metteu entre os contrarios com tanta furia, e os começou a ferir tão rijamente com a espada, que em pouco espaço se empenhou de sorte, que com muito trabalho e perigo dos companheiros, e de outros muitos soldados, lhe ampararam a vida recolhendo o com muita honra e não poucas feridas. E reprehendendo-o os amigos d'aquella temeridade, respondeu: Ah! deixae-me, que não fiz a metade do que cada noite lêdes de qualquer cavalleiro do nosso livro. E elle d'alli adeante o foi muito valoroso.—Muito festejaram todos o conto, e logo proseguiu o doutor: Tão bem fingidas podem ser as historias, que mereçam mais louvor, que as verdadeiras; mas ha poucas que o sejam; que a fabula bem escripta (como diz Santo Ambrozio) ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão. em que se podem manifestar as cousas verdadeiras. Xenofonte querendo pintar uma republica perfeita, e regimento politico, por modo de historia, fin-

giu o governo de Cyro, rei dos Persas. D. Antonio de Guevara, em nome de um imperador romano escreveu o que elle queria dizer em Hespanha; e outros que ainda em modo mais extranho ensinaram aos homens, como Esopo nas suas fabulas, e Lucio Apuleio no seu Asno d'ouro; e todos os livros que em seu genero são bons, se podem chamar perfeitos. Resta agora que o que escreve historia seja verdadeiro; e não terá Solino de que o reprehender n'ella. O que compõe fabulas seja verosimil, e não terei eu razão de o reprovar. O que trata de sciencia. alegue razões. O que fala de artes, experiencia. E o que quer ensinar principios, mostre auctoridade. E posto que eu tenha muitas que allegar em favor da vossa opinião, sr. D. Julio. vós estaes no caso, e todos os mais que a historia verdadeira apascenta os doutos, adelgaça os grosseiros, encaminha os moços, ensina os mancebos, recreia os velhos, anima aos baixos, sustenta aos bons, castiga aos maus, resuscita aos mortos, e a todos dá fructo a sua lição. E porque esta não seja mais comprida, diga Pindaro agora a sua opinião.

— Apostarei eu (disse Solino, que, se a Pindaro lhe armarem com poesia levantada sobre os bons conceitos e versos, que com serem amorosos, sejam arrogantes, que o tomaram como passaro em visco. — Para isso (disse o doutor) arredar lhe as occasiões, e vá com declaração, que não tratamos de poesia. — Essa condição (accudiu Pindaro logo ao principio ficou declarada; que como exceptuastes livros divinos, n'esse numero devem estar os dos poetas, que mereceram este nome; e o que elles antigamente tiveram, e ainda agora lhe dão os Latinos, assim o deixa entender. E Platão quando d'elles escreve, lhes chama divinos interpretes dos deuzes, possuidos de espiritos celestes: d'onde Marco Tullio tirou os louvores, com que os trata. Origenes affirma que a poesia é uma virtude espiritual, que inspira em os poetas, e lhe enche o animo e o entendimento de uma divina força. Santo Agostinho lhes chama theologos para cantarem os louvores divinos. Diziam os philosophos antigos, que se os deuses falassem, seria em verso: trazendo exemplo do oraculo de Apollo, e das Sibyllas. Cassiodoro diz que a poesia tomou principio da divina escriptura. De maneira que por aucto-

ridade de tão grandes varões, nunca os livros de poesia podem vir em competencia com os de que até agora tratastes; que d'outro modo já estivera concluida a differença, — O que eu vejo tornou D. Julio que, ainda que o doutor vos cerrara a porta, que mettido de ilharga dissestes tudo o que cumpria a vosso intento por junto, e quanto para mim estaes declarado; e com o desejo de ouvir a opinião do doutor, não digo o mais que me parece.—Ora respondeu elle) não quero que a essa conta fique o meu voto ás escuras; e digo, não falando em poesia, que não escolho lição de historiadores verdadeiros, nem tenho por melhor a dos fingidos; porque uns servem de conservar a memoria, os outros de enganar o entendimento: e serão melhores os livros que deleitam a memoria, e a vontade, e apurem, e levantem o entendimento, como os de recreação, que com alguma enganosa novidade tratam de materias politicas, e engraçadas: de côrte, de aldeia, e de qualquer sujeito aprazivel: e ha d'estes muito bem recebidos, approvados, e proveitosos na republica, cuja variedade, e doutrina é para mim lição muito saborosa.—Não estou mal com essa opinião (disse o doutor) e quasi que vós, e eu estamos em um mesmo pensamento; senão que deixastes de declarar o que agora me fica para dizer: porque até aqui falámos do modo de compor, e escrever livros; e não das materias, que escriptas serão agradaveis. E deixando em duvida o vosso parecer para se conferir com a tenção; o meu é, que o melhor modo de escrever são os dialogos escriptos em prosa, com figuras introduzidas, que disputem, e tratem materias proveitosas, politicas, engraçadas, e cheias de galanteria: sendo a primeira figura da obra o autor d'ella; e esse que vá guiando, e introduzindo as mais, que sejam apropriadas áquellas materias, de que hão de tratar entre si. E além de ser estilo mais claro, mais vulgar, mais excellente, inclue em si a lição de todos os outros modos de escrever, como o são os da historia verdadeira, e fingida, das artes liberaes, e mecanicas; das sciencias, e discipulas necessarias; das profissões particulares; da razão do governo; da vida politica, ou privada. E quando este modo de escrever não tivera por si mais que a auctoridade dos que n'elle escreveram, como foi Platão, Xenofonte, Tullio, e outros

infinitos ; essa bastara para acreditar os dialogos. Além d'isto, eu tenho para mim que aquella é melhor escriptura, que com mais perfeição, e viveza imita a pratica, e conversação dos homens; porque assim como a melhor pintura é a que mais se parece com a obra da natureza, a que quer contrafazer; assim a melhor escriptura é a que retrata com mais semelhança o falar, e conversação d'entre os amigos. Nos poemas tinham os poetas antigos que o mais levantado era a tragedia pela imitação natural da pratica, com introducção de figuras, junto com a gravidade, peso e tristeza dos successos tragicos. E porque tambem a variedade é a que mais costuma enterter, e deleitar o animo dos homens, e esta é mais certa, e mais propria nos dialogos, me parece que no gosto d'elles serão melhor recebidos.

— Pois assim é (disse D. Julio) que a principal razão porque approvaes os dialogos, é porque mais familiarmente se parecem com a pratica. Desejo saber qual é mais nobre cousa, se a pratica, se a escripta; porque a mim me parece que á escriptura se deve o melhor logar, e que antes merecia a pratica por se parecer com ella; o que agora encontra a vossa opinião.—Nenhuma duvida ha (respondeu o doutor) que a pratica seja mais nobre, mais antiga e mais excellente; porque, além de o falar ser a operação natural dos homens, e acto em que elles fazem vantagem, e differença a todos os animaes, a escriptura não é mais que uma escrava e servente das palavras, e o escrever não é outra cousa mais que supprir com um instrumento por meio da arte, e das mãos o que com a voz se não póde exprimir e alcançar com os ouvidos, ou por distancia de logar, como quem escreve aos ausentes, ou por discurso de tempo, como quem escreve para os vindores. E porque nunca a escrava é tão nobre como a senhora a quem serve, em quanto escrava, nem o que substitue em logar d'outrem se lhe póde preferir no mesmo logar; assim nunca a escriptura póde egualar a nobreza e perfeição da pratica. — O contrario me parece a mim (replicou o fidalgo porque nem por a pratica ser mais antiga, e primeira que a escriptura é mais perfeita; antes ella foi a perfeição da pratica: e posto que seja propria operação do homem o falar, não é n'elle menos nobre accidente o de escrever; antes me parece

mais digno o que elle alcançou por arte, que o que adquiriu por uso: e quasi que ousaria a dizer que é operação sua o falar, dada a respeito de haver de escrever, pois esse é o meio de se perpetuar, sustentando no entendimento dos presentes, e na lembrança dos futuros a memoria das cousas passadas. Assim que nem por a primeira razão merece a pratica melhor logar, nem a escriptura, por servente e ministra sua, é menos nobre. Porque o sol serve de mostrar as cousas creadas, que lhe são muito inferiores, e de dar luz e nutrimento a outras de menor qualidade, e nem por isso ellas se lhe podem antepôr. E quanto a substituir a escriptura em logar da voz, ella o faz por tão excellente maneira que lhe tem muita vantagem; pois o que a voz não póde exprimir juntamente em differentes logares e a diversas pessoas em um mesmo tempo, o faz a escriptura com grande perfeição, podendo muitas pessoas, em differentes logares, lêr em um mesmo tempo a propria cousa: pelo que me parece que, ainda que a vossa escolha fosse boa, não fundastes bem a razão d'ella. — Certo (disse Leonardo) que de ambas as partes déstes tão boas razões, que fica duvidosa a melhoria. Porém concedendo á pratica a excellencia, a acção, o modo e a graça de falar, que é uma viveza a que se não eguala outra nenhuma lembrança; a escriptura tem tantas grandezas que parece egualmente necessaria para a vida, pois ficava o mundo ás escuras sem a luz da dilação escripta; e só na tradicção dos homens se salvaria a memoria das cousas; e nas principaes dominaria a ignorancia com mero imperio. Porém, deixando isto por averiguar, pois com tanta galantaria e agudeza está tocado o que baste, quero que passemos adeante, e, por me fazerdes mercê, que me ensineis se na pratica, em voz, e na escriptura considerada tem bom logar a nossa lingua portugueza; porque ouço de má vontade a alguns naturaes que tratam mal d'ella e a condemnam por grosseira e limitada.

— Uma cousa vos confessarei eu, sr. Leonardo (disse a isto D. Julio) que os portuguezes são homens de ruim lingua, e que tambem o mostram em dizerem mal da sua, que assim na suavidade da pronunciação, como na gravidade e composição das palavras é lingua excellente. Mas ha alguns nescios, que não basta que a

falem mal, senão que se querem mostrar discretos, dizendo mal d'ella: e o que me vinga de sua ignorancia, é que elles acreditam a sua opinião; e os que falam bem desacreditam a ella e a elles.—Bravamente é apaixonado o sr. D. Julio (acudiu o doutor) pelas cousas da nossa patria: e tem razão, que é divida que os nobres devem pagar com a maior pontualidade á terra que os creou. E verdadeiramente que não tenho a nossa lingua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, efficaz para mover, dôce para pronunciar, breve para resolver, e accommodada ás materias mais importantes da pratica e escriptura. Para falar é engraçada com um modo senhoril: para cantar é suave com um certo sentimento que favorece a musica: para prégar é substanciosa, com uma gravidade que auctorisa as razões, e as sentenças: para escrever cartas nem tem infinita copia que damne, nem brevidade esteril que a limite: para historias nem é tão florida que se derrame, nem tão secca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céo da bôcca com aspereza, nem arrancar as palavras com vehemencia do gargalo. Escreve se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciação da latina; a origem da grega; a familiaridade da castelhana; a brandura da franceza; a elegancia da italiana. Tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares, em fé de sua antiguidade. E se á lingua hebrea pela honestidade das palavras chamaram santa, certo que não sei eu outra que tanto fuja de palavras claras em materia descomposta quanto a nossa. E para que diga tudo, só um mal tem, e é que pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada, que capa de pedinte. — Folguei extranhamente de vos ouvir (disse Solino) por não ficar tão covarde, como até agora estava, em ouvindo murmurar da lingua portugueza; e não ousava, ou não sabia dizer a minha opinião, a qual cuidava que me nascia do amor que lhe tenho, e que cada um tem ás suas cousas como o corvo aos filhos, e Pindaro ás suas trovas. Porém quando um homem tão bem fundado na razão como o doutor, e tão auctorisado em seu parecer sustenta esta parte, nenhu-

ma haverá já tão rija, que me tire o atrevimento. — Nem a lingua (disse Pindaro) pois não ha amizade que vos faça perder o costume. — Perdoae-me (tornou elle) que vos feri por não perder o golpe. E tornando ao que aqui se tratou para recordar o que começamos, averiguou o doutor que a melhor maneira de escrever eram os dialogos (ficando meu direito reservado nos livros de cavallarias), tocaram-se louvores da pratica e escriptura com muito engenho; declarou se como a lingua portugueza não desmerece logar entre as melhores, para n'ella se escreverem materias levantadas, aprazíveis, proveitosas e necessarias. Que falta entre vós para que d'estas noites bem gastadas, d'estas duvidas bem movidas, e d'estas razões melhor praticadas se faça um ou muitos dialogos, que sem vergonha do mundo possam apparecer nas praças d'elle á vista dos curiosos, e ainda dos murmuradores?—Tem Solino muita razão (disse D. Julio) e se assim forem os dialogos como se podem formar com a pratica de alguns que estão presentes, bem se auctorisará a opinião do doutor, posto que a minha fique de vencida com a vantagem que aqui tem a pratica das escripturas alheias. E pois se aproveitam tão bem as noites n'este logar, razão é que por meio d'elles se communiquem a quem se aproveite da doutrina e interesse d'ellas. — Se eu não dormira tão poucas horas da passada (disse o doutor) ainda houvera de proseguir adeante e responder a isso; mas com vossa licença me vou recolher e ámanhã accudirei mais cedo. — Acompanhemos o doutor (disse o fidalgo), e levantando-se elle, se despediram todos com muita cortezia, deixando ao senhor da casa magoado de se açabar tão depressa a conversação; que quem sabe estimar a que é tão boa, tem sentimento das horas que d'ella perde.

DIALOGO II

DA POLICIA E ESTYLO DAS CARTAS MISSIVAS

Ficaram os amigos tão affeiçoados á conversação d'aquella noite, que, por fazerem a do outro dia mais comprida, acudiram a ajuntar-se logo depois de se pôr o sol; porém cada um com pejo de ser o primeiro, passeavam em dois postos, o doutor com D. Julio, e Pindaro com Solino á vista da casa de Leonardo, até que elle chegou á janella; e mostrando o mesmo desejo que os quatro traziam, facilitou o receio e approvou as horas. Subiram todos, e disse o doutor: — Pareceu-me este dia tão comprido, na esperança da noite, como aos trabalhadores que devem o jornal.—E a mim (tornou Leonardo) a noite, depois que me deixastes, tão importuna como quem espera a manhã para cousa de seu gosto: e assim não é muito que vós viesseis tão cedo, e que a mim me pareça que já era tarde. — Todas as cousas que se desejam muito (tornou D. Julio) por pouco que se dilatem, tardam mais.— E as que se temem (proseguiu Solido) por muito que tardem, parece que se anticipam. D'onde um disse maravilhosamente que o que queria que a quaresma lhe parecesse breve, devesse pagamentos para a Paschoa. Emfim chegou mais cedo este prazo que todos desejamos: e se o senhor da casa dormiu pouco, eu apostarei que ha algum na companhia que se desvelou mais.—Não era occasião para descuidos (disse o doutor) e nos mancebos era demasiada desconfiança entrar n'esta batalha desapercebidos.—Os apercebimentos (tornou o fidalgo) podem fundir muito pouco: porque como até agora é incerto a materia de que se deve tratar, serão sem fructo as diligencias.—É engano (replicou Solino) que nunca falta uma carta em que prender; como um homem tem as suas apuradas e ha cousas que se levam a rasto como corpo morto, e quando sejam bem cuidadas, nunca são mal ouvidas. E se não, digam-n'a as olheiras com que esta manhã vi a meu amigo Pindaro. — Já sei (disse Pindaro) que vêdes mal: mas contra mim ainda é peior a vossa tenção que a vista; não me pagaes bem o que vos mereço, mas é

na moeda que tendes. — E na que corre (tornou elle) que o rifão de agora diz que fazer e dizer mal, nunca se perde. Não vos escandalisei; que tudo ha nos homens e nas cartas. Essa (disse então D. Julio) hei eu de partir; porque desejava muito alçar por ellas; e pois o doutor falou hontem em cartas missivas, e approvou para ellas a lingua portugueza, nos ha de declarar o que ha de ter uma carta para ser corteza e bem escripta. — Esse cargo (tornou o doutor) convem mais ao senhor da casa: porque ainda que a carta consta de lettras, não é profissão de letrado fazel-as cortezãs: e quem sabe tanto do estylo da côrte como Leonardo, póde dar leis para ellas. — Vós (respondeu elle) sois doutor em tudo, e meu superior em todas as materias, e como tal me podeis dar o gráu de cortezão. Eu o quizera parecer na confiança, e em obedecer ao gosto d'estes amigos. Mas para eu proseguir com auctoridade é bem que vós comeceis a principiar na materia; dizendo, que nome é *carta*, e o seu principio, pois me daes o cargo antes de estar apercebido para elle. — Bem sei (lhe respondeu o doutor) que por me honrardes a mim tomaes tudo á vossa conta; folgarei de a dar boa do que me encommendaes.

Este nome *carta* é generico, e teve origem de uma cidade do mesmo nome, d'onde foi natural a rainha Dido, que, por o amor que tinha á sua patria, pôz á que edificou por nome *Cartago*. E porque em carta se inventou primeiramente a maneira em que se escrevia (ou fosse papel, ou outra cousa semelhante a elle) tomou d'ella o nome como de *Pergamo* o *pergaminho*. É para saber que nos primeiros tempos, quando se inventaram as lettras, escreviam os homens nas folhas das arvores: como ainda hoje nas da palmeira escrevem os gentios de algumas partes do oriente: as Sybillas n'ellas escreveram suas prophecias: e assim se chamaram a seus escriptos *folhas sybillinas*: e ainda na linguagem portugueza se conserva alguma cousa d'esta antiguidade, pois dizemos *folhas de papel* sem o papel ter folha, mas é em lembrança das primeiras que se usaram na escriptura. Depois se escreveu em uma casca tenra de arvores, que é o entreforro da cortiça. E porque a esta chamavam *livro*, conservam ainda agora elles o nome, e a divisão que agora fazem os escriptores

de *livro primeiro, segundo,* e d'ahi adeante é o numero, porque então deviam contar aquellas cascas. Tambem se escreveu em o miolo de uma maneira de juncos a que chamaram *papiros:* d'onde aos latinos ficou o nome para o papel. Depois se escreveu em taboas nas quaes sobre cêra, com um instrumento de ferro ou de latão, a que chamavam *estylo*, se assignavam as lettras: e do ferro com que se escreveram, se veiu a derivar o que agora dizemos *bom* ou *mau, humilde* ou *altivo estylo* de escrever, passando-se por translação a perfeição do instrumento ao concerto e policia das palavras. D'este proprio modo se usa o nome de carta, que alcança em genero a todo o genero de papel escripto e ainda pintado. Os portuguezes fazemos este nome particular tomando *carta missiva* por a principal de todas; e assim basta dizermos *carta*, sem mais declaração, para se entender que é esta; porém nas especiaes d'ellas usam o nome com seus attributos. E nos instrumentos judiciaes, que testemunham antiguidade, se diz *carta precatoria, demissoria, citatoria, de liberdade e de venda,* e outras muitas: e ainda as de jogar, sem terem lettras, se chamam commummente cartas. E a gente aldeã, conservando alguma coisa da antiguidade, a qualquer estampa ou pintura em papel chamam *carta.* Os latinos puzeram nome ás Cartas missivas *Epistola,* do verbo grego. que quer dizer *mandar:* e *letras,* porque a carta consta d'ellas. Os italianos deram singular e plural a este nome segundo. E na nossa lingua a que chamam limitada, não faltou nenhuma d'estas differenças, antes houve maior perfeição: porque a umas chamaram *cartas mandadeiras;* ás que tinham menos de papel, *escriptos;* e ás cartas de Italia *lettras,* que são as de Roma, e as de cambio; porque deviam ter o mesmo principio; porque logo nos de Portugal mandavam os réis d'elle por lettras copiosas doações á sé apostolica, do que conquistavam. De maneira que o nome de carta, quanto á sua origem, é geral e commum; e entre nós particular das cartas missivas: e pois lhe descobri o nome, é necessario, sr. Leonardo, que lhe deis agora o ser.

— Parece-me (respondeu elle) que estou já no meio da minha obrigação (conforme ao dito do poeta) que quem começou, tambem tem feita a maior parte. E passando

do nome da carta aos exteriores d'ella, digo que ha de ter: Cortezia commum, regras direitas, lettras juntas, razões apartadas, papel limpo, dobras eguaes, chancella sutil, e sêllo claro; e com estas condições será carta de homem da côrte.—E falando da cortezia (disse Solino) que entendeis n'ella? — A cortezia (lhe respondeu elle) não falando na leitura da carta, é o sobrescripto, o apartado da cruz, até á primeira regra; e do principio do papel até o começo de todas: e o final, e nome de quem escreve, abaixo da data da carta. E porque n'isto ha differentes costumes, e erros, me parece bem fazer de tudo lembrança.—Nos sobrescriptos temos pouco que tratar (tornou Solino) que depois que com a pragmatica os cercearam, não ha já *prezados*, *magnificos*, *honrados*, e *illustrissimos*, nem os *senhores*. Ainda (tornou Solino) ficaram alguns de rodeio que são muito para vêr, e assim o dizem elles: a cujo proposito vos hei de contar uma historia. Eu (como todos sabeis) vejo com oculos e conforme a opinião de alguns) com elles muito menos. Os dias atraz, sendo eu ainda innocente d'este costume, me deram uma carta de um amigo, que dizia: *Para vêr o senhor Solino*: aberta ella, a lettra tal, tão miuda, e embaraçada, que desmentia o sobrescripto, e por nenhuma via pude vêr o que dizia. Mas respondi n'outra lettra muito peior, e puz no sobrescripto: *Para cegar o senhor Fulão;* ao que elle depois me respondeu, que estava pelo costume dos presentes. —Nem todos se hão de seguir (disse o doutor) que, como escreve o philosopho Favorino, cada um deve usar de palavras presentes, e costumes antigos; e mais quando é uso é abuzão, que no primeiro, por ser tal, offenderam as leis; e no segundo o reprehendem os mesmos que o usam. Comtudo Leonardo dirá o que lhe parece. —A mim respondeu elle que a lei é boa, e a cautella escusada. Porém o sobrescripto tem mais partes de cortezia, que essa que dissestes, ainda que á primeira vista pareça cousa tão limitada. E para que comecemos em ordem; *sobrescripto* é uma noticia vulgar da pessoa a quem se escreve, e do logar aonde lhe mandam a carta, exprimindo-se n'elle o nome, e a dignidade, por onde é mais conhecida, e o do logar onde n'aquelle tempo assiste. N'esta regra geral ha uma limitação, e é: Que ás pessoas de grande titulo, e cargo

se pode calar, ou usar de outro modo differente esta segunda noticia; porque, além dos cargos declararem muitas vezes a assistencia das pessoas, parece cortezia que as que são mui conhecidas por seu titulo, e dignidade, basta essa, e o nome para serem buscadas. O primeiro modo é, como se escrevessemos a N. Vice-Rei da India. A N. General de Portugal. O segundo como a N. Embaixador d'el-rei de Hespanha em a Côrte de Roma. E posto que estes assistam a tal tempo em villas, ou cidades particulares, não é necessaria outra leitura no sobrescripto. Não trato aqui das cartas enviadas aos reis, de seus vassalos, porque não entram n'esta regra as que vem dirigidas a seus conselhos particulares. — Bem podereis (disse o doutor) metter n'esse logar a historia de um letrado da minha profissão, que mandando uma informação á Meza do Paço, poz no sobrescripto: *A El-Rei nosso Senhor nos seus Paços da Ribeira, junto de Luiz Cesar.* — D'outro soldado ouvi eu contar (disse Solino) que escreveu á India: *A. N. Vice Rei da India, nos Paços de Goa, defronte de um Lanceiro torto.* — Para gente tão nescia (disse Leonardo) não servem preceitos: mas em outra vejo muitas vezes sobrescriptos tão miudos, e sobejos, que pessoas muito particulares se podiam dar por afrontadas d'elles, como é: A Fuão, em tal terra, em tal rua, detraz de tal parte, defronte de tal casa, e junto a N. E. ás vezes é a pessoa tal, que deve ser mais conhecida por si, que pelas confrontações.—Dos sobejos (atalhou Solino) não posso eu calar um, que vi ha poucos dias, de um frade que escreveu ao seu provincial, que tinha cinco padres nossos, como conta benta, e dizia; *Ao muito Reverendo Padre nosso, o nosso Padre N. nosso Padre Provincial, no Convento de nosso Padre S. N. Padre nosso.* — Por isso digo (proseguiu Leonardo) que a noticia deve ser vulgar, que nem afronte, nem lisongeie, nem sobeje, nem falte. — Mais provavel é (disse D. Julio) que se peque nos sobrescriptos por demazia, que por falta; porque todos dizem o nome da pessoa, e a terra para que escrevem. — Não já um (respondeu Pindaro) que escreveu: *A meu filho o Licenciado em Salamanca, que Deus guarde,* parecendo-lhe que bastava o grau em logar do nome. Mas que logar dareis vós aos titulos dos sobrescriptos? Que ha alguns mais compridos que as cartas que resam o no-

me, o titulo, o senhorio, o cargo, a commenda, e ainda as pretenções da pessoa a quem se escreve.—A mim me parece (tornou Leonardo) que os titulos é cousa conveniente, e necesseria; usados porém com moderação conforme ao que tenho dito: que noticia vulgar é ser um homem conhecido por o senhorio, e cargo que tem; e assim se ha de escrever de cada um o cargo que tem, e por onde é mais conhecido. Do senhorio como: *A. N. senhor de tal Villa.* E estando em ella: *A. N. na sua Villa N.* O que tambem se usa nos logares, e quintas; em que cada um assiste. Do cargo: *A fulão, do Concelho d'el-Rei, e seu Presidente da Fazenda, da Consciencia*, etc. *A fulão Desembargador d'el-Rei nosso senhor, e seu Ouvidor dos Aggravos*, etc. Tudo isto com a brevidade necessaria: por que o sobrescrito, como disse, serve de noticia, e não já de adulação. E na carta, não se permitte no sobrescripto o que se não consente no interior; como se algum escrevesse a este Fidalgo, e lhe quizesse pôr os titulos, que elle merece, no sobrescripto; convém a saber: *A D. Julio, Columna da nobreza de seus passados, e gloria das esperanças de sua patria.* Ou: *Ao Doutor Livio, honra e luz do Direito Civil, exemplo da philosophia, e thesouro da humildade:* cousas eram estas, que d'elles se podiam dizer; porém não são no logar do sobrescripto. E passando d'elles adeante.

A segunda cortezia é no papel, da cruz até á primeira regra; que ha alguns. que lhe põem os olhos muito junto com as sobrancelhas: outros, que lhe deixam pelo meio uma estrada de coches; e pela desconformidade, que ha entre uns, e outros, veio a ser a regra entre os eguaes, que fique em branco a quarta parte do papel, que vem a ser no alto a primeira dobra; e na ilharga um espaço razoado, que dá logar á mão para ter a carta sem cobrir as lettras, e para se cortar, ou passar chancella sem as offender.—E de que nasce (perguntou Pindaro qne muitos deixam mais de meio papel em branco da ilharga, e vão a cerzir a lettra com a cortadura da tesoura? —Esse erro, e outros muitos respondeu elle nascem de mudarem alguns os serviços ás cousas: porque a invenção não estava mal no seu logar, se a não fizeram servir nos alheios. Em cartas de negocio, feitas a pessoas occupadas, que se fazem por capitulos, e apartadas, ou per-

guntas sobre materias dos mesmos negocios, se deixa egual parte do papel para responder á margem em ordem a cada uma das cousas; e assim fica servindo para duas, uma mesma carta; mas estas não guardam a regra, nem a cortezia das missivas. O mesmo erro ha no que Solino primeiro apontou dos sobrescriptos: *Para vêr o senhor Fulano*, que nasceu de alguns papeis emmaçados, que se passavam de ministro a ministro com sómente aquelle sobrescripto sem outra carta, e sem terem mais de carta, que o irem cerrados, e sellados, deram occasião aos que usam o mesmo termo nos sobrescriptos d'ellas.

— Muitos erros ha (disse D. Julio) nascidos da mesma occasião. E posto que seja sahir um pouco fóra do proposito, é tão grande bugia da virtude e da honra a vaidade, que, sómente por a seguir em as apparencias, tropeça a cada passo em desatinos. Este escreveu. *Para vêr;* porque N. Ministro, ou privado escreveu assim; e veste de tal panno, porque N. de maior qualidade o trazia; e o que este fez (pode ser por remediar o seu frio) faz outro á imitação, e se abraza de quentura. A Hespanha se passou o uso de vestir dos soldados de Flandres, por bizarria; e razão tinham de imitar em outras cousas aos praticos que militam em uma praça tão ennobrecida das nações da Europa; mas o que elles faziam obrigados do clima, e o sitio da terra, usavam os cortezãos por gala, levados do engano da verdade, os chapéos de aba grande contra a neve, os ferragoulos abotoados, e com descanços para o frio, as meias de escarlata debaixo de botas altas contra a humidade, as solas levantadas por detraz, para não resvalarem nos caramelos, as roupetas abertas sobre as armas; tudo isto, e outras muitas cousas, sendo inventadas pela necessidade, se passaram á galanteria. Deixo as côres de Rei, e da Infante, e a historia do Mercador com el-rei D. João o III, que lhe pediu que se quizesse vestir de um panno que tinha muito rico, o qual lhe daria de graça; que com este ardil, em el-rei o vestindo, vendeu elle a mór valia uma quantidade de peças d'aquella côr que lhe haviam entrado n'uma partida.

— Não é isso sómente nas cartas, e nos arrojos, disse o doutor; que ainda passa adeante o engano Em a côrte do imperador Carlos V, andando elle indisposto, lhe

mandaram os medicos comer borragens, por ser herva medicinal para a sua enfermidade: e porque os fidalgos e titulares a viam de ordinario na meza imperial sem advertirem a occasião porque se fazia, veio a valer entre elles muito, e a fazerem mil iguarias d'aquella herva, de sorte que se semeavam tantas nas terras onde a côrte assistia, que não havia agros d'outro fructo. Vão-se emfim as cousas mal, e ás vezes são nascidas de bom costume.— Assim é (disse Solino) que até oculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já trazer a alguns por galantaria.—D'essa maneira seguiu D. Julio se devia mudar para as cartas o estilo dos papeis, que o não estão por imitarem aos validos. E tornando á cortezia, que cousas tem mais de que tratar ?

— A terceira, tornou elle, é o nome, e signal do que escreveu a carta, que nem ha de estar tão junto das lettras, que pareça soffrego d'ellas, nem no meio do papel como quem escolheu melhor logar, nem tão apertado, que fique ausente das regras, nem tanto na ponta do fim, que pareça que se amuou áquelle canto; mas com um meio ordinario, como é assignar-se um pouco abaixo das regras, mais inclinado á parte direita que á esquerda, que é uma certa modestia, e humildade de quem escreve.—E que dizeis, (perguntou o doutor) do acompanhamento do signal? Porque ha uns que se nomeiam *servidor da vossa mercê* N., outros *vassalo;* outros *captivo*, outros *seu* N. e ha n'isto muita variedade, e ignorancia.— Primeiramente (continuou Leonardo) *servidor* já se passou das cartas para os retretes: *servo* para os matos, e *captivo* para os comprimentos refinados em a pratica; *creado*, era termo bem creado, e *seu* é descortezia: e por fugir d'esta, e de alguns extremos, o mais seguro é escrever cada um o seu nome sem mais leitura.—Não sejaes tão estreito nas licenças (disse Solino) que deitaes a perder cartas que só pelos comprimentos do signal merecem fama. Um homem escrevendo a sua propria mulher, se assignou *vosso servo N.*, e ella o fazia tal na mesma ausencia. O outro, de que contam vulgarmente, porque corria nos signaes *o menor creado de vossa mercê N.*, escrevendo a sua mulher se assignou *o menor marido vosso N.*, e a senhora devia de ter mais varões que a Samaritana. De uma gentil dama

sei eu (disse Pindaro) que escrevendo a um seu galante se assignou *sua N.*, e elle lendo a carta, voltou para um amigo com que estava, e disse: *sempre temi esta nova;* e perguntando lhe o outro que era? Respondeu *sua N., e é principio de verão:* Outro em Coimbra, querendo-se humilhar muito aos pés de um amigo, a que escrevia, se assignou *Antipoda de vossa mercê N.*— Quanto mais galantes são essas historias (tornou Leonardo) tanto mais de estimar é a moderação, e bom termo de não se sahir d'aquelle limite da cortezia commum: e passando d'ella ha de ter a carta regras direitas, que ha alguns que escrevem em escadas como figuras de solfa: lettras juntas, e razões apartadas, com a distincção dos pontos, virgulas, e accentos necessarios, para fazerem perfeito sentido das razões; porque ha cortezãos, que por aformosearem a lettra, e facilitarem melhor os rasgos da penna, vão encadeando as lettras pelas cabeças, como sardinhas de Galliza; e de maneira confundem a escriptura, que não ha tirar d'ella o sentido verdadeiro de seu dono; e ha cartas bem notadas, que por mal escriptas perdem reputação; o papel seja limpo para n'elle empregar sem fastio a vista o que ha de lêr, e porque pareçam melhor as lettras bem ordenadas; a chancella sutil, porque ao abrir da carta a não offenda, que alguns a fazem parecer carta rota antes de lida: dobras eguaes, porque o concerto auctorisa as cousas, e as faz parecer melhor: o sêllo claro, assim para lustro da carta, como para guarda d'ella, pois é o cadeado que a defende dos curiosos de saber segredos alheios.—Não corrais com tanta pressa (disse D. Julio) por essas particularidades, e miudezas, que em algumas d'ellas tinha perguntas que fazer; mas contentar-me-hei com as que se me offerecerem de novo sobre a materia das armas, e tenções com que se costumam sellar as cartas; e assim estimarei que nos digaes d'isto alguma cousa.

— As armas (respondeu elle) é a insignia que cada um tem de sua nobreza, conforme ao appellido com que se nomeia, e com o sinete d'ellas sella as cartas de importancia, ou com elmo, e folhagens sobre o paquife do escudo, ou com elle em tarja, como tenção; que estas como são pensamento, e desenho particular, se abrem ás vezes em redondo, ovado, ou quadrangulo, e outras

figuras, sem respeitar a do escudo. Em Portugal é cousa muito antiga aos principes trazerem tenções, e emprezas com lettras, e ainda as usavam misturadas nas Armas Reaes, que posto que n'aquelle tempo não estavam tão apuradas como agora, nem eram sujeitas á arte, que d'ellas e para ellas fizeram os modernos, não lhes faltava entendimento, e galanteria. El-rei D. João o I trazia na orla das Armas uma lettra, que dizia: *Por bem.* E a rainha D. Filippa de Alancastre sua mulher, outra que respondia a esta em Inglez que dizia: *Me contenta.* O infante D. Fernando seu filho, o Santo, trazia uma capella de hera com seus cachinhos, e no meio d'ella a Cruz de Aviz, de cuja cavallaria era Mestre. O infante D. Pedro uma capella de carvalho com suas bolotas, e no meio umas balanças, e nas armas Reaes, no banco de pinchar, em cada pé d'alto abaixo mãos, e por cima umas lettras escriptas muitas vezes, que diziam: *Dizer,* e entre cada palavra d'estas um ramo de carvalho com bolotas. O infante D. João, que foi mestre de S. Thiago, casado com a neta do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, trazia uma capella de ramos de silva com cachos de amoras, com as bolsas de S. Thiago no meio, e tres conchellas em cada uma com uma lettra em Inglez, que dizia: *Com muita razão.* O infante D. Henrique, Mestre na Ordem de Christo, trazia as armas do Mestrado, e de antigas de Portugal, e ao redor um cinto largo de correia, que abroxava no cabo de baixo, e uma fivella que fazia volta com a correia, e em Inglez a lettra dos cavalleiros de Garrotea, que elle tambem era, e dizia: *Contra si faz quem mal cuida.* E uma capella de carrasco, e no banco de pinchar tres flôres de lirio em cada pé. El-rei D. Affonso o V trazia pintado um mundo com esta lettra: *Conheço que não te conheci.* El-rei D. João II seu filho, trazia um rodizio, com esta lettra: *Setere:* e na outra trazia um Pelicano ferindo o peito, e dizia a lettra: *Pela lei e pela grei.* A rainha D. Leonor sua mulher, trazia uma rede de pescar, a que chamam rastro. El-rei D. Manoel, uma esphera com uma Cruz. A excellente senhora, uns alforges, e nas cevadeiras pintadas as Armas de Castella com esta lettra: *Memoria de mi derecho.* O marquez de Valença, neto do conde D. Nuno Alvares, trazia dois guindastes, que levantavam um titulo de pedra, com

quatro lettras, cada uma por parte. E além d'estas ha memoria d'outras muitas, que dão testemunho do uso que d'ellas havia n'este reino. — Por certo, disse D. Julio, que estou assás contente do fructo que colhi da minha pergunta, por saber curiosidade tão notavel dos nossos principes antigos, que para a minha natural inclinação é a cousa de maior gosto, e interesse: e não fôra menor; pois falamos de Armas, e Tenções, e vós sois visto n'ella fazer que saibamos mais alguma cousa atraz d'esta materia, principalmente d'onde nasceu, e teve principio o uso dos Escudos de Armas, e das Tenções.

— Quanto á minha opinião (respondeu Leonardo é que armas, e emprezas, ou tenções não tiveram no seu principio a differença, que agora lhes assignam os que d'ellas escrevem de lettras, e corpos sem lettras, com limitações, e regras mui apertadas. Antes me parece, que as armas eram as insignias que os reis, e imperadores davam aos seus para ser conhecida sua nobreza, conformando-se na figura d'ellas com a qualidade dos successos por onde as mereceram, ou com a antiguidade do sangue d'onde descendiam a quem as davam, e as que os mesmos reis tomavam para si em memoria de semelhantes feitos, ou derivadas por seus antecessores. Emprezas, ou tenções são as que os mesmos reis, principes, ou particulares tomam, conformando as figuras, e lettras com o desenho, e pensamento que cada um tem, para emprehender cousas altas. E d'aqui adeante entram as regras, que depois lhe aconteceram; que, por ser um discurso mui comprido, não tem logar em noite tão breve. Além d'estas ha outras armas dos reinos, provincias, republicas, e cidades, que se devem chamar *diviza*, que tiveram principio ou das cousas de que são mais abundantes, ou da maneira em que fôram povoadas, ou adquiridas. E no que toca ao principio das armas. Hercules foi o primeiro que trouxe por armas a pelle do leão que matou na relva Nemea, depois da victoria que d'elle teve, e antes d'esta victoria trazia a mesma insignia do porco de Erimanto, que matou em Arcadia. Jazon trouxe por armas o Velocino de ouro, que conquistou. Thezeu o Minotauro. Ulysses, o Paladion, e Eneas o escudo que ganhou de Ulysses na guerra de Troia: estas eram verdadeiras armas, em memoria de valorosos feitos. E quanto ao principio da empre-

zas, escreve Pauzanias, que Agamemnon trazia no escudo a cabeça de um leão de ouro, com uma lettra que dizia: *Este é terror dos homens, e o que o traz é Agamemnon.* Antioco trazia por armas outro leão. Heitor, dois leões de ouro em campo vermelho. Seleuco um touro. Alexandre, um rei de ouro em seu throno em campo azul. Alcibiades um Cupido. Lucio Papirio o Pégazo. Cezar uma aguia preta. Pompeio um leão com uma espada empunhada. Judas Macabeu um dragão vermelho em campo de prata. Attila um açôr coroado. E cada um d'estes, posto que poderam tomar a figura das armas em significação de feitos celebrados, e victorias adquiridas, só quizeram dar-lhe as figuras conforme ao seu pensamento; e Cesar, ao agouro que da aguia teve. E descendo ás armas particulares dos reis, que sabemos: As do imperador é uma aguia preta de duas cabeças em campo de ouro, em memoria da de Julio Cesar, e da união do Imperio Oriental, e Occidental. Armas d'el-rei de França são tres flôres de lirio de ouro em campo azul, que foram milagrosamente dadas a el-rei Clodoveu. Armas d'el-rei de Portugal, os cinco escudos de azul em cruz, em signal do vencimento que o primeiro rei D. Affonso teve dos cinco reis mouros no campo de Ourique, e n'elles, e com elles, os trinta dinheiros de prata, porque nosso Senhor foi vendido, em memoria da sua Paixão, e do apparecimento que o mesmo rei vio antes da batalha: por orla das armas sete castellos de ouro em campo vermelho, e por timbre, um Drago coroado. Armas d'el-rei de Inglaterra, tres Leopardos de ouro em campo vermelho: posto que d'antes tinha el-rei Arthur por armas tres corôas de ouro em campo azul. Armas d'el rei de Hespanha, os castellos, e leões, tão conhecidos no mundo. Armas d'el-rei de Frizia, um escudo de prata, riscado de linhas vermelhas, e atravessado com uma banda azul. Armas d'el-rei de Jerusalem, uma cruz de ouro nos extremos com cruzetas do mesmo metal, e outras pelos vãos dos angulos. Armas d'el-rei de Polonia, duas aguias de prata e um homem em cima de um cavallo, do mesmo metal. Armas de el-rei de Irlanda, uma harpa, e uma mão que a está tocando. Armas do Preste João da India, um crucifixo negro, com dois azorragues, em campo de ouro. Deixo outros muitos, como os bastões de Aragão, as

cadeias de Navarra, a romã de Granada, as bandas de ouro, e vermelho de Malhorca, e outras que querer contar fôra infinito. Tem do mesmo modo as provincias suas armas. Primeiramente, as quatro partes, em que o mundo se divide: Azia, tres serpentes: Africa, um elephante: Europa, um cavallo: A America, um crocodilo: Italia tinha por armas antigamente o cavallo: Thracia, um Marte: Persia, um arco: Scythia, um raio: Armenia, um bode: Fenicia, um Hercules: Sicilia, uma cabeça armada: Albania, um cágado: Frizia, uma porca Hespanha, um castello; Luzitania, uma cidade. As Rebulicas tem tambem suas armas particulares: A de Veneza, um leão com um livro nas unhas: A de Sena, uma loba: A de Genova, um S. Jorge: A de Florença, um leão com um livro de ouro. As Cidades, da mesma maneira: Athenas, a Coruja: Roma a aguia: Lisboa, uma nau com os corvos, em memoria do corpo do glorioso Martyr S. Vicente, seu padroeiro: Coimbra, o drago, e a donzella coroada; Evora, as cabeças das vigias: O Porto, a imagem de Nossa Senhora entre duas torres: Leiria, uma torre entre dois pinheiros, e n'elles dois corvos. É assim todas as outras. Porém isto é já muito tarde, e gastámos n'esta materia mais tempo do que convinha á das cartas, em que começamos; e porque nas armas e tenções nos não fique por saber algumas significações, e figuras de armas dos particulares senhores, e fidalgos de Portugal, que todos foram merecidas com louvores de gloriosos feitos; deixando os animaes significadores de força, braveza, e velocidade; e os planetas de poder, antiguidade, e clareza, e outras figuras semelhantes: Banda significa postura de taboa: Escada, o engenho por onde se cometteu alguma obra de valor, ou difficultosa entrada, com risco da vida: faxa. ou barra, representa victoria da batalha singular de cavalleiro a cavalleiro, e quantas fôrem, tantos diremos que são os vencimentos com que se ganharam as armas. Parte de muro, torre, ou castello significa ser ganhado, entrado ou soccorido, com esforço, e perigo da vida. Escadas, asteas, ou pedaços de lanças, denotam subida trabalhosa, ou defensão arriscada na mesma subida. Assim que a variedade dos corpos, ou forma que vêdes nas armas, todas nasceram de illustres façanhas, e valorosos feitos. E todas as das

empresas, e tenções, dão signal claro do animo, e pensamento de seus donos: e com umas e outras se devem sellar as cartas, de maneira que se divizem as figuras, e lettras d'ellas, como tenho dito. — Vejo (disse Solino) que temos a carta cerrada, sellada e com sobrescripto, sem ainda sabermos nada do principal d'ella. Não vos enfadeis (respondeu elle) que na noite de ámanhã a abriremos e leremos muito de vagar a estes senhores, se não ficarem de agora cansados do sobrescripto. — Antes (disseram elles) que só o dia seguinte lhes parecia comprido e vagaroso. E dando fim á conversação d'aquella noite, deram o que d'ella ficava ao repouso, que com a moderada recreação de horas bem gastadas é mais aprazivel.

DIALOGO III

DA MANEIRA DE ESCREVER, E DA DIFFERENÇA DAS CARTAS MISSIVAS

Mui satisfeito ficou D. Julio de ouvir a Leonardo aquella noite na materia das armas; e quasi a escolhera antes, que a das cartas. Por alguns particulares, que desejava saber, quiz com mão alheia, por não parecer importuno, perguntar algumas cousas a Solino, que achou junto á sua porta: e depois de o saudar, lhe disse: Como estaes depois da noite de hontem?—Como o dado (respondeu elle) que está de qualquer ilharga.—Deveis de ficar do azar (tornou D. Julio) pois tendes tão poucos pontos, que faltaes aos da cortezia:—Fiquei (tornou elle) tão cansado das cartas de Leonardo, que lhe tomei aborrecimento, e nem estou para vos servir, nem para o dizer, e perdoae-me.—Logo (disse o fidalgo) não quereis continuar na conversação d'esta noite.—Se a carta (lhe tornou Solino) ha de ser tão comprida como o sobrescripto, assim o imagino.—Pois a minha tenção proseguiu elle era pedir-vos que na materia das armas, que elle tocou, fizesseis hoje algumas perguntas á minha conta sobre alguns particulares das familias d'este reino.—Vós deveis buscar armas para me matar (disse Solino) porque das de hontem sahi eu tão escalavrado, que determinava fugir d'ella: e sei que tem

Leonardo tantos livros de armas, e gerações, que, se o tirar a terreiro, havemos mister todo o inverno para o ouvir.—Eu me contento (respondeu D. Julio) com saber que elle tem os livros, e assim o escuso do trabalho; porque n'elles lerei alguns feitos particulares dos Portuguezes merecedores dos brazões que seus successores possuem.—Bom seria (disse Solino) acabar as cartas antes de entrar por esses feitos, e para isso vos irei acompanhando até casa de Leonardo, posto que tinha outra determinação.—Porque vós não falteis (respondeu D. Julio) quero ir mais cedo. E com esta pratica, e outras que occorriam, fôram passeando, e entertendo o que ficava do dia, até que a sombra da noite, e uma chuva miuda os fez recolher a casa de Leonardo, onde os amigos esperavam já que elles chegassem: e com Pindaro outro estudante seu companheiro, por nome Feliciano, que, vindo-o a visitar, se aproveitou da occasião em sua companhia. Festejaram todos a Solino: e elle vendo o hospede, de novo se lhe inclinou com mais auctoridade, e disse pura os outros: Tenho inveja á dita do senhor licenciado que veio ao abrir da carta, que cerrámos sem elle, e com não pequeno trabalho. —Não tivera eu por tal (respondeu o estudante) antes por grande ventura, se do passado me coubera alguma parte; e esta, que alcanço agora com o consentimento d'estes senhores por meio de meu companheiro, tenho por muito grande favor, e mercê de todos.—Essa humildade (disse Solino) está acreditando mil esperanças do vosso entendimento; e bem sei eu que o de Pindaro sabe fazer esta eleição dos amigos tambem, como em tudo o mais é discreto, e acertado: e para que entendaes o logar em que vos fico, sabei que eu sou o mais certo creado que elle tem entre os senhores presentes.

A esta cortezia respondeu Pindaro, e o estudante com as suas, até que o doutor os despartiu, e disse a Leonardo:—Bem gastado era o tempo em comprimentos tão cortezãos, e tão devidos, se o desejo, que temos de continuar a materia da noite passada, o não quizera poupar todo para ella: e assim vos peço que me façaes mercê, e a todos, de ir por deante.—Tendes razão (tornou elle) de me aliviardes mais depressa do cuidado, em que me mettestes. E tornando a traz, por me aproveitar dos vossos principios, dissestes que cousa era carta

na origem do seu nome, os primeiros modos de escrever, e o como entre nós se conservou; tratei do sobrescripto, da cortezia, das lettras, do signal, das dobras, e sello da carta, o que bastou para todos ficardes mais enfadados, que saudosos.

Agora, começando a entrar na leitura das regras, saibamos que cousa é carta missiva, ou mandadeira, e o para que foi inventada; que pela definição de Marco Tullio, a quem todos seguem, é uma messageira fiel, que interpreta o nosso animo aos ausentes, em que lhes manifesta o que queremos que elles saibam de nossas cousas, ou das que a elles lhes relevam. Tres generos de *cartas missivas* assigna o mesmo Tullio, aos quaes alguns costumam reduzir muitas especies d'ellas. O primeiro é das *cartas de negocio e de cousas que tocam á vida, fazenda e estado de cada um*, que é o para que as cartas primeiro foram inventadas; que, por tratarem de cousas familiares, se chamaram assim. O segundo, de cartas d'entre amigos uns aos outros, de novas e comprimentos de galantarias, que servem de recreação para o entendimento, e de allivio e consolação para a vida. O terceiro, de materias mais graves, e de peso, como são de governo da republica e de materias divinas, de advertencias a principes e senhores e outras semelhantes. O primeiro genero se divide em cartas domesticas, civis e mercantis. O segundo em cartas de novas, de recommendação, de agradecimento, de queixumes, de desculpa e de graça. O terceiro, que é mais grave e levantado, contém cartas reaes em materias de estado, cartas publicas, invectivas, consolatorias, laudativas, persuasorias e outras, que se pagam a cada uma das que nomeei em todos os tres generos. — E onde deixaes (disse D. Julio) as cartas amatorias ou namoradas? que se na vossa edade não teem logar, parece que o mereciam n'este discurso. — Bem sei eu (tornou Solino) quem as tomára no primeiro; mas o sr. Leonardo já não joga com essas cartas. — Não me esquecia de todo d'ellas (tornou elle), mas deixo as para que no fim das mais sejam melhor recebidas, e para proseguir a materia quem agora as puder apurar.

— As do primeiro genero (disse o doutor) me parecem cartas muito seccas, que é materia esteril para que empregueis n'ella sem fructo o vosso entendimento. —

Antes (disse Leonardo) como essas foram as primeiras, e d'ellas nasceram as leis e as regras para outras, será razão que debaixo d'este genero tratemos das mais, repartindo o pouco que eu soube dizer, por os logares de cada um. E assim me parece, que como a carta que escrevemos ao amigo sobre seu negocio; ao creado sobre as cousas da casa; e o mercador ao outro sobre seus tratos e mercancia; um aviso e uma relação que lhe não podemos fazer em presença, fazendo-o por meio de uma carta, devemos usar n'ella o que na pratica costumamos que é brevidade sem enfeite, clareza sem rodeios, e propriedade sem metaphoras, nem translações. — E quando (disse o doutor) faremos breves em uma carta? — Quando (respondeu elle) de tal maneira, e com tal artificio a escrevermos, que se entendam d'ella mais cousas do que tem de palavras. — E como póde ser? (tornou elle).— Por meio dos relativos e subsequentes (disse Leonardo) que, sem nomear as palavras, as repetem; e por ordem das sentenças e adagios que sem entender as cousas as declaram: e n'isto se adeantam muito as cartas da pratica familiar, que, se escrevem de cuidado, e tem mais tempo de se furtarem palavras para se subentenderem razões. — E que cousa é enfeite ou affectação? (perguntou Solino).— É, disse elle, o cuidado sobejo de enfeitar as palavras com elegancia ou por via de epithetos, ou de escolha de logar para as syllabas fazerem melhor som aos ouvidos. E em favor d'esta opinião, dizia um homem insigne d'este reino, e que teve n'elle os melhores logares da republica ecclesiastica e secular, que a carta e a mulher muito enfeitada, em certo modo eram deshonestas: e eu antes seguira este voto, que o de alguns rhetoricos, que deram á carta missiva cinco partes de oração, convém a saber: *saudação, exordio, narração, petição e conclusão:* e se houvessemos de seguir o seu estylo, mudariamos de todo o das cartas. — Nunca rhetoricos (disse o estudante) souberam escrever cartas, se as sugeitaram ás leis da oração. Mas parece que o sr. Leonardo dá a entender que na carta se não devem usar epithetos ou adjectivos por evitar o enfeite, e sobeja elegancia d'ella: e eu tenho que sem elles se não póde escrever.

— Os epithetos (proseguiu Leonardo) ou servem para

discripção e declaração das cousas ou para propriedade, ou para ornamento e enfeite d'ellas. Os primeiros são necessarios nas cartas como em tudo; os segundos menos, os terceiros escusados. Para dizer ou escrever, *um homem douto, uma mulher formosa, um cavallo ligeiro, uma arvore alta, um caminho comprido, um peito forte,* são attributos necessario para declarar o que queremos dizer; porque ha homem que não é douto, mulher que é feia e os mais. Os de propriedade como *ferro frio, relva verde, sol claro, calma ardente, areia sêcca, pedra dura,* estes são pouco necessarios nas cartas: e sómente por comparação ou em adagios se devem usar n'ellas, como dizendo, *é duro como pedra,* ou *é dar em pedra dura,* ou *é malhar em ferro frio.* Os de elegancia e ornamento, tenho eu que se hão de degradar das cartas missivas para fóra do termo d'ellas, como agora *firme soffrimento, incansavel diligencia, solicito desejo, cuidadoso receio, importuna lembrança, desusada brandura,* e outros que tem juiz de seu fôro. Assim que não digo que faltem nas cartas epithetos necessarios, mas que se escusem os sobejos; nem se andem grangeando as palavras para fazerem assento em o cabo da sentença, que será ir contra a brevidade sem enfeite ou affectação.

— Parecia-me a mim (disse Solino) que a carta breve seria a de menos regras; e que não estava a cousa nos epithetos serem proprios ou necessarios. Uma carta (proseguiu elle) póde ser breve, e levar escriptas muitas paginas de papel; porque póde tratar de tantos negocios ou cousas que as occupem, mas estarão relatadas de modo que seja a leitura comprida, e a carta breve.

— O segundo ponto (perguntou Pindaro) que é clareza sem rodeio, me parece a mim que fica declarado n'essa primeira parte; pois sendo breve a carta, e não tendo enfeite nas palavras, será clara e sem rodeios. — Não estaes no caso (tornou elle), que posto que a clareza é parte da brevidade, a clareza é das razões, e a brevidade das palavras: e assim póde a carta ser breve, mas confusa; e clara sendo comprida: que muitos para dizerem cousas querem estrada coimbrã, e caminho direito; buscam rodeios e atalhos em que se perdem, confundindo o que querem dizer. Em uma minha doença escreveu um amigo, e dizia: *Disseram-me que a saude*

ensinam de todo, nem se póde perder a lição de tão bom estilo. O que eu não pedira, se foram dos vinte generos de cartas, em que um rhethorico as dividio; que, por querer dar leis, e partes a cada uma, as confundio todas. — Em tudo (tornou elle) vos quizera satisfazer: porém cartas mais se hão de escrever em occasião, do que trazerem-se por exemplo; que é o porque eu lhe não déra regra certa, nem das muitas, que ha bem escritas, se póde tirar; que esse auctor, que vós dizeis que lhe assignou vinte generos, achará fóra d'elles infinitas cartas, bem melhor escriptas, que as com que os elle quer auctorisar. Porém, com o presupposto de não dar preceitos:

As cartas do primeiro genero, familiares, domesticas, civis, e mercantis, respeitam tanto a brevidade, que não podem os rhetoricos dividil as em partes, se não forem nas da oração; e bastava para exemplo aquella de Cicero a Cornelio, que dizia sómente:

CARTA DE CICERO A CORNELIO

"Alegrai vos de eu não estar mal; pois terei o mesmo contentamento de saber que estais bem.„

E muito é mais para notar uma carta de Octavio Imperador para Caio Druzo seu sobrinho, que contém bem mais coisas, e avizos que palavras, e dizia·

CARTA DE OCTAVIO A DRUZO

"Pois estais no Illyrico, lembrai-vos que sois dos Cezares; que vos mandou o Senado; que sois moço; meu sobrinho; e cidadão Romano.„

E estas, e outras semelhantes, nem tem regra, nem deixam de ser cartas. Mas porque não só nos ajudemos das antigas, mas tambem com as nossas façamos pestoleta; esta é breve, e domestica, que um cortezão escreveu a seu amigo, a quem em uma ausencia deixára sua casa; e dizia:

CARTA MODERNA A UM AMIGO

"Estou tão confiado no que vos mereço, e tão seguro no que de vosso animo tenho conhecido, que me não dá cuidado a familia que deixei á vossa conta; senão o trabalho, que vos dará o sustental-a; não procuro saber d'ella mais, que novas de vossa saude; que em quanto a tiverdes, estará sem sobresalto a minha vida."

A' qual o amigo respondeu com brevidade; e dizia d'esta maneira:

RESPOSTA

"N'esta casa só vós fazeis falta; mas como sois o tudo d'ella, ainda que sobeja a minha diligencia, lhe falta tudo. No que é servir-vos, a todos satisfaço, senão o meu desejo, que é igual ás obrigações que vos tenho. Vivei seguro; e gozai saude; que, em quanto a tiver, porei por vossas coisas a vida."

— Não estão as cartas para desprezar (disse Solino) e para me assegurar se a vossa memoria é archivo d'ellas, ou se as ides fingindo de repente (ainda que isto e menos curiosidade, que tenção) hei de pedir por parte d'estes senhores que de alguma nos deis semelhantes exemplos.— Não quero (disse elle) que acrediteis tanto o meu entendimento com mostrardes desconfiança da memoria; mas a troco do louvor vos hei de obedecer nas que me lembrarem: e proseguindo nas da segunda especie d'este genero, me parece carta civil, e breve esta, que um amigo escreveu a outro, que mudava sua casa para a terra, onde elle vivia; e dizia:

CARTA DE UM AMIGO

"Espero com grande alvoroço que venhais para esta cidade, para que com vossa companhia viva n'ella contente, e vós desenganado de quam pouco em si tem que me possa alegrar, senão depois que vos possuir."

A quem o amigo brevemente respondeu em outra que dizia:

RESPOSTA

"Assim como o desterro em o melhor logar é penoso, nenhum pode haver tão esteril, que, tendo a tal amigo, não seja desejado. Vós sois a quem busco, é força que me contente a parte onde vos achar; que as pedras não fazem a cidade, senão os homens: nem as commodidades da vida a sustentam, senão os amigos.„

As mercantis posto que são segundo os tratos, e negocios, e acodem mais a elles, que ao bom termo dos comprimentos; não deixa de haver muitas tão bem escriptas, que podem ter logar entre as melhores; e ainda que não é d'ellas uma, que eu vi ha poucos dias, a darei por ser tão breve, e era esta:

CARTA MERCANTIL

"Ha nova de Cossarios no mar; e por esse respeito grande risco nas fazendas d'essa terra, porém a valia d'ellas será muito avantajada, se chdgarem a este porto a salvamento; se a cobiça do interesse vence o perigo das encommendas, ponde-as em ventura; que eu a terei para mim por muito boa o vosso bom successo.„

E assim não me desagradou outra, que dizia d'esta maneira:

CARTA MERCANTIL

"Com os tempos contrarios á navegação foram as occasiões ao nosso trato: que, como as mercadorias não foram requestadas de extrangeiros, estão ao presente abatidas: enviae-me menos d'ellas para que, faltando, mais as procurem os mercadores da terra; e n'essa vos não descuideis de fazer emprego, mandando-me o de muito boas novas vossas „

— Não me pareceu (disse o doutor) que tirasseis tão boa doutrina de materia tão limitada; porque esse primeiro genero de cartas tinha eu que não sahia de uns termos e principios, que andam escriptos no panno da serpe, como são: *A' feitura d'esta. Esta não é para mais.*

Uma de v. m. me deram. Vela de v. m. de tantos do passado: Depois de me encommendar em v. m. E d'aqui correndo por seus capitulos *de quanto a isto*, e *quanto a est'outro* até topar no *a quem Deus guarde.* — Esses principios (disse Solino) estão já muito bolorentos; mas ainda para cartas de mais ponto tenho outros grangeados de algumas secretarias velhas, como impressão de Torres, de que me valho nas pressas de uma boa nota, que não são tão corriqueiros.— Não me atreverei eu sem esses (disse Leonardo) a ir por deante pelo que vos hei por notificado.— Pois assim é (disse Solino) quero obedecer, ainda que perco grande valhacouto em os descobrir; porque sabei que é comer feito para os ronceiros d'esta mecanica; e o mór trabalho d'ella é desencalhar a penna com a primeira palavra: e são quatro: *Como quer que. Tanto que. Depois que*, e *Antes que.* E sabei que não ha proposito, que saia das unhas d'estes bilhafres; e nos capitulos de *quando isto* etc, se mette em logar do *quanto, no que toca a tal,* e *no que toca a qual;* que, a meu vêr, era melhor o *item*, que tinhamos tomado aos latinos. Mas os notadores de espada solta esgrimem já agora sem estes bordões maravilhosamente.— Bons estão os principios (disse D. Julio) porém haveis de metter a lettra em todos elles, para que nos não passem por alto.— Antes por muito rasteiros (respondeu elle) vos ficarão entre os pés. Porém tende tento, e vereis que são principios de parafuso e que se encaixam, e viram para todas as partes como grimpa.

"Como quer que os meus serviços montem ante vós tão pouco, e a vontade por minha seja de menos preço, etc.

"Como quer que o animo, com que sou vosso, me não deixa perder occasiões, em que vos sirva, etc.

"Tanto que soube que era cousa de vosso gosto deixar esta empreza, etc.

"Tanto que me vi desfavorecido de vossas lembranças, lancei mão do meu atrevimento, etc.

"Depois que me apartei de vós, não soube mais de mim, que para sentir saudades vossas, etc.

"Depois que meus males me deram logar para tomar esta penna na mão, a empreguei em procurar novas vossas, etc.

"Antes que me desculpe de meus descuidos, etc.
"Antes que vos dê larga conta dos meus successos, etc."

De modo, que são como materia prima, em que moldareis tudo o que quizerdes: porém não quero ir adeante, e tomar o tempo ao sr. Leonardo; que o vejo entrar já por outras cartas missivas. — Antes (lhe disse elle) tomei folego em quanto vos ouvia falar n'essas. E tratando das do segundo genero, que são cartas de novas, a que chamam narrativas de cumprimentos, que se dividem em cartas de agradecimento, recommendação, desculpa, queixume, e outras muitas, cartas de galantaria ou jocosas, como chamam os latinos: Para as narrativas nos podia servir de exemplo aquella em que o imperador Tiberio Cesar dava novas de Italia a seu irmão Germanico, que dizia:

CARTA DE TIBERIO CEZAR A GERMANICO

"Os templos se guardam: os deuses se servem; o senado está pacifico: a republica prospera: Roma sã; a Fortuna mansa: o anno fertil: e isto, que ha aqui em Italia, desejo que da mesma maneira gozeis em Asia."

Deixo a que Cezar escreveu a Roma, das novas de Persia, que continha só tres palavras: *Cheguei: vi: venci*. E a de Gneu Sylvio, escrevendo as novas da Farsalia, que dizia:

CARTA DE GNEU SYLVIO

"Cesar venceu: Pompeio morreu: Rufo fugiu: Catão se matou: acabou a dictadura: e perdeu-se a liberdade."

E chegando a alguma que com menos aperto faça sua relação, e não pareceu engeitar a que Marcello escreveu ao senado romano, dando-lhe novas da rota de Fulvio, que dizia:

CARTA DE MARCELLO AO SENADO

"Deu-se [illegible] que vos mando, é de sentimento [illegible] mil homens foi

desbaratado e ferido. Porém não vos cause temor este successo; que eu sou o mesmo, que, depois da batalha de Canas, mortifiquei a soberba de Hannibal, vencedor d'ella: contra elle caminho brevemente com o meu exercito para lhe fazer mais breve a alegria d'este triumpho; e em vós desejo muito o mesmo animo que levo.„

— Uma carta (acudiu o doutor) me escreveu os dias atraz um amigo, de novas de Lisboa, que certo, pela brevidade, me pareceu digna d'esta lembrança, e dizia:

CARTA MODERNA

"Esta cidade está abastada, mas descontente: o mar cheio de corsarios: os portos de receios: o paço de requerentes; e elles de queixumes: para os validos tudo é pouco: aos desamparados não cabe nada: do remedio de tantos males não ha boas novas; e as minhas são que entre todos elles me falta a vossa companhia.„

— Essa (disse Leonardo) se pode ajuntar por exemplo ás antigas que relatei: e por não me empregar em outras, que seria demasiado trabalho a todos ouvil-as, e a mim recital-as, peço-as de recommendação de alguma pessoa ou de algum negocio, nas quaes tem mais logar a disposição e offerecimento dos rhetoricos, encarecendo os merecimentos da pessoa ou a importancia da causa que encommendaes, facilitando-a na condição e vontade a quem a pedia; concluindo com a petição e offerecimento de vossa parte: e todas estas, e ainda um exordio de sentença, que hei por escusado, se vêem em uma carta que ha pouco que li, que um rei de Portugal antigo, escreveu ao de França, encommendando-lhe um fidalgo que ia estudar a Paris; e dizia tirada de latim, em que estava em um livro extrangeiro:

CARTA DE EL-REI DE PORTUGAL AO DE FRANÇA

"Entre as virtudes e excellencias dos principes, me pareceu muito digna de louvor a de terem particular cuidado e lembrança dos vassallos benemeritos em seu serviço, para com favores e mercês os ajudarem: e por esta razão me pareceu que devia encommendar a vossa magestade D. Pedro de Almeida, que por occasião de

seus estudos vae a essa côrte de Paris, posto que claramente conheço que, sem recommendação minha, vae assás encommendado pela liberalidade e brandura com que vossa magestade honra e recebe os homens tão illustres como elle é. Além do que, tem elle tantas partes e entendimento, que não achará melhor terceiro, que a si mesmo. Deixo seu pae D. João de Almeida conde de Abrantes, que com suas singulares virtudes e claros feitos, adquiriu e conservou até á morte muito estreita privança e amizade com meus antecessores e commigo; de sorte que ponho em duvida se importe mais a seu filho a minha carta, se a fama e lembrança de seu pae. De qualquer modo o encommendo muito a vossa magestade. E de minhas cousas não offereço de novo nada; pois pela irmandade de meus antepassados e minha, em toda a occasião deve vossa magestade usar d'ellas, como se foram communs a ambos.„

Outra achei no mesmo logar, de el-rei D. Manuel, mais breve que a passada, que era de seu antecessor, a qual elle escreveu ao mestre de Rhodes, encommendando-lhe um noviço portuguez, que ia servir a religião que será para exemplo das menos enfeitadas. O grão, mestre era o cardeal Pedro de Buzon, e dizia:

CARTA DE EL-REI D. MANUEL AO GRÃO MESTRE DE RHODES

"Ayres Gonçalves, filho de Henrique de Figueiredo, vae a tomar o habito d'essa religião: não pareceu fóra de proposito nem de humanidade, encommendal-o a V. P. assim por sua nobreza, e ser creado de minha casa, como pelos serviços e merecimentos de seus passados com os reis meus antecessores; e finalmente por seu bom esforço e virtude. Rogo a V. P. que com sua costumada brandura o favoreça de sorte que n'elle se accrescente o valor e a devoção que leva: e não porei esta obrigação no menor logar das muitas que tenho a V. P.„

As cartas de agradecimento tem o campo mais largo para n'ellas se espalhar a penna, e o entendimento; pois quem mais se obriga e encarece o que recebe, escreverá com melhor termo, não sahindo dos da carta missiva: e já os antigos não desconheciam esta galan-

teria; pois Lybanio respondendo a Demetrio, que o obrigava a que lhe pedisse, escreveu assim:

CARTA DE LYBANIO A DEMETRIO

"Não daes logar a que eu vos peça, porque me mandaes tudo. Ainda bem as arvores não dão seu fructo, quando vossos creados m'o trazem: e do que até nos agros se sente a falta, eu a não tenho. Como me haverei n'isto? que o lavrador, quando o tempo lhe nega a agua, então a pede: porém, se chove, contenta-se de vêr que favoreceu o céo suas esperanças."

O queixume por carta se deve fazer com toda a moderação que a urbanidade requer: e póde n'estas servir para exemplo e lembrança a que Olympias, mãe de Alexandre, respondeu a seu filho, a uma em que elle se assignava por filho de Jupiter, que dizia:

CARTA DE OLYMPIAS A ALEXANDRE

"Muito me alegro com a victoria que alcançastes da cidade de Tyro; e com todas vossas venturas e façanhas: porém tive por grande affronta minha vêr que vos nomeaes por filho de Jupiter na carta que d'esta nova me escrevestes. Estimarei muito, meu filho, que aquieteis n'isso o pensamento, e me não leveis a juizo ante a deusa Juno; que algum grande mal me ha de ordenar, sabendo que por lettra vossa me chamaes manceba de seu marido."

E se me não parecêra um pouco enfeitada uma carta que Angelo Policiano escreveu ao grande Lourenço de Medicis, a podéra por em exemplo da moderação de queixume porque dizia:

CARTA DE ANGELO POLICIANO AO DUQUE DE FLORENÇA

"O poeta é semelhante ao cysne na brancura e suavidade, em ser affeiçoado a correntes de agua e amado de Apollo. Comtudo, dizem que o cysne não canta senão quando o vento zephiro respira. Não é logo muito

que eu seja mudo tantos dias, sendo poeta vosso, se vós, que sois meu zephiro, n'elles me faltaes.„

As cartas jocosas, ou de galantaria, tem mais campo, e liberdade para se poderem usar n'ellas alguns termos fora das limitações das nossas regras; porque assim em se entenderem mais, como em se sujeitarem menos, ficam desobrigados das primeiras leis, que são *brevidade sem enfeite: clareza sem rodeios: propriedade sem metaphoras*; pois o termo da graça e galantaria, n'isso se differença do sizudo e pontual, não negando que ha algumas que não perdem a graça nem o sizo, como é uma que Libanio escreveu a Aristoneto, que dizia:

CVRTA DE LYBANIO A ARISTONETO

"Onde vos achaes sei que dizeis sempre mal de mim: eu pelo contrario não perco occasião de dizer louvores vossos: porém quem a ambos nos conhecer, a nenhum de nós ha de dar credito.„

Das mais ha tantos e tão differentes exemplos, que seria aggravo a cada uma das outras trazer aqui algumas bem escriptas. Só direi que uma especie d'ellas é narrativa, motejando do mesmo. que contam, ou das novas que dão; que não são por esse respeito pouco engraçadas. Ha outra das de disbarates, que, parecendo que se desviam nas palavras do proposito que tomam dão a entender, como em enygma, o pensamento de quem as escreve; e são estas graciosas com subtileza. Outras ha das de murmuração em materias leves, como satyras menores: e umas e outras tem a galantaria no pintar e descrever as pessoas e as cousas, com apodos graciosos, encarecimentos desuzados, palavras facetas phrase humilde, accommodada sempre ao sujeito. E certo que n'isto tiveram mão particular os portuguezes, que escreveram ao gracioso, que nem os italianos na phrase burlesca, nem os hespanhoes no estylo picaresco os egualaram.

— Não vos houvera eu de consentir esse salto (disse Solino) deixando tantos exemplos em aberto, se não tivera pensamento de cobrar a demasia n'outra occasião; e assim por isso, como por ser já passada tanta

parte da noite, vos peço que façaes a vontade ao sr. D. Julio com essas cartas Reaes, de Estado e Governo, que as está desejando com a vida; pois a sua é nadar na altura de cousas semelhantes.—Eu vos mereço (respondeu o fidalgo) a boa opinião em que me tendes: porém egualmente me contentam todas as cousas em que fala o sr. Leonardo: e porque sempre as ultimas me ficam parecendo melhor que as primeiras, posso desejar esse terceiro genero de cartas; e se d'elle tornar ao primeiro, farão o mesmo effeito na minha satisfação. — Para responder a esse favor (tornou Leonardo) havia mister o tempo que hei de gastar nas cartas que me ficam: e assim ou uma ou outra cousa me havei por perdoada.

Não deixou o doutor ir os cumprimentos por deante, dizendo que eram em prejuizo de terceiro; e proseguindo Leonardo, disse:

— As cartas do terceiro genero, que, pelas materias importantes, e differença das pessoas, são mais graves e humildes; posto que se incluem algumas d'ellas á oratoria, aproveitando-se da elegancia e razões para persuadir, consolar, dar louvores ou reprehender; e posto que d'estas estão cheias as chronicas e annaes de todos os reinos, recitarei algumas que pareçam menos vulgares e mais breves para exemplo, como é uma que os consulares C. Fabricio e C. Emilio escreveram a el-rei Pyrrho sobre uma consideração em materia de Estado, que dizia:

CARTA DE FABRICIO EMILIO A EL REI PYRRHO

"Pelos aggravos que de vós temos recebido, o maior cuidado nosso é fazer-vos guerra com animo inimigo e braço esforçado: porém, para exemplo commum de fidelidade, nos pareceu conservar-vos a vida, porque com a perda d'ella, nos não faltasse um contrario valoroso a quem vencer. Nicias, vosso particular, veiu ter comnosco, pedindo-nos preço certo por vos dar morte occulta; em que nós não consentimos, fazendo-lhe perder a esperança de tirar fructo da sua maldade. Juntamente assentámos dar-vos este aviso; porque, se alguma cousa acontecer, se não presuma que sahiu do nosso conselho; e não sendo o intento d'elle pelejar

por preço, premio ou engano, vós, á falta de cautella, percaes a vida.„

Tambem me não parece indigna de lembrança uma, com que Rhodoge, mãe d'el-rei Dario, o reprehendia, e aconselhava na segunda expedição contra Alexandre; que foi a que se segue:

CARTA DE RHODOGE PARA EL-REI DARIO, SEU FILHO

"Deram-me novas qûe ajuntaveis poderosos exercitos de todas vossas gentes e das alheias, para de novo offerecerdes batalha a Alexandre. Não sei a que effeito: pois o poder de toda a redondeza não basta para pelejar com os deuses immortaes que a elle o favorecem. Deixae esses pensamentos altivos; apartae-vos da vangloria d'elles, concedendo á grandeza de Alexandre alguma cousa; que melhor é deixar o que não podeis ter, para gosar livremente o que possuis; que, querendo dominar tudo, ficar sem nada.„

Cada um dos presentes gabou estas cartas com tanto extremo, que não deixaram que com ellas acabasse Leonardo sua obrigação; porque (disse D. Julio) já pelo voto de Solino, estas são as cartas, que entram na jurisdicção de minha curiosidade, não consinto que nos exemplos seja este genero mais limitado; mórmente que d'este se tira outra doutrina mais que a das cartas, que é a verdade das historias e occasiões d'ellas. — Eu (respondeu Leonardo) ainda tinha cabedal para ir adeante, se as horas tornaram atrás; mas partirei (como dizem) a contenda pelo meio, recitando uma carta, que o grão senhor dos turcos escreveu aos amazonios; e a valorosa resposta que elles lhe mandaram; e dizia a primeira:

CARTA DO TURCO AOS AMAZONIOS

"Se por defensão de vossa liberdade sustentáreis guerra contra meu poder, não vos tivera tanto por inimigos, como por valorosos cidadãos, que pela patria, filhos, parentes e amigos punheis as vidas. Porém com nenhuma razão me persuado que os que deixa-

ram tantos annos governar o reino a mulheres (como tenho ouvido) recusem agora o imperio, e governo de homens valorosos.„

E a ésta carta responderam elles outra, que dizia:

RESPOSTA DOS AMAZONIOS

"Este reino das amazonas, que, como por affronta nossa nomeaes, com o seu mesmo exemplo nos aconselha não obdecer a outrem: porque temos por infamia e torpeza que o exforço varonil seja vencido do espirito e braço feminino. Pelo que deveis julgar por invenciveis em armas, e dignos do góverno e principado do mundo homens, entre os quaes até as mulheres apprenderam a reinar.„

E porque com exemplos gentilicos e barbaros não dê fim á conversação d'esta noite, direi por remate uma carta que o veneravel sacerdote Beda escreveu a Carlos Martelo, rei de França, e aos muitos potentados d'aquelle reino sobre a entrada dos mouros em Hespanha, que dizia:

CARTA DO VENERAVEL BEDA A CARLOS MARTELO REI DE FRANÇA

"Em quanto se move perigosa e cruel guerra na christandade, se apparelha notavel ruina de toda a Europa: porque os sarracenos, occupada a Africa e Libya, começando de Ceita, tem conquistada toda a terra de Hespanha, tirando a das Asturias e Cantabria, Africa, que o capitão Belizario cobrou aos romanos, e que cento e setenta annos obedeceu a seu imperio, juntamente com a Hespanha Betica, tem tomado os mouros, fazendo-a obedecer a seus falsos ritos, com grande ignominia e affronta do nome christão. Que cousa póde haver mais excellente, valorosa e pia, que contra estes inimigos de Deus tomar armas? Que fizeram os suevos, os allemães e os mais varões do nome christão, que com tão grandes destruições tendes perseguidos? Perto estão, e sobre vossas cabeças os sarracenos, que com soberbo jugo ameaçam a toda a re-

dondeza da terra. N'elles tendes formosissimos reinos, grossas cidades, ricos despojos; e vos esperam grandes triumphos da victoria: e principalmente incomparavel premio de gloria com Christo nosso Salvador, que para tão santa empreza com continuos brados vos está chamando.„

Certo, disse o doutor, que, se pudéra dilatar a noite pelo interesse de tão proveitosa doutrina; mas porque n'esta se não ha de dar fim ao nosso exercicio, fiquem algumas perguntas, que agora escuso, para outra occasião, pois agora a não tiveram as cartas amorosas nem as de desafios.—As primeiras (replicou Leonardo) deixei por ser improprio da minha edade tratar d'ellas; as segundas, por me não embaraçar com o duello que está reprovado. Porém fica o campo livre para os mancebos. Com isto se despediram dando-se boas noites: e o estudante foi encarecendo ao companheiro o muito que o espantára vêr tanta côrte em uma aldeia; que as cousas achadas onde não se esperam, são de maior admiração e de mais estima.

DIALOGO IV

DOS RECADOS EMBAIXADAS E VISITAS

Amanheceu o sol tão claro e gracioso, que alguns dos amigos por se lograrem d'elle com a occasião da caça se espalharam pelos montes; mas depois de horas de vespera visitou o estudante em companhia de Pindaro ao doutor Livio, com quem passaram a tarde n'um seu jardim em boa conversação, esperando a da noite, a que elles foram os primeiros que acudiram, e se acharam em casa de Leonardo; que commummente nos lettrados se accende melhor o desejo de saber, e não n'aquelles aos quaes lhes custou menos. Sentaram se á vista do fogo, que á conta dos hospedes estava melhor ordenado; e depois de gastarem algumas palavras de cumprimento, chegaram D. Julio e Solino a quem todos fizeram muita festa; e, reprehendidos da pequena tardança, disse Solino:—Grande

espaço ha que eu pudera gosar esta companhia, se me não detivera em esperar resposta de um recado, que mandei ao sr. D. Julio.—E eu (respondeu elle) se vos não encontrára, ainda não tinha entendido o vosso moço; porque de maneira embaraçou o que me mandaveis dizer, que nem por discrição pude tirar o recado: nem vos desfaçaes d'elle para os que foram de importancia, que val a peso de ouro.

A isto se começaram todos a rir, e tornou Solino: — O meu moço, sr. D. Julio, tem desculpa em ser nescio, porque é meu moço; que, se soubera mais, eu o servira a elle; mas os creados dos grandes, como vós, esses hão de ser discretos, pois são tão bons como eu: e comtudo eu vos sei dizer que ha aqui moço que no dar um recado o pudera fazer como ao que lá mandei, que não é dos peiores da sua ralé, e já entremette de lêr carta mandadeira: mas nos recados ainda agora lê por nomes, e não acerta a nenhuma cousa. — Pouca paciencia tenho (disse o doutor) a um creado que esperdiça o entendimento de seu amo: mandaes um recado concertado, discreto e cortezão: e o madraço, que o leva, muda-lhe os trastos e desentôa com uma parvoice que vos desacredita, como com os meus me tem acontecido mil vezes. — Nos vossos não é muito (disse Solino) que daes os recados guarnecidos de rhetorica com seus vivos de latim, que são mais perigosos na bôcca d'estes, que vidro em mão de menino: mas os meus, que não passam de quatro palavras em linguagem corrente, e que assim os virem do carnás e me mettam em vergonha, não é desgraça? Ora prometto que os de importancia eu mesmo os leve como aconteceu ao cortezão ausente, que levou elle proprio a carta a sua mulher: e os que houver de dar o meu moço, que sejam seus, por não andar remendando o burel da sua natureza nem o trabalho da minha disciplina. D'aqui por deante bôcca faz jogo: digo, que o que o meu moço disser, elle o diz, e que me não ha de chamar por auctor das suas impertinencias.—Certo (disse Leonardo) deixando de tratar dos meus, e vossos recados, que importam menos, e de outros em que vae tão pouco, que é uma das cousas de maior consideração aos reis, principes, republicas, e aos grandes mandarem suas embaixadas, visitas e recados por ho-

mens de auctoridade, discretos e bem disciplinados, em cujas razões e procedimentos consiste muitas vezes o bom successo do que pretendem. E assim os reis, principes e republicas nas materias de estado; as cidades e povos nas occasiões das côrtes; os senhores particulares nas visitas; devem sempre escolher homens, que no entendimento se avantajem dos outros, porque não sómente conseguem o fim da pretenção de quem os manda; mas o acreditam: e porque ás vezes por respeitos, privança e valia se antepõem os menos sufficientes para estes cargos, se deitam a perder negocios de uma republica, em que consiste a quietação e honra d'ella.—Pouco e pouco (disse Pindaro) se foi o sr. Leonardo á materia dos recados, que não ficam fóra de seu logar, depois de o terem as cartas missivas; e bem se póde fazer a noite bem assombrada com tão bom sujeito.—Desculpado estou (respondeu elle) com o trabalho, que na de hontem cahiu á minha conta, em fugir d'elle; mas não de approvar a vossa advertencia.

A todos os mais pareceu que seria acertado tratarem a materia de mais longe; e pediram ao doutor que, tomando-a á sua conta começasse.—Bem pudera usar (disse elle) do privilegio do sr. Leonardo, e de outros para mim escusa; porém ainda que os tinha, e qualquer dos presentes mais sufficiencia para este encargo por lhe não pôr a elles ruim fôro, me dou por obrigado. Digo que *recado* é nome que entre nós tem a etymologia. A significação é muito duvidosa, pelo modo em que usamos d'elle: porque, se houveramos de derivar este nome do verbo italiano *recare*, que é *trazer*; ou do verbo *recapacitare* que é *recapacitar* (d'onde elles chamam *recapacitar* ao *recado*) nunca disseramos d'elle tanto, como na nossa lingua portugueza significamos; mas se lhe buscarmos a origem do latim, virá mais ao nosso modo pela differença do messageiro ao que leva recado: que o primeiro *missa gerit*, faz as cousas que lhe mandam: e o segundo *recautus*, este é homem acautelado, que sabe o que ha de fazer no que está á sua conta; que assim convém mais com o nosso modo de falar, quando dizemos *homem de recado*, que quer dizer *de importancia, posto a bom recado, que é seguro*, e *com cautella: tardar e arrecadar*, que é levar ao fim o que começou: porém seja uma cousa ou outra, ou ambas, o prin-

cipal recado de todos é o do imperador; e estes são de duas maneiras, ou o que o principe manda a outro por occasião successiva; ou o que de ordinario assiste em sua côrte, para conservação da benevolencia e amisade que entre elles ha: estes segundos tinham os romanos nas provincias junto á pessoa do consul, que as governava com titulo de legados, e com elles despachava os negocios de importancia. Mas aos primeiros chamavam elles oradores, por serem mui semelhantes no officio de persuadir, mover e obrigar; e ainda em nossos tempos se aproveitaram muitos d'essa arte, sendo escolhidos para o cargo de embaixadores. — Eu (disse Leonardo) tenho um caderno não pequeno de falas e orações de embaixadores portuguezes feitas a grandes principes, e não pouco doutas e elegantes, como foi uma que fez o bispo D. Garcia de Menezes ao papa Xisto, indo por embaixador por mandado de el-rei D. Affonso V, e por capitão de uma armada que elle mandava contra os turcos em favor da egreja no anno de mil e quatrocentos e oitenta e um: e outra, que fez o doutor Diogo Pacheco ao papa Julio, indo com o arcebispo de Braga por embaixador a lhe dar obediencia por el-rei D. Manuel no anno de mil e quinhentos e cinco: e outra, que fez o mesmo doutor ao papa Leão, indo com Tristão da Cunha embaixador a lhe dar obediencia com aquelle famoso ornamento, que ainda agora é dignamente celebrado na egreja romana assim pela grande devoção d'aquelle pio e catholico rei no anno de mil e quinhentos e quatorze, á qual o papa respondeu em publico com uma doutissima oração de louvores do mesmo rei. E não é este costume só dos nossos embaixadores, mas de todos os extrangeiros, assim quando eram enviados a este reino, como a outros. Vindo a este por embaixador de el-rei Francisco de França a el-rei D. Manuel, que estava em Almeirim, no anno de mil e quinhentos e seis, Monsieur de Lanjaca, governador de Avinhão, lhe fez uma douta oração em sua chegada: fóra outras muitas com que pudera allegar. — D'esses exemplos ha muitos (disse o doutor, — e continuando com o que convém mais ao fim do nosso intento, devem ser escolhidos para este cargo de embaixador os homens das familias mais illustres do reino, dos illustres os mais discretos e cortezãos

d'estes os mais animosos e liberaes, dos animosos os mais apessoados, e de todos os mais bem acostumados; e são todas estas partes tão necessarias ao embaixador que com a falta de qualquer d'ellas ou arriscará o credito do principe, que o manda, ou o negocio de que vae a tratar por sua parte. Primeiramente ha de ser illustre por auctoridade de seu rei ou de seu reino, e dos illustres d'elle, e por honra tambem do principe a que é mandado, pois ha de fazer as partes de um, e assistir á ilharga do outro. E assim n'este reino, e nos visinhos a elle vimos cada dia entrarem embaixadores muitos chegados em sangue ás casas dos reis que os enviaram, e sahirem outros da mesma qualidade; o que não só tem exemplo dos reis da Europa, mas da Persia, Japão e outras remotas partes do oriente. Depois de illustre ha de ser discreto e cortezão, porque parece que mais que todas as outras partes, lhe está requerendo o mesmo cargo aviso, entendimento, discripção e cortezia para tratar as cousas convenientes á sua embaixada, encobrindo, desculpando e persuadindo o que a seu rei convém; que esta é a differença do recadista ao embaixador: que o primeiro relata o que lhe mandam que diga: o outro dispõe, ordena e conclue o que lhe encommendam que faça: um leva o recado na lingua, outro no peito, como disse um embaixador dos romanos aos carthaginezes na guerra de Sagunto, que levava a paz, e a guerra dentro no peito; e assim não vindo elles no que os romanos pediam, declarou a guerra. Além d'isto como o embaixador é um terceiro e reconciliador da amizade de dois principes, nenhuma cousa lhe é mais importante, que o entendimento, e tambem o ser cortezão lhe importa muito, pois a sua principal assistencia é no paço, e junto á pessoa do principe, com communicação dos principes senhores do reino; e ás vezes por esta parte sendo engraçado, e acceito áquelle a quem é mandado, acaba mais facilmente os negocios e pretenções de quem o manda. Ha de ser animoso e liberal; o primeiro, porque as materias que tocarem a guerra, tregua e liga, ou confederação com seu principe, se não mostre por sua parte acanhado, timido nem pusillanime: antes obrigue com seu exemplo a que o respeitem e temam; e tambem por que na occasião em que se offerecer ao

senhor a quem assiste, acredite com o conselho e com as obras as armas de seus ascendentes e naturaes. E o segundo, porque com a magnificencia se conquistam mais vontades e animos extrangeiros, que com qualquer outra valia, por grande que seja; e posto que esta parte a todas as pessoas illustres é necessaria, e em todos os cargos de guerra e officios da paz é tão estimada, no de embaixador é muito mais proveitosa para saber o aviso, o secreto, o intento e a cautella que convém ao de sua embaixada, e para mover os ministros e validos, em cuja mão ou conselho está seu negocio. Convém além d'isto que seja o embaixador, homem apessoado, que pela vista obrigue a respeito e veneração; que em outro modo o corpo pequeno em pessoas de grande logar lhes tira muita parte do que se lhes deve. E um doutor nosso de muito grande nome, e pequena estatura, mandou pôr ao pé de um retrato seu uma lettra que dizia: *A presença diminue a fama.*

E outro do mesmo grau, e não de maior corpo, indo d'este reino com uma embaixada a um rei assás poderoso, vendo-o elle tão pequeno, lhe perguntou motejando d'elle: "Se el-rei seu irmão tinha em seu reino outros homens mais apessoados que enviasse com semelhante cargo?„ Ao que elle respondeu valendo-se do entendimento, e animo que tinha: Que na côrte d'el-rei seu senhor havia muitos homens de grande pessoa, e partes, a que encommendar aquelle cargo; mas que para sua magestade lhe pareceu que elle bastava, e por isso o mandára.„ Finalmente é de muita importancia ser bem acostumado, para com sua temperança, continencia, e bom termo conservar, e acreditar o bom nome, e fama de seu rei, a honra de sua patria, e da propria pessoa. E porque com alguma demazia de seus costumes não faça com que se diminua, e perca o respeito, liberdades, e exempções que tem os embaixadores, como aconteceu aos da Persia, que vieram a el-rei Amyntas de Macedonia que foram mortos por traça de Alexandre, filho do mesmo rei, o qual, não podendo soffrer sua estranha dissolução, mandou alguns moços de bellissima figura, que em habito de damas os servissem á meza, levando escondidos punhaes com que se vingassem de qualquer deshonesto acometimen-

to dos embaixadores; que usando da sua demasiada luxuria foram mortos a punhaladas. O rei da Persia offendido de se não guardarem com os seus as leis dos embaixadores, mandou um poderoso exercito contra el-rei Amyntas; porém o general d'elle sabendo como o caso passára, se retirou sem querer dar batalha aos Macedonios. Tambem importa muito que os embaixadores sejam escolhidos de sujeito acommodado aos negocios, de que hão de tratar; que tal occasião se offerece, em que convém serem humildes; e outra, em que é melhor mostrarem-se arrogantes; tal em que hajam de ser animosos, e arriscados; e outras brandos, e dissimulados. Francisco Dandalo, embaixador dos Venezianos ao Papa Clemente V para levantar o interdicto ao Senado, contra quem estava iroso por razão das coisas de Ferrara, estava lançado de bruços grande espaço á meza do Summo Pontifice, com uma cadeia de ferro ao pescoço; e com tantas lagrimas, e palavras o obrigou, que alcançou d'elle o que pedia. Este por sua grande humildade foi chamado *cão*, e por seu valor succedeu no Ducado de Veneza. Pelo contrario Orfato Justiniano, homem de letras, e animo generoso, embaixador do mesmo Senado a el-rei Fernando de Napoles, que pelo mau animo, que contra os Venezianos tinha, não fazia d'elle a conta, a estima que seu valor merecia. Orfato lhe mostrava tão pouca inclinação, e humildade, que o rei indignado mandou fazer tão baixa a porta, por onde entrava a lhe falar, que á força lhe fizesse dobrar o pescoço: porém elle entendendo a tenção de Fernando, entrou com as costas para diante, e voltando-se direito na casa fez a mesma cortezia, que costumava. Outro dia achando-se em um banquete, que o rei mandou fazer, dando-lhe de proposito os convidados tão estreito logar que achava sua auctoridade, deixando o que tinha se sentou sobre uma rica toga, que trazia vestida; e acabado o banquete, a deixou ficar como os outros assentos.—A mim me parece (disse Leonardo) que os attributos mais importantes ao embaixador, e que sempre n'elle devem andar annexos, são esforço, e entendimento, que são como dois eixos, em que se revolve o maior peso, e substancia das coisas do Estado; o que se colhe dos exemplos que dissestes, e de outros muitos; porque o esforçado e entendido

em nada falece, nem áquillo a que seu rei o manda, nem ao que a si mesmo deve, nem á occasião de que se póde aproveitar, como aconteceu a Pompilio, embaixador a el-rei Seleuco, sobre conservar amisade com os Romanos, ou romper com elles guerra: que respondendo o Rei que se aconselharia devagar no que lhe estava melhor; o entendendo o Romano que aquella dilação se fundava em fraqueza, e cautela, com o bordão que trazia fez um circulo na terra, em que Seleuco ficou mettido, dizendo-lhe que antes que d'elle sahisse se havia de determinar na resposta da sua embaixada; e com isto obrigou ao rei a acceitar a paz que lhe requeria. E em caso differente Lucio Posthumio, embaixador aos Tarentinos, lançando-lhe por desprezo sobre as roupas muitas immundicias com grande rizada, e escarneo, o Romano lhe respondeu animosamente: Vingai-vos agora do riso á vontade, porque tendes muito que chorar quando com vosso sangue se lavarem as nodoas d'este meu vestido.—Esses casos (accudiu D. Julio) são da mera jurisdicção de esforço, e cavallaria; ainda que sejam acompanhados do entendimento, porque o valor do animo a tudo acode, e em nada perde ponto. E se não, vede a estimação que fizeram os réis catholicos do nosso prior do Crato D. Diogo Fernandes de Almeida, quando estando elles sobre Granada, e o prior sendo embaixador d'el-rei de Portugal, o ajudou a combater valorosamente tirando com muitos louvores d'aquella batalha feridas; e querendo-o el-rei desviar antes, porque não convinha ao cargo que trazia, lhe respondeu que, se o officio lh'o defendia, o sangue e o animo o obrigava. E em que conta teria el-rei Filippe I a Frederico Badoaro, que os Venezianos lhe mandaram por embaixador a Genova, sendo elle principe de Hespanha, que estando com elles aos officios divinos no segundo logar, succedeu chamar o principe a si ao duque de Saboia; e acenando ao veneziano que lhe désse o logar, o que elle não quiz fazer, o prinçipe com acenos, e palavras asperas o mandou muitas vezes tirar; mas respondeu que antes havia de deixar a vida, que aquelle logar, porque com a morte de um particular se não fazia affronta ao Senado, mas que se lhe faria muito grande, se désse o logar, que lhe era devido, a pessoa inferior em merecimentos. E quanto

á dissimulação, e soffrimento só nos esforços costuma a achar confiança para metterem em cortezania o que puderam estranhar com arrogancia: como aconteceu a Giuberto Dandalo, embaixador dos Venezianos ao Papa Nicolau III, que já mais foi ouvido, nem pode alcançar entrada do Summo Pontifice, por o enojo que tinha contra o Senado. sobre a possessão de Ancona; até que, vendo elle o pouco que importavam suas muitas diligencias, fingio um dia, sahindo com alegre semblante, haver-lhe fallado e alcançado o fim do negocio a que vinha: e sem esperar outra coisa se partiu para Veneza; onde perguntando-lhe o Senado o que se passara respondeu: "Não achei o papa em Roma, nem quem me soubesse dizer onde o acharia „

— Mui principaes (disse o doutor) são as partes de esforço, e entendimento no embaixador; porém tem igual necessidade de todas as outras para representar com a nobreza a pessoa do seu rei: para com a magnificencia adquirir as vontades dos ministros, e criados: para com a gravidade, e brandura ser amavel, e auctorisado: para com o conhecimento das coisas do Estado, e experiencia d'ellas acertar nas que se lhe offerecessem: e para com a gravidade, e gentileza da pessoa dar uma approvação na vista, de tudo o que se conhecer de suas obras. Mas porque não pareça que vou fóra do em que comecei: A que os embaixadores não levam recados, é certo, (que ainda que os seus sejam de maior confiança) que levam por escripto muito do que hão de dizer, e do que hão de pedir, ou conceder; porém a eleição do tempo, occasiões, e palavras fica subordinada ao seu entendimento; e para isso dão os reis, e seus conselhos supremos largas instrucções, regimentos, e ordens de como se hão de haver nas coisas os embaixadores; que são mais largas, quanto são mais remotas as provincias, a que são enviados.— O officio (disse Leonardo) é de tanta importancia, que nenhum outro demanda maior cabedal de partes da natureza, e das adquiridas por experiencia: e sei-vos eu dizer que houve neste reino famosos homens d'esta profissão, e taes, que, querendo nomear alguns, faria manifesto aggravo a outros muitos. Mas se o gran-duque de Florença, vencido da eloquencia, e partes de Hermolau Barbaro (que estava em sua côrte por embaixador dos

Venezianos) com tantas mercês, e favores o persuadia a que ficasse em seu serviço; não faltaram outros, que sahidos d'este reino com o mesmo cargo, fizeram maior inveja a principes, a monarcas mais poderosos. E algum teve lugar nos tribunaes supremos da côrte de Hespanha, que para negocios particulares de um principe d'este reino foi mandado a ella, que pela grande satisfação, que n'elles deu de sua pessoa, foi escolhido para os de uma monarchia tão dilatada. Mas não é de espantar que de um embaixador e messageiro particular se fizesse um conselheiro de estado, sendo criado da casa de um senhor, do serviço do qual, como de outro cavallo Troiano, sahiram heroes famosos, e varões insignes em todas as profissões: d'onde sahiram vicereis, e capitães maiores para o Oriente, e soldados para capitães, e mestres de campo, que defenderam, e honraram o Norte; cavalleiros, e bailios, que sustentaram Malta; fronteiros valorosos, que se assignalaram em Africa, todos criados da mesma casa, onde se acharam sempre em grande copia espiritos, que honrem a Marte, e engrandeçam a Minerva, fazendo inveja aos mais avantajados nos exercitos, e presidios hespanhoes, e aos mais insignes nas escolas, e academias mais nomeadas da Europa.

— Tendes levantado este discurso de maneira (disse Solino) e está a materia d'elle tão altiva, que me parece que eu e Pindaro ficamos esta noite camarço, sem nenhum de nós fazer postoleta: ainda este mau jogo me fez o meu moço, que não cuidei que d'elle saltasseis a coisas tão differentes: folgara de saber se haveis de ficar n'esse tom, porque vos deixarei em terno com o dono da casa, e o senhor D. Julio; e irei buscar minha vida. — Ainda não tendes razão de vos queixar (respondeu elle) que antes por me chegar pouco, e pouco aos criados, deixei muito dos embaixadores, após os quaes se seguem logo os agentes, e procuradores, que as cidades, villas, e lugares mandam a côrtes, e outras vezes a visitas, e occasiões dos principes, que não menos devem ser escolhidos para estes cargos, buscando n'elles as partes mais necessarias que são discrição, experiencia, e pessoa, quando não possam concorrer todas as mais; porque a cidade, ou villa, que manda ao principe seu procurador, ou agente,

n'esse mesmo faz representação de sua sufficiencia. — De um cidadão se conta (disse D. Julio) que, sendo enviado por procurador a côrtes, lhe esqueceu no caminho o que a cidade lhe encommendára, e tornou a dormir a casa a perguntar a sua mulher o negocio a que a: e fôra melhor eleição, se a mandaram a ella, pois lhe não esqueceu.—De outro ouvi eu (respondeu Solino) que jurou por vida da sua a el-rei D. Filippe I que se havia de cobrir sua magestade para lhe falar em nome de uma cidade d'este reino: fóra outras impertinencias que na pratica disse, mais dignas de riso, que de credito. E um conheci eu, a que cahiram as luvas, e o chapéo da mão, começando a dar o recado de uma cidade a um principe; e levantando-as, perdeu o que queria dizer, de maneira que nunca atinou palavra. — Estes maus successos (proseguiu o doutor) testemunham o muito cuidado, com que se hão de eleger os homens para taes cargos; o que não importa menos aos titulares e fidalgos, que mandam vizitar a outros em occasiões de pazes, ou parabens, por pessoas, que saibam accommodar-se é tristeza, ou alegria que o caso requer, para credito, e boa opinião de quem os manda.—Certo (accudiu Leonardo) que não julgará bem quanto isso releva, senão o que já se envergonhou de ouvir visitas desencaminhadas, como se fez uma a um fidalgo que eu tratei particularmente, ao qual, estando enojado por morte de um seu filho, visitou da parte de um personagem um capellão bem apessoado, e disse que o senhor N. estimára muito aquella occasião para mandar visitar a sua M. e se offerecer a seu serviço. A este conto fizeram todos muita festa. E Solino, que vio lugar aos seus, accudiu logo: "Não sei se virá muito a proposito; porém tambem eu hei de dizer a minha historia, em razão da advertencia, e cuidado que deve ter quem visita em nome alheio; pois se vê que mais desattentos, que ignorancias, os erros d'estas materias. Uma senhora enojada por a morte de um seu irmão tomava as visitas em uma camilha, como as mais costumam. A esta mandou visitar outra parenta sua por uma pessoa de auctoridade; que entrando na primeira casa achou tão escura que, pegando-se ás paredes, esperou uma dona que lhe serviço de moço de cego; a qual o levou por a mão até uma porta

estreita, onde havia um degrau alto; e alli o soltou para passar deante; a qual não alcançou tão bem o degrau, que não désse primeiro com as queixadas na humbreira do portal; e sahido do perigo o tornou a guiar a dona da mesma maneira até junto da camilha, onde o tornou a soltar esta pessoa, cuidando que tinha alli outra porta, por não errar o degrau por baixo, levantou o pé de maneira, que o poz nos peitos á enojada, que dando um grande grito a fez cahir de focinhos. Muitos, que estavam na casa, e tinham furtada a luz aos que de novo vinham a ella, levantaram tão grande riso, e borburinha, que desauctorisaram de todo o sentimento do nojo, e cahia cada um para sua parte sem poder valer.„ Como Solino tinha graça natural no que dizia, deu muita a este conto, que foi celebrado com riso de todos.—Se assim é (disse Solino) que n'esses ha tantos desatinos, e inadvertencias, não ha que espantar de criados menores, que uns são por natureza tão rusticos, que em nada acertam; outros por malicia tão depravados, que não querem saber senão o que é em favor de sua maldade.— Uma questão se offerecia agora (acudiu Pindaro) que, ainda que rasteira, é em materia proveitosa. Convém a saber se é melhor servir-se um homem de um moço simples, e nescio; ou de um malicioso ainda que seja esperto.—Eu estou melhor (tornou D. Julio) com o que me engana, que com o que me enfada; porque a confiança, que fizer do meu moço, será segundo a opinião que d'elle tenho para me poder enganar em pouco: e do nescio nem posso confiar em um recado as minhas razões, nem as minhas obras dentro em casa; que o que ignora o que ha de dizer, menos sabe o que lhe convém calar: além de que é grande desgosto andar um homem de continuo ensinando um rustico, sem proveito, que não tomará em sua vida tinta de discrição, por mais que o cozam n'ella.—A mim me parece outra coisa (disse Solino) em razão d'aquelle proverbio: *Antes asno que me leve, que cavallo que me derrube.*—Pelo rifão (respondeu Leonardo) entendo que quereis defender o vosso moço.—Se o não fizer bem, ficarei no seu lugar (replicom elle). Porém o moço nescio não pode desacreditar com sua parvoice o entendimente de seu amo, que não está obrigado ao tirar das escolas de Athenas. E o ma-

licioso, e esperto, nem por o ser deixa de errar peior que os outros; porque não aprende o que convém a seu amo, senão ao intento de sua maldade; e dá ás vezes por recado o que lhe parece, em lugar do que lhe mandam; e quando não, troca as palavras ou o sentido d'ellas; muda o tempo, e a acezão do recado; vai quando quer, e não ao tempo que vos releva; tira-vos o credito nas obras, se a conserva nas palavras, porque dizem que *qual o amo tal o moço;* mais vos desacredita com a murmuração, do que vos acredita com o recado; e quando vos lisonjeia, é quando vos rouba. O simples, se não diz o que lhe dizeis, faz o que quereis, contenta-se com o que d'elle fiais, e não trata de penetrar o que pretendeis; e muitas vezes seus erros cahem em graça como as subtilezas dos outros em damno.—Boas são essas razões (disse Feliciano) porém é dura coisa que pelo moço nescio julguem por tal a seu amo; pois é regra de direito que *faz por si o que manda fazer por outrem:* e se a victoria dos soldados se attribue ao capitão, os ensinos, e palavras dos moços porque se não hão de julgar por de quem os governa, e manda? e menor damno é qualquer dos outros, que o de um homem parecer nescio á conta do seu moço. E sobre tudo não se ha de pintar tão perverso o malicioso, que faça mal, diga mal, e presuma mal, e seja intelligente; que os mais d'elles cantam de quem roubam; que d'esse outro modo não é pintar criado, mas inimigo.—E não sabeis vós (accudiu o doutor) que todos os criados, ou a maior parte d'elles o são de quem os sustenta? e assim diz a sentença de Euripides, que não ha maior, nem peior inimigo que o criado: e Democrito diz que o criado é coisa tão necessaria, como amargosa: Luciano diz que os criados sempre tem malicia, e traições armadas contra seus amos. — A muitos tenho eu por inimigos (disse Feliciano) porém peior o será o nescio, que o que o não fôr; e não sómente sustentará inimigo em casa, mas senhor, que, como diz S. Jeronymo, não ha maior servidão que mandar a um nescio. — Eu tenho procuração em causa propria (disse Solino) para acudir pelos criados, como testemunha de muitos fieis, e verdadeiros a seus senhores: e Euripides, e os mais devem de entender, o que disseram, dos escravos, que, como lhe temos tomada a coisa mais prin-

cipal, e mais sua, que é a liberdade, sempre nos tem odio, e nos desejam, e procuram mal; porque a vilesa do seu animo não soffre mostrarem valer na sujeição.

—Não me parece a mim essa boa razão (acudiu o doutor) porque por dito de Seneca *nenhum escravo ha mais vil, que o livre, que serve por sua vontade.* (Não entendo n'este conto os nobres, e honrados, que servem aos grandes por respeitos razoaveis). E dos escravos, a que fez taes ou a ventura da guerra, ou outra desgraça, temos os livros cheios de exemplos de valor, e fidelidade, em que deixaram muito atraz os proprios filhos. E se não, vêde se fez algum o que o escravo de Publio Catieno, que, deixando-o o senhor por universal herdeiro de seus bens, pela fidelidade com que o servira, elle, por se mostrar agradecido na morte, se deitou vivo na fogueira em que queimavam o corpo de seu senhor, e morreu com elle, mostrando que estimava mais tal servidão, que a vida, e as riquezas que lhe deixava. Erotes, escravo de Marco Antonio, se matou de pesar de ver a seu senhor vencido de Augusto Euporo, escravo de Lucio Graco, que se matou sobre o seu corpo. E um escravo de Papinião, que, vendo que os inimigos entravam uma quinta, em que o senhor estava, para o matarem, trocou com elle o vestido, e metteu no dedo um seu annel de preço: e deitando-o fóra por uma porta, sahiu pela outra a receber a morte, que haviam de dar a seu senhor. E Frederico de Eveshim, escravo de Conrado Imperador, que, sabendo que vinham para o matar, o fez sahir do paço, e se deitou na sua cama, onde, cuidando os inimigos que era Conrado, o mataram: e outros muitos escravos sem nome, que mereciam que o seu ficasse eterno por memoria de sua fidelidade. Nem se póde esquecer aquelle grande animo de Lazaro Cherdo, escravo, de nação Serviano, que vendo seu senhor cativo de turcos, e depois morto, desejando vingar-lhe a morte por preço de sua vida, fingindo que vinha fugido dos hungaros, entrou no campo Turquesco, e dizendo que queria fallar a Amurates, primeiro imperador d'aquelle imperio, o matou a punhaladas; d'onde não pôde fugir, mas perdeu a vida valorosamente.—D'esses escravos (replicou Solino) não trato eu, que mereciam ser senhores de seus senhores; como tambem houve criados que mereciam ser

servidos de a quem serviram: que tambem Diogenes foi escravo; e perguntando-lhe Xeniades, que o comprava, em que sabia servir, respondeu: que *em mandar homens livres;* por o que Xeniades o libertou dizendo: *aqui te entrego meus filhos para que os mandes.* E Epicteto, que se chamava escravo de si mesmo: e a Phedão, escravo de Cebes, ouvi dizer, que Platão dedicara um livro da immortalidade. Porém a nós não nos cahiram em sorte estes escravos, senão a gente mais barbara do mundo como é a de toda a Ethiopia: e alguma escravaria da Asia, que é da gente mais vil das provincias d'ella; que uns, e outros tratam os portuguezes com rigoroso captiveiro n'aquellas partes, vendendo-os para serviço das minas das Indias de Hespanha como condemnados á morte: e assim se podem estes chamar com razão inimigos mortaes de seus senhores. —Tambem (disse o doutor) houve já n'este reino escravos illustres de muito valor, entendimento, e sangue, conhecidos por taes, e tratados como se estiveram em liberdade, que cativaram as nossas fronteiras de Africa, em cujas historias me eu não quero deter por me não alongar mais do intento do nosso discurso dos recadistas, que uns e outros representam a pessoa de quem os manda, no que toca ao recado que dão: o que a mim me parece que está bem provado com o costume, que os antigos tinham em mandar os seus, que não fallavam por terceira pessoa, como é o nosso uso, que dizemos *diz fulão que vos beija as mãos; que vos pede isto; vos encommenda este outro; vos lembra tal coisa:* antes costumavam: *N. vos diz, beijo-vos as mãos, rogo-vos isto, encommendo vos este outro, lembro-vos tal coisa,* representando nas palavras a mesma pessoa que as mandava dizer; e d'esta maneira ficava arriscado nosso amigo Solino, representado pelo seu moço: pelo que a mim me parece que o melhor do recado é ser tão breve, que o possa dar sem erro quem o leva; e tão claro, que o entenda sem trabalho a quem se manda. E com isto, e com vossa licença me hei por desobrigado do que n'esta materia podia dizer.—Não pela minha parte (disse D. Julio) porque deixais de fóra um officio de mais habilidade que todos os de que falastes, em cuja profissão entra a de embaixador, agente, procurador e recadista; e ainda outros muitos, que é o do terceiro,

ou alcoviteiro. A isto deram todos grande risada, e disse Leonardo: O doutor calava esse officio, por ser mais vil, e reprovado, que os de mais, e se empregar em materia tão odiosa á Republica; porém sem entrar no fundo d'elle, nos poderá dizer alguma coisa da superficie. — Bem sei (respondeu o doutor) que para me metter em desconfiança levantais essa lebre; e não vos enganeis, que tanto se deve tratar de officios viciosos para fugirem d'elles, como dos de virtude para os seguirem, e desejarem; e posto que esse é tão vil, já os romanos deram leis á sua profissão, segundo escreve Pedro Crinito; as quaes estavam escriptas no templo de Venus; e Licurgo, aquelle grande legislador dos Lacedemonios, tambem lhes deu regras, e liberdades, posto que lhe está melhor o castigo com que os nossos direitos os agasalham; mas se ha officio de muito cabedal; e pouca honra, é o do alcoviteiro, porque ha alguns que os não vence Tullio no fallar, Catão no dissimular, Sallustio no persuadir, Terencio no representar, Ovidio no fingir, Lucano no encarecer, Diogenes no desprezar, Ulysses no tecer, Momo no desdenhar; e todas as artes, e sciencias do mundo tem e empregam em afeiçoarem com engano vontades innocentes. E para lhe assignarmos as partes necessarias, fôra acertado pintar o avesso do embaixador, com que só convém em ser discreto, e experimentado; porém ha de ser baixo, vil, desprezivel, avarento, chucarreiro, mentiroso, ingrato e soffredor de todos os escarneos e zombarias, porque não só é de sua profissão enganar, mas tambem obedecer a toda a ignominia, e infamia que seu exercicio merece.—Muito cruel estais contra elles (tornou D Julio) e não tendes razão; quando vitupereis o seu officio, não vos esqueçais da grandeza das partes d'elle, pois o alcoviteiro descreve, enfeita, e encarece melhor que um escriptor: persuade, aconselha, e convence como um rhetorico: finge, disfarça, e representa com figuras, espantos, meneios, e hypocrisias nos gestos, e palavras como um commediante: pinta, veste, touca, accommoda, guarnece, doura, argenteia toucados, e vestidos, e trata os rostos, e feições melhor que um pintor; sabe mais da natureza das pessoas com que trata, que um philosopho; vende o falso por verdadeiro, como logico; conhece as enfermi-

dades, e achaques dos que lisongeia, como medico; obriga, e engana no interesse, como legista; adivinha os tempos, occasiões, e vontades melhor que um astrologo. Não ha finalmente arte liberal, nem mecanica, de que se não valha, e em que não vença a seus professores.—Ainda me parece (disse Solino) que haveis de chegar á Celestina; que posto que o officio é do genero commum de dois, accommoda-se melhor ao feminino. E pois de embaixadores descemos a criados, não é de espantar que tropecemos em tão ruim gente.—Parece-me (disse o doutor) que de aposta quereis profanar a minha auctoridade; não vos quero dar esse gosto á minha custa: e não passemos d'aqui n'esta materia; e tambem porque é mais tarde do que parece, demos lugar a que o senhor Leonardo se recolha.

Com isto se levantaram todos, e se despediram, festejando e agradecendo cada um ao outro o que dissera; que tanto se contenta o discreto da boa razão alheia, como o nescio da sua ignorancia propria.

DIALOGO V

DOS ENCARECIMENTOS

Não perdiam tempo os da conversação em se chegarem aos interesses d'ella: e era em todos tão egual o desejo, que nem a occupação de cada um os desencontrava; porque o gosto em que se enleva o entendimento, faz menores todos os respeitos ordinarios da fazenda, e familia. Entraram á noite juntos em casa do hospede com grande alvoroço, dando cada um no caminho seu voto sobre a materia, em que se haviam de gastar aquellas horas. Porém assentados, sem o estarem ainda no que seria, disse D. Julio: Por certo, senhores, que estou tão eleado com uma coisa que vos quero dizer, que temo das razões e da edade faltar ao decoro que convem ao sujeito d'ellas; porque nos mancebos as palavras de mero louvor de uma mulher, ainda sendo mui compostas, parecem lascivas; e mais facil é de presumir um engano de affeição nos meus olhos, que de persuadir um espanto a entendi-

mentos tão levantados como os vossos. Porém seja o que fôr, e corra o meu credito o risco que ordenardes; que com todos, os que houver, me aventuro.— Que novidade é esta, senhor D. Julio (disse Solino), que sermão quereis fazer, que tomaes a graça, e nos tendes pendurados a todos no desejo de vos ouvir?— Esta manhã, (proseguiu elle) porque me pareceu de caça, e por gastar n'ella o dia, com menos cuidado do desejo da noite, me fui pôr detraz da nossa serra alongando-me para a parte do mar um grande espaço de caminho; e voltando sobre uma fonte, que nasce ao pé de uma corôa de penedos, coberta da sombra de uns altos hervados, e atoeiras, cheios de verde rama como no melhor tempo da primavera, embaraçados com umas vides silvestres que os atavam, e que ainda de todo não estavam despidas de sua folha, vi junto a ella, e coberto com elles o mais formoso rosto, que eu imagino que pode haver no mundo para satisfação de uns olhos afeiçoados: era de uma mulher em habito de peregrina, que fiada na solidão d'aquelle deserto, e por gosar dos raios do sol, que n'aquelle logar se espalhavam, com os toucados lançados sobre os ramos á vista da fonte concertava os cabellos; e eram elles taes, que não sómente faziam perder ao sol a formosura, mas cobrindo outro mais formoso, que era o seu rosto, contentavam de maneira o desejo, que não fazia muito por passar d'elles adiante. Eu sem atinar no silencio, com que era razão que me escondesse por lhe não ser pesado, fiquei tão esquecido, que, afrouxando as redeas ao cavallo, o deixei tropeçar entre os ramos, e fui sentido da formosa peregrina; que levantando os olhos, a cuja obediencia os cabellos se apartaram, qual sôa ferir o relampago d'entre as nuvens, me saltearam a vista com uma luz estranha, descobrindo juntamente aquelle thesouro de ricas pedras, que o ouro dos cabellos escondia. Os olhos eram duas estrellas de diamantes, em cujo fundo um verde escuro de esmeraldas apparecia, que communicando áquella formosa côr a claridade dos raios, que despediam, roubariam as almas de quem os olhasse; e descendo d'elles abaixo, era tudo tão cheio de perfeições, que o menor logar, em que se empregava a vista, tinha desusados extremos de formosura. A bocca

era um laço de todos os pensamentos amorosos; e nunca vi coisa tão pequena, em que coubessem tantas grandezas; pareceu-me um rubi partido pelo meio, que com um perfilo aleonado se dividia, e por detraz luziam como por vidraça as perolas, que até então me não descobrira o pejo, com que ficou de haver visto. A columna, que sustentava este edificio, era um pescoço de crystal jaspeado de umas veias roxas, e azues muito delgadas, que me representaram n'aquella hora a côr do céo sereno, que pela rotura de duas nuvens brancas apparece, a que fazia parecer mais formoso o circulo da sombra, com que se engastava no aspero burel da esclavina que a romeira vestia: apeei-me eu; e n'este mesmo tempo lançou ella o toucado sobre os cabellos, pondo os olhos na fonte como um espelho; mas como as suas madeixas eram mais compridas, que a toalha branca, com que as quiz encobrir, se mexericavam pelos extremos das pontas, que vinham a guarnecer de fino ouro, aquelle grosseiro trajo: faleilhe com a cortezia, a que a modestia, e gravidade do seu rosto me obrigava; e ella sem mostrar outro alvoroço de minha presença mais, que vestir de escarlata a branca neve de que parecia formado, me respondeu, perguntando se estava perto o logar, e se era aquelle o caminho. Eu, que não perdia com os olhos um só movimento dos que os seus faziam, me pareceu tudo o que tinha visto, sombra da graça e brandura com que falou com uma voz tão fina, que penetrava o interior do coração, e tão suave, que o desfazia, e com uma modestia tão grave, que não dava logar a se pôrem n'ella os olhos direitamente, senão com um respeito armado de receios. Perguntei-lhe d'onde era, para onde ia, encarecendo-lhe o perigo em que punha sua belleza de ser offendida, fiando-a de desvios tão solitarios. Mas ella despresando todos os temores, e fazendo mais difficultosa sua jornada, pelo que d'ella lhe pendia, que pelos trances que á sua conta se me representavam, deu a entender muitas cousas, com que eu perdi o accordo, e ousadia de lhe perguntar outras, e lhe offerecer algumas das que costumam haver mistér os que fôra da sua patria vem experimentar os males das alheias. E além de eu estar atalhado com

sua vista, o estava ella tanto com minha presença, que perdi o interesse de a vêr, por o respeito de a não molestar: despedi-me magoado: estou arrependido; e cubiçoso de a tornar a vêr, de maneira que não aparto o pensamento do logar onde os meus olhos a deixaram. E porque ainda me parece que deve ser mais estranho o successo, que a traz n'aquelles vestidos, que a novidade de sua gentileza, a que se deve todo o cortezão tributo de vontades bem nascidas; peço ao senhor Leonardo que por a melhor via, que lhe parecer, saiba d'esta extrangeira, que por esta noite deve de estar na aldeia; ouvirá d'ella mesma a sua historia, e eu acreditarei com a vista o que tenho dito de sua formosura.— Bem andastes, senhor D. Julio (disse o doutor) em tomar primeiro carta de seguro para o que havieis de dizer; porque os encarecimentos d'essa peregrina são mais pinturas vossas, que gentilesas suas; porque não ha mulher nas obras da natureza tão perfeita cá na terra como a soube fingir o vosso entendimento, ou affeição: e á conta d'ella me parecia bem que assentassemos o retrato de belleza tão sobrenatural, que em materias de amor tudo o que reluz é ouro, e tudo o que assombra é sol; e só com esta desculpa salvareis louvores tão desacostumados.— A affeição do que vi não posso eu negar (tornou elle) mas á vista da peregrina dizei o que quizerdes contra minhas razões, que nas suas partes hei de achar armas com que defenda o que disse.„ Leonardo se offereceu então a mandar fazer a diligencia com muito cuidado: e voltando para Solino, que tinha os olhos no chão, lhe disse: Vós, callaes, quereis allegar serviços ao senhor D. Julio, porque a vossa natureza não é deixar passar esta mercadoria sem registo.— Estava agora (respondeu elle) cuidando nos livros de cavallarias, que ha poucas noites que defendi; e desejava dar um cavalleiro andante áquella peregrina; que se uma cousa d'estas apparecera a meu amigo Pindaro, que encantamentos não rompera, e que poesias, e obras heroicas appareceram de novo no mundo, que alabastros, marfins, marmores, crystaes, topazios, jacintos, esmeraldas rodaram por esses ares! Que posto que o senhor D. Julio sahiu d'este encontro mais elegante do que se esperava; Pindaro, com sua licença, tem n'esta materia mais direito ad-

quirido; e não se houvera de contentar de descer do céo as estrellas, e o sol em similhantes louvores: mas os archanjos, cherubins, dominações e potestades haviam de ter logar n'elles.

— Não será fóra de proposito (disse o doutor) divertirmo-nos agora com esta materia em desconto, e recompensa das passadas; e gastar esta noite em saber a causa, e o estilo dos encarecimentos namorados, que é pensamento que já me desvelou em outra edade. — Obrigo-me eu (disse Leonardo) que a nenhum dos presentes descontente a vossa escolha; e eu particularmente estimarei seguil-a, tomando o primeiro voto do Licenciado, que por hospede, estudioso e cortezão se lhe deve o logar.—O meu voto (tornou Feliciano) é de pouca importancia, e o logar devido a outrem; mas com toda a humildade acceitarei o que me derem: e se com a minha razão ficar corrido, barato é o saber que se compra com primeiro errar: e assim digo que os encarecimentos nascidos de amor não devem parecer estranhos (por deseguaes que sejam) a nenhum juizo affeiçoado; porque o amante para pintar a formosura de uma dama, que satisfaz a seus olhos e pensamentos, difficultosamente achará nas cousas creadas a que a compare, que lhe fique parecendo que a encarece; porque, ainda que sejam formosas as estrellas, lhe não agradam tanto como os seus olhos; e sendo o Sol tão bello, se alegra menos com a claridade de sua luz, que com vêr o rosto de quem ama; e são de menos valia para seu gosto e desejo o ouro, as perolas, rubins, esmeraldas, e saphiras, que o riso da sua bocca e a graça da sua vista; e de não imaginar na terra um amante cousa que se eguale ao objecto da sua affeição, dá em o desvario de a comparar aos espiritos que não alcança com o entendimento, subindo com elle pelas gerarchias mais levantadas: a causa é, porque o amor faz as cousas tão formosas a seus olhos, que leva muita vantagem á natureza que creou umas, e outras; e a cubiça e opinião, que engrandeceu a muitas d'ellas: que até de gosto, como diz Plauto, nem o que tem sabor sem amar é saboroso; nem ha fel tão amargoso, que com elle não pareça suave: que não sómente com seus poderes dá perfeição ás cousas, mas tambem as converte em outra substancia. —Não estou contra a vossa razão (acudiu Leonardo) mas

parece-me de forma os encarecimentos de que falaes, que todos, pouco mais ou menos, não sabem de certos limites; porque, em descendo da pedraria, os que são menos lapidarios empeçam em coral, marfim, porfido, alabastro, rosas, neve, ouro: e, quanto por meu voto, a paixão de amor não havia de guardar regra certa nas palavras, e louvores, antes encarecer sua dama com as cousas que a seu gosto e opinião sejam mais formosas; e como as affeições são tão differentes, assim o seriam os gabos, e encarecimentos.— Para louvar (replicou Feliciano) não ha tantos caminhos como para ter affeição; porque logo daes com uma estrada Coimbrã, que é *tão bella como o Sol, tão clara como a Lua, tão alva como a neve, tão loura como o ouro;* e d'aqui adeante.—A mim me parece bem (disse Solino) a razão do Licenciado, que o doutor tinha geito de metter os louvores de uma dama em exemplos caseiros, chamando-lhe fresca como o seu pomar, linda como o seu jardim, clara como a sua fonte, e alta como as suas faias: e como os amantes para encarecer se não contentam com pouco, todos chegam ao que pode ser: todo o branco é crystal e diamantes; o córado rosas e rubins; o verde esmeraldas; o azul saphiras; e o amarello ouro e jacintos, e até as mães dos meninos, a que naturalmente tem excessivo amor, não lhes sabem chamar pouco: quando os tomam nos braços, logo os intitulam de *meu duque, meu marquez, meu conde;* nas pedras *meu diamante,* e nas flôres *meu cravo, e minha rosa:* quanto mais louvando mulheres, a quem todo o encarecimento fica curto, e envergonhado pela fôrça, com que tem captivos os sentidos, as potencias dos que hão de falar n'ellas. E para conclusão de tudo, diga Pindaro o que sente n'este particular.—Os encarecimentos, de que usam os amantes (disse Pindaro) menos são seus, que adquiridos dos famosos poetas, que lh'os ensinaram deixando-os escriptos em suas obras: porque, como retratadores das obras excellentes da natureza, buscaram tão altivos materiaes para darem vivas côres á formosura. E não é muito que, pintando um rosto formoso da terra, lhe accommodassem côres, e attributos celestes, quando para pintarem cousas do mesmo céo usam tantas vezes de semelhanças, e encarecimentos da riqueza da terra, como o fez Ovidio na casa de Febo, com tectos

de lavrado marfim, e ladrilhos de ouro, com paredes de topazios, jacintos, e esmeraldas e o mesmo fez pintando os pavões, que no céo levavam o carro da Deusa Juno, que depois accrescentou em obra e feitio Martiano Capella. E como a phrase poetica é a mais excellente, e levantada, e por tal escolhida das Sibyllas, e Oraculos para usarem d'ella, tambem fizeram os amantes a mesma eleição; entre os quaes qualquer miuda consideração de um voltar de olhos é arco, aljava, e settas de Cupide, com todas as mais allegorias, e transformacões que os poetas usaram. — A verdade é (disse o doutor) que a perfeição da formosura animada se não pode devidamente encarecer com alguma semelhança, que o não seja, porque todas lhe ficam muito inferiores: o que declarou bem uma dama Florentina, que, perguntando-se-lhe o que lhe parecia de uma figura de mulher de alabastro, feita por um famoso esculptor d'aquelle tempo; ella, sem responder com palavras, fez que uma creada sua formosa e bem proporcionada, despisse em si as partes, que a figura mostrava núas; e logo á vista da natural belleza perdeu a pintura, a fama, e valor que d'antes tinha. E eu vi tambem um jeroglifico da formosura, que declara engenhosamente este pensamento: a figura do qual era uma mulher com a cabeça mettida entre as nuvens, o corpo despido, mas rodeado de um resplendor, que o não deixava vêr distinctamente; na mão direita um lirio, e na outra um compasso; significando com a cabeça mettida no céo, e no resplendor, que só com as cousas d'elle se podia encarecer, fazendo impedimento á vista humana como raios derivados da belleza Divina; o lirio denotando a graça das partes naturaes, porque em côr, e pureza foi sempre symbolo da formosura; o compasso a medida, proporção, e correspondencia dos membros, em que consiste toda a perfeição d'ella. Mas Pindaro tudo quer attribuir á sua profissão; e n'esta parte não tem pouca justiça: porque sómente na licença poetica podem entrar os desvarios dos namorados, por serem muito eguaes o furor poetico, e o amoroso. Porém, já que os encarecimentos estão approvados com tão boas razões, estimara eu ouvir alguma em desculpa dos que vivem, morrem, e ressuscitam a cada passo, e que andam sem almas como cantaros, e sem coração como

furões, que, a meu vêr, é gente que por privilegio de amor vive exceptuada das leis da natureza.— A razão (respondeu Feliciano) é a mesma; porque quem encarece a causa egualmente exagera os effeitos: a pena de um desfavor, o termo de uma crueldade, ou esquivança é o maior tormento da morte ao que ama; e um favor e brandura, que recebe em sua affeição, é na sua estima o maior bem da vida: e quanto ao estilo de viver sem alma, e sem coração, o declarou maravilhosamente um poeta moderno, dizendo em um soneto á sua dama, da qual estava ausente, que uma parte da alma, com que vivia, lhe ficara; mas a com que imaginava, entendia, e amava, tinha sempre com ella. Nem é outra cousa os desvarios, e desattentos dos que amam, senão viver em certo modo fora de si, como pareceu a Propercio, dizendo que o que se entrega ao amor perde o juizo; e o que eu vejo que poucos em presença da cousa amada ficam com elle.—Tambem S. Jeronymo (accrescentou o doutor) escreve que o amor da formosura é um esquecimento da razão; e assim chamam os poetas ao amor, inimigo d'ella. E que maior exemplo se pode imaginar d'esta verdade e mudança dos que amam, que o de Hercules, a quem os embaixadores de Lidia acharam lançado no regaço de sua amada, mudando-lhe os anneis dos dedos, ella com a corôa real na cabeça, e o famoso Thebano com um sapato seu d'ella em logar de corôa? que menos esperado que o de Dionisio Syracuzano, que por mão, e parecer de Mirta sua amiga despachava os negocios importantes de seu reino? que mais extranho, que o de Themistocles Atheniense, famoso capitão de Grecia, que namorado de uma dama, que captivou na guerra de Epyro, usava em uma doença, que sua amada teve, dos mesmos remedios que lhe a ella faziam, tomando as purgas, e sangrias com a mesma dama, e lavando rosto por regalo, e gentileza com o seu sangue d'ella? que menos crivel, que o de Lucio Vitelio Imperador, que namorado de uma filha de um escravo seu, a quem libertara, de tal maneira perdia o juizo, que, tendo uma esquinencia, não usava outro remedio mais que um unguento que fazia de mel com o cuspo de sua dama, imaginando que a virtude de ser seu lhe podia dar saude untando com elle a garganta?— De maneira (disse

Leonardo) que amor tira os sentidos, e o juizo a quem se emprega todo em seus cuidados: e eu tinha para mim, e ouvi sempre dizer que não podia o nescio ser bom namorado; o que agora vejo que coutradiz a vossa opinião, pois os que amam não tem entendimento.— Só o discreto (respondeu Feliciano) sabe ser amante, e por isso perde o juizo nas mãos de amor; que o nescio mal poderá perder n'ellas o que não tem. E falando mais ao ponto da vossa duvida, o amante pelo ser não fica nescio, mas parece-o em muitas acções dos sentidos, e entendimento; porque, transportado na imaginação do que ama, se descuida de tudo o que não é sua paixão. — Extranhamente (accudiu Solino) me contenta ouvir esta razão para desculpar commigo os maus successos de namorados, a que não sabia tão boa desculpa; que assás grande é para esquecer cousas menores quem está fora de si: porque, deixados esses exemplos de amantes, cuja grandeza do estado faz maior, e mais notavel o desatino, com que nas mãos do amor renunciaram o entendimento; de outros de menos estofa, e mais modernos sei eu descuidos, que podiam entrar em historia n'esta occasião, e por me aproveitar d'ella. Eu conheci um cortezão mui empenhado em finezas de amor, que passeava em um terreiro, onde tinha a dama em um quartão, que já aturava aquelle fadario todos os dias como em atafona; acertou n'aquelle a ser mais favorecido da senhora, que de quando em quando lhe apparecia, cevando com sua vista os desejos do namorado mancebo, que por seguir a caça se esqueceu do tempo, e das horas de comer, mettendo-se pelo certão da calma que n'aquelle tempo fazia; o cavallo, que não devia de estar tão affeiçoado a aquella estancia como a sua costumada, estancava muitas vezes do passeio, sem haver accordo nem espora que o despertasse; até que uma vez, estando o amante parado com o ponto no alvo da janella, acertou a passar um macho que levava uma rede de palha, a que o rocim se arremessou com tanta furia, que, prendendo os copos da brida nos laços da rede, se embaraçou de maneira, que levou ao quartão enamorado por todo o terreiro, onde se resentia do rapto, sem se poder valer contra os couces do macho, e risada dos rapazes. Mas não é muito padecer d'elles afrontas quem de um tão mal acostumado fia

sua liberdade. Outro, que ainda nas guerras de amor não era armado cavalleiro, passeava a pé á vista de seu cuidado, ora com os olhos na janella, ora com o tento na postura, e galanteria de seu bom trajo: a dama que não trazia ainda aquella affeição em abertas, e publicadas, porque não notassem os que passavam os meneios, e esgares que o mancebo fazia, acenando-lhe se tirou do posto passando-se a uma janella mais pequena que cahia sobre uma esquina das mesmas casas: o galante mais com o tento na mudança, que no caminho, com os olhos no alto, deu com a testa um grande encontro na esquina, de que se esmechou, e atolou em um monte de cal amassada de fresco, que estava arrimado á parede, ficando até os sendaes mais caiado, que cantareira d'Alfama. — A todos pareceram os contos de Solino cheios de graça; e (disse Leonardo) sempre sahe o amor culpado n'estes ferimentos; e não tenho por grande desar todo o que succede á sua conta, que por isso o pintam cego, e são conhecidos por taes os que o servem: porém a mim me parecia que quando o amante perde o tento, e o sentido de tudo o mais, devia ficar só discreto, e avisado para sua dama, que é o objecto em que todo se emprega; que para lhe falar lhe sobejariam razões galantes, respostas obrigadas, termos de subtileza, e galanteria: e eu pela experiencia acho o contrario, que dos noivos, e dos amantes se contam as primeiras porvoices.— Não sei (disse Solino) se dirá agora Pindaro que tomaram isso os namorados dos poetas, como os encarecimentos. — Os poetas (respondeu elle) não são havidos por parvos; e quem lhes quiz fazer todo o mal lhes chamou doidos: o que poderia ser; que o arrebatarem-se, e alhearem-se de si os amantes com affeição, como os poetas com o furor divino que os excita, aprenderiam d'elles. Pelo que o vosso remoque não deu boa chaça: mórmente que esses primeiros erros são de outra geração; e nenhum parentesco tem com a parvoice. Antes é um modo de se atalhar, e suspender um homem o seu entendimento com muita razão; porque não pode dizer cousa, que pareça bem aos outros a primeira vez que fala com aquella a quem ama; que é passo, onde os mais discretos o perdem.— Parece-me que está no certo meu companheiro (disse Feliciano) que eu sei de homens, que en-

tre os outros podiam falar sem medo, terem-no muito grande a estes primeiros encontros; que certo me parece mais respeito que se deve á formosura, que falta que se possa dar em culpa ao entendimento: pois o verdadeiro é que amor o apura, e engrandece; e por este respeito os Athenienses lhe levantaram uma estatua na Academia de Palas como a sabio, a lhe dedicaram uma escola os Samios, significando que só na de amor se alcança com perfeição tudo, o que pelas de mundo variamente se aprende, e com muito discurso de annos se alcança: o aviso no falar, a discrição no escrever, a brandura no conversar, a policia no vestir, a graça no parecer, a cortezania no tratar, a liberalidade no dispender, o esforço no pelejar, a largueza no jogar, a humildade no servir, e a pontualidade no merecer. Do pensamento, e juizo dos amantes sahiram ao mundo as emprezas discretas: as chimeras escuras, as idéas levantadas, os montes avizados, os versos excellentes, os enredos subtis, as cartas galantes, as fabulas bem fingidas, os primores, os extremos, e as finezas tudo é doutrina tirada das escolas de amor. E pois n'ellas se alcança tudo, não é muito que se ache tambem em termo de falar encarecido, e levantado sobre todas as cousas vulgares que tratamos, posto que o juizo d'este acerto se não deve fazer por homens livres d'esta paixão amorosa, se pode haver algum, a quem não coubesse em sorte padecel-a: e bastava sem outros exemplos, fazer a eleição d'ella o sr. Julio, que em todas as partes de côrte e gentileza pode servir de espelho aos mais apurados.— Vós me obrigaes por tantas vias (respondeu o fidalgo) que fico desconfiado de poder pagar nem com encarecimento do que mereceis, nem com a restituição dos louvores injustos que me daes, que só são devidos ao vosso entendimento. E pois a victoria d'esta batalha ficou por elle em meu favor, quero-me aproveitar d'ella, e do cuidado que me deu o dia com me recolher a casa, e fazer mais comprido o repouso da noite. — Essa resolução (disse Leonardo) é em damno de todos: e muito mais de sentir, porque á força nos obrigaes a que consintamos n'elle: mas como em logar de preza trouxestes da caça empreza tão difficultosa, poupaes horas para cuidar n'ella á nossa custa — Antes (respondeu elle)

para reformar no somno as que me desvelei na madrugada.

A isto se levantou; e os mais dando boas noites o iam seguindo, e disse para todos Solino: O senhor D. Julio vae a sonhar com aquelle thesouro encantado que lhe appareceu na fonte; e para este cuidado não quer companhia; que se a communicação dos bens de amor faz muito maior a gloria d'elles nos contentes; aos que só o estão de seu pensamento nenhuma cousa é mais agradavel, que saudosa lembrança.

DIALOGO VI

DA DIFFERENÇA DO AMOR, E DA COBIÇA

Cada um dos amigos ao outro dia fez curiosa diligencia por saber algumas novas da peregrina, que D. Julio tanto encarecera a noite passada; e não achando d'ella nenhuma noticia, tiveram a historia por fingimento. Juntaram-se ás horas acostumadas á porta de Leonardo, a tempo que tambem o fidalgo apparecia, e que o velho os vinha a esperar ao peitoril da escada com um hospede que lhe viera, que era um clerigo de edade, pessoa, e trajo auctorisado; que dos mais foi logo conhecido por ser prior de uma egreja que perto d'alli ficava: sentaram-se agasalhando-o entre si com a devida urbanidade; e depois de lhe perguntarem de sua saude; como estavam com o desejo de tirarem a terreiro a D. Julio, fizeram signal a Solino que começasse; porém Leonardo não deu logar á boa vontade que elle tinha, e se lhe adiantou na pergunta. — Bem cuidava eu, senhor D. Julio, (disse elle) que aquella formosa peregrina era encantada, e que foi traça do vosso entendimento fazer a todos cavalleiros d'essa aventura; porém a mim só a encommendastes; que pela edade pudéra já estar apósentado para tal empreza; eu a tomei por vos obedecer, e andei bem cuidadoso no seguimento d'ella, sem até agora atinar no caminho, em que vos perdestes.— Minha foi só a desgraça (respondeu elle) pois perdi comvosco, e com os mais o credito do que disse, e para meu desejo a glo-

ria do que pudera tornar a vêr em sua formosura.— Essa levantastes vós tanto sobre as estrellas (disse Solino) que se devia de agasalhar com ellas no céo, e enjeitar a pouzada d'esta aldeia.— Parece-me (accudiu o prior) segundo o que vos ouço, que nós podiamos mostrar o jogo; porque a occasião, que me trouxe a este logar, e leve a Lisboa, é uma estranha peregrina que hontem appareceu na nossa aldeia, de cujos successos, e formosura se podiam contar grandes extremos; que já pode ser que seja a de que falaes.

Com esta nova se mostraram os amigos mui alvoroçados, e D. Julio contente; e Leonardo respondeu ao prior: — Não imaginei que tinha tanto bem junto com o de vos ter n'esta casa; affirmo-vos que, se ella não fôra vossa, não poderieis pagar melhor a pouzada, que com tão boas novas: pelo que vos peço que as não dilateis, contando-nos mui particularmente d'essa peregrina, que tem tão obrigados os desejos dos que aqui estamos, como agora pendurados os olhos, e ouvidos do que nos haveis de dizer. — Hontem á tarde (proseguiu o prior) a tempo que já o sol se ia encobrindo com as azas da noite, andava eu continuando com a obrigação da reza á vista da egreja; veiu fazer a oração á porta d'ella, e d'alli ter commigo uma mulher em habito de romeira; que se a minha vida merecera a Deus que mandasse a algum anjo falar commigo, podera imaginar que ella o seria; porque a sua belleza passava os limites do encarecimento humano, e com uma voz, que respondia bem á honestidade do seu rosto, e á humildade do seu trajo, me falou (posto que em lingua extrangeira) de modo que se deixava entender mui sem trabalho: perguntou-me se acharia gasalhado em algum hospital, ou casa de caridade d'aquella terra, em que passasse a noite, e pela manhã guia de confiança para ir ter á cidade, offerecendo que n'ella pagaria bem a quem a encaminhasse. Eu, que no merecimento de sua vista achei que era pouco tudo o que lhe podia offerecer, fiquei enleado; porém lhe disse: Senhora, esta terra é muito pequena; e para o que vós representaes, outra maior me parecera limitada. Eu, posto que sacerdote, e d'esta edade, tenho em minha casa uma irmã viuva, e sobrinhas, que vos saberão servir melhor que as naturaes

da aldeia; fazei-me mercê de aceitardes a pousada, qual ella é, e, á conta do que faltar ao que vós mereceis, supprirá a vontade que é muito grande. Ella me deu as graças do offerecimento com poucas palavras, mostrando que o acceitava: vim com ella a minha casa, onde foi agasalhada, e servida com grande gosto, pelo que as moças tinham de se estarem revendo das graças de sua belleza. Depois da ceia, em que a peregrina fez pouco damno, lhe pedimos nos nos contasse a causa de sua peregrinação, e como sem companhia viera ter ao nosso logar: e ella mudando a côr em um suspiro, entre algumas lagrimas, e com tão discretas razões, que as não saberei eu agora referir com a perfeição propria (posto que algumas palavras eram de linguagem alheia) contou o seguinte:

Na ilha de Irlanda, e na cidade de Dublin principal de seus estados, no maior enleio, e dissensão dos principes d'ella, que com a differença, e variedade das erradas seitas de Inglaterra, a cujo rei obedecem, vinham em total ruina, e destruição d'aquella provincia, nasci de generosos paes, tão mimosa dos afagos, e enganos da fortuna em meu principio, quanto depois a senti esquiva, e deshumana em minhas desgraças. Não tiveram meus progenitores outro fructo, em que empregassem o amor paternal, (que faziam notavel excesso á qualidade de seu sangue) mais que a mim, que com esta boa sorte era invejada de todas as de minha edade, e pretendida dos mais illustres mancebos de toda Irlanda. No melhor de meus tenros annos, que a estes costuma morder sempre por varios modos a inveja venenosa da dura parca, de uma arrebatada enfermidade perdeu minha mãe a vida; e eu como ainda na minha não provara outros males, senti este primeiro com grande pena: mas como a sorte m'o ordenara para ensaio de novas desgraças, depois de me ter encetado o soffrimento; em poucos mezes depois perdi meu pae, e senhor, a quem muito amava, e fiquei mettida entre parentes cubiçosos de minha herança, e amantes fingidos, que obrigados das riquezas d'ella me procuravam por esposa. Tinha eu a todos, os que me offereciam, pouca vontade; e grande obrigação de tomar estado conveniente aos respeitos de minha nobreza. E como os favores, em que me creei, me ensinaram a ser

altiva (que este é um dos grandes damnos que faz a prosperidade) puz o pensamento em quem com despreso, e ingratidão castigou minha arrogancia: havia n'aquella mesma cidade um principe, mui chegado por descendencia ao sangue real de Bretanha, cheio de muitas graças da natureza; que, ainda que me era muito desegual por nascimento, tinha tão poucos bens da fortuna, que fazia eu no meu dote confiança para o pretender. Alcançou elle d'isto alguns signaes, que teve em pouco; não advertindo que a vontade de uma dama sempre põe em duvida a um espirito generoso, que conhece o preço d'ellas. Succedeu pois que, tendo eu já de minha pretenção poucas esperanças, o elegeram os da ilha de Lister, Ragrim, e das mais da parte oriental de Irlanda, por capitão de uma armada de corsarios, afim de fazerem uma preza muito importante no mar Oceano: e como ás vezes o castigo dos maus intentos é a mesma fortuna, (posto que outras como cega os favorece) se perdeu esta armada com uma tormenta, na qual a maior parte da gente pereceu; e a que ficou do miseravel naufragio se salvou em uma enseada, onde foi captiva de um turco corsario, que a levou a Argel, e alli por o pouco segredo dos seus ficou o seu general conhecido por quem era; e como o sangue, d'onde descendia, junto ao cargo que levava, o faziam de mór preço para os que o captivaram, ficou impossibilitado o seu resgate, e elle sem remedio n'aquella prisão alguns annos: até que a necessidade, e aperto d'ella me aconselharam que de novo emprehendesse o de que com seus despresos desconfiara, mandando lhe offerecer liberalmente meu dote para resgate de sua liberdade. E elle com o desejo d'ella, e obrigado d'esta lembrança, tendo por menores grilhões os que de novo lhe punha, que os que elle trazia, aceitou a offerta, e me mandou em satisfação um escripto, em que me jurava por sua esposa. Puz eu, sem mais cautella, em execução o meu intento, perdendo a affeição ás muitas riquezas, que tinha, pela honra e contentamento, que d'aquelles desposorios esperava. Tornou livre á sua patria, e mudou de improviso a tenção que fingira para alcançar o remedio á custa do meu engano. Estranhou-lhe o mundo esta crueldade: e os meus vendo-me sem dote, e sem marido, e, o que o havia de ser, tão ingra-

to, e na opinião de todos tão culpado, me levaram a o demandar por justiça nos tribunaes supremos, onde, depois de convencido, me foi julgado por devedor, e por esposo. Mas como a minha vontade não era que elle fôsse contra a sua, esperei o tempo mais conveniente para a declarar. Obrigado emfim da justiça, e, depois d'ella, rendido aos conselhos dos principaes parentes que o tratavam; o dia, em que se havia de desposar comigo, cumprindo por sentença a palavra que me tinha dado, antes de lhe dar a mão, metti na sua um papel em logar da minha, que era quitação plenaria de tudo o que por elle déra, e juntamente do que elle com tanta ingratidão recusara, escolhendo para castigo de minha altiveza a humildade da religião mais apertada. Fez isto em toda a ilha grande espanto; e eu com o resto, que do meu dote ficára, aborrecendo a patria como a madrasta, determinei logo buscar em reino alheio segura morada. E porque a fama da religião portugueza, e da famosa cidade de Lisboa, onde muitas religiosas do illustre sangue de Bretanha vivem santamente em clausura, me trazia mais affeiçoado o desejo; mandei por alguns mercadores de confiança o maior cabedal do que possuia a quem até á minha chegada o detivesse; e eu como tive a certeza de este dote mais necessario estar seguro, fugindo ás affrontas, e odio de meus naturaes, me embarquei com o mais que me ficava; e com prospero vento tomei porto em Galiza, e visitei a casa, e sepultura do glorioso apostolo Santiago; d'onde caminhando por terra, livre já dos enredos de minha ventura, não pude escapar á cobiça dos criados que me acompanhavam; que esquecidos da fé que me deviam, e pouco affeiçoados da catholica que professava á sua vista com tanta firmeza, me roubaram as joias, e dinheiro que trazia, deixando me n'estes desvios desamparada. Senti mais esta derradeira desgraça, por ser a que me tomou com a paciencia quasi rendida aos trabalhos da viagem, que venceram o descostume e fraqueza femenina; e tambem por me achar tão só na confusão d'estes caminhos: porém se pelos que parecem tão errados me quer Deus guiar ao mais seguro, eu ponho em suas mãos o soffrimento: e por elle, senhor, vos peço como a ministro seu que em tudo pareceis, que, ainda que vos dê cuidado, me mandeis

d'aqui em companhia de confiança, até onde d'aquellas bemaventuradas religiosas seja conhecida; que á sua vista poderei logo satisfazer a diligencia: a vós pagará o céo este trabalho, e a estas senhoras o amor com que favorecem o meu desamparo; que a maior consolação, que devem ter os perseguidos da sorte, é saber que a todo o tempo, que se acolherem a Deus, acham n'elle brandura; e que tem á sua conta pagar largamente as boas obras, que no decurso de seus trabalhos receberam.

Esta historia contou a peregrina com os olhos cheios de agua, com que orvalhava de quando em quando as rosas do seu rosto; e a nenhum dos que alli estavam faltaram lagrimas. Eu lhe disse: Senhora, se o estado que buscaes com tanto desejo, não fôra melhor que o que vos roubou a ventura, muito era para sentir a que vos offende. Porém como o caminho dos que Deus escolhe é tão differente do que seguem aquelles que lhe vão fugindo; não podeis n'este ter maior seguro, que saber que vos acompanha nos trabalhos presentes, e vos ha de dar o galardão e premio de todos: e para que eu tenha n'elles alguma parte de merecimento, me offereço ao remedio dos que ficam até tomardes logar n'essa clausura. Lisboa é terra grande; e a muita confusão da gente e trafego d'ella a faz embaraçada; e vós é razão que com a decencia e commodidade, que vossa pessoa e qualidade requer, vos deis a conhecer. Pelo que, se quizerdes descançar com estas minhas parentas, e já criadas vossas n'esta aldeia, eu irei á cidade, e procurarei servir-vos com todo o cuidado. Isto me agradeceu a estrangeira com muito boas palavras, mostrando tambem nas côres do rosto singnaes de obrigação. E hoje, antes da minha partida, me fez uma lembrança do que por sua parte havia de perguntar. No caminho me atalhou a jornada uma occasião forçosa, que me fez passar a noite tão perto de casa como vêdes, mas com o maior interesse que podia esperar: pois, além das mercês do senhor Leonardo, goso a conversação de tantos amigos e senhores, que é fim, a que se podiam dirigir outras jornadas maiores.—Já agora (disse D. Julio) não serão tão culpados meus extremos; pois nos que disse o senhor prior da peregrina ficam acreditados; e passam as suas obras tanto

adiante das minhas palavras, que deixa a sua egreja e familia para por a servir no que eu nem ainda me soube offerecer: e contou ao prior o como encontrara, andando á caça, a mesma estrangeira, e o que n'aquella conversação tinha passado sobre os louvores, com que elle quizera pintar sua formosura.—Nenhuns lhe podieis dar (proseguiu elle) que não ficassem os maiores encarecimentos devendo muito á verdade: e o maior espanto, que eu achei nos de sua gentileza, foi que, sendo ella tal, houvesse um homem bem nascido, que sobre obrigações tão forçosas a despresasse.—Isso (tornou D. Julio) não tenho eu por espanto; que d'esse modo se costuma vingar a sorte da naturesa, quando na perfeição de suas obras a não pode egualar: mais se me representa a mim que seria o homem nobre, e sem entendimento, como ha muitos, pois fugiu de tantos e tão poderosos attributos, como eram formosura, riqueza, magnificencia, cortezia, e humanidade, todos empregados em seu favor.—E a mim (acudiu Solino) me pareceu ingrato, mas discreto, fugindo o jugo de uma mulher que lhe ficava sendo duas vezes senhora, uma pelos poderes naturaes de sua belleza, e outra por a divida, e preço de seu resgate.—O meu voto é (disse Pindaro) mui differente; antes jugo que o que o homem aceitou por necessitado, veiu a enjeitar por cubiçoso, vendo que se dispendera com sua liberdade o dote que dourava as perfeições de sua esposa; que nunca deixara de o ser, se fôra tão rica como no principio, em que o libertou; porque a cobiça e o amor são grandes competidores.—Não me descontentam as opiniões (disse Leonardo) mas já que vos entalastes entre esses dois inimigos do socego humano, seja a questão e a materia da conversação da noite á conta d'elles. E perguntou ao doutor, qual dos dois é mais poderoso, e obriga os homens a maiores extremos?

—Se houvessemos de dar credito (respondeu o doutor) á experiencia, e tomar os successos do mundo por argumento, como poucas porfias se manifestará a verdade da vossa pergunta: mas tratando primeiro das razões, vejamos em que se parecem, e os poderes em que as antigos igualaram o amor, e a cubiça; que de ambos deixaram jeroglificos, e figuras. Pintaram pois ao amor menino, formoso, com os olhos tapados, des-

pido, com azas nos hombros, e armado de arco e settas: menino, por facil e fagueiro; formoso, porque a belleza é o objecto dos amantes; despido, porque se não póde encobrir; cego, porque não vê, nem conhece a razão; com azas nos hombros, por ligeiro, e mudavel; armado, por forte, poderoso e cruel. A cubiça pintaram-a mulher, despida, com os olhos tapados, e azas nos hombros. Despida, pela facilidade com que por seus effeitos se descobre; cega, porque não vê nenhum respeito humano em rasão do que deseja; com azas pela velocidade com que segue aquelle objecto, que debaixo da especie de proveito se lhe representa. Assim que só nas armas, e no sexo feminino achamos na pintura differença: porém se considerarmos os effeitos da cubiça, ou foi que na pintura de mulher as quizeram cifrar todas, ou que lhes faltou lugar para tantas armas; porque se amor é forte e poderoso, e vence a tudo, como disse o poeta; o mesmo confessa que a todas os extremos fórça, e obriga a sede do ouro aos humanos; se a amor como a poderoso o fingiram Deus cruel, como diz o poeta Seneca; não só a cubiça é Deus do avarento e cubiçoso, mas o mesmo ouro que deseja, como d'elles disse um doutor santo; se lhe chamam cruel pelos damnos que no mundo fizeram seus poderes, mais reinos assolados, cidades destruidas, e damnos immortaes se fizeram no mundo por cubiça, que por amor: e antes de chegar aos exemplos, com que se póde provar esta verdade, vejamos em seu nascimento que coisa seja amor humano; e o que é cubiça. A elle chamaram muitos auctores furor; e este definio maravilhosamente um doutor grego, que disse que amor era um desejo irracional, que facilmente se emprega, e com grande difficuldade se perde. E da cubiça escreve outro mais moderno, que é um appetite fóra da medida certa, que ensina a razão; que não tem modo, nem fim. E certo que cada um d'elles podia trocar com o outro esta definição, sem ficar enganado; porque o mesmo é excesso de um desejo irracional, que appetite fóra dos limites da rasão: e o mesmo ser leve em se empregar, e deixar-se com difficuldade, que não ter modo, nem fim, Mas posto que na pintura, e nascimento os podiamos igualar, os effeitos da cubiça são com mais força, e vehemencia, que os do amor;

porque, se faz cego o amante para perder o lume da razão, todavia não o faz vil, antes o engrandece; e o cubiçoso é cego para não vêr razão, nem honra, e para se abaixar a todas as infamias, a que se sujeita o interesse: se o pintam despido para se não poder encobrir, com mais vergonhosas mostras se pinta a cubiça: o que na mesma pintura de mulher está declarado. Se é ligeiro o amor para se empregar, com tudo busca sempre a formosura como objecto seu, e obra a que honrou a mesma natureza: e a cubiça se emprega nas mais humildes e indignas coisas da terra, como d'ellas possa tirar fructo o cubiçoso: que a Tito cheirava bem o dinheiro que cobrava das immundicias de Roma; e no que são atrevimentos e ousadias, muito atraz ficaram os amantes dos cubiçosos. Romper as entranhas da terra, e chegar á vista do inferno por tirar ouro: descer ao fundo do mar por buscar perolas, descobrir novas regiões, soffrer climas estranhos, e barbaras gentes para adquirir commercios, obras foram de cubiça e não de amor, como tambem o foi a navegação, que na empreza do Velocino d'ouro começou: e se amor é cruel, muito menos o parece nas obras que a cubiça, pois elle ao amante offende com suavidade amorosa, e aos estranhos com animo compassivo tanto mais nobre, quanto elle o é mais, que a cubiça, que mata no mundo mais homens em um só dia, que o amor em muitos annos. Assim que a meu ver em competencia, ella tem mais poderes, e na semelhança se parece tanto com o amor, que é elle mesmo; mas com tal differença, que elle ama a formosura humana, e a cubiça a riqueza.

— Não consinto (disse o prior) que o vosso entendimento faça tão grande aggravo ao amor, como é igualar com elle a cubiça: porque quando em poderes tenham grande semelhança, na nobreza e nascimento tem muito maior desegualdade; que posto que o amor considerado como appetite carnal seja excesso de um desejo fóra da razão; significado como affeição humana, é um força que ajunta, ou deseja unir duas vidas em uma, a do amante e da coisa amada, e é este amor tão natural a todos, que é defeito e torpeza não saber amar, como diz S. Chrysostomo. E pelo contrario Aristoteles chamou a cubiça desejo fóra da natureza. O

amor nasce tão nobremente, que tem por objecto a belleza humana, e os dotes naturaes mais excellentes como são graça, juizo, parecer, e perfeição: e assim diz S. Agostinho, que amamos coisas boas, porém com amor mal intencionado. E a cubiça como é vicio do entendimento, e appetite preternatural, sempre é mal nascida, e inclinada a coisas baixas. Assim que sejam os poderes, e as pinturas quão parecidas quizerdes; são as naturezas de ambos mui differentes.—Parece-me, senhor doutor (disse Feliciano) que aquella razão ha de achar muitos votos contra o vosso, porém eu por me pegar ao melhor parado, nem quero ir contra elle, nem hei de encontrar o do senhor prior, antes ajudado da doutrina de ambos accrescentarei o meu pouco, mettendo-me entre tão boas partes pela de amor; e digo que posto que elle e a cubiça sejam semelhantes no poder, no que é amar são em tudo deseguaes, porque não se ama a coisa que pelo que é, e por amor de si propria se não ama; e menos se póde amar a que se não conhece: e assim seria erro chamar amor ao do cubiçoso, que se emprega em coisas que por si não merecem amor, e em outras, de que não tem nenhum conhecimento: amar a uma pessoa, que obriga e sujeita a nossa vontade, é ter-lhe amor por qual ella é, e por essa a desejamos unir comnosco, por natural appetite: mas empregar a affeição no dinheiro, e no ouro, que não amamos pelo que é, senão pelo que com elle se alcança, não póde ser amor. E menos o será amar o que ainda não conhecemos, como faz o cubiçoso a muitas coisas que não vio, pelo interesse que d'ellas espera. E não tratando ainda, de que o amor não se considera só no que ama, senão tambem na coisa amada; e que falta corrospondencia, sendo essa insensivel: o amor todo se emprega no interesse dos sentidos; e este falta em todos elles ao cubiçoso: porque, se a sua temerosa côr o cativara, nem d'essa o deixa usar o seu cativeiro. D'onde veio dizer o poeta Horacio que o ouro para os avaros não tinha côr, porque o enterram segunda vez, pois por essa e por seu nascimento lhe podem chamar desenterrado: nem com a voz deleita os ouvidos, nem com a suavidade do cheiro recrea, nem com o tacto agrada, nem com o gosto satisfaz. Diga-o Midas, que o pediu aos Deozes por dom; e co-

mo lhe ficou por mantimento, perecia na abundancia do que tanto desejara. Diga-o Pithio, o qual deu a el-rei Dario o platano e videira de ouro: o gosto, que achou na ceia que sua mulher lhe ordenára: o qual com sua demasiada cubiça não dava lugar aos seus cidadãos de se empregarem em outro trabalho mais, que em beneficiar as minas do ouro, em cuja ruina muitos d'elles miseravelmente pereciam: pelo que, vendo as matronas da cidade tanto damno, foram juntas pedir á mulher de Pithio que, compadecendo-se de tão grande mal, rogasse por ellas a seu marido, pedindo-lhe que désse aos seus melhor tratamento: e ella, a quem não faltava entendimento, nem piedade, conhecendo que era vão vencer com rogos a sua cubiça, ordenou a Pithio uma ceia esplendida em um dia de festa; na qual todas as eguarias, que lhe deu, eram formadas de ouro. Alegrou-se muito com ellas na primeira vista, e com a magnificencia do apparato, com que lh'as apresentavam: porém quando pelo discurso do banquete não viu nenhuma de que podesse comer, perguntou pelas eguarias verdadeiras, confessando d'aquellas que eram fingidas. Como (respondeu então a sabia matrona) queres que te apresente outra comida, se só no cuidado da que tens deante occupas a todos teus vassallos, pois se não lavram os campos, nem se cultivam as arvores, nem se pescam os rios, nem se caçam as aves, nem se criam os animaes, pelo exercicio continuo de tirar ouro? Contenta-te tambem com o fructo d'elle por mantimento. E com este ardil emendou em alguma parte sua demasia.

Bem parece que entendia esta verdade Halaono imperador da Tartaria, que vencendo, em Baldaco, o Califa mestre da seita Mahometica, que era o mais poderoso rico, que então havia no mundo, vendo que, por se não ajudar de suas riquezas, e as não despender em soldo, não tivera resistencia contra o exercito dos Tartaros; depois de captivo o mandou metter em uma camara entre o ouro e joias preciosas, que antes tinha, sem lhe mandar dar outro mantimento, dizendo que d'aquelle comesse á sua vontade: e assim entre a grande abundancia de suas riquezas o miseravel Califa morreu de fome.

Pois se o ouro por si não póde satisfazer ao gosto,

nem deleitar sentido senão com o engano do que com elle alcança, como póde ser capaz de amar?

— Vós (disse Pindaro) temestes ao doutor; porém não o seguistes: e eu ajudado do vosso receio, e da sua autoridade, me hei de valer da primeira opinião que propoz, e é que o amante e o cubiçoso não differem mais no amor, que no emprego d'elle; e para isto me fundo em uma opinião moderna, que tem por si muitas auctoridades antigas; e é que nenhuma pessoa ama mais a outra, que a si mesma, nem póde ter amor a outro, se primeiro se não amar a si; e do amor que se tem, nasce o desejar e amar as coisas a que se affeiçoa, e inclina mais a sua natureza: amo isto, porque me parece bem, e o quero unir a mim, pelo que me quero, e desejo tudo o que me agrada e satisfaz por meu respeito; e por isso chamaram ao amigo uma alma em dois corpos, e, como diz o proverbio, *o amigo é outro eu;* quero-lhe tudo o que para mim quero, e amo-o como a minha alma unida com a sua. E Aristoteles diz que o amigo se ha de egualar no amor com o que cada um tem a si: logo tanto quer e deseja o amante o objecto da belleza, em que se emprega, como o cubiboso o ouro, que quer para si. E quanto á objecção de que o ouro senão ama pelo que é, senão pelo que vale, e por o que com elle se compra e alcança, os vossos mesmos exemplos dirão por mim o contrario; que o cubiçoso, e avaro antes perderá a vida, que resgatal-a com o ouro, a que quer mais que a ella; e antes perece á fome, que satisfazel-a com dispender o que tem em mais estima que a fartura; que para elle é mór damno gastar, que todos os outros; como Lucilo conta de um avarento chamado Hermones, que, sonhando uma noite que gastara certa quantidade de dinheiro, foi tanta a sua paixão e dôr, que, cuidando que era verdade, se afogou. E assim diz S. Jeronymo que tanta necessidade tem o cubiçoso do que possue, como do que lhe falta, pois lhe falta animo para usar d'elle: e diz n'outro lugar que só a avareza e cubiça fez no mundo pobres, porque assás o é mais, que todos, o que tudo deseja; e possuindo mendiga, e padece como se lhe faltára. Logo certo é que o ouro ama o cubiçoso, e não já o que com elle se compra; pois o não quer para comprar, senão para o possuir. E respondendo á deleitação dos sentidos,

que o amor humano offerece, e na cubiça falta, ousarei a dizer que o ouro, ainda enterrado, parece melhor ao cubiçoso, que ao amante a formusura que appetece; e que é mais suave a seus ouvidos o rumor, e tinido do dinheiro, que a brandura de todos os requebros, e galanterias namoradas; e que nenhum gosto para elle é egual com o que tem de tocar, tratar, e revolver-se entre o mesmo dinheiro: o que se pode ver com grande admiração n'aquelle afamado cubiçoso o imperador Caligula, que, depois que a muitos obrigou que o instituissem por herdeiro, aos quaes, depois de testarem, fez matar com peçonha (rindo-se de haver homem que quizesse viver mais depois de haver testado) atraz de em sua casa instituir publica mancebia de todos os vicios, de que tirava um copioso tributo, se lançava despido entre o dinheiro. que d'estas infames obras procedia; dando sobre elle mil voltas, tinha em menos conta todas as outras delicias, que os homens a preço do dinheiro procuravam. Certo é logo que o ouro ama, e a elle quer, e com elle se deleita o avaro e cubiçoso; que, se o desejára para o empregar em o que com elle se alcança, perdera o primeiro nome, e podera merecer o de rico, prudente, e liberal porque o ouro, e as riquezas, como diz S. Leão Papa, não são boas de si, nem más; mas o bom ou mau uso d'elles engrandece, ou desacredita a quem as possue: e assim não é rico o que muito tem, senão o que com o que tem se contenta: e não ha maior pobreza, que, por empregar o desejo em um baixo metal, que sem bom uso não presta, deixarem os homens o muito que com sua valia poderam adquirir.

— Todos (disse Solino) deram sua pancada a esta lebre; Leonardo, que a levantou, deixou-se ficar no covil; e eu fiquei atraz dos galgos sem dar um brado; farei muito, se agora quizer desmanchar o bemdito de todos. Comtudo a minha opinião é que quanto tendes feito na grandeza e poderes da cubiça é errado, e que se haviam de attribuir ao ouro, e não a ella. E tratando da pintura, em que a embaraçastes, e quizestes assemelhar com o amor, tenho por mui errada a declaração d'ella: e posto que seja contradizer a tão grandes entendimentos, a hei de explicar

ao meu modo, que me parece que a pintaram os antigos: mulher por sua fraqueza; pois é tal, que se rende a qualquer pequeno, e vil interesse; despida como desvergonhada, por quão sem respeito, nem moderação se atreve a commetter qualquer infamia; com azas por a ligeireza, com que se arremessa a qualquer preza como ave de rapina; cega por pedinte, mendiga, e importuna: e se isto não é venho a presumir que a fingiram com o rosto de mulher, e as pennas de ave como a harpia, que na etymologia propria do seu nome manifesta o roubo e condição do cubiçoso: e assim como a harpia damna, e descompõe todos os manjares a que chega, assim a cubiça estraga e corrompe todas as virtudes: pelo que me parece que nenhum parentesco tem com amor, que na nobreza é tão desegual, e pelos louvores de sua excellencia tão conhecido. O a que se podera voltar a nossa porfia, e arguir mil historias extremadas, é a tratar dos poderes do ouro, e da valia do interesse, que já nos tempos antigos, e no presente de agora, pode tanto, que obrigou a dizer a um auctor que esta é a verdadeira edade do ouro, porque só elle senhoreia os animos dos homens. E viera isto mais ao proposito da vossa peregrina, que com elle e sua formosura não pôde vencer a um coração ingrato. — A mim me parece (respondeu Leonardo) que vós tinheis mui boa razão se a não guardareis para tão tarde: porém em a noite d'amanhã se lhe fará justiça; que n'esta é rasão que se dê ao hospede logar conveniente para o repouso, pois ha de ir á cidade e voltar no mesmo dia. — Por não mandar em casa alheia (disse o prior) não defendo a minha parte; mas prommetto, se voltar a horas que possa passar a noite tão bem como esta, de a não perder.

Então se levantaram os mais e se despediram; e o prior gastou muitas palavras em manifestar a Leonardo a inveja que tivera d'aquella companhia: ao que elle respondeu com a que a todos fazia com a vista da peregrina, que lhe ficára em casa, que posto que a boa conversação é manjar da alma, a vista de uma estranha formosura, que rouba as de todos, tem muito maior poder sobre o desejo.

DIALOGO VII

DOS PODERES DO OURO E DO INTERESSE

No mesmo tempo, em que os amigos se juntaram para o seu costumado exercicio, se apeava o prior no pateo de Leonardo; que o desejo que lhe causara a noite do dia d'antes o fez tornar mais cedo da cidade. Foi recebido com alegria: e depois de lhe pergnutarem do bom successo de sua jornada, lhe disse Solino; — Agora vejo que roubou a ventura a empreza d'aquella peregrina ao sr. D. Julio: pois a deu a quem a deixa de vêr por nos ouvir. — Antes vereis (respondeu o prior) quão poderoso é o ouro, que até para ouvir falar n'ella deixo a propria casa, e n'ella a vista de tão extremada formosura. — Não sois vós (acudiu Leonardo) o primeiro que a deixastes por ouro, nem usaes-n'esta occasião como avarento, pois que vindes com esse titulo de cobiça enriquecer a todos, e a esta casa. — Vós (respondeu elle) me individaes para me empobrecer com a mercê e cortezia que me fazeis; de maneira que sempre o meu erro é dourado para contentar os cobiçosos, quando pareça a Solino culpa deixar a vista da minha hospeda pelo interesse da vossa conversação. — Não é só elle o que vos accusa (disse D. Julio) antes eu de a vós deixardes me queixo, ainda que de a acompanhardes tinha ciumes. — Só esses faltavam (tornou Solino) para a conversação ficar de ouro e de azul; mas se d'este se batera moeda, nenhum de nós se queixára de pobre, porque a dos comprimentos é a mais corrente de todas. Porque o maior mal que o avaro faz ao ouro é impedir-lhe a corrente com a prisão em que o encerra, podendo com elle até ás prisões fazer agradaveis e formosas, que para isso imagino que se inventaram as cadeias e grilhões de ouro, que d'elle servem para ornato, e dos outros metaes para castigo. — Não me descontenta essa razão (disse Leonardo), porque esse ouro quando sahe da mina, antes de o pôrem em seus quilates, chamam os artifices *ouro bruto*, quanto com mais razão merece este nome o que o avarento tem escondido e fechado? E a este proposito me cabe contar

uma historia que li esta manhã; e se fôr sobejo, pelo que callei a noite passada, se póde descontar o que agora disser.

Houve em Italia, em um dos mais conhecidos logares d'ella um honrado pae de familia, nobilissimo por geração, rico de bens procedidos da herança e nobreza antiga de seus antepassados, dotado de muitas partes, e graças da natureza, e tão liberal do que possuia, que mais parecia dispenseiro das riquezas, que carcereiro d'ellas. Teve este em sua mocidade um filho tão industrioso e experto nos negocios de mercancia, que ajuntou em poucos annos grande copia de dinheiro, o qual elle guardava com tão solicito cuidado, como costumam os que com cobiça e trabalhos o adquiriram: e era notavel espanto aos naturaes verem em um velho a largueza e liberalidade de mancebo; e em o filho a avareza e tenacidade de velho. O pae, que o via responder tão mal a suas inclinações, e que já com a edade e continuação de gastar largo, estava menos rico, muitas as vezes lhe dizia e aconselhava com brandura que conservasse, com o que ganhara, a honra que tinha de seus passados; e não degenerasse d'elles, por seguir a villeza do interesse: que usasse das riquezas como nobre, e favorecesse a velhice de quem o creára, e honrasse aos pequenos irmãos que tinha: que fosse proveitoso aos amigos e parentes: benigno aos pobres e se não captivasse ao trabalho de enthesourar riquezas sem fructo. Mas como falar a um morto, e aconselhar a um avarento é cuidado vão, nenhum effeito faziam os paternos rogos em sua má natureza. Succedeu que o senado d'aquella republica por a nobreza, e pessoa do mancebo, e pela industria e sagacidade que mostrava, o elegeram em companhia de outros para ir com uma embaixada a Roma ao Summo Pontifice. Depois de sua partida, vendo o pae occasião ao que havia muito que desejava, mandou secretamente fazer chaves falsas, com que entrou na camara do filho; e abriu os cofres em que aquelle inutil thesouro estava depositado; e com a brevidade que o desejo lhe pedia, vestiu a si, a sua mulher e filhos custosamente; deu libré a seus creados; comprou ricas armações e baixellas: encheu a estrebaria de cavallos formosos; fez esmolas a muitos pobres; acudiu em occasiões a parentes e

amigos necessitados; dispendeu emfim aquella prata e ouro que o filho com muitas vigilias ajuntára da maneira em que elle, quando florescia em riquezas usava d'ellas. Gastado o dinheiro encheu os saccos em que antes estava, de miudos seixos e areia: e posto tudo na mesma ordem em que o filho o deixára, tornou a fechar os cofres e as casas como d'antes. Tornou depois o filho da sua embaixada: e os pequenos irmãos o foram esperar á entrada da cidade vestidos custosamente, e com o magnifico apparato de que então usavam. Vendo-se o irmão rodeado d'elles ficou confuso; e enleado lhes perguntou logo d'onde houveram tão ricos vestidos, e tão formosos cavallos. Ao que elles com uma simplicidade innocente responderam que seu pae e senhor vivia com differente largueza da que d'antes tinha; e que outros trajos e cavallos de maior preço lhe ficavam. Entrando depois em casa de seu pae, nem a ella, nem a elle conhecia, pelo differente estado em que a deixára: e como esta mudança se lhe não aquietava o coração, foi-se com muita pressa aonde o tinha posto. Entrou na sua camara, abriu os cofres: e vendo que os saccos estavam cheios, e da maneira que elle os deixára, se aquietou, porque não dava logar a mais vagarosa experiencia a pressa com que os companheiros o chamavam, e o senado o esperava. Depois que deu fim a aquella obrigação (que a elle não pareceu que fosse tão custosa) fechando-se devagar no seu aposento, abriu as arcas e os saccos, em que lhe parecia que estava a sua bemaventurança; e vendo o engano da areia e seixos que dentro tinham, começou a gritar com grandes lamentações e brados. A que primeiro, que todos, acudiu o generoso velho, perguntando-lhe que tinha? de que se queixava? e quem o offendera? Ai de mim (disse elle) que me roubaram as riquezas, que com tantos trabalhos, e em tão largo discurso de annos tinha grangeadas. Como é possivel que te roubaram (respondeu o pae) se eu vejo esses cofres e saccos cheios, que parece que não podiam tirar nada d'elles, nem elles levarem mais? Ai triste de mim (tornou o filho) que o de que elles estão cheios, não é do ouro e prata, com que os deixei; que não tem agora mais que pedras e areia sem proveito. A isto respondeu o generoso pae, sem no rosto fazer mudança: Ah!

enganado filho! que importava para ti que estes saccos estivessem cheios de ouro fino ou de areia grossa, se a tua avareza te não deixava fazer nas obras differença d'ella? Cessaram os brados, mas não já o sentimento do filho com esta resposta; que a mim me pareceu digna de ser contada entre as mais celebres do mundo.

— Eu a tenho por tal (disse o prior), e a historia por maravilhosa para o nosso intento; e andou muito bem o pae de cumprir em vida o testamento do filho; porque, como disse Pub. Mimio, nenhuma cousa o avaro faz boa, senão quando morre, porque deixa o que tem a quem possa usar d'elle.—E o mesmo (disse Feliciano) escreveu que para ninguem o avarento é bom: e para si peor que para todos; pois não dispende, nem se aproveita: e n'este sentido me parece maravilhosa a allegoria d'aquella engenhosa fabula de Midas, que, pedindo aos deuses, como cubiçoso, que tudo o que tocasse se lhe convertesse em ouro, perecia de fome na grande abundancia do que pedira. E quando a necessidade o fez mudar a petição forçado do mal, que como bem procurára, lhe mandaram que se fosse lavar ao rio Pactolo; que fez corrente do que elle queria fazer estanque, pondo em suas douradas areias, para communicar a todos, o que Midas só para si queria ter usurpado. — Bem se representou em Midas (accrescentou Pindaro) um cubiçoso no pedir e em se não aproveitar: que por isso disse Seneca que mais facilmente se atreveria a alcançar da fortuna que désse, que de um cubiçoso que não pedisse. Mas deixemol-as a elles com seu engano, e falemos nos poderes do ouro, que é o para que Solino nos convidou a noite passada.— Como é certo (disse elle) que para o ouro todos se convidam de boa vontade, e vós, pela que tendes a este metal, parece que estivestes de ponto sobre a materia.—Não a apontei (respondeu Pindaro) por esse respeito, mas por me contentar da que escolhestes; e é desgraça minha que para os outros levantaes d'ouros, e para mim de espadas —Eu me quero metter entre ellas (acudiu D. Julio) e se assim parecer aos mais, diga Solino todos os males do ouro, pois tem boa mão para dizer mal; e Pindaro todos os bens: e sobre o que ambos disserem ficará logar aos mais de darem suas razões.

— Errastes, sr. D. Julio (disse o doutor), que para Solino dizer mal no sentido que vós quereis, ha de dizer bem do ouro, e Pindaro os males. — Dou-me por vencido, respondeu elle: — E eu por obrigado (disse Pindaro) a obedecer. Todos festejaram a eleição; e ordenando que fosse o primeiro, começou d'esta maneira!

Se as causas são pelos effeitos conhecidas, e elles testemunham a excellencia ou maldade d'ellas, qual o foi de maiores males e damnos na redondeza, e metteu aos homens em mais perigosos trabalhos que o ouro, a quem com muita razão podiam todos chamar *peste do mundo?* E posto que os notaveis exemplos das destruições e ruinas que n'elle fez, podiam tomar mais tempo do que agora tenho para tratar d'elle; quero começar primeiro de seu nascimento, para que mostrem os seus arriscados principios os desastrados successos para que a malicia humana o descobriu. E não desprezando o que diz Plinio tão doutamente, que não contentes os homens com o que a superficie da terra produzia para sua recreação e mantimento, a formosura das arvores, a diversidade dos fructos, a belleza e cheiro das flôres, a verdura das hervas, o esmalte das boninas, a abundancia dos legumes; quizeram desentranhar do centro d'ella os segredos que a benigna natureza nos escondia. Nasce o ouro nas entranhas dos montes, e nas arterias occultas dos penedos; e subindo como arvore da profunda raiz, d'onde começa, vae espalhando os ramos em desegual medida, convertendo o sol com seus poderes aquella materia disposta e propinqua, até que chega a ser ouro, e se demonstra por duvidosos signaes na face da terra; que logo d'aquella emprenhidão se mostra triste, dando por indicios da riqueza que encerra, herva descórada, delgada, subtil e sequinhosa areia, e barro leve, secco e sem proveito; e até as aguas, que por entre as veias descem, sahem cruas e com sabor pesado. Espreitando estes signaes a industria humana, entra fazendo guerra ao profundo, caminhando por debaixo dos montes sustentados em columnas da mesma terra, deixando a vista do sol e das estrellas, pondo as vidas ao risco das ruinosas machinas, que mil vezes o opprimem, que tanto a nossa sede fez cruel á benigna terra, que parece menor temeridade tirar do fundo do mar

perolas e aljofar, que do seu seio o inimigo ouro, que ainda então o não é mais que nas esperanças. Depois de tirado com tão custosas diligencias, sahindo como parto de venenosa vibora, rompendo as maternas entranhas, com o fogo se aparta, apura e aperfeiçoa, ficando menos apto para o serviço dos homens, na cultivação dos campos e arvoredos, e mais apparelhado para sua destruição e ruina: porque ou se lavra para ostentações e demasias da vaidade, ou se bate e cunha em moeda, cujo preço tyranisa os poderes e graças da natureza. Tirou o ouro a valia a todas ellas, e fez em si estanque de todos os commercios do mundo, no qual, antes que elle apparecesse, se trocavam as cousas umas por outras, com uma composição e trato mais conforme e obrigado á necessidade e commodos da vida que aos roubos da cubiça, maldades da avareza e sobejidões da vaidade; e apoderou-se tanto de tudo o que na terra havia, que veiu a ser preço até da liberdade dos homens contra o direito natural, em que viviam. Foram crescendo seus atrevimentos: e se antes de sahir do centro da terra começou a matar homens, sahindo d'ella se levantou contra o céo, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes: tirou logo a vara das mãos á justiça: e deitado em sua balança perverteu o fiel de sua egualdade. Diga-o Commodo imperador, que todos os crimes de homicidios e insultos deseguaes, remiu a preço de ouro, vendendo por elle publicamente não só a pena dos delictos, mas os proprios logares dos julgadores. Cerrou os olhos á misericordia, para não se compadecer dos affligidos: como se viu no exercito de Tito Vespaziano, que tendo cercada Jerusalem, os moradores, que opprimidos da fome se sahiam da cidade com licença sua, enguliam primeiro uma pequena moeda de ouro, para que na passagem o pudessem salvar dos inimigos; os quaes sabendo esta astucia, a dois mil, quo em dois dias sahiram da cidade, partiram pelo meio para lhes tirarem do bucho a moeda, por não esperarem que com o termo commum da natureza d'ahi a pouco espaço a lançassem fóra: assim que aquella pequena quantidade de ouro, qual de finissima peçonha, lhes tirou a vida. Derribou a columna, e quebrou os braços á fortaleza, atados com as prisões de seu interesse: diga-o Ulys-

ses que por elle vendeu a Priamo o corpo de Heitor Troyano; e Aulo Posthumio, que a preço de ouro deixou a empreza da guerra de Jurgutha, e a gloria d'ella. Desterrou do mundo a fidelidade; pois por elle vendia Nicias aos romanos a vida de el-rei Pyrrho seu senhor: Demonica a cidade de Efezo a Bresso capitão francez, que de industria a afogou com peso de ouro: Tarpeia Romana, a entrada do Capitolio aos Sabinos, que do mesmo modo com o peso de ouro e dos escudos a acabaram. Depravou a piedade, e veneração que os antigos tinham aos mortos, não perdoando a suas sepulturas, como el-rei Dario, enganado com o letreiro da de Semiramis, que dizia que, se algum rei seu successor se visse em necessidade, abrisse aquella sepultura, e acharia um thesouro: elle confiado creu o letreiro, revolveu a pedra; e achou outro que dizia: *Se não fôras cobiçoso, não andáras desenterrando os mortos.* Os romanos desenterraram os mortos de Corintho para lhes tirarem a moeda que tinham por costume metter comsigo na sepultura; para o que é mais notavel aquelle caso extranho que conta Paulo Diacono, de Rodoaldo rei de Lombardia, o qual, porque seu pae se mandara enterrar com as insignias reaes de ouro, abriu uma noite secretamente a sepultura, e, depois de roubar e despojar o cadaver paterno, lhe appareceu S. João Baptista, em cuja egreja aquelle corpo estava enterrado; e reprehendendo-o rigorosamente, lhe mandou em castigo do atrevimento que commettera, que mais não entrasse n'aquella sua egreja; e assim querendo o rei alguma vez commetter a entrada, foi pelo mesmo santo lançado fóra. O ouro sustenta e favorece a todos os peccados capitaes, a soberba com suas pompas, apparatos e vaidades. As baixellas de Midas, as grandezas de Cresso, os escravos de Claudio, o theatro de Nero, as casas de Clodio, e todos os mais excessos da vangloria d'elle nasceram. A avareza n'elle como em materia propria se conserva e accrescenta; por elle deixava Oco, riquissimo rei dos persas, de sahir de casa por não dar certas moedas de ouro ás mulheres que o sahiam a receber como era costume d'aquelle reino, como conta Plutarcho. Nero despojava por este as matronas bem vestidas, e roubava as tendas dos mercadores: e Angeloto, de quem escreve Pontano que

era tão avaro, que se levantava de noite a furtar a ração a seus proprios cavallos; e sendo achado pelo estribeiro ás escuras no furto, o açoutou cuidando que era dos escravos da estrebaria. A sensualidade com o ouro se cria, pois a força d'elle corrompe a pudicicia, como os antigos engenhosamente significaram na fabula de Danae, a quem Jupiter enganou convertido em chuva de ouro: d'elle nasceram os estupros de Commodo, os incestos de Calligula, as luxurias de Heliogabalo, os adulterios de Julio Cesar; pois só a perola com que conquistou a Sorvilia, mãe de Bruto, lhe custou seiscentos sestercios. Por ouro tem a ira feito abominaveis estragos e homicidios no mundo. Pygmalion matou a seu cunhado Sichueu por lhe roubar o thesouro que tinha. Polimnestor tirou a vida a Polidoro, de quem era tutor, por lhe roubar a herança das riquezas que esperava. As demazias e sordidezas da gula, a delicia e sobejidão dos manjares com elle se comparam.— Das mezas de Cleópatra, das hortas e banquetes de Lucúlo, dos manjares e convites de Heliogábalo elle tem a culpa. A venenosa inveja n'elle, como em seu objecto natural, se emprega toda. Herifile invejosa das manilhas de ouro de Adrasto entregou á morte Amfiarau seu marido; e Julio Cesar invejoso das riquezas da Luzitania, se fez salteador das cidades d'ella. A preguiça e descuido sobre o ouro descança e se aquieta: elle fez preguiçosa e muda a lingua de Demósthenes com o preço que lhe deram por não orar: e o symbolo, e jeroglifico da preguiça foi o kagado, por o vagar e peso com que se move. Que cousa com mais difficuldade e tardança se abala, que um rico? E se a diligencia cahiu em sorte á pobreza, pois a necessidade foi inventora das artes e subtilezas; o peso do ouro entorpece os sentidos empregados todos n'aquella materia: e, por conhecer esta verdade, Crates Thebano o afogou no mar para apprender a philosophia. Pitaco e Anacarso não acceitaram a Cresso o que lhes mandava: Anacreonte tornou a engeitar a Policrates o que lhe déra: e Curio recusou aos Samnitas o grande peso d'elle que lhe traziam.

Foi o ouro finalmente a ruina de todos os bens, que mereciam este nome; e um veneno mortifero para a vida humana: e se muitos a perderam indo em seus

alcances pelo centro da terra, e outros buscando as extranhas, em que elle se cria, por remotos climas entre irracionaes Ethiopes feneceram; não estão seguros do mesmo damno os que dentro em suas casas, e fechado em seus cofres o possuem. E fazendo pausa em seus males (que para os contar todos fôra infinito) só um bem tem o ouro, que eu não quero deixar á conta dos louvores de Solino, que é o que os gregos declararam n'aquelle seu celebrado proverbio, que diz: *O de que serve ao ouro a pedra de toque, serve o ouro ao homem;* pois no toque d'elle, como em um espelho de desenganos, é conhecido: e se elle d'esta minha invectiva se houver por aggravado, vingança lhe tem dado a ventura até do que de seus males me fica por dizer.

Todos ficaram por extremo satisfeitos de ouvir a pratica de Pindaro; e o prior a gabou de bem ordenada, e elegante; e gastaram n'isto algumas razões, tendo os olhos em Solino, que começando a falar com engraçadas mostras os obrigou a silencio, e disse:

— Posto que eu podera dizer do ouro, como a raposa de Ezopo das uvas, a que não chegava; nem quero tomar tão humilde vingança de quem me foge, nem (como alguns costumam) dizer mal de meu proprio desejo: a empreza é facil, e só no muito, que ha para dizer d'ella, difficultosa: porém se a copia aos discretos empobrece, (como um d'elles disse) não pode ser que a do ouro faça effeito tão desegual; pois que n'elle consiste toda a riqueza. Bem o posso invocar como poderoso, e desejar ao menos uma bocca de ouro, de que sahiram dignamente os seus louvores; mas é tão inimigo do que lhe quero, que, por me offender a mim, fugira d'elles. E começando do nascimento d'este desejado metal, que quanto mais queremos culpar engrandecemos: Nasce (como Pindaro disse nas entranhas dos montes, porque até a mesma natureza nos ensinou a fazer d'elle thesouro, pondo tantos muros da terra, para o defender, para que tambem a difficuldade e rareza lhe dê maior valia. Logo sahindo da mina, onde se cria, e provado no fogo, em que se apura, começa a fazer competencia com sua formosa côr ás mais bellas obras da natureza. O mais nobre dos planetas, que é o sol, dourado nos apparece, e o seu luzente carro com raios de ouro allumia a terra: o fogo, mais nobre e poderoso

dos elementos, da sua côr se veste; o arco celeste, que nas tempestades da terra, nos assegura, perfilado de ouro se descobre; as nuvens ao pôr do sol, da sua côr guarnecem os horisontes. As rosas brancas e encarnadas, os lirios roxos, e azues, as cecens brancas, os bem-me-queres, e as boninas com uma roza dourada no meio se guarnecem, e enfeitam para os olhos dos homens; os fructos das arvores, quando chegam á sua desejada perfeição, e as searas na fertilidade de suas espigas se tornam de ouro: e as mais formosas creaturas humanas, com as cabeças douradas, mostram sua belleza; e a esta imitação trazem os principes, e monarchas do mundo o ouro sobre a cabeça; os reis e imperadores nas corôas, os papas nas thiaras, os bispos nas mitras, e as matronas illustres nos toucados, ao pescoço, sobre o peito, e pendurado das orelhas, nos dedos e nos braços, fazendo voluntarias prisões de sua formusura. No culto divino elle orna, e aformosea os templos sagrados, as cruzes, imagens, retabulos, calices, patenas, lampadas, e castiçaes; com elle se adornam os tectos, frizos, columnas, pedestaes, e todos os ornamentos, e vestiduras da egreja. Batido em moeda é preço, e resgate das cousas de maior valia, sem que n'elle se começasse o trato, e commercio do dinheiro; pois antes que o cunhassem de ouro, o houve de prata, cobre, e latão: assim que, sem prejudicar a seus louvores o mal que usam d'elle os avarentos, lhe podiamos com razão chamar formosura do mundo; ornato, e guarnição de todas as virtudes. A humildade carregada de ouro se inclina mais, e é mais formosa, como foi a de Primislau primeiro rei de Bohemia; que no maior poder de sua riqueza, e senhorio, mandava trazer ante si as alparcas de pastor com que se creara, mandando que andassem em morgado a seus descendentes para antidoto contra a soberba da dignidade real. E deixando exemplos estrangeiros, a nossa rainha Santa Izabel, o nosso infante D. Fernando, a nossa infanta D. Sancha, D. Branca e D. Joanna, e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, bem douraram com sua grandeza, e poder a virtude da humildade. Com o ouro se exercita, e põe em pratica a liberalidade, que sem elle parecera virtude sem mãos; que mal as tivera Marco Antonio triumviro para aquelle excesso de magnifi-

ficencia, que usou com um amigo, se o não tivera: porque, mandando-lhe dar pelo seu thesoureiro vinte cinco mil escudos, parecendo ao avarento creado que aquella largueza nascia da ignorancia de seu senhor, lhe mostrou aquella quantidade de dinheiro sobre uma meza, dizendo-lhe que aquillo era o que mandava dar. Mas o romano por desmentir a malicia do thesoureiro (que entendeu logo) lhe disse: Fizeste bem de me avisar; que não cuidei que dava tão pouco: pelo que sobre estes accrescenta outros vinte cinco mil; e dá-lhe cincoenta. O mesmo, e quasi pelo mesmo modo, ouvi que acontecera a um principe de Hespanha com seu pae, mandando dar a uma moça humilde trinta mil cruzados. E vindo aos nossos exemplos: bem dourou e engrandeceu a liberalidade com seus poderes o nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, que nas terras, que conquistava, edificou mais egrejas ricas, que Paços Reaes, e casas pobres: bem o seguiram os mais de seus descendentes em differente modo. D. Pedro o justiçoso com os pobres, que até a manga do braço direito mandava fazer mais larga, e comprida, para alcançar a todos no fazer mercês, como o mesmo rei dizia. Seu filho el-rei D. João o I, foi tão liberal com os vassallos que o serviram, que deixara sem patrimonio a corôa, se el rei D. Duarte seu filho não fizera a lei mental, com que limitou sua largueza. El-rei D. Manuel com os poderes de sua riqueza, e a magnificencia de sua condição assombrou as nações extranhas, e ao nome portuguez fez mais honrado. A castidade mais excellente, e formosa parece guarnecida de ouro, que nos humildes trajos da pobreza; e por isso foi tão louvada em Scipião, que poderoso, rico, e vencedor, quando entrando Carthago lhe offereceram captiva uma formosa dona, e bem nascida, em logar de gosar d'ella a mandou honradamente acompanhada a seu marido com o resgate, que por sua liberdade lhe offereciam. Não faltou esta excellencia em muitas donzellas do sangue real d'este reino, que, deixando riquissimos dotes da ventura, offereceram a Deus este da natureza. E se é celebrado el-rei D. Affonso o Casto em Hespanha, não desmerecia este nome o rei portuguez, que persuadido do seu valoroso animo, e errado conselho, perdeu a vida nos campos africanos. A paciencia quanto é mais lou-

vavel e excellente no poderoso rico, que no miseravel, em quem não tem execução a ira, nem a vingança. Rico e poderoso no mundo era Filippe, rei de Macedonia, que perguntando aos embaixadores athenienses o que lhe queriam, respondeu com inconsideravel liberdade um d'elles, que *vêl o sem vida;* e elle voltando aos outros com muita brandura disse: *Dizei aos Athenienses que mais modesto é quem soffre essas palavras, que os sabios de Athenas, de quem elles se prezam.* E se contam d'el-rei D. Affonso I, rei de Napoles, que, sabendo que um creado seu dizia mal d'elle, lhe fez muitas mercês, com que elle obrigado disse depois de suas obras mil louvores; e o rei avisado d'isto disse: *Folgo que esteja em minha mão dizerem bem de mim:* tambem houve rei em Portugal que em muitas occasiões usou o mesmo termo, como se verá da chronica d'el-rei D. João o II, e de muitas memorias do III, não esquecendo a paciencia d'el-rei D. Diniz com seu filho, e a d'el-rei D. Pedro, sendo principe, com seu pae. A temperança medida por vasos de ouro, e ainda á vista d'elle, é mais estimada; como a de Curio, que com o ouro dos Samnitas deante não deixou a panella de couves, e nabos que cosinhava; antes respondeu aos que lh'o traziam, que não era necessario a quem com tão humildes viandas se sustentava. A sobriedade, e temperança nos nossos reis naturaes é tão louvada, que de mui poucos sabemos que bebessem vinho, e de nenhum que comesse demasiado: e tanto pareceu isto bem ás nações extrangeiras, que a imperatriz D. Leonor, filha d'el-rei D. Duarte de Portugal, e mulher de Frederico III, Imperador de Allemanha, não tendo geração, e averiguando os medicos que por a frialdade d'aquella provincia não concebia, porém que, se bebesse vinho, teriam filhos; ella não consentiu no remedio: e Frederico disse que antes queria sua mulher esteril, que mal acostumada. A caridade, subida sobre columnas de ouro, se levanta sobre as estrellas; e ainda nos que sem lume da Fé a conheceram, com o poder do ouro a sustentaram: como Cimon Atheniense, poderoso, e rico, que mandava abrir as portas aos jardins e pomares, que tinha para que entrassem livremente os necessitados a colher seus fructos: mandava aos seus que, achando algum velho mal vestido trocassem com elle os seus para o melho-

rarem; dava todos os dias banquete publico aos que mendigavam pela cidade; e aos pobres de qualidade sustentava com esmolas secretas. Não foram n'isto os nossos reis e principes portuguezes inferiores, como o testemunhavam os varios hospitaes, mosteiros, casas de caridade, e santos costumes, que deixaram n'este reino, para agasalhar peregrinos, sustentar, e vestir pobres, e curar enfermos e feridos: no que foram, entre os outros, insignes os reis D. Affonso I, D. João I, II, e III, e o insigne cardeal e devoto rei D. Henrique. A' diligencia com muita razão lhe calçaram os antigos esporas douradas, pois o duro estorvo da pobreza, como pintou Alciato, impede as azas e limita os passos á diligencia. Com ouro e com os poderes d'elle conquistaram Alexandre, e Cesar em mui limitados annos a redondeza: o nosso rei D. Diniz com os poderes d'elle accrescentou em seu reino quarenta e quatro villas com castellos e fortalezas; izentou a Ordem de S. Thiago de Portugal; e instituiu a de Christo; e fez os primeiros estudos de Coimbra. E os reis D. João e D. Manuel descobriram, e ganharam para a Fé as terras do Oriente com tanta inveja, como espanto das nações extrangeiras. De maneira que, se os avarentos, que usam mal do ouro e das riquezas, guerream com elle contra as virtudes, nenhuma cousa ha que tanto como elle as engrandeça e alevante. E se os cubiçosos na sua conquista perdem tantas vidas, muitas mais se compram, e resgatam a preço d'elle. E deixando o balsamo de ouro tão admiravel nas feridas, o ouro potavel, tão celebrado dos distilladores nas enfermidades; qual risco da vida, qual perigo ou necessidade d'ella, qual opressão ou captiveiro não remio o ouro? Elle faz a formosura das cidades, a belleza dos edificios, a fortaleza dos exercitos, a bizarria dos trajos, a galanteria das côrtes: com elle se alcançam n'ellas as honras, dignidades, titulos, e privanças, e até os louvores e as mesmas graças da natureza: todos o buscam, o desejam, e o conquistam: e ainda os outros metaes se querem converter n'elle por meio de alquime; os animaes se rendem á sua formosura; pois não ha caça mais certa que a que se toca com laço de ouro, nem melhor pescaria que a que se alcança com anzol d'elle: e é tão grande a força de seus poderes, que se atreveu a dizer

um auctor, que na maior furia de um leão, de um tigre, e de outra qualquer féra, se lhe lançarem moedas de ouro deante, amansarão com ellas sua braveza. E passando por todas as cousas da terra sua valia, podem os ricos subir ao céo por escadas de ouro, e dar-lhe com elle assalto e bataria, pondo as balas e settas d'este metal nas mãos da caridade. E de elle se subir em tanta altura nasce ficar de mim tão longe, como está de ser digno de seus louvores meu humilde talento, que, se fôra de tão illustre metal, tudo alcançara.

A todos pareceu extremada a oração de Solino, posto que alguns a esperavam menos grave, e mais engraçada: e assim lhe disse Leonardo: — Parecestes-me esta noite mais orador insigne, que murmurador galante. Folgo que, errando eu a eleição, acertasseis vós tambem os louvores. — Não vos agradeço (respondeu elle) os que me daes; por quanto d'antemão vos vingastes d'elles. Porém se quereis vêr em outrem com gravidade o que de mim esperaveis como satyra e agudeza, pois os bens e males do ouro estão encetados; diga o senhor prior agora os poderes do interesse, que no successo da sua peregrina achará largo campo para esta materia. — Essa é mui larga (disse o prior) e são passadas muitas horas da noite; e eu me não escusara com ellas, se não imaginara que todas as verdades, que cahem sobre este sujeito, hão de parecer murmuração. Porque dizer que o interesse tudo vence, e a tudo alcança, é sentença antiga, e experiencia moderna; porém, se particularisar os modos e termos, com que batalha, será ir com os dedos aos olhos de muitos. Se disser que o interesse quebrou muitos sceptros reaes, quem se defenderá d'elles? Se affirmar que torce, e derriba varas da justiça, quantas se virarão para castigar-me? Se ousar a dizer que profana as leis, e offende a immunidade das egrejas, temo que até na minha me neguem a entrada. Se contar que é carta de seguro de salteadores, couto de homicidas, torre de facinorosos, e merecimento de descuidados, quantos se levantarão contra minha vontade? Só direi em um conto breve o que de sua valia se pode presumir na necessidade; e será julgar pelas unhas o leão, e pela pisada de Hercules a medida da sua grandeza.

Um homem curioso, bem intencionado, e não mal

entendido, andou alguns annos na milicia do Oriente: e vindo d'elle a este reino para se despachar, trouxe entre algumas cousas de menos valia, que curiosidade, umas imagens de santos, e anjos de marfim, maravilhosamente obrados. E depois de entrar em seu requerimento, deu conta a um amigo, pratico nas cousas da côrte, do estado de seus negocios; aconselhou-o elle como convinha e buscando entre o movel, que trouxera, peça que podesse offerecer a um ministro, com quem tinha intelligencia, lhe inculcava aquelles santos de marfim, que o tinham muito affeiçoado.— Como (disse elle) não trouxestes da India algum pagode, ou idolo de ouro d'esses gentios? — Para que? lhe perguntou o pouco esperto requerente. — Ah, respondeu o amigo, que para o que vós pretendes, e cá se costuma. *Mais podem diabos de ouro, que anjos de marfim.*„ E assim não me parece que está mal o dito vulgar do povo, *que o interesse é diabo.* E pois o tempo é tão curto, seja isto uma cifra do que se pode dizer de seus poderes; que são tão grandes, que a mim me tiram a liberdade de falar, contra o desejo que tenho de vos obedecer. E sendo elles taes, e o ouro o principal interesse de todos, mui bem lhe cabem com os males, que Pindaro d'elle disse, os louvores com que Solino o celebrou fazendo a differença sómente no uso d'elle. Que se Santo Agostinho lhe chamou enfermidade da soberba, fraqueza das virtudes, materia de trabalhos, perigo do possuidor, senhor insoffrivel, e escravo atraiçoado; Santo Ambrosio, laço do demonio; S. Cryzostomo, escola dos vicios, e doença da alma; e se d'elle nasceu a Cresso a soberba, a Heliogábalo e Sardanápalo a luxuria, a Nero a crueldade, a Cómmodo e Vitelio a gula: se por elle Polycrates morreu na forca, Cresso na fogueira, Crasso degolado, Heliogábalo arrastado, e outros ricos tiveram fins semelhantes; não teve a culpa o ouro, senão a má avareza de quem o possuia, ou a cubiçosa sede do que o desejava; pois elle nos animos livres não impede o caminho das virtudes, antes lhes dá forças, lustre e grandeza: como em um Constantino Magno, que enriqueceu a egreja Romana; um Carlos IV, que comprou com elle a vida; um Emmanuel, que honrou o nome Portuguez, e dilatou a fé catholica pelo Oriente; um Lourenço de Medicis, que honrou Florença; um Leo-

nardo Lauredano, que libertou Veneza; um Carlos Brugi, que soccorreu a esterilidade de Flandres; e outros muitos, que o souberam dispender valorosamente. De maneira que n'elle está a condemnação ou a justificação, a morte ou a vida de quem o possue ou deseja. Para o que eu acho extremada aquella historia, que toca Auzonio poeta em um seu epigramma. E é que um homem desesperado com uma paixão, que teve, se hia enforcar em um logar secreto, levando comsigo o baraço, em que havia de deixar a vida. Succedeu que com a força, que fez, cahindo uma parte da terra n'aquelle logar, se lhe descobriu um thesouro; a cuja vista mudou logo o pensamento: e, levando o que achara, deixou em seu logar o baraço que trazia. Vindo depois o que alli o escondera, e achando o menos, e em seu logar a tentatação de sua desventura, fez, porque perdera um thesouro, o que o outro deixou de fazer porque o achara: de modo que a um deu a vida o ouro, a outro matou a avareza d'elle.— Com tão boa historia (accudiu D. Julio levantando-se) é razão que vamos satisfeitos, e deixemos ao senhor prior bem agazalhado, posto que pelo interesse de sua conversação deixara em muitos dos que os outros desejam; porque se a opinião dos cubiçosos deu preço ao ouro e pedraria, á conversação dos sabios o não pode tirar a mesma ventura.

DIALOGO VIII

DOS MOVIMENTOS, E DECORO NO PRATICAR

Foi-se o prior da casa de Leonardo em apparecendo o dia: e n'ella em vindo a noite se ajuntaram os amigos, sentindo grandemente a falta d'aquelle que os deixara. Foi essa a primeira cousa, de que trataram: e entre outras disse Feliciano:— Por todas as razões se devia desejar a conversação de tão discreto, e douto cortezão, como é o prior, em todo o tempo, mas n'este das noites do inverno muito mais: e n'ellas encherá elle muito bem o seu logar; porque, além de saber e auctorisar o que diz com o fundamento das lettras e curiosidade que tem, é muito composto e engraçado no que fala: e por extremo me pareceu bem aquelle modo

de encarecer negando na materia do interesse, e o descrever com brevidade nas historias. — Quanto mais ouvirdes d'elle (lhe respondeu Leonardo) vos parecerá melhor. E sabeis que, antes de trazer aquelles habitos parecia muito bem nos de côrte; e que debaixo dos compridos pode ainda dar lições d'ella a muitos de capa e espada. — Parte é o falar bem (accudiu D. Julio) que leva tudo após si: e não consiste este bem só nas razões discretas e palavras escolhidas, senão no bom modo e graça de as dizer: o que eu comparo a uma cousa escripta de boa ou ruim lettra; que a boa aformosea, e dá ser, côr, e graça ao que lêdes; e a ruim desconcerta, empeça, e afeia as razões, sendo todas umas: e não faltarão mui perto exemplos d'esta verdade. — Fujamos das comparações para a doutrina (disse Pindaro) e melhor fôra ser essa a materia, em que se gastára este serão. — Ainda vôs ficaram sobejos do passado (tornou Solino) pois vos adeantaes da companhia: porém eu a quero fazer ao vosso voto, se ha de ir aos mais. — Nem a mim me descontenta (disse Leonardo) se o doutor nos abrir o caminho. — Sempre (respondeu elle) me mandaes deante como os frades menores nas procissões; quero-os tambem imitar na obediencia: porém lembro-vos que são duas materias as que tocou o sr. D. Julio, convém a saber, a graça, e composição do rosto e corpo no falar, e o concerto das palavras, e discrição das razões. — Essa divisão parece escusada (disse Leonardo) porque a graça não se aprende, nem se pode alcançar por arte, pois é mero dom da natureza — Todas as cousas d'ella (tornou o doutor) se aperfeiçoam e melhoram com a arte: e, para saberdes logo esta verdade, tomarei á minha conta o em que vos parece que ha menos que dizer; e fique á vossa a demazia.

Primeiramente ao movimento, e graça do falar, chamou Marco Tullio *eloquencia do corpo:* e Quintiliano disse que com todas as partes d'elle se ha de ajudar a pratica. E posto que esta doutrina parece que convinha então aos oradores, como agora aos prégadores, uns e outros praticam, e em todo o tempo é necessaria: e assim pintaram alguns o geroglifico da rhetorica com uma mão aberta, outra cerrada. — Muito contraria me parece essa lição (disse D. Julio) á policia da côrte, onde é regra que o homem ha de falar com a lingua,

e ter quieto o corpo e as mãos. — Eu concertarei essa regra com as minhas (replicou o doutor), que o homem no falar nem ha de parecer estatua, nem bonifrate: e logo vereis que o que quero dizer é o mesmo, em que vos quereis anticipar. O primeiro instrumento da pratica é a voz: e, para essa ser engraçada no falar, ha de ter estas propriedades, *Ser clara, branda, cheia, e compassada*: porque a voz escura confunde as palavras, a aspera e secca tira-lhes a suavidade; a muito delgada e feminina faz impropria a acção do que fala; a muito apressada empeça e revolve as razões, que por si podem ser muito boas: não trato das que a natureza inhabilitou para esta perfeição, como é a voz do gago, do cicioso, e do rustico grosseiro: mas na do cortezão tomara eu estes attributos; porque ha alguns que falam com a voz tão mettida por dentro, que deixam as palavras para si, e os ouvintes ás escuras, que lhes é necessario estar espreitando o que lhes querem dizer: e outros, que pronunciam com tanta aspereza, que espinham as orelhas dos que escutam; e outros, que falam tão apressadamente, que parece que levam esporas na lingua. — Entre vozes (disse Solino) tambem eu hei de soltar a minha: e no que é a voz cheia, que dizeis, quizera fazer a differença; porque eu tenho que ainda é peor a muito grossa que a feminina: porque ha homem que, quando fala, mais parece tom de baixo, que espirito de voz. E egualmente aborrece vêr um homem com um rosto como uma peneira, muito versudo da barba e sobrancelhas, sahir com voz de frauta muito exprimida. — O meio (respondeu o doutor) em todas as cousas é a perfeição d'ellas: e se estaes bem lembrado, tambem deixei de fóra a voz grosseira, como a quem a natureza privou da graça no falar. Depois da voz, os olhos dão muito espirito as razões: porque, como elles são as janellas d'alma, por elles se communica vida ás palavras: e assim hão de ser claros, alegres e moviveis; porque os muito intensos, e extendidos entristecem; os muito apertados e franzidos movem a desprezo; os muito abertos, pasmados, e sahidos para fora, fazem temor; e posto que os olhos, por risonhos, nunca perdem a graça, parece que nas praticas graves, e de importancia, não hão de ser muito chocalheiros. — N'isso tendes vós muita razão (disse D. Julio), que ha homens,

que dão olhado ao que falam: porém não vos esqueçaes das sobrancelhas. — Tambem a acção do falar toma muito d'ellas (tornou o doutor) porque franzidas fazem carranca, e mostram que fala um homem com melancholia; baixas representam tristeza, ou vergonha; muito arqueadas significam espanto; e levantadas alegria. E não menos convém a composição da barba, que fincada nos peitos mostra desconfiança ou porfia; e posta no ar vangloria: e o pescoço, que nem se ha de ter tão levantado que faça soberba nas palavras, nem tão baixo, que pareça que não pode com a cabeça; a qual não ha de estar tão firme, que pareça que a espetaram n'elle; nem se hade quebrar para todas as partes como grimpa. Da mesma maneira a bôcca ha de ser quieta quando fala, sem estar mordendo beiços, nem torcendo-se, nem inchando com as palavras: nem com o riso se ha de mostrar tão descuidada, que as entorne pelos cantos; nem tão apertada, que offenda a boa pronunciação e graça d'ellas; no que vae mais á lingua portugueza, que a outras muitas: porque sabemos que todas as nações orientaes naturalmente opprimem a voz na garganta quando falam, como os Indianos, Persas, Assyrios, e Chaldeus: e todos os Mediterraneos referem as palavras aos padares da lingua, como fazem os Gregos, Frygios e Asiaticos: e todos os occidentaes, como os Francezes, Italianos, e Hespanhoes, mastigam as palavras entre os dentes, e as pronunciam na ponta da lingua posto que em alguns logares, conquistados outro tempo dos Africanos, ficaram usos e palavras, que ainda obrigam a sua pronunciação; mas os que estão mais izentos d'ella são os Portuguezes, como aqui na primeira noite da nossa conversação se tocou. Além d'estas partes do rosto tem o movimento do corpo o seu logar: que pode parecer airoso, quando fala, mostrando as materias sobre que fala nos contos, historias graças ou galanterias, não representando o que diz com meneios de comediante, nem com modestia e compostura sobeja, mas com uma boa sombra, e um termo no persuadir assocegado, no relatar mais ligeiro, no arguir esperto, no desculpar ou defender se mui brando; nem fazer badallos dos pés quando fala assentado, bolindo sempre: nem estar com os olhos n'elles quando passeia. Sobre todos os mais

gestos ou acções, que tenho tocado, se ajuda a pratica do movimento das mãos, que ha de ser com um leve ar e compostura, com que o discreto favorece as palavras que diz, não falando com ambas ellas, nem chegando com alguma perto da vista dos ouvintes; e guardando estas e outras advertencias semelhantes, pode fazer um homem uma agradavel gentileza no praticar, emendando algumas faltas da natureza, ou favorecendo com o cuidado as graças, que ella lhe dotou: não tratando dos incuraveis, a que já não possam valer estes remedios; mas dos que á falta d'elles, e com o largo discurso de maus costumes se vieram a fazer incuraveis. — Parece que daes a entender, senhor doutor, (disse Pindaro), que ha mais algumas advertencias, que podem ser de importancia n'esta materia: e, para a tratar de fundamento, não é razão que fiquem de fóra. — Para essas e para o mais, que tenho dito (respondeu elle), nomearei alguns vicios, que são contra o bom termo da pratica; que, reprovados n'ella, acreditarão as minhas opiniões, a que eu não posso nem quero dar nome de preceitos, posto que são fundadas em os melhores dos que d'esta materia escreveram.

O primeiro é *escutar-se um homem a si proprio quando fala, por se contentar do que diz.*

O segundo *repetir outra vez o que tem dito, com os olhos nos ouvintes, para que lh'o gabem.*

O terceiro *deter-se tanto nas palavras como que as vae pezando, e compondo para as dizer.*

O quarto *ir-se arrimando a bordões para que lhe accudam em tanto as palavras.*

O quinto *ir á mão ao que quer responder, por querer falar tudo.*

O sexto *bracejar muito, e dar grandes risadas a seus proprios ditos.*

O setimo *borrifar as palavras com a humidade da bôcca por falar com vehemencia.*

— Vós (acudiu Solino) formastes aqui uns sete peccados mortaes contra a discrição, e cortezania, que não merecerá n'ella ter graça quem n'elles estiver culpado Cada um dos presentes examine sua consciencia, porque receio que falaes de proposito contra alguem. — E'

tão má a vossa natureza (lhe tornou o doutor) que quer perverter a minha boa tenção, e d'estes peccados contra a policia tirar outros que offendam a amisade: vale-me porém ser a vossa conhecida. E proseguindo a materia dos vicios, os tres primeiros nascem do amor proprio que cada um tem a suas cousas, a que os gregos chamaram *Filaucia:* os quatro seguintes, ou da ignorancia, ou do descostume e falta de doutrina cortezã. Escutar-se um homem, quando fala, é de quem bem lhe parece o que diz: e posto que o vicio é natural, tem ruim patria; que o homem, que se escuta, é lisongeiro de si mesmo, e elle se paga por si de suas palavras, vendo-se e enfeitando-se n'ellas como em espelho, conforme os proverbios antigos, que *a cada um parece o seu formoso;* e outro, que *não ha melhor musico que cada um a si mesmo;* e que *a cada um contenta o seu rosto, a sua arte, e cheira bem o seu suor.*—Outro (disse Solino) me parece a mim melhor que todos esses, porque os declara; e é que *quem se contenta a si contenta a um grande nescio;* que não pode deixar de o ser o que do seu engano se satisfaz. E não achareis discreto d'esse feitio, que não caia nos tres primeiros laços: porque são encadeados uns com outros: e em se escutando um homem a si, o vereis ir encarecendo as palavras com as sobrancelhas, enchendo com ellas a bôcca, e pronunciando-as com muito cuidado.—D'esses disse Horacio (accudiu Pindaro), que *falavam empolas;* e está muito bem o nome á inchação das suas palavras. Mas o segundo vicio, que é da repetição, parece menor erro; porque o que é bem dito se pode repetir, conforme ao que disse o poeta; e só será a culpa quando o dito não fôr acertado.—Essa estimação não ha de ser feita por seu dono (respondeu Solino), nem elle pode pôr o preço a suas palavras, cuidado que fala ouro; em obra alheias, referidas por outrem, tem logar essa desculpa; e não se podem servir d'ella os que com os olhos, e com a repetição do que disseram, estão puxando por vós a que lh'as gabeis, e vos contenteis á força da sua razão; e mettem de quando em quando um *entendeis-me? estaes commigo? digo bem? que vos parece? não sei se me declaro.* De maneira que, para encarecerem o seu aviso, fazem dos outros nescios. E com este cahem logo no terceiro, que é deter-se muito em cada palavra, soltando-as por

compasso, dilatando uma da outra, porque se não peguem: e é vicio, que fará ser aborrecivel a todo o mundo a quem o tem; e até á mesma discrição fará importuna este mau uso d'ella. E mais é mui certo andar annexa esta boa parte a uma fala de doente mui molle; que tudo junto vem a ser um xarope de semsaboria, que não ha quem o leve. O quarto não entendo bem, porque não sei ao que chama *bordão* o doutor.—Sabei (disse elle) que os arrimos, a que se pega ou encosta o que fala, quando as palavras lhe cançam, se chamam *bordões*, e são de duas maneiras: uns que pertencem, ou para melhor dizer, que são impertinencias nas acções do falar; e outros nas palavras; os primeiros são mais culpaveis que os segundos, porque ha um que não sabe praticar comvosco sem vos estar desabotoando, ou alimpando o cotão, e arrancado a frisa do vestido: outro, que a cada palavra vos pega do cinto, ou travando-vos do braço vos molesta: e ainda ha alguns tão desatinados, que vos dão com a mão nos peitos a cada cousa que dizem: e outros que, se deixam de entender com quem praticam, o hão comsigo, não estando quietos com as mãos, esgravatando os dentes, ou bolindo nos narizes e falando, tirando cabellos da barba, e mordendo as unhas; e outros vicios semelhantes, que servem como uns espaços e reclamos, a que lhe acodem as palavras. Os segundos são mettidos na mesma pratica com alguns, que em cada palavra d'ella mettem um *diz, assim que digo, tal e qual, sim senhor, vae vem, então, senão quando, espere vossa mercê, assim que senhor, estaes commigo;* e outros muitos, fora os que vós apontastes no vicio da repetição, que são bordões da primeira classe.—Certo (disse Feliciano) que tem muita razão o doutor em dizer que este vicio e os dois, que se seguem, nascem do descostume, e falta da doutrina corteză: porque eu alcancei ainda por condiscipulo um estudante, que na opinião dos mais não era tido por o que falava peior, que, por o grande odio, que tinha aos bordões, inventou um modo excellente para os desterrar da conversação dos amigos, com que tratava de ordinario; e foi um jogo de não menor engenho, que utilidade; e pelo exercicio d'elle se perdeu até a semente dos bordões entre aquelles amigos.—Não vos esqueçam (disse Leonardo) os termos de tão bom jogo,

que já não pode ser que occupemos com elle uma noite, mais bem empregada, do que o remedio será necessario para os presentes, porque não são dos homens limitados, que se apegam a estes encostos: e se quereis conhecel-os, ouvi-lhes contar uma historia, e mettervos-hão n'ella mais bordões, do que tem de palavras.—O quinto vicio (proseguiu o doutor) é incomportavel; por que ha homens tão sôfregos de falarem tudo, que atalham as palavras ao que lhes começa a responder, querendo anticipar com o seu entendimento a tenção alheia. — Esses taes (disse Solino) falam a duas mãos, porque querem que vá tudo por elles. E como me acho entre esses, por não pedir por mercê que me ouçam uma palavra, deixo-o feito sem parte; e como ficam falando á reveria, desfaço as suas sentenças com uma bochecha de agua.—Esses faladores são como cigarras, que atrôam, e não deleitam (disse D. Julio) e é sentenças mui approvada entre cortezãos que tres cousas não ha de haver entre elles demasiadas, *sobeja parola, comprida porfia, e grande rizada;* porque *quem muito fala d'elle damna* (como diz o rifão) *e com quem aporfia não dispute; e onde ha muito riso ha pouco siso:* que todos estes pertencem á conversão.—Essa terceira parte (proseguiu o doutor) é do sexto vicio, que é bracejar quando fala, e festejar com risadas seus proprios ditos o que se quer vender por discreto. E assim vereis alguns, que falam ás pancadas; e se acharem um pulpito deante, o farão em pedaços, como se a policia podéra soffrer o desassocego e inquietação da sua esgrima. As risadas, além de arguirem falta de entendimento, são mais impertinentes quando um homem festeja seus proprios ditos; que, para terem galanteria, elle, que os diz, ha de ficar sisudo; e os que o ouvem, risonhos. E assim os engraçados de nossos tempos que conhecemos, e outros, que deixaram esse nome, sabiam festejar moderadamente as graças alheias, e dissimular o riso nas suas, fazendo menos caso d'ellas.—Duas cousas (disse D. Julio) se me offerecem para vos perguntar n'essa materia: e seja a primeira, que moderação se ha de usar no riso, com que um homem festeja o conto ou graça de que fala deante d'elle?—Os homens (respondeu o doutor) não hão de ser tão sevéros que nunca riam como Catão Censorino. Anaxagoras, e Sócrates; nem como Marco Crasso,

que rio uma só vez na vida; pois é definição e differença do homem *ser animal racional*, e a sua propria paixão é *ser risivel:* porém não menos se ha de guardar de ser desentoado nas risadas; que, para n'isto haver uma moderação politica, lhe buscaram os antigos muitas differenças: e deixando o riso Jonio, Megarico, Sardonio, e Synclusio, dos quaes falam tantos auctores gregos, e latinos, colhida d'elles a melhor doutrina, não ha de rir o homem com a bôcca aberta que dá grande tom ao riso, nem com os beiços apertados, como costumam os que tem cieiro n'elles; nem sómente mostrando os dentes, que a estes chamaram os latinos *riso de cavalgaduras;* nem com um riso molle e affeminado, como era o Jonio; mas com uma boa sombra e graça na bôcca e no ar do rosto, com que se mostre agradecido do que escuta. E se esta resposta vos satisfaz, bem podeis continuar com a segunda pergunta. —Ainda que as minhas (tornou elle) não fôssem muito a proposito, com o interesse de vossa doutrina ficariam desculpadas, como será esta: Se na graça, que outrem conta, em que eu a não acho, sou obrigado em primor cortezão a me mostrar risonho? Obrigado é o cortezão (respondeu o doutor) a se mostrar agradavel aos com quem se pratica; e não o poderia ser quando seccasse o riso na occasião, em que outrem mette cabedal para o provocar a elle; que seria mettel-o em desconfiança. — Eu me dou por satisfeito (disse o fidalgo) e já agora podereis passar ao setimo erro, em que ha pouco que discorrer segundo me parece; (que não é mais que um descuido) e desattento dos que, mostrando o fervor do animo com que falam, borrifam com humidade o que dizem, e ás vezes a quem os escuta.—Não cuido eu (disse Feliciano que são esses os de que trata o proverbio, que *falam fontes de prata.*— Antes (tornou Solino) lhes chamara eu *homens que falam frescos* que nem uma manhã de abril deixa tão orvalhado um campo de boninas, como elles a roda dos que os estão ouvindo; e para estas immundicias houvera de ter a discrição um Almotacé da limpeza. Desterrados pois (continuou o doutor) da conversação estes sete inimigos d'ella, parecerá um homem cortezão aos que o escutarem, falando agradavelmente nas palavras as leis que agora lhe der o senhor Leonardo: que posto que a verdadeira discri-

ção seja natural, nenhum dos dons da natureza deixa de receber beneficio da arte, da continuação e dos costumes.—Muito deprossa vos quereis desobrigar (respondeu Solino) e eu ainda esperava que passasseis pela minha porta, dando algum toque na murmuração, como déstes no riso: que tambem estes preceitos são fóra das palavras.—O riso sim (lhe tornou elle), mas não o murmurar; que é culpa que não se attribue á pratica, posto que alguns digam que sem esse sal a mais discreta é pouco saborosa: e é porque ha muitas cousas, que não queremos dizer, e folgamos em extremo de as ouvir. Assim que o que murmura ordinariamente agrada a gostos alheios de gente ociosa, com risco proprio. Porém, por fazer as pazes comvosco, entrarei em contendas, de que estou desobrigado, tocando na murmuração engraçada; e para lhe dar logar, a metterei no meio de uma sentença excellente, que diz que *dos animaes bravos a peior mordedura é a do praguento; e dos mansos a do lisongeiro.* O praguejar é maldade, o lisongear traição, o motejar levemente galanteria: o discreto nem ha de morder, nem lamber; porém picar levemente, e com arte, é graça da conversação. Para o que, deixando auctoridades, exemplos, preceitos, e cousas infinitas, que poderão levar grande tempo: o cortezão, quando arguir para graça, ha de considerar tres cousas: o que fala, com quem, e deante de quem. O primeiro por fugir de materia em que o presente desconfie: o segundo por não motejar com quem não saiba pesar e conhecer as galanterias: o terceiro por não falar graças, de que, algum dos ouvintes se envergonhe: porque de outro modo, sendo a graça pesada, perderia o nome. Não falo do murmurar de ausentes, que em todo o modo me parece culpavel. E bem podiam servir para lei d'estas galantarias as vossas, que a todos agradam, e que, se aos ouvintes não fazem fastio, tão pouco aos offendidos causam queixume.—Lembra-me (disse Pindaro) que no quinto vicio condemnastes o querer um homem falar tudo: e não déstes regra aos que falam pouco.—Seria (respondeu o doutor) por me conformar com uma sentença, que diz: *Aos qae pouco falam, poucas leis lhes bastam.* Além d'isto até agora não tratarei dos louvores do silencio, nem da verdade d'aquelle dito: *Assás sabe o que não sabe, se calar sabe.* E o outro, que: *O nescio calan-*

do, parece-se com o discreto. Falo sómente da maneira de praticar entre os amigos, onde as palavras não tem mais que estas duas medidas, que são *falar a tempo*, e *a proposito:* a tempo, porque nem em todos se pode dizer tudo o que é bem dito.

Nas comidas se ha de fugir falar em cousas que enojem o estomago, e offendam ao gosto, ainda que em outros logares podem dar muito. Entre enojados não dizer graças, ou contos, que desautorisem a tristeza, e provoquem a riso. Entre enfermos não contar historias, que causem temor ou desconfiança em seus males. Entre ecclesiasticos guardar-se de coisas que saibam a lascivia, e profanidade. A proposito; porque ha muitos, que se desviam do principio da pratica, de maneira que do primeiro salto vão parar a Flandres; outros, que em tudo querem metter uma historia que sabem, contar uma nova que lhes veiu, um dito que ouviram, um sonho que sonharam; e pela deleitação, que tomam de contar coisas proprias, perdem o decoro, com que hão de escutar as alheias, e o tento do que elles mesmos respondem: e tambem me a mim parece que me vou mettendo nas que não são minhas; que me fizeram passar os termos de maneira, que nem a meu amigo ficou tempo para continuar com a segunda parte d'este discurso.—Vós dizeis tudo tão bem (tornou Leonardo) que se perde pouco no que eu havia de accrescentar, quanto mais, que o que se dilata não se tira: e já ámanhã terei cuidado, ou espaço de cuidar no que hei de dizer, por não cahir no terceiro peccado de ir compondo as palavras com o vagar que enfastia. —Em casa cheia (disse Solino) de pressa se faz a cêa; e em entendimento tão rico, como o vosso, nem de cousas, nem de palavras pode haver pobreza: guarde-vos Deus de uns meus senhores, que as pedem fiadas aos livros de cavallarias, com suas sentenças de cabo de capitulo, que se se lhe atravessa um escarro de um dos ouvintes, varreu-lhes toda a prégação da memoria, e vão com a pratica em muletas até tomarem assento com muito trabalho seu, e de quem os escuta. —Hora não o demos tão grande ao senhor Leonardo (disse D. Julio) que hoje o não deixemos dormir, pois ámanhã o havemos de despertar; que as duas noites passadas foram de hospede, e a conversação dos que

são de mais gôsto, roubam melhor o tempo; e comtudo, a parte que se tira ao repouso, sempre faz falta.

Começaram-se os outros a levantar, e o velho ainda os deteve em pé dizendo: — O senhor D. Julio em tudo tem tenção de me fazer mercês; porém esta não é das em que fico devendo mais: porque antes quizera poupar o tempo do somno para viver, que o da vida para dormir. E se é verdade que na conversação de tão bons amigos só se vive, qual posso eu ter melhor, que, fazendo estas noites mais compridas, alargar a minha edade? que sentença é antiga, que *o tempo, em que dormimos, perdemos da vida:* pelo que chamaram ao somno *imagem da morte.*

DIALOGO IX

DA PRATICA E DISPOSIÇÃO DAS PALAVRAS

Ia crescendo o gosto d'aquelles amigos com o exercicio de tão proveitosa conversação, de tal maneira, que nenhum perdia o sentido das materias, que ficavam tocadas, para se armarem de razões, contos, e exemplos, com que cada um mostrasse aos outros sua sufficiencia. N'aquella porém da pratica vulgar ficou Leonardo muito atalhado, assim por ser cousa em que tudo pende de opiniões incertas; como porque o doutor lhe cortara a urdidura, com que havia de ir tecendo o seu discurso, desejava mudar o proposito a outra cousa, que viesse mais ao seu; mas como aquelle era o de todos, não via caminho de o desviar. Veiu pois a noite do outro dia, e com ella os companheiros mui alvororoçados; aos quaes elle festejou com a mesma alegria; e logo, depois que se assentaram, lhes disse: Se hei de falar verdade eu estou tão carregado com o officio que de novo me déstes, que me não atrevo a dar boa conta d'elle; porque todas as que fiz para me dispôr a isso, me sahiram erradas: e me parece tão difficultoso falar de cuidado, e ordenadamente na materia em que se ha de praticar na lingua portugueza, que me hei de chamar ao engano, e o maior de todos foi darem-me espaço para temer, quando eu cuidei que o

tomava para me prevenir. — Em vós (disse D. Julio) é gentileza esse receio; e ainda que fôsse fingido, eu o tenho por a primeira regra de falar bem, pois ensinaes aos discretos a não falarem com sobeja confiança; e pela que eu tenho de vossa discrição, só em uma cousa achára difficuldade, que é pôrdes em regras, e preceitos, o que tendes por natural, e por costume; que servieis mais para exemplo de quem vos ouve, que para mestre dos que não podem comprehender a vossa doutrina.—Se com titulo de me fazerdes mercê (respondeu elle) quereis que desconfie, mais facil vos será isso, que a mim o acertar: mas, para que não erre no principal, digo que não posso fazer escola de falar bem, mórmente entre cortezãos tão discretos, que cada um me poderá dar preceitos para o ser: mas se disser em algumas cousas a minha opinião, faço-o para com as razões dos que a contradisserem aprender a acertar.—Parece-me (disse Solino) que as melhores duas lições para os discretos são essas primeiras, *receio*, e *humildade*. E passando adiante, começae já a descobrir essa rhetorica, nova á lingua portugueza. — Por escusar (tornou elle) uma muito comprida, e dilatada em preceitos, e limites, que á força se hão de misturar com os da latina; e por evitar a largueza da arte, e poupar a paciencia dos ouvintes para outras noites, accudirei brevemente a alguns vicios da lingua portugueza, não fugindo dos termos da latina, nem levando-os a elles por fundamento, mas fazendo-o n'estas cinco advertencias:

Falar vulgarmente com propriedade.
Fugir da prolixidade.
Não confundir as razões com a brevidade.
Não enfeitar com curiosidade as palavras.
Não descuidar com a confiança.

— Certo (disse o doutor) que me parece essa uma rhetorica abreviada, que podia servir a todas as linguas: porque a confusão dos muitos preceitos e figuras, que lhe attribuem os mestres d'esta arte, se podem comprehender debaixo d'esses cinco muito bem achados. E pois Solino chamou aos meus vicios sete peccados contra a discrição, podia chamar a estes preceitos os cinco sentidos d'ella. E tratando do primeiro, como enten-

deis *falar vulgarmente com propriedade*, que em parte me parece que o vulgar não guarda muitas vezes o respeito ao proprio?—Falar vulgarmente (respondeu Leonardo) é qual os melhores falem, e todos entendam: sem vocabulos estrangeiros, nem esquisitos, nem innovados, nem antigos, e desusados: senão communs, e correntes, sem respeitar origens, derivações, nem etymologias; que a linguagem mais pende do uso, que da razão: e por isso se chama lingua materna, porque nas mulheres, que menos sahem da patria, se corrompe menos o uso do falar commum, posto que ellas saibam pouco da razão de seus principios E d'isto, e do falar com propriedade, tenho dito na pratica que tivemos sobre as cartas missivas; o que não será necessario repetir agora de novo, mas sómente dar mostra de que estes dois termos se não encontram: que se o falar proprio, é com palavras naturaes, e menos figuras da rhetorica, para ornamento d'ellas; e não usar dos tropos de allegorias, metaforas, translações, antonomazias, antifrazes, ironias, enigmas, e outras muitas; isso se usa na pratica vulgar para se tratarem livremente as palavras proprias, pois sómente algumas translações, antonomazias, e ironias se acham n'ella; e mui raramente outras figuras: e posto que n'isto me detenha mais do que determinava, me hei de embaraçar com estas tres figuras. *Translação* é figura quando passamos as palavras de uma cousa a outra, porém com uma semelhança conveniente, como quando dizemos *uma fonte de sabedoria, um pôço de lettras, um raio de ouro, um thesouro de partes*, ou *de graças*. Esta figura se costuma usar para um de quatro effeitos, ou para evitar palavras deshonestas, ou para abreviar razões compridas, ou por accudir á pobresa da linguagem, ou por aformosear e enfeitar a pratica. No primeiro modo faz officio mui necessario, que é dar a entender, por palavras alheias, cousas que sôam mal por o seu nome proprio, como dizer: *uma mulher que usa mal de sua formusura; que se vende a preço; que se entrega a Venus; que serve a seu gôsto. Um homem affeiçoado a ramos; perdido por Bacco; esquecido de si.* Tambem, para abreviar razões, é de muita utilidade na pratica, como quando dizemos, *ficou em secco, deitou azar, torceu a orelha, deu cinco.* Os outros dois modos me parecem na pratica sobe-

jos, e culpaveis: o primeiro, porque sempre se ha de fugir n'ella o enfeite, e ornamento das palavras: e o outro, porque não faltam na lingua portugueza as necessarias para cada um declarar o que lhe convém dizer. A figura da *Antonomazia* se usa algumas vezes na conversação; posto que só nas pessoas, ou partes do mesmo reino será mais aceite. Entre nós, quando nomeamos *o Poeta*, se entenderá Luiz de Camões, *o Historiador*, João de Barros: *o Duque*, o de Bragança: *o Marquez*, o de Villa Real: *a Cidade*, a de Lisboa: *a Coutada*, a de Almeirim; e outras semelhantes cousas, ás quaes a grandeza deu superioridade das outras do mesmo nome. A *Ironia*, mais que todas, é propria na conversação, pois consiste mais na graça, riso, ou dissimulação do que fala, que nas palavras: esta se considera em duas maneiras, a primeira tirando a propriedade ás cousas; a segunda, furtando o sentido ás razões; uma é mero escarneo; a outra dissimulada subtileza. A primeira, quando do fraco dizemos que é um Hercules: do louco, que é um Catão: do miseravel, que é um Alexandre: e da mulher pouco casta, que é uma Helena. A segunda, como se disseramos: *Nunca lhe cahiu a lança da mão* ao que a não tomou n'ella: *não lhe chegou ninguem com a espada*, falando do que fugiu: *nunca pediu nada*, falando do que furta: *paga mais do que deve*, entendendo o que paga por justiça. No que pertence ás figuras me parece que basta esta lembrança. E as palavras, que se devem escusar para falar vulgarmente, não hão de ser estrangeiras, nem esquisitas, nem innovadas, nem tão antigas, que se perdesse já o uso d'ellas. Das primeiras teem muita culpa os estudantes, e lettrados, que introduziram as latinas na conversação, fazendo a linguagem de misturas.—Essa culpa (respondeu o doutor) é dos mancebos que como no praticar não teem a madureza, que só costuma a ensinar a experiencia, cuidam que se melhoram em falar escuro, e elegante, fazendo na prosa accentos de musica, ou medidas de poesia.—Muitos lettrados sei eu (disse Solino) que não são moços, e n'isso o querem parecer, que falam uma linguagem como sereia, mulher até aos peitos, e ametade peixe; e são homens, a que não escapa por nenhuma via o verbo no cabo; e sendo a nossa lingua de muito bom metal, lhe misturam tanta liga,

que perde muito de seus quilates.— Não tenho por grande erro (acudiu Pindaro) quando a conversação é entre doutos, usar de algumas palavras tiradas do latim, quando forem melhores que as com que nos podiamos declarar em portuguez: antes creio que, se isto se fôra introduzindo, viera a nossa lingua pouco a pouco a se apparentar com ella, e ficar tão polida, e apurada como a toscana.— E essa (tornou Leonardo) que fructo tirou do parentesco, se não foi chamarem-lhe alguns auctores *bôrra da lingua latina?*— O caso é (disse Solino) que vós devieis ser affeiçoado á phrase de um cirurgião de Coimbra do nosso tempo, que por ella se fez famoso, que disse á moça de um ferido, a quem curava: *Tragame um panno corpulento, para fricar os labios d'esta cicatrice.* E a um rustico, que vinha esmechado, respondeu que não tinha mais lesa que a superficie da fronte; e tendo palavras com outro, lhe disse que o aniquilaria, se dissesse alguma cousa em vilipendio de sua dignidade. E certo que tenho raiva, sabendo que a lingua portugueza não é manca, nem aleijada, vêr que a façam andar em muletas latinas os que a haviam de tratar melhor.— Ha outros (proseguiu Leonardo que nem com isso se contentam; e andam buscando palavras muito esquisitas, que por termos mui escuros significam o que querem dizer. Como um que se queixava de sua dama, que de ciosa andava inquirindo os escrutinios de seu pensamento. E outro a um barbeiro disse, que lhe rubricara a parede com a sangria.— Alguns disse o doutor) conheci eu culpados n'esse modo impertinente de falar, que por taes eram reprovados: porém o uso das palavras innovadas não achei ainda entre os portuguezes, como os hespanhoes e italianos. Nem tenho por grande vicio aproveitar de algumas antigas, muito bem usadas em outro tempo, e desterradas, sem razão, na nossa edade.— Não faltam (respondeu Leonardo) curiosos, que por acharem pobre a lingua, ou por elles o estarem de seus vocabulos, fazem alguns ao seu modo: como um lettrado, que querendo auctorisar umas casas para certa occasião, disse: *É necessario que as paredes d'este domicilio sejam alveadas, e que o fato uzivel fique reteudo nas ultimas d'elle.* E outro disse de um navegante, *que fôra felice, se não fortuneara tanto no exito da viagem.* E ao que dizeis das palavras antigas, posto que

em algum tempo fôssem boas, não o ficam sendo na parte em que se perdeu o uso d'ellas; pois, como já disse, esse só é o fundamento e razão das palavras: e assim não diremos *leixou, trouve, dixe, oa, sicais, acram, leidisse*, e outros vocabulos, de que usaram auctores gravissimos, de cujos escriptos podemos aprender a perfeição da lingua portugueza. E bastou o contrario uso para n'esta parte poderem seguir os que agora escrevem, e falam bem.— Com uma só razão (acudiu Solino) condemnara eu a toda essa turba dos que no falar querem parecer singulares, e é que não falam para que os entendam melhor, senão para que pasmem d'aquella sua extranha eloquencia e galanteria. E haveis de saber que é lanço muito certo, que os que se contentaram com saber pouco do latim, falam mais alatinados para que os ouvintes cuidem que o sabem: e assim, como virdes cirurgião, ou boticario, que acabou a grammatica na quinta classe, pondo-lhe abrolho, que o não tirareis com vinte galgos á estrada do falar commum; e se me esperardes estudante de philosophia em grade de freiras, vereis uma linguagem meada de logica, que vos não entendereis com o sentido d'ella. E dos que falam pela tempera velha, eu o não consentira, senão em homens de barba larga, penteada sobre os peitos, com carapuça redonda, e pelote de abas pregadas, que vos conte historias d'el-rei D. Manuel, e dos infantes em Almeirim, e de quando D. Rodrigo de Almeida tomou por compadre a Villa de Condeixa, do filho que alli lhe nasceu, em tempo do bispo D. Jorge. Porem nos vestidos justos de agora, e barbinhas turquescas, tiradas pela fieira, e tintas sobre branco, palavras d'aquelle tempo parecem remendo de outra côr.

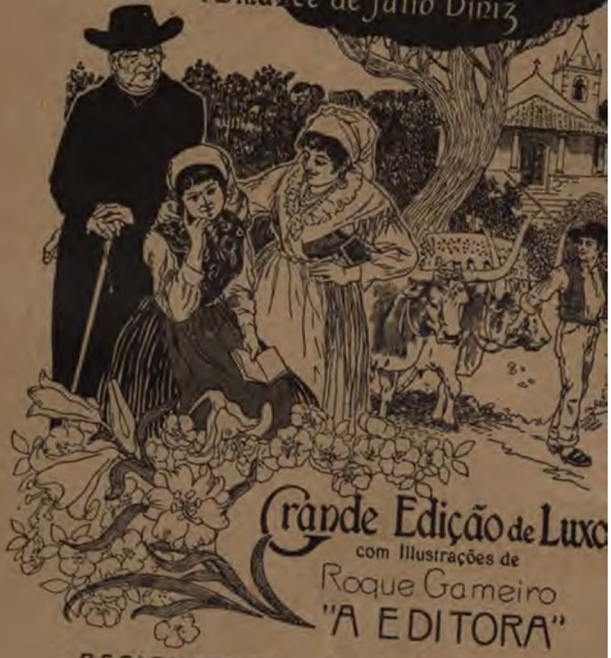
FIM DO 1.º VOLUME

INDICE

Advertencia 5
Dialogo I — Argumento de toda a obra 7
Dialogo II — Da policia e estylo das cartas missivas..... 22
Dialogo III — Da maneira de escrever, e da differença das cartas missivas.... 35
Dialogo IV — Dos recados embaixadas e visitas 54
Dialogo V — Dos encarecimentos..... 70
Dialogo VI — Da differença do amor e da cubiça 81
Dialogo VII — Dos poderes do ouro e do interesse 95
Dialogo VIII — Dos movimentos e decoro no praticar..... 110
Dialogo IX — Da pratica e disposição das palavras..... 121

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Romance de Julio Diniz



Grande Edição de Luxo

com Illustrações de

Roque Gameiro

"A EDITORA"

ASSIGNATURA PERMANENTE

CONDE BARÃO-50 - LISBOA

"AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR"

Romance de Júlio Diniz

Grande Edição de Luxo

com Illustrações de

Roque Gameiro

"A EDITORA"

ASSIGNATURA PERMANENTE

CONDE BARÃO-50 - LISBOA

Cada volume — 100 réis

RODRIGUES LOBO

Côrte na aldeia

(2.ª edição)

VOLUME II

"A EDITORA"

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

Cada volume — 100 réis

RODRIGUES LOBO

Côrte na aldeia

(2.ª edição)

VOLUME II

"A EDITORA"

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

BIBLIOTHECA UNIVERSAL
ANTIGA E MODERNA

CÔRTE NA ALDEIA

E

NOITES DE INVERNO

POR

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

VOLUME II

16.ª SERIE — NUMERO 83

LISBOA

"A EDITORA"

Largo do Conde Barão, 50

1907

809.8
L7975cn
1908
v.2

J 2646-176

CORTE NA ALDEIA

E

NOITES DE INVERNO

DIALOGO IX

DA PRATICA E DISPOSIÇÃO DAS PALAVRAS

(Continuação)

— De maneira, disse D. Julio, que temos averiguado que falar vulgar, e propriamente, é falar bem; e na verdade, da boa linguagem a principal parte é a clareza; e o mais d'ella consiste em fugir d'esses atoleiros. Mas ainda eu tenho por peior de todos o da prolixidade, de cujas partes se tocou o principal na noite passada. — Ha muitos homens (proseguiu Leonardo) tão palavrosos, que vos não deixam tomar carta na conversação; e são tão amigos de levarem um comprimento até o fundo, que nem com o silencio vos defendeis dos seus; e é vicio de que se ha de fugir como de peste da discreção. E já me occorreu por que razão chamariam aos faladores *paroleiros*, ou *homens de parola*; que posto que a phrase seja italiana, lhe acho uma mais secreta galanteria; e é que, como a lingua da Italia é mais copiosa, ornada e comprida nas razões, aos que na nossa falam muito, áquella semelhança chamaram *homens de parola*, como se lhes chamaram *italianos*. — Boa está a derivação (tornou o fidalgo) porém vamos á brevidade, que eu me não atrevera a culpar, se agora vos

não ouvira. — Não sou eu o primeiro (respondeu elle) que o disse; que já o poeta se queixou que quando queria ser breve ficava escuro. E verdadeiramente a pratica comprida não a comprehende a memoria; e a mais breve do necessario cega o entendimento; e ha muitos que, por abreviarem o que dizem, não declaram o que querem: que posto qué a brevidade seja louvada, e por ella se avantajassem os laconicos na linguagem dos outros gregos, o cortezão nem ha de dizer as cousas em tres palavras, nem em trezentas. — Dizeis bem como em tudo (acudiu o doutor) que ha alguns que, por quererem atar tudo em um feixe (como disse o proverbio) desconcertam o que com poucas palavras mais podia ser bem dito: e muito se me parece esse erro de abreviar com o de enfeitar as palavras, que é como perder um por carta de menos, outro por a ter de mais. Posto que o mesmo vicio (proseguiu ella) se tratou a noite que falámos das cartas, não o deixarei passar agora sem outra lembrança, porque é um trabalho não sómente escusado, mas odioso, que a pratica artificiosa embaraça aos que sabem pouco, e não agrada mais ao discreto, e serve de nevoa para as cousas que se tratam; que com o ornamento das razões se perde muitas vezes o sentido principal d'ellas: e é tão culpavel o feitio, que n'isso se perde, como o que as mulheres usam em desmentir as graças da natureza com fingida formosura, que nunca aos bem entendidos pode parecer verdadeira. E deixando esta parte, passemos á principal, e que mais pertence ao discreto, que é não se descuidar com a confiança; porque ha muitos, que de confiados em sua sufficiencia, falam por si, e não pesam as palavras com o receio, que para bem ha de ser sempre a balança d'ellas E assim hora dizem algumas pouco decentes á honestidade da conversação; outras, escandalosas a algum dos ouvintes; outras, que, por serem fóra de tempo, perdem o logar, e elle na opinião dos que escutam o que com muitos outros tem alcançado.

O primeiro descuido da confiança, e o que fica mais em descredito do cortezão, é quando entre mulheres principaes usa de algumas palavras que ou no som ou na materia, offendam a honestidade de seu estado; culpa, em que cahem muitos confiados, mormente nas

visitas de desposorios e nascimento de filhos, e em outras semelhantes, em que é mais necessario ao discreto as redias na mão, porque elle não perca os estribos e a ellas se não mude a côr. E tambem sou de opinião que antes fuja de dizer algumas cousas que de lhes mudar o nome, como chamar ás pernas *sustinentes* ou *andadeiras*; porque, nomeando estas partes das mulheres deante d'ellas, não é cortezia. — Parece (perguntou Pindaro) que nomeando logo as pernas dos homens não será erro, ainda que seja deante d'ellas? — Não (respondeu elle) porque nas mulheres é parte occulta e nos homens manifesta; e o trajo de cada um ensina esta cortezia: e muitos ha, que, de escrupulosos n'ella dão em disparates: como me contaram ha pouco de um mestre de grammatica, que, desculpando-se um discipulo seu que não viera ao estudo, porque aquelle dia parira sua mãe, o mandou castigar, dizendo que em publico não se haviam de falar palavras mal soantes á honestidade. E outros, que fazem cortezia de mudarem os nomes ás cavalgaduras, e por se desencontrarem de um *asno*, darão mil rodeios. — N'isso tem elles muita razão (acudiu D. Julio) porque não vi eu peior azar que esse encontro. E devia de ser inventada esta maneira de cortezia, por não nomearem *asno* deante de algum que o parecesse, por guardar a advertencia do rifão, *em casa de ladrão não lembrar baraço;* sendo assim, que nos animaes nojentos, e as sevandijas nomeam por o seu nome, ainda que isto não usára eu entre donas e damas delicadas, a quem com menos occasião se enoja o estomago. — Mui bem trazida está essa lembrança (proseguiu Leonardo) e continuando com as outras, me parece que o segundo descuido é quando o discreto fala, ou allega latins entre pessoas que o não sabem, ou que não tem obrigação de o entender, como são as mulheres: ou conta deante d'ellas historias da India, ou de outras regiões remotas, onde esteve, dizendo as cousas com muitas palavras dos nomes proprios d'aquellas partes; que ha alguns, que em colhendo na pratica Ormuz, Malaca ou Sofála, não sabem dar um passo sem palanquins, bajús, catanas, bois, larins e bazarucos; e outras palavras, que deixam em jejum o entendimento dos ouvintes, sem os seus por isso ficarem melhor acreditados. O ultimo

descuido e mais perigoso, é que motejando em materia que possa offender a terceiro, não advirta, antes de falar, se está na presença a quem toque por sangue ou amizade a offensa que se faz ao ausente, ainda que seja em materia leve; ou se está alli outro do mesmo estado de que se murmura, do mesmo cargo, vicio ou costume; que, não tendo esta vigilancia, lhe poderia nascer da sua graça uma resposta. — Pois se offereceu (disse D. Julio) falardes em graça, dando côr de que na murmuração se acha mais certa, estimarei saber que é o que chamam *sal* os discretos, que é um termo de falar muito ordinario entre elles. — A resposta d'isso (tornou Leonardo) está por conta do doutor, que parecem esquecidos da noite passada; com elle o haveis de haver; que eu vou já dando fim ao que me cahiu em sorte. — Sou contente (disse o doutor) de me chamardes por parte n'esta pergunta do sr. D. Julio por o servir a elle, e dar occasião a Solino de saber a vantagem que n'isso nos tem a todos. Primeiramente o sal, a quem um auctor chamou *conducto de todos os outros,* é o que dá sabor, e faz appetite ao desejo para todos elles. — Muito se parece isso com a fome (acudiu Solino). — Assim é (disse o doutor) porém tem demais que os conserva e sustenta com sua força; pelos quaes attributos Homero e Platão chamaram ao sal *divino:* e assim como os mantimentos sem elle não obrigam a vontade; assim tambem por elle (como disse Plinio) significamos os effeitos do animo; chamando *homem sem sal,* pratica sem elle, *riso e sosso,* e ainda *formosura sem sal,* como escreveu Catullo, de Quincia, que pintando-a formosa, branca e comprida, diz que em toda aquella figura não havia uma pedra de sal. De maneira que, conforme a este sentido, o sal é uma graça, e composição da pratica, do rosto ou do movimento do andar, que faz as pessoas apraziveis. E esta, segundo alguns, particularmente se declara no que obriga a riso e alegria, com um modo de murmuração leve. D'onde Seneca disse que o sal da conversação dos amigos não havia de ter dentes: e assim como os mantimentos que tem mais sal, fazem maior sede a quem os come; assim a conversação que tem mais d'elle, é mais appetitosa e desejada dos ouvintes: e como sem sal todas as iguarias são semsabores e desgostosas, assim

a pratica onde a sua graça falta, é puro fastio. Porém, quanto a mim, o que da tenção d'estes auctores convém mais com o seu modo de falar, *sal* quer dizer *graça*, que é o contrario da frieza e semsaboria: e dizemos do gracioso que é salgado; e do bemdito que tem muito sal, o do que o não é, que não tem nenhum. — Porque razão (perguntou Feliciano) sendo o sal cousa tão excellente, os egypcios não queriam usar d'elle em nenhum mantimento, e até o amassavam sem sal, tendo-o por inimigo? — Os egypcios o faziam (respondeu elle) por lhes parecer que observavam n'isso a castidade, attribuindo á virtude do sal a fecundidade e o appetite carnal, por razão do calor, a cujo respeito fingiram os poetas que Venus nascera do sal, que é da espuma marinha; e alguns naturaes disseram que só com comerem e usarem muito do sal, concebiam alguns animaes. Outro auctor diz que os egypcios o faziam por sobriedade e abstinencia, tirando o sabor e gosto ás iguarias, em lhe não deitarem sal: mas a verdade é que, se elles o tinham por inimigo da vida, não ha cousa n'ella mais saborosa: porque as duas cousas que a sustentam, como escreveu um auctor grave, são sal e sol: e ainda depois da morte o sal conserva os corpos sem corrupção e os sustenta inteiros sem deixar apartar os membros da sua compostura: por as quaes propriedades o fizeram os antigos symbolo da amizade (como diz Pierio Valeriano nos seus jeroglificos) que ella, assim como o sal, tempera todas as cousas da vida entre os humanos. E a primeira cousa que se punha aos amigos na mesa era o sal; costume que ainda agora se usa, posto que se não saiba em muitas partes a razão d'elle; nem a porque se enojam e enfadam os hospedes, de se derramar o sal pela meza; que n'este nosso reino querem fazer particular agouro dos Mendoças, sendo a causa geral: porque lhes parecia aos antigos que se apartava e perdia a amizade, entornando-se o sal, que na mesa fazia a figura d'ella. E á semelhança tinham por boa sorte derramar-se o vinho, que, como era symbolo da alegria e contentamento, desejavam que entre todos se espalhasse. Com isto tenho dito do sal o que me perguntastes, posto que, para lhe dar mais solidos louvores, o pudéra levar á Escriptura Sagrada, onde não só significa *con-*

federação e *amizade*, mas por elle se entende a doutrina evangelica; e aos mesmos apostolos e prégadores d'ella chama Christo *sal*. E pois para falar d'este tomei mais tempo do que quizera, é bem que vos deixe livre este, que fica, para que todos nos aproveitemos de vos ouvir.— Pouco pudéra eu dizer (respondeu Leonardo) se não fosse acostado á vossa erudição e auctoridade. E do sal me não fica outra cousa que advertir mais, que haver-se de maneira com elle o cortezão que não seja a pratica toda de graças, nem sem ella; se não uma certa liga, com que se componha o galante e o sizudo, que é uma differença, que sempre fiz do engraçado ao gracioso; porém como isto ha de ser em conformidade das materias, occasiões e pessoas com que se pratica, não posso dar a isso regra ordenada. Fica além d'isto que advertir ao discreto a mecanica geral dos termos, e nomes dos principaes instrumentos com que se exercitam as artes mais nobres, como a pintura, esculptura, architectura, arithmetica, astrologia e musica: saber as peças e os nomes d'ellas, com que se arma um cavalleiro: as que pertencem ao jaez e arreio de um cavallo: os logares, ordens e disposição de um esquadrão formado: o maneio militar de uma galé bogante: os nomes de um edificio bem fabricado, e de uma fortaleza bem guarnecida: saber a côr e o nome a todas as pedras de valia: os quilates do ouro; o peso dos metaes, a melhoria d'elles; e outras cousas semelhantes a estas, que, como andam sempre na praça ordinaria da conversação, não é justo que faltem ao discreto palavras, com que mostre que tem conhecimento de todas. Com estas lembranças me hei por despedido d'esta materia, posto que fiquem de fóra algumas cousas d'ella, como são contos, historias e novellas dos cortezãos, e agudeza de ditos; que cada uma pedia mais compridas horas de pratica: porém com a minha voz tenho a todos cançados, sem eu ficar ocioso. — O das historias (disse Pindaro) podeis vós, senhor, dilatar, mas não vos escusareis de as dizer, mórmente quando pela inculca, que de mim fizestes, me importa mais que a todos saber o particular d'ellas.— Fiquem essas guardadas para ámanhã (disse Solino) e se temeis que até então se damnem, obrigae ao doutor que do muito sal, que aqui lançou, á minha

conta deite n'ellas algum.— Boa lembrança foi (acudiu o doutor) eu confesso a culpa de não applicar o que disse á vossa graça e galantaria, que é o sal com que vos convidei, e que a todas as praticas d'esta nossa conversação faz parecer agradaveis e saborosas a todo o entendimento.— Vós, senhor doutor, replicou elle, me tendes feito um saleiro com vossos louvores; e com a vangloria d'elles não me tenho por seguro no assento de qualquer logar.— Se entornardes o sal (acudiu Pindaro) não será a primeira vez que déstes má conta da amizade.— De confiado na minha (tornou elle) falaes contra o que entendeis d'ella, que mais se acredita nas obras que nas palavras.— A verdade é (disse Leonardo) que sois bom amigo, ainda que com muito sal; e que sem encarecimento vos podiam chamar o mesmo nome.— Ainda (disse elle) me haveis aqui de converter em sal.— Antes (acudiu Pindaro) no que disse Marco Varrão que o sal era a alma do porco; e eu sei, e todos da vossa graça, e ninguem dará fé que tenhaes alma.— Essa (tornou Solino) está agora no purgatorio de vos ouvir: e porque estes senhores já com uns bocejos dissimulados dão signaes de que tem necessidade de repouso, fique a demasia para ámanhã.

Todos então se levantaram mostrando que ainda o faziam com pouca vontade, porque nas praticas de gosto primeiro cansam os sentidos, que os desejos.

DIALOGO X.

DA MANEIRA DE CONTAR HISTORIAS NA CONVERSAÇÃO

Depois que os amigos se apartaram, e D. Julio se recolheu a casa para repousar, achou n'ella uma occasião de desasocego, que lhe fez perder o somno. Porque lhe trouxe novas um creado, a que tinha encommendada a diligencia, que o prior se partia na manhã seguinte para a cidade, acompanhando aquella formosa peregrina para o recolhimento da clausura a que de tão longe estava affeiçoada: e como elle o ficou tanto de sua vista, e corrido comsigo mesmo dos poucos extremos, que por ella fizera, determinou com a

occasião de caçador (que já fôra principio d'aquella ventura) fazer-se encontradiço no caminho, e acompanhar ao prior até o fim da jornada: para o que tirou a luz aos melhores concertos de campo que tinha, e o vestido e galas mais loução, com que podia apparecer n'aquelle disfarce, usando o mesmo nos creados que levava. Ao outro dia poz em execução este pensamento: e deixando para seu tempo o successo que teve, os da conversação o não souberam todo aquelle dia: e quando veiu a noite, que o acharam menos, houve quem désse novas de como o encontrára n'aquella empreza; e com esta occasião começaram a pratica, e disse o doutor:— Sempre ouvi que os cuidados de amor em peitos generosos sahem com seus extremos ao longe; e que então se forçam quando os outros sugeitos desconfiam. Aquelles encarecimentos de meu amigo D. Julio, aquelle silencio e segredo, aquelle respeito de cortezia tão encolhido, parece que apanhava pedras para melhor tempo; e n'este costuma a fazer seus lanços este diabinho do amor, porque tem outros da sua parte, á conta de estorvarem seu bom proposito.— Segundo isso (disse Solino) receiaes que a que engeitou principes mais louros que salmonetes, acceite agora um fidalgo retirado na aldeia, d'onde sahe com as galantarias mais penujentas, que marmelo temporão.— Muitas damas (tornou elle) que engeitaram grandes senhores, não desprezaram grande amor: e outras, a quem offenderam procedimentos ingratos, estimaram de sugeitos mais humildes devidas cortezias.— Não façamos (acudiu Leonardo) offensa aos ausentes; nem a ella demos por arrependida, nem a D. Julio por tão namorado: porém maiores cousas houve no mundo. Tudo podia tecer o amor, e acabar a ventura: e se essa cahira á conta de D. Julio, outra pudera ser peior empregada.— Não estou bem (disse Solino) com a ventura dos casamentos por amores.— Será (respondeu Feliciano) por estardes mal nas muitas, que por elles se alcançaram: e bem pudéra eu a essa conta trazer alguma historia de notavel exemplo, se estas horas não estiverem promettidas a outro exercicio.— Antes a materia, que hontem ficou por acabar (disse Pindaro) era como se havia de haver o cortezão nos contos e historias; e vem a vossa a tempo, que

servirá de exemplo, e, o que sobre ella se disser, de doutrina.

— Ainda que isso parece mais concerto de amigos falados (disse Solino) que occasião, digo que tendes justiça, e sou de parecer que vá de historia: mas praza a Deus que não caiaes no atoleiro, de que vos desviastes a primeira noite da nossa conversação.— Bem sabeis (respondeu elle), que *em ribeiro grande saltar de traz:* e assim primeiro hei de vêr as balizas de meu companheiro, do que caia nas vossas mãos. — Enganaes-vos (replicou Solino), que menos seguro vae o cego do que o moço que o guia.— Não aperteis tanto com os amigos (acudiu Leonardo), ouçamos ao licenciado a sua historia; e quando as pellas vierem a Pindaro, elle as tornará á vossa vista, e direis o que entenderdes. — Outra cousa espero eu (accrescentou o doutor), e é que haveis de passar pela lei que ordenardes, contando tambem a vossa historia, da qual se ha de devassar como das mais: e, por dilatarmos esta menos, diga o licenciado, e declare se vende a sua historia por verdadeira. — Por tal a conto (respondeu elle) e de um auctor mui approvado e verdadeiro, e é a seguinte:

"Na côrte do imperador da Allemanha Oton III, d'este nome, que foi a mais florente, e frequentada de principes, que houve muitos annos antes, e depois n'aquelle imperio, assistia, com grande satisfação de suas partes, Aleramo, filho do duque de Saxonia, mancebo de pouca edade, e de muita gentileza, magnanimo, esforçado, liberal, e tão cheio de graças naturaes, que n'elle, como em um thesouro, parece que as depositara todas a natureza. Tinha o imperador uma filha da mesma edade, e de tanta formosura, que, sem o que a sorte devia a seu nascimento, merecia ter o imperio do mundo: e se em a belleza tinha esta vantagem a todas as damas de Allemanha, ainda lh'a fazia muito maior na discreção, aviso e galantaria. Aleramo, que no serviço do imperador tinha sempre á vista aquelle despertador de pensamentos altos, e que, além dos que a grandeza de seu sangue lhe permittia nos olhos de Adelazia (que este era o nome da princeza) ia aprendendo pouco a pouco a lhe querer muito, foi descobrindo esta vontade, até que foi testemunha de seus effeitos a pro-

pria causa. Não se houve por offendida d'este amor Adelazia, por lhe parecer devido á sua gentileza, e natural em um coração magnanimo, generoso; maiormente que na vista, e fama de Aleramo achava tudo o que podia desejar para um emprego amoroso, ainda que a desegualdade dos estados o defendesse. Foi elle accrescentando o amor, e este gerando atrevimentos, que são as salamandras que n'este fogo se criam; e ella, depois de batalhar com os receios largamente, descobriu ao mancebo sua vontade, encommendando, na fé do que lhe queria, o segredo d'ella, porque bastava para total destruição de suas vidas uma leve suspeita, que o imperador tivesse de seus amores. Continuou muito tempo este segredo, sem ser entendido; e pouco a pouco se apurava a paciencia d'estes dois amantes, tratando em uma amorosa correspondencia seus cuidados, sem outros mensageiros, ou secretarios mais que os seus olhos: eram estes comtudo sem esperança, por quão alheio o imperador estava de consentir n'elles; parecendo-lhe pouco, para os merecimentos d'aquella filha, dar-lhe por esposo o mais rico, e poderoso dos reis christãos, quanto mais um filho menor de um seu vassallo. Mas como o poder de amor se mostra em ter em menos conta a maior grandeza, fez tanto com Adelazia, que, esquecendo todos os interesses, offertas e esperanças da fortuna, se determinou de fugir com Aleramo, que, sem respeitar o perigo, se offereceu ao que sua senhora ordenasse. Escolhido o tempo e occasião opportuna, levando ella comsigo as joias de preço que tinha, e elle as cousas de valor que pôde grangear, sahiram da côrte, e andaram em pouco espaço de tempo tanto caminho, quanto lhes foi necessario para pôr em salvo as vidas, a que a ira de Oton ameaçava: o qual achando menos a filha, a quem queria mais que a tudo o da vida, esteve a risco de a perder com sentimento; e mandou logo atalhar as estradas, e caminhos de toda a Europa com bandos e pregões de grandes promessas a quem descobrisse, ou désse novas do roubador de Adelazia: mas ella e seu esposo caminhando a pé contra a parte de Italia em habito de peregrinos, foram ter ao condado de Tirol: e porque o temor de serem conhecidos os desviava sempre do povoado, vieram na montanha a poder de

salteadores, que roubando-lhes as joias e dinheiro, que traziam, lhes deixaram sómente as vidas sujeitas a tão grande miseria e pobreza, que lhes foi necessario, para poder sustental-as, andarem pedindo esmola por toda Lombardia de logar em logar, já tão mudados de seu parecer, e gentileza com os trabalhos, que a mudança lhes pudera escusar os de seu receio. Resolvendo-se comtudo de não fazerem assento em Milão, nem em outra cidade imperial, se foram viver a umas montanhas entre Asti e Savona, onde amor e a necessidade lhes ensinaram com os trajos vis a conformar exercicio de que vivessem, que era cortando lenha n'aquelles bosques, fazerem carvão, que vendiam nos logares d'aquelle districto; e com esse sustentavam em vivas brasas o verdadeiro amor, que lhes dava a vida. Alli com a riqueza, de que elle os tinha satisfeitos, contentes de tão saborosa necessidade, com habitos humildes, nomes mudados, e corações conformes, houveram sete filhos varões, que logo nos rostos o pareciam ser de paes illustres, e de um tão amoroso ajuntamento. O maior d'elles, a quem pozeram nome Guilhelmo, começou logo na sua puericia a ajudar a seus progenitores n'aquella miseria, levando o carvão e lenha a vender a Asti, Savona, Alba, e a outros muitos logares, que por alli havia: e como a sua generosa, e natural inclinação vencia a razão d'aquelle estado miseravel, em que se criára, do que com seu trabalho ganhava n'aquelle trato, um dia comprava um punhal, outro uma espada, outro um cão de caça, sem que valessem ao generoso pae as reprehensões com que o persuadia do que convinha mais para sua pobresa. Passaram alguns dias, quando elle veiu com o emprego de todo o cabedal, que levara, em um gavião, a que estava muito affeiçoado, mostrando-o a Adelazia, que com muitas lagrimas lhe disse estas razões: "Bem sei, meu amado "Guilhelmo, que com a culpa d'esta tua estranha dema-"sia quer a natureza em parte emendar a fortuna, dei-"tando-lhe em rosto os bens, que te tirou, com o em-"prego que te ensina a fazer d'estes: mas, se é de ani-"mos generosos edificar torres altivas sobre a humil-"dade, não é menor grandeza obedecer ao tempo, e dar "logar á sorte, emquanto a sua ira se executa em "nossa miseria. Se o espirito te inclina a voar mais

"alto, lembra-te, filho meu, que não foram menores os "pensamentos de quem vive com as azas tão encolhi- "das n'este deserto; e que esse exercicio, que desejas, "não convém com o que usas, tão necessario a teu pae, "e mãe, que tambem no imperio de Allemanha pode- "ram ter logares mais levantados, se amor quizera. Tem "compaixão de mim e d'esta misera pobresa, em que "vivo; e antes para sustentar teus pequenos irmãos, e "esta mãe, que com tantas difficuldades te criou, em- "prega teu cuidado, que tomar outros tão improprios "a esta vida, quão naturaes a teu generoso sangue e "pensamento. E pois os thesouros, que a sorte me guar- "dava, se tornaram n'este carvão, de que agora vivo, "não levantes com elle chammas de vaidade, que ve- "nham a espalhar as faiscas d'este fogo por Allema- "nha, em cuja opinião está já sepultado nas cinzas "frias.„ Interneceu-se o illustre moço com as mater- nas lagrimas; e entendendo que não podia continuar n'aquella vida, nem resistir á sua inclinação, d'alli a poucos mezes desappareceu da montanha, e se foi ao campo imperial fazer soldado; e n'elle em pouco tempo cresceu tanto no esforço e opinião dos homens, que já entre elles e do mesmo imperador era mui conhecido. Sentiram Adelazia e seu marido a ausencia d'este fi- lho com grandes extremos, assim por o grande amor, como porque n'aquelle seu trato humilde os ajudava: mas emquanto os outros irmãos menores se exercita- vam no officio, que elle deixára, ia Guilhelmo na guerra dando claros signaes de seu nascimento; e veiu a ser por seu valor tão acceito a seu avô, que para o accres- centar a dignidades, e logares, que por sua pessoa me- recia, lhe perguntou quem foram seus paes? Ao que elle respondeu, que eram vivos, allemães de nascimen- to, mas que viviam pobremente em as montanhas de Savona, posto que não desmereciam por sangue, e as- cendencia terem um filho honrado. Desejoso Oton de saber a verdade, e já encaminhado da ventura do ani- moso mancebo, mandou com elle um particular valido seu para que ambos em companhia trouxessem á côrte o pae, e mãe de Guilhelmo com sua familia. Era este privado mui chegado parente de Aleramo: e sabendo no caminho do moço quem era, com um novo espanto e alegria ficou enleado, abraçando com muitas lagrimas

ao sobrinho. Chegaram em poucos dias ás montanhas de Savona, á porta da morada pobre dos ricos amantes; e d'alli chamando-o pelo seu proprio nome, causou em toda a humilde morada estranha turbação e sobresalto. Sahiu primeiro fóra, e cheia de um frio temor Adelazia; e conhecendo o filho, que com os ricos vestidos e galas de soldado fazia parecer em tudo maior sua gentilesa, com infinitas lagrimas de alegria o abraçou; chamando ao marido, com os mesmos effeitos o festejou; e conheceu ao primo, em quem o tempo não fizera a mudança, que n'elle os trabalhos de tão estreita vida. Recolheram os hospedes com o agasalhado de sua pobresa. Vieram de noite os filhos de vender a sua mercadoria; e foram n'elles e nos paes tantas as lagrimas de contentamento, que nem davam logar ás palavras, nem ás cortezias. Sabida depois a vontade do imperador, e que era forçado obedecer ao seu mandado, pondo nas mãos da fortuna e nos olhos da piedade real sua esperança, d'alli a poucos dias caminharam; que os leves apparatos da pobresa lhes faziam mais faceis as jornadas, e muito seguros os caminhos. Chegaram á côrte; e lançados aos pés do imperador, elle conheceu de improviso sua filha, e Aleramo: e vendo a fecunda geração d'aquelles sete filhos, que podiam na formosura competir com os planetas, com grande contentamento, e que nadava nas aguas dos seus olhos, os recebeu, perdoando aos paes a culpa, e dando aos netos a satisfação da miseria padecida em seus tenros annos. A Guilhelmo creou marquez de Monferrato, ao segundo de Savona, ao terceiro de Saluzzo, ao quarto do Sena, ao quinto de Inciza, ao sexto de Ponzão, ao setimo do Bosque. E d'estes sete marquezes nasceu generosa descendencia, que enriqueceu Italia, a qual ficou devendo a gloria d'esta nobreza ao verdadeiro amor d'estes dois amantes: que, ainda que elle encaminhe por asperas difficuldades estes successos, sempre o fim, que por meio de suas obras se alcança, é glorioso.„

— Maravilhosa é a historia para exemplo (disse o doutor) e tambem poderá servir d'elle no como se devem contar outras semelhantes, com boa descripção das pessoas, relação dos acontecimentos, razão dos tempos e logares e uma pratica por parte de alguma das figu

ras, que mova mais a compaixão e piedade; que isto faz dobrar depois a alegria do bom successo.— Sómente (acudiu Leonardo) me pareceu comprida, sendo a materia d'ella muito breve.— Essa differença (lhe tornou Feliciano) me parece que se deve fazer dos contos ás historias; que ellas pedem mais palavras que elles, e dão maior logar ao ornamento e concerto das razões levando-as de maneira, que vão affeiçoando o desejo dos ouvintes: e os contos não querem tanto de rhetorica; porque o principal, em que consistem, é a graça do que fala, e na que tem de seu a cousa que se conta. — Não sou contra esse parecer (disse o doutor); mas antes de averiguarmos a demasia, deixemos logar a que Pindaro comece a sua historia, e não lhe lancemos deante preceitos que lhe façam receio. — Necessaria me era (disse elle) grande confiança para vencer os que tenho, sem me crescerem outros de novo: porque, se antes de ouvir a Feliciano tomara esta empreza, tivera um atrevimento menos culpavel; mas agora será despejo a minha ousadia. — Eu sou (disse elle) o que me corro da desculpa; e posto que me vinha bem que estes senhores acceitassem qualquer das vossas para não ficar tão manifesta a vantagem que me fazeis, não quero que com essa fingida humildade castigueis a confiança, com que me offereci.— Melhor me está obedecer que competir (tornou Pindaro); quero contar uma historia semelhante á vossa, só para me aproveitar do modo que n'ella tivestes: se eu acertar, a vós se deve o louvor de tudo; e se me perder, tambem sereis culpado, por a força que agora me fazeis.

"Manfredo, mancebo bem nascido, a quem em gentileza e discreção ficavam muito inferiores todos os de sua edade, na casa do imperador Constantino III, cujo cortezão era, teve tanta ventura nos olhos de Eurice, filha de Constancio, que depois succedeu no imperio, que lhe parecia a ella que não podia esperar dos fados maior ventura, que a de o alcançar por seu esposo, e gosar em qualquer estado humilde o fructo de sua affeição; triumpho que o amor alcança da vaidade com o favor dos espiritos mais illustres e levantados. O mancebo alheio d'estes pensamentos, porém obrigado das mostras que lhe revelavam aquella affeição, determinou de lhe não ser ingrato, porque além da gran

deza de estado, que na opinião dos homens avalia melhor os merecimentos naturaes da cousa amada, era Eurice tão formosa, que de quem no sangue lhe fosse egual merecia os maiores extremos de affeição. Não fazia comtudo Manfredo os que desejava, porque como entendido sabia o risco, em que punha a vida se se publicasse na côrte este segredo: e posto que não via caminho de poder tirar algum fructo do seu amor, o sustentava sem esperanças com toda a fé, que a Eurice era devida. Passou algum tempo até que em ambos a grande força do amor venceu a razão, e triumphou a vontade do entendimento de Manfredo, que sem outro conselho fugiu com a sua Eurice, em companhia de dois creados que o serviam, de cuja fidelidade tinha feito prova da experiencia. Passaram a Italia: tomaram primeiro terra no reino de Napoles, d'onde foram a Ravena, e d'alli ao districto de Modena, onde agora chamam Mirandola, que eram n'aquelle tempo montanhas incultas, habitadas sómente de alguns pastores: entre estes começaram a viver os dois amantes guardando gado, e fazendo verdadeiros os bem fingidos amores pastoris: tendo, em logar dos paços reaes, tanques e jardins de Constantino, as humildes cabanas, a natural verdura dos floridos valles, e a cristallina corrente das claras fontes: e a troco das galas, sedas e toucados galantes, que deixaram, os simples vestidos da montanha, as capellas de flores e boninas, e os surrões e cajados de guardadores: alli pisando com um generoso desprezo a vaidade, livres de ingratos ciumes e enganosas suspeitas, gosavam de seu puro querer, e verdadeiro, sem haver outra cousa que perturbasse aquelle contentamento, mais que o receio de serem por algum modo conhecidos. Manfredo, pouco a pouco desbaratando por via d'aquelles dois creados algumas joias de preço, foi comprando gados e propriedades n'aquellas montanhas em tanta copia que veiu a ser o mais rico morador que n'ellas havia: e por sua riqueza, prudencia e pessoa era tão respeitado e querido de todos, que, como se fôra senhor d'elles lhe obedeciam. Já n'este tempo de sua prosperidade tinha da formosa Eurice copiosa geração; porque do primeiro parto lhe nasceram tres filhos bellissimos, que com os trajos e nomes d'aquella montanha se crea-

ram. Depois lhe foram nascendo cinco, que com a melhoria de seu estado accrescentou nos nomes, chamando a um d'elles do seu proprio; e a duas filhas a uma Eurice e outra Constancia. Com esta generosa familia, e sem outros cuidados, n'aquella dôce e amada companhia passavam alegremente a vida sem sobresaltos. Tendo depois Constancio o governo do imperio, passou com grande exercito á Italia, e assentou arraial junto á cidade de Aquileia, onde todos os povos italianos lhe mandaram por seus embaixadores dar a obediencia. Juntaram-se os moradores de Modena e de seus contornos, e elegeram para esse cargo a Manfredo considerando sua gentileza, cortezania e entendimento, e o poder ir com melhor tratamento de sua pessoa e creados. Houve elle de acceitar o cargo, seguro de não ser já conhecido de nenhum dos que em outro tempo haviam tratado, com a mudança dos annos, e da vida que tinha n'aquella aspereza. Mas Eurice com amor e esperança duvidosa, com mil receios deante, lhe dizia: "Não sei, meu querido esposo, que desejo me "anima a que consinta n'essa vossa jornada, temen- "do n'ella tantos perigos assim de serdes conhecido "de meu pae, a quem tanto offendestes, como de "me deixardes só n'esta montanha, onde vossa pre- "sença me sustenta a vida, tendo-me tão mal acostu- "mada, que nem saberei viver uma hora sem vós, nem "estar em mim, em quanto vos detiverdes em Aqui- "leia: comtudo um certo presagio da ventura me acon- "selha que não tema este damno: e considero que não "fôra muito menor, se me levareis em vossa compa- "nhia, para que quando a sorte quizesse que, sendo "do imperador descoberto o nosso segredo, vos accom- "mettesse a sua ira, ou o movessem minhas lagrimas "á piedade, ou, havendo de haver algum risco com "vossa vida, a padecesse a minha de um mesmo golpe. "Aconselhae-me, caro Manfredo, o que farei, tomando "as minhas partes contra vossa propria determina- "ção; que me não deixa amor fazer a escolha; nem os "receios em que tropeço me dão caminho e logar para "que acerte. Porque se a ventura me busca para me "restituir o que deixei em seu poder, quando no que- "rer do amor puz minhas esperanças, não quero fal- "tar-lhe pelo que vos quero: e se pelo contrario quer

"tomar vingança do despreso com que tratei suas pros-"peridades, justo é que se desvie dos castigos quem se "soube esconder de seus favores.„ —Estas e outras palavras piedosas lhe dizia Eurice; a que elle com outras de muita segurança respondia, e a animava a que não podia temer nenhum successo desencaminhado; desfazendo-lhe com boas razões o seu feminino receio: com estas e outras de muito amor e saudade se despediram. Ella ficou chorando sua ausencia: elle chegou a Basyléa; e houve-se com tanto aviso e cortezania na embaixada, que o imperador lhe ficou affeiçoado, e o fez gentil homem de sua casa, mandando-lhe que ficasse n'ella em seu serviço com promessas e palavras mui cumpridas. Houve Manfredo de acceitar o novo cargo, por não mover alguma suspeita que sahisse em seu damno. Escreveu logo a Eurice o que passava; e ella começou com novo sentimento e devidos extremos a chorar sua ausencia e sua privança; mal, que só sabe receiar quem conhece a mudança e perigo de vontades; que sempre as mais levantadas são mais mudaveis e ligeiras, e os da inveja que sempre como sombra acompanha os validos. O imperador cada dia cobrava a Manfredo maior affeição, achando no seu entendimento e humildade tudo o que em todos buscava; elle admittido nos conselhos e nas occasiões de maior importancia ia crescendo; mas como estes bens lhe impediam o maior da vida, que era a sua Eurice, não recebia d'elles contentamento, nem os tinha por ventura. A mulher da mesma maneira vivia em pena n'aquella montanha, que d'antes lhe parecia um paraiso terrestre; e como sentia egualmente os cuidados de Manfredo e a sua ausencia, para o alliviar dos da côrte, lhe mandou Fantulo e Manfredo, seus filhos menores, a visital-o, porque a estes mostrava elle maior affeição; e eram elles taes por seu parecer, que a todos os que os vissem a mereciam. O pae ainda que com amorosos extremos os festejou; combatido de um novo receio, estava turbado, porque era o do seu nome tão parecido a Constancio, que temia que na vista désse occasião de alguma lembrança que descobrisse o segredo de sua culpa. E como a vinda dos meninos foi sabida de muitos, e o imperador os havia de vêr pela graça que já tinha a seu pae, elle

mesmo se quiz oppôr ao perigo, e lh'os foi apresentar com toda a humildade. O avô os recebeu com estranha alegria; que ás vezes a natureza com estes effeitos descobre os segredos do tempo, e acaba o que não póde levar ao fim a industria humana. O pae como discreto sabia escolher as occasiões; que este é o mais verdadeiro toque do entendimento. Entrando com o imperador e com os filhos em um aposento particular, lançado a seus pés lhe disse estas palavras: "Não é "justo, poderoso senhor, que á conta de salvar a vida, "e de escusar n'ella o castigo que meus erros mere- "cem, tire a esses innocentes o merecimento e o favor "de vossa graça, com que agora podem tornar atraz a "fortuna: e assim com a confiança em vossa piedade, "e menos seguro ao perdão, que obrigado do muito "que vos devo, confesso minha culpa, pedindo com es- "tes meninos misericordia, que para si e para sua mãe "e irmãos estão com caricias pueris grangeando a vossa "vontade. Sabei, piedoso senhor, que são netos vossos, "filhos de Eurice, vossa filha e meus; que, sendo des- "posado com ella secretamente, por fugir ao rigor da "vossa ira, vivo ha tantos annos nas asperas penedias "e incultas montanhas de Modena, fazendo penitencia "de minha ousadia com o mesmo amor, que foi o cul- "pado. Se esta confissão, com o pesar de vos haver "offendido, merece que useis commigo de brandura, "lançado a vossos pés peço perdão, tomando por pa- "drinhos a estes caros penhores do sangue vosso: e se "pelo contrario se ha de empregar o vosso rigor em "sujeito tão vencido, aqui me tendes com a vontade "offerecida para os maiores tormentos da crueldade

O imperador com um estranho sobresalto ficou enleiado sem saber determinar: e pondo os olhos n'aquelles bellos retratos da sua Eurice, abrandou a ira, com que os havia de pôr em Manfredo, reconhecendo-os por seus netos, e perdoando ao pae a culpa commettida. Depois foi elle proprio ás montanhas a vêr a Eurice, e á venturosa progenie que creára; a quem com muitas lagrimas de alegria recebeu em sua graça: e alli fez a Manfredo conde e marquez de todo aquelle districto, que fica entre os rios Pado, Tanaro e Sequia, dando-lhe poder para edificar villas, castellos e cidades, que accrescentasse a

seu senhorio: mandou que elle, seus netos, e todos da sua descendencia, trouxessem por armas a aguia negra dos imperadores. E por admiravel progenie da sua Eurice pôz á terra Miranda, que depois chamaram vulgarmente Mirandola. Manfredo e sua mulher em vida de Constancio seguiram a côrte com grande accrescentamento de estados: e depois que falcou no imperio, se recolheram ao seu marquezado, fazendo muitas povoações e cidades, em que seus filhos succederam, alliando-se depois com todos os potentados de Italia e de Allemanha, que dão ainda verdadeiro testemunho de que os casamentos por amor nem podem ser extranhados da natureza, nem desfavorecidos, por a maior parte, da ventura.„

—Ambos (disse Solino), me parece que podereis partir a fogaça, porque vos houvestes de maneira, que o que se atrever a julgar a melhoria, tomará tão difficultosa empreza, como seria a de querer agora competir com a boa linguagem e modo que tivestes. — Entendo (tornou Leonardo) que chegais braza á vossa sardinha: mas não a haveis de tirar do fogo com a mão do gato, nem livrar a vossa obrigação, com a que nós tenhamos de dar a Feliciano e Pindaro louvores tão bem merecidos. Nenhuma razão tendes para não fazer no terreiro vossa cortezia. —Eu sou de voto (disse o doutor), que lhe aceitemos qualquer escusa, porque a sua rhetorica serve mais aos contos, que ás historias, segundo disse o Licenciado. — Grande aggravo se lhe faz (disse Pindaro) em o tirarem da conta dos historiadores, que elle se confessou por esse, e por affeiçoado aos livros de cavallarias; e além dos seus contos engraçados sabe tantas historias, que a ser figura de arithmetica, poderá ser conto de contos. — Bem sei (respondeu Solino) que me sommais para me diminuir: ainda que a meu pesar confesso que, se a historia de cada um de vós me cahira nas mãos, houvera de sahir d'ellas com mais bordões e muletas do que tem uma casa de romaria, porque me não escapam termos das velhas, nem remendos dos descuidados que lhe não misture.—Quando menos (disse o doutor) ouçamos isso, ficará á vossa conta o exemplo do que se ha de fugir, pois os dois amigos nos ensinarão a acertar. — Tambem errar por obrigação é difficultoso, (replicou elle) mas aceito o

partido, por vender por alheios meus erros proprios. E ouvi o que passa: farei de um peão dama, e de um conto historia por ser mais breve:

"Dizem que era um rei: vem este rei casou por amores com a filha de um seu vassallo: era ella tão formosa que podia por sua belleza ser confiada, pois por essa alcançára o ser rainha: mas sem lhe valerem esses privilegios deu em tão ciosa, que bem a mão, não dava o marido um passo que ella não acompanhasse com as suspeitas; assim que apertavam estas tanto com ella, que já mais vivia em paz com seu gosto. Vem ella, e por vencer esta desconfiança vai, e manda secretamente chamar uma feiticeira, que n'aquella terra havia de muita fama, em cujo engano achavam os namorados uma botica de remedios para seus males. Assim que dizia: esta feiticeira por lhe vender mais cara sua diligencia, feitas algumas fingidas, metteu em cabeça á boa da rainha que o marido amava com grande extremo a uma criada sua, que ella pintou logo a mais galante, airosa e bem assombrada que havia no paço. Quando ella aquillo ouviu ficou guarde-nos Deus como uma mulher transportada, e sem sangue; por maneira, que prometteu áquella feiticeira que lhe faria e aconteceria, se desaffeiçoasse ao rei d'aquelles amores, e empregasse n'ella todos os seus: a outra, que não queria mais que aquillo, vede vós como ficaria contente; vem, e promette á rainha que lhe daria tres aguas conficionadas de tal maneira, que uma, tanto que el-rei a provasse, bebesse logo os ventos por ella, e lhe quizesse mais que o lume dos olhos, com que a via; a outra, que, em a rainha a bebendo, parecesse a seu marido o maior extremo de formosura que havia no mundo; a terceira que, tanto que a dama a bebesse, a desfigurasse de maneira, que a todos aborrecesse a sua vista. As palavras não eram ditas, a rainha lhe deu muitos haveres, e fez grandes mercês e promessas; que muito facil é de enganar a que deseja aquillo, com que lhe mentem. Vai a feiticeira d'alli a poucos dias, e traz aquellas aguas conficionadas, encarecendo muita a virtude, e segredo d'ellas; mas ou porque lhes errou a tempera, ou porque todas se resolvem n'estas boas obras, a mudança que ella queria que houvesse na vontade, e nos pare-

ceres, lhe houveram de fazer na vida; que a peçonha, que é sempre material dos seus unguentos, penetrou de maneira que os teve a todos tres em passamento; e a bom livrar ficaram d'ahi a poucos dias sem juizo. Ainda bem a feiticeira não soube o damno que fizera, e que, por não trazer a mão certa n'aquelles adubos, podia vir a estado de a pôrem nas da justiça, desappareceu. Eis senão quando se juntaram todos os medicos eminentes, que havia no Reino; e depois de muitos mezes de cura, (olhai vós quantas se fariam a taes pessoas) foram pouco e pouco cobrando os sentidos e entendimentos; e com a força do mal lhes cahiu a todos o cabello da cabeça sem lhes ficar um só. E não foi tão ruim o partido, como era ter cabeça sem elle quem antes o trazia sem ella. Tornando ao meu proposito, tanto que a rainha se viu tão desfigurada, conhecendo o desatino que fizera, dando todas as culpas a amor, confessou seu erro, a criada sua innocencia, e o rei sua desgraça: d'alli adiante, conformando-se com o exemplo d'aquelle successo fizeram vida sem ciumes: que d'elles e de casamentos por amores não escapam senão ou com as mãos nos cabellos, ou com elles pellados.„

Festejáram os amigos a historia de Solino, porque se conformava no modo e acção de falar com o que dizia; e como tinha graça, até os erros lhes pareciam bem. E assim lhe disse o doutor: —Tudo vos succede a pedir por boca, porque na vossa até o exemplo do que nos outros enfada tem graça para dar contentamento; e posto que as duas historias passadas foram tão primas, não desdizem d'ellas os vossos bordões.—Se eu não tivera o de vossa auctoridade para me sustentar (respondeu elle) manejára em tudo.— Em nada (proseguiu elle) haveis de mister favor alheio, e menos n'este particular, em que entrais com todo o cabedal que requer uma historia, que é *boa linguagem, discrição natural, relação ordenada, praticas com piedade, successos com brevidade, sentenças com que se auctorise, e graça com qua se conte.* Porém são horas de deixarmos esta, e darmos as suas ao repouso da noite.

Com isto se levantaram continuando com a mesma pratica até á escada; que das coisas, que dão satisfação á vontade, não se sabem despedir as razões.

DIALOGO XI

DOS CONTOS E DITOS GRACIOSOS E AGUDOS NA CONVERSAÇÃO

No dia seguinte, antes das horas em que os amigos se haviam de ajuntar para a conversação, Leonardo e os mais tiveram recados de D. Julio, em que lhes fazia a saber que chegara doente, e que tinha por hospede ao prior com outro irmão seu: que receberia de todos grande mercê em quererem juntar-se aquella noite em sua casa, porque só com este remedio daria allivio ao mal que trouxera da cidade. Elles, que (além de a petição ser justa) eram interessados em sua saúde, amigos e obrigados a o visitarem, ouviram que lhe deviam obedecer. Solino acompanhou a Leonardo: e não faltaram no caminho murmurações discretas, nem em o doutor, e os estudantes juizos temerarios. Acharam a D. Julio na cama, o prior junto a ella, e o irmão, que era homem mancebo, bem afigurado, e que no trajo vestia mais ao soldado, que ao cortezão. Sentados todos depois de lhe fazerem cortezia, e comprimentos devidos, disse Leonardo:—Bem me parece, senhor D. Julio, que estaes já tão aldeão com a nossa companhia, que vos apalpam os ares da cidade; e que os regalos d'ella fizeram que o senhor prior se esquecesse d'aquella sua estalagem tão cheia de vontade para o servir.— Onde vós estaes (respondeu D. Julio) é a côrte; e a falta d'esta me podia fazer aldeão. Do senhor prior fazer a troca por esta noite, tive eu a culpa; porque com esta condição acceitei em terra alheia a sua pousada nas casas do sr. Alberto seu irmão, a quem tambem obriguei a que me fizesse esta mercê.— Não me desculpo (accudiu o prior) porque tudo o sr. D. Julio tomou á sua conta: porém em occasião estaes de haver muitas, em que mudeis o queixume, fazendo-o antes de minha importunação sobeja, que d'essa falta: porque vem apostado meu irmão, pelo que lhe contei, a perder poucas noites d'esta aldeia, em quanto as tiverdes tão boas como duas que me aconteceram.— Assim (disse o doutor) serão ellas melhores, porque com vossa presença, au-

toridade e discreção, e com favores seus, ficarão melhor assombradas; terá saúde este fidalgo, e então vos convidaremos para a primeira; que ainda não sabemos de que vem maltratado.—Do meu achaque (disse elle) tive eu a culpa, que me entreguei hontem mais, do que era razão, na ceia; porque foi de pescado e marisco, e dôces; e como cresceu com a novidade o appetite, quizse forrar á custa do estomago de quantas vezes nos faltam semelhantes regalos n'este logar; e certo que tive um accidente muito rijo, e não podia com o cansaço, que me deixou sem vossa vista, e d'estes senhores; e por isso me vali do atrevimento do recado.—O allivio (disse o doutor) é tão em favor nosso, que, a ser menor o mal, consentiramos n'elle.—Maiormente (acudiu Solino) se é o que eu cuido, que como experimentado de ordinario, julgo mais a enfermidade pelo pulso, que pela informação.—Não parece que vol-o deve offerecer quem a tem tão boa de vossa malicia, (tornou o fidalgo.)—Antes estou tão emendado em alguma, que vol-o pareceu (replicou Solino) que já não suspeito senão o que é.—Tarde vos mettestes n'essa recoleta disse o doutor) e os que em velhos começam a ser bons, pouco tempo lhes fica para usarem da virtude. —Não sei logo (lhe respondeu elle) como, sabendo isso, vos descuidastes tanto, que nunca para uma murmuração vos achei descalço.—Parece-me (disse D. Julio) que será bom que o mais fraco aparte esta briga com pedir que me façaes mercê de me dizer em que se passou hontem entre vós a noite.—Parte (disse Solino) em cuidar em como passarieis o dia, e na grande falta que nos fizestes; a outra em dizer como se haviam de contar as historias na conversação; e n'aquella se disseram duas para negaças, e uma para espantalho; ficou para continuar a materia de contos graciosos, ditos agudos e galantes: tereis vós saude logo, e nós com ella gosto para proseguir, e ouvirão estes senhores o que não cuidaram.—Não me ponhaes vós isso em dilação (disse o fidalgo) que antes em quanto mal disposto quero, como dizem, acrescentar esta noite á vida; e se m'a desejaes como amigo, sabeis que n'isto a tenho.—Se como a doente (respondeu Solino) vos houverem de fazer a vontade, não sei se fôra esta. Com tudo, ao menos para divertir, comece o doutor; que eu aqui trago as

armas, com que costumo accudir a esta guerra; e cada um diga o seu conto, e conte o seu dito, encommendando a todos que riam do que eu disser, porque é vicio, dos que cuidam que tem graça, a desconfiança.

—Tambem essa me parece (accudiu o doutor) e dando-vos a obediencia para servir ao senhor D. Julio: A noite, em que nos faltou sua presença, se tocou n'esta conversação o modo que havia de ter o discreto em contar uma historia; fugindo muitos vicios, e bordões que os nescios tem n'ellas introduzidos; e como em dependencia d'esta materia se falou nos contos galantes, que tem d'ellas muito grande differença; pois elles não consistem em mais, que em dizer com breves e boas palavras uma cousa succedida graciosamente. São estes contos de tres maneiras: uns fundados em descuidos, e desattentos: outros em mera ignorancia: outros em engano e subtileza. Os primeiros e segundos tem mais graça, e provocam mais a riso, e constam de menos razões, porque sómente se conta o caso, dizendo o cortezão com graça propria os erros alheios. Os terceiros soffrem mais palavras, porque deve o que conta referir como se houve o discreto com o outro que o era menos, ou que na occasião ficou mais enganado. E porque n'isto declaram menos as regras, que os exemplos, diga cada um o seu; que eu, por desimpedir o caminho, quero que me passe por conto o que me aconteceu ha poucos dias:

"Fui a casa de um letrado meu amigo, a quem achei mui colerico, tirando pelas orelhas ao seu moço, que se desculpava, chorando, que não sabia de uns oculos, por que perguntava: olhei, e vi que tinha uns no nariz presos; perguntei-lhe se eram aquelles: o letrado ficou corrido, porque, tendo-os nos olhos, os não via; e o moço queixoso porque as suas orelhas pagavam a pena que as do letrado mereciam.

—Esse desattento (disse Leonardo) é muito ordinario nos escrivães que buscarão duas horas na mesa, e nos papeis a penna que trazem na orelha. Mas para desattento, e descuido: o que n'este logar aconteceu ha muitos annos a um cortezão que aqui vivia, que tendo uns amores humildes, que tratava com muito segredo, tinha um relogio de peito que trazia tão esperto, e bem temperado, que fazia horas quasi a todos os moradores

d'este logar. Desattentou, e estando com elle ao pescoço uma noite em casa da delinquente, deu o relogio meia noite: e ás escuras manifestou a toda a visinhança a verdade, que até então escondera dos olhos, e suspeitas de todos. — Ainda (disse o prior) me parece peor o successo de um meu conhecido, que em um bairro de pouca visinhança tinha em Lisboa amores com uma moça que lhe estava já affeiçoada; falava-lhe de noite de uma janella, e ambos se temiam de outra, d'onde um visinho de parede em meio os espreitava: por se livrar d'este inconveniente, deu-lhe a moça ponto para uma noite lhe falar de mais perto, entrando pela janella, fazendo primeiro certo signal com que ella havia de accudir. Buscou elle para isto uma noite chuvosa, e escura, poz sua escada, subiu; e errando a barreira, foi bater e fazer o signal na janella de que se vigiavam. Accudiu o visinho, e abrindo-a, viu o namorado seu erro á candeia; e com o sobressalto d'esta desgraça, cahiu com a escada e com o segredo na lama.

Festejaram todos o conto com muito riso. E disse Solino:—N'este mesmo logar conheci um galante, que falava muitas noites de pé da janella a uma dama. com quem tinha amores; e assim em vendo visinhança recolhida, e logar quieto, disfarçando com os moveis, que para aquelle mister tinha apparelhados, vigiando todos os pontos por onde podiam contraminar a cautella do seu segredo, se vinha ao posto. Uma noite, que lhe não coube vez senão perto da madrugada, falando a moça com elle, sentiu dentro reboliço; e por não ser sentida, pediu-lhe que se cobrisse com a sombra, e que ella tornaria a lhe fazer signal, como tudo se aquietasse. Sentou-se elle em uma pedra; e a moça vendo o negocio mal parado, por desmentir algumas suspeitas se foi lançar na cama: o galante, que como estava trasnoitado achou branda a em que se recolhera, adormeceu com tão boa vontade, que já alto dia foi achado como Leandro na praia de Césto, dormindo com o trajo de outras horas, espada núa, e rodela mal vestida, sem dar accordo; até que, depois de estar á vergonha, um amigo o recolheu a casa, e a dama padeceu a esta conta muitas, que costumam a ser o ganho d'estes empregos„.

Com egual alegria foi recebido este conto, que o de prior: e disse Leonardo a Feliciano, e a Pindaro, que, pois elles tinham dado exemplo dos contos de descuido, e desattento, a elles ambos tocavam os da ignorancia. — Não nos guardastes para bom logar (tornou Pindaro) porque mais convinha aos mancebos contarem descuidos e desattentos dos velhos, que ignorancias suas: mas para que saibaes que não faltam umas e outras culpas n'essa edade, me não escuso.

"Um homem de melhor parecer e estatura, que entendimento, se apartou a viver alguns annos longe da cidade em um monte, onde além de tratar pouco do culto de sua pessoa, com o ar dos matos, o discurso da edade, e algumas enfermidades que tivera, estava do rosto e das feições mui dissimilhado; indo depois com nova occasião a viver á terra, d'onde sahira, querendo-se vestir, e concertar ao galante, mandou que lhe comprassem um espelho: fez o creado diligencia, e não achou nenhum de que se satisfizesse o amo, tendo provado muitos, ou quasi todos os que ouvia: e perguntando-lhe porque os engeitava respondeu: "Porque fazem "tão mau rosto, e tão avelhantado, que se não pode "um homem de bem vêr a elles; e ha poucos annos "que os havia n'esta terra tão excellentes, que me fa-"ziam o rosto como de um anjo". Riu-se o moço dizendo entre si: Mais se desconhece meu amo por ignorante, "que por mal visto; pois ao espelho põe a culpa que "tiveram montes, e a edade".

—Outro (disse Feliciano) tão fraco de animo como de entendimento, passando em sua casa de uma para outra, com uma porcelana de sangue que levava para certo effeito, acertou de tropeçar na porta por onde entrava, e entornou-se-lhe o sangue pelas mãos: e accudindo logo com ellas ao chapéo, que lhe cahia, encheu a testa de sangue que lhe corria em gôttas sobre o rosto: um filho, que olhando para elle o viu ensanguentado, começou com grandes gritos e choros a chamar sua mãe; a qual, tanto que achou o marido d'aquella maneira, com as mãos nos cabellos pranteava sua desaventura: elle ouvindo os gritos de todos, sem saber o que era, cahiu esmorecido na casa, onde podera morrer de nescio, como outros morrem de mal feridos".

Pareceu muito galante, e provocou a todos o riso o

conto de Feliciano; e proseguiu o doutor dizendo: — Os contos da ignorancia tem mais graça, que os da malicia; e assim dizia um discreto que só a parvoice com auctoridade era sem sabor; que não póde ser maior galanteria, que um engeitar ao sirgueiro o chapéo porque não tinha a rosa para deante, podendo-a elle voltar para onde quizesse: o outro espantar-se muito de lhe não tingirem umas meias negras de verde, sendo assim que havia pouco tempo que umas verdes lhe tingiram de negro: e o outro, que para não perder a chave do cadeado, a metteu dentro na canastra encourada antes de o fechar; e depois lhe foi necessario quebrar a ella, ou romper a ella para tirar a chave: e muitas semelhantes, que contar agora seria infinito. — Ainda (accudiu D. Julio) haveis de dar licença ao conto de um meu conhecido, que ouvindo falar que havia antipodas, e que andavam com os pés para os nossos, o não pude persuadir de que modo podia estar esta gente, sem cahir de cabeça abaixo, andando ás avessas. — Todos esses (disse Leonardo) são extremados; porém os de engano, se tem menos occasião de provocar a riso, tem a graça mais viva na subtileza e malicia; e quando a materia é graciosa, levam a todos os outros muita vantagem. "Um amigo meu era mui regalado de dôces; e no tempo das flôres e das fructas mandava fazer em sua casa muita variedade d'elles: uma das creadas, com que se servia, era tão gulosa, que, em vendo boccados a enxugar, não se aquietava até tomar a sua ração, que era cerceal-os a todos como a reales. Desejando o senhor de saber qual dos seus moços, ou creadas, lhe fazia aquella travessura, mandou fazer certos boccados com azebre, cobertos de assucar; e, postos ao sol, deu mais logar á moça, que accudindo ao reclamo, fez seu lanço; e como logo se quiz aproveitar do ponto, foi tão grande o amargor na bôcca, que o não poude encobrir: fazendo muitas diligencias, começou a dar signaes, e a agastar-se: o amo fingindo suspeitas de peçonha, metteu toda a casa em revolta, e a moça em desconfiança fazendo-a beber azeite, e tomar outros defensivos: porém como elle não podia encobrir o riso de a tomar na empreza com aquelle engano, entendeu ella o que seria; e por remediar sua falta, fingindo estar atribulada, disse que lhe declaras-

sem se morria, porque havia de deixar culpado quem a convidara com aquelle dôce, por ella não descobrir os que lhe vira muitas vezes furtar dos taboleiros: e d'este modo remedeou seu erro, deixando seu amo na mesma duvida que tinha d'antes.„ — Um estudante (disse Feliciano) que entre outros era hospede em casa de um amigo, jazendo todos na cama, por ser o tempo de verão, elle que era menos corrido, que engraçado, lhes disse: Não se riam vossas mercês tanto do meu pé, que apostarei que ha na companhia outro peior: cada um fiado nos seus, zombava, e sahia á aposta, de maneira que a fizeram que, se elle o mostrasse, ganharia certo preço, ou perderia outra egual valia: feita a aposta, tirou elle o pé esquerdo, que tinha escondido, que por calçar mais dois pontos, que o outro, tinha os dedos em arcos, tão tortos, e cheios de cravos, e o pé de joanetes, que não parecia natural: e assim ganhou, com muito riso de todos, o que tinha apostado.„ — Outro estudante do meu tempo (proseguiu Pindaro) passando parte de uma noite de inverno em casa de um amigo, que morava perto do rio, choveu tanta agua, e cresceu com tanta furia o Mondego, que lançou por fóra, e fez ilha das casas do estudante: o hospede esperava que o convidasse a ficar; e o amigo não tinha essa vontade, porque temia a roupa de alguns males contagiosos, que d'elle suspeitava: estiveram assim grande espaço da noite, sem cessar a chuva, até que o senhor da casa começou a bocejar, e o hospede a se despir: e perguntando-lhe o amigo para que se despia? respondeu: Que ou para nadar, ou para se lançar na cama. Vendo-se elle apertado, respondeu: Pois assim é; alli tendes uma taboa, ou vos salvae n'ella, ou fazei d'ella cama em que vos lanceis.„ — Esse conto (accudiu Solino) tem o pé em duas raias, ou parte com dois termos, que consta de dito, e de feito; mas passe sem sello, por ser vosso — Signal é (respondeu elle) que vos não deve direitos. Então gabaram todos os contos, e disse o doutor: — Além d'estas tres ordens de contos, de que tenho falado, ha outros muito graciosos, e galantes, que, por serem de descuidos de pessoas, em que havia em todas as cousas de haver maior cuidado, nem são dignos de entrar em regra, nem de serem trazidos por exemplo: a geral é que o desattento, ou a ignorancia d'onde menos se

espera, tem maior graça. Atraz dos contos graciosos se seguem outros de subtileza, como são furtos, enganos de guerra, outros de medos, phantasmas, esforço, liberdade, desprezo, largueza, e outros semelhantes, que obrigam mais a espanto, que a alegria; e posto que se devem todos contar com o mesmo termo, e linguagem, se devem n'elles usar palavras mais graves que risonhas.— Não era essa materia (disse D. Julio) para se passar por ella tão apressadamente; porém já que no fim da noite, em que me eu apartei, se tratava do sal; parece que sinto menos a falta da que perdi, com vos achar ainda agora n'esta graça, como dependencia do que então se falou; que não a pode haver melhor acceita que a dos ditos agudos e galantes: assim que não havemos de consentir que o doutor se divirta para outra cousa.— Eu não posso (disse elle) sahir de vosso gosto; porém a materia não era para tão de repente, nem para tão breve tempo como se requere que seja o da visita. Porque primeiramente, *dito*, na significação portugueza tomamos por cousa bem dita, ou seja grave, como o são as sentenças; ou aguda, e maliciosa, como o são as de que agora tratamos: e chama-se *dito*, porque dizem uma só palavra, ou muito poucas muito de entendimento, de graça, ou de malicia. E deixando a sentença, que terá em outro dia o seu logar, os ditos agudos consistem em mudar o sentido a uma palavra para dizer outra cousa, ou em mudar alguma lettra, ou accento á palavra para lhe dar outro sentido; ou em um som e graça, com que nas mesmas cousas muda a tenção do que as diz: e de uns e outros os mais engraçados, e excellentes são os de respostas; porque além de estas serem mais apressadas, e tão de repente, que tomam entre portas o entendimento; tem materia sem suspeita nas perguntas.

Dos da primeira especie não tem pouca graça os que dizem sobre os nomes proprios, como aconteceu a um cortezão, que, perguntando a um amigo pelo nome de uma dama da corte, a quem visitavam infinitos galantes, lhe respondeu que se chamava N. do Valle. Deve ser (tornou elle) o de Josaphat, segundo a gente que corre para esta parte. Nenhuma me parece (replicou o outro) que vem a juizo, porque nem ella o tem, nem os que a buscam.— Esse dito (disse o prior) tem a graça

dobrada em ambas as pessoas: porém um cortezão galante, de muita edade, visitando a uma sobrinha sua, que estava desposada com um N. do Carvalhal, homem muito velho, e senhor de um morgado rico, lhe disse: Sobrinha, o que vos mais releva é que tireis d'esse tronco algum enxerto, que fique preso; por isso não vos descudeis; e quando não puder ser de Carvalhal, seja de Cornicabra.„ Todos festejaram muito o dito: e proseguiu Leonardo:—Um amigo meu tinha uma amiga muito magra e comprida, a que chamavam N. Quaresma; e queixando-se uma sexta feira de falta de pescado, lhe disse outro: Quem se atreve a uma Quaresma tão estreita e comprida, porque receia uma sexta feira? Porque (respondeu elle) tenho a quaresma por carnal, e a sexta feira por dia de quaresma. — A graça na mudança das letras, ou accento (disse D. Julio) não é pouco galante; como aconteceu a um mancebo, que vendo uma moça á janella, que lhe pareceu bem, sem ter d'ella outra noticia a namorava, mui embebido em sua gentilesa: passou um amigo, que vendo-o acenar lhe disse: Que quereis a essa moça? Se ella quizesse (respondeu elle) tomal-a por minha dama. Cuidei (tornou o outro) que por ama; porque ha poucos mezes que pariu.„ Tambem por esse caminho me parece gracioso o dito de uma mulher, que não tratava bem de obras a honra de seu marido, e elle muito mal de palavras a de toda a sua visinhança: era o seu nome d'elle N. Ramos; e pondo-se um dia em praticas com a mulher, começou a contar com ella todos os cornudos que havia no seu bairro: a mulher com raiva da sua má natureza, a cada passo dizia: Erramos marido: tornai a contar, que falta um. Elle, que entendia mal o remoque, sem se meter na conta, a tornava a fazer de novo muitas vezes.„— Ainda que o dito é mui sabido (tornou Pindaro) não vem fóra da razão n'este logar; nem se deve negar tambem a outro, de um cortezão engraçado, que levando-o um alcaide preso diante de certo julgador, por trazer seda contra a pragmatica; e allegando que era homem nobre; lhe disse o juiz, que, pois o era, porque não trazia o que devia?— Antes (respondeu elle) o faço assim, porque ainda devo tudo o que trago. Sabei, senhor (tornou elle) que se vos fez a divida maior, pois o to-

mam por perdido. — Por perdido (disse elle) m'o poderá tomar seu dono: mas pois vossa mercê o quer julgar ao alcaide, requeiro que lhe passe com seus encargos. — Outros ditos ha engraçados a essa similhança (proseguiu o doutor) que só na mudança dos sentidos das coisas (como já disse, tem a galanteria; como o que aconteceu ha poucos mezes a uma donzella, que servio seis a uma Dona mui miseravel de condição, a qual a despediu sem mais galardão, que um vestido de serguilha, a que chamam cilicio. E perguntando-lhe uma senhora: Como vos pagou N. o tempo que a servistes? Pagou-me (respondeu a moça) como um confessor, com este cilicio, e seis mezes de pão, e agua.„ E porque disse que de uns, e outros os melhores consistiam na graça de uma boa resposta; e quasi todos, os que aqui se disseram, o parecem, me quero declarar assim com razões, como com algum exemplo, que as declare. Resposta aguda ha, que como esta, e outras, que ficam ditas, agradam muito, porem não incluem a brevidade das que fazem a sentença com as palavras da pergunta. "Um cortezão fallando de outro, que alcançára por sua valia muitos logares honrados, e perdera um, em que tinha empenhado todo o seu cabedal, por ser de humilde geração, perguntava a um amigo: Se N. sempre acertou até agora em suas pretenções, como n'esta, que mais lhe importava, errou? Respondeu o outro: foi por baixo.„ "A outro, qne vivera muito tempo na privança de um senhor com grande prosperidade, vendo-o depois um amigo em estado miseravel, lhe perguntou: Como de tanta altura desceste da graça de N. a esta miseria? Ao que elle respòndeu: Cahi.„—Ainda (disse o irmão do prior) que em querer dar minha razão seja atrevido, a profissão de soldado me desculpa; entre os quaes até a temeridade é digna de louvor. Mas em Flandres, onde andei na milicia hespanhola alguns annos, acudiam muitos doutores catholicos, e outros scismaticos encobertos, a umas conclusões, que havia em uma cidade pequena, de theologia: certos frades de S. Francisco, aos quaes não davam logar suas enfermidades para poderem caminhar a pé, iam em asnos. Passando por elles alguns do outro bando em mulas muito luzidas, e auctorizadas; um d'estes por motejar aos menores, lhes perguntou: Aonde vão

os asnos? Respondeu um frade velho: Nas mulas: e com uzar da agudeza, na sua mesma pergunta os envergonhou, mudando o sentido a uma palavra d'ella.„ Gabaram todos o dito, e o comedimento do novo companheiro; e continuou o doutor: — Temos tratado dos contos graciosos, e ditos agudos, e galantes, com exemplos muito a proposito da sua differença; fica para dizer o como na pratica se deve usar d'elles; e posto que me tirava d'este trabalho o conhecimento que tenho da sufficiencia dos que estão presentes, como eu n'esta materia aponto as regras mais para as aprender, que para me seguirem, é necessario tocar ao menos do que d'ella me parece: e assim como dizem que muito ensina o que bem pergunta, assim se póde dizer que muito aprende o que deante dos mestres ensina. Os contos e ditos galantes devem ser na conversação como os passamanes, e guarnições nos vestidos, que não pareça que cortaram a seda para elles, senão que cahiram bem, e botaram com a côr da seda, ou do panno, sobre que os puzeram; porque ha alguns, que querem trazer o seu conto a remo, quando lhe não dão vento os com que pratica; e ainda que com outras coisas lhe cortem o fio, torna a teia, e o faz comer requentado, tirando-lhe o gosto e graça que podia ter, se cahira acaso e a proposito, que é quando se falla na materia da que elle trata; ou quando se contou outro similhante. E se convém muita advertencia e decóro para os dizer, outra maior se requer para os ouvir; porque ha muitos tão sôfregos do conto ou dito, que sabem, que, em ouvindo começar a outrem, ou se lhe adiantam, ou vão ajudando a versos como se fora psalmo: o que a mim me parece notavel erro; porque, posto que a um homem lhe pareça que contará aquillo mesmo, que ouve, com mais graça, e melhor termo, se não ha de fiar de si, nem sobre essa certesa se querer melhorar do que o conta; antes ouvir, e festejar com o mesmo applauso, como se fora a primeira vez que o ouvisse, porque muitas vezes é prudencia fingir em algumas coisas ignorancia. — Agora vos digo (acudiu Solino) que não se deve pouco a quem sabe passar essa dôr sem dar signaes d'ella; porque, saber um homem o que o outro conta ás vezes mal e sujamente, e estar feito pedra, é peior que darem-lhe com uma na cabeça;

e cuidei que aos prégadores lhes era concedido esse privilegio, por fallarem sem lhes haver outrem de responder: porém haveis de consentir que haja n'isso uma excepção; e é que quando algum disser o conto, ou dito com algum erro, o possa emendar e advertir o que o viu passar, ou esteve presente quando succedeu. — Em tal caso respondeu o doutor) piedosamente o consentirei; se o que conta, ou lhe tirar a graça principal, ou errar as pessoas e o sujeito. Tambem não sou de opinião que, se um homem souber muitos contos ou ditos de uma mesma materia, em que fallou, os traga todos ao terreiro, como jogador que levou rufa de um metal; mas que deixe logar aos outros, e não queira ganhar o de todos, nem fazer a conversação só comsigo. — Parece-me (disse Solino) que vos ficou por tratar uma especie de ditos graciosos, que muitas vezes não tem o peior logar na galanteria da conversação. E porque, ficando fóra das vossas regras, os podem tomar d'aqui adeante por perdidos, a mim me releva por o meu particular saber o como o discreto se ha de haver n'elles; que são os de similhanças, a que commummente chamam *apódos;* que, se são bem appropriados, dão sal á pratica, e gostos aos ouvintes. — Tendes muita razão (respondeu elle) que ainda que deixei de fóra outros muitos por os metter nas regras dos que nomeei, que a esses estava mais obrigado de trazer a exemplo, e ao menos considerar que se não hão de buscar de proposito que seria fazer da graça chocarrice; antes hão de ser trazidos tanto a caso, que sejam mettidos na pratica como translações d'ella, fugindo de alguns, que escandalizem em pouco, ou em muito, a parte de que se trata; e seja exemplo de como Pindaro comparou as minhas casas, que, por serem pequenas, muitas, e bem guarnecidas, lhes chamou *gavetas de escriptorio.* — E Solino (accudiu Pindaro) disse que fizereis aquelle estojo para vos recolherdes na velhice. — Não tenho eu por menos galante (disse elle) o que, vendo a gelozia de Solino com cinco, ou seis meninas com habitos de freiras de S. Francisco, lhe chamou *capoeira de rolas.* E a um moço do Licenciado, que aqui anda muito pequeno e magro, com uma espada muito comprida, *frangão espetado.* — Mais me parece (disse Solino) esse moço *cabos da espada*, que homem com ella..

Mas a uma moça muito louca, a que todos sabemos o nome, que tem o rosto da côr dos cabellos, e ainda com uns mantéos engommados de azul, chamou um galante *procelana de ovos doces* — A essa, disse (D. Julio) chamaram tambem pampilho, e rosto de alambre. Porém, se nos houvermos de espalhar n'estas similhanças, e passarem de mão em mão, não haverá quem nos desapegue da materia. — Antes me parecia a mim (disse Solino) que assim dos contos galantes, ditos engraçados, e apódos rizonhos, se ordenasse que em uma d'estas noites, tomando um proposito, cada um contasse a elle o seu conto, e dissesse o seu dito; e seria um modo extremado para se tirar outro novo allivio de caminhantes, com melhor traça que o primeiro. — Fique a vosso cargo essa (tornou Leonardo) para outro dia; e agora não demos má noite ao doente, nem aos hospedes ruim agazalho. — Este (disse o prior) é o melhor, que podia pintar o meu desejo; e suspeito que por vingança fizestes a noite mais breve: mas o que d'ella perder, determino cobrar na de amanhã, porque a obrigação, que tenho, de obedecer ao senhor D. Julio me faz esquecer até as de meu estado. E se a do outro dia não fora de domingo, ainda n'ella gosara o interesse de mercês suas, e das honras vossas. — Com esse (respondeu Leonardo) de havermos de ter ao senhor Alberto, e a vós por mais espaço n'este logar, dissimularei o queixume, que de ambos tinha. — Da minha culpa (tornou Alberto) darei toda a satisfação; porque nem pelas do prior, nem por sua conta, hei de perder a honra, e mercê d'essa vontade.

N'isto se começaram os mais a levantar. E perguntando a D. Julio se estava melhorado do seu achaque, respondeu que não sentia outra pena n'aquelle tempo mais, que o que perdera de tão boa conversação; dando-se por mui obrigado do favor da visita, que, posto que aos illustres se deve em tudo respeito, obediencia, e cortezia, nenhum a sabe melhor estimar, que o generoso.

DIALOGO XII

DAS CORTEZIAS

Depois que os amigos se despediram, os hospedes ficaram gabando a D. Julio a graça e bom termo de falar, de todos os que entravam n'aquella conversação; dizendo que em tal aldeia se podiam ensaiar os que quizessem apparecer na côrte apercebidos, approvando a maneira que se tinha de discursar sobre cousas tão miudas e tão esquecidas, sem causa, dos cortezãos. D. Julio lhe relatou algumas materias, de que tinham tratado aquelles dias, que ao soldado deixaram cobiçoso; e foram n'esta pratica tomando tantas horas emprestadas ao repouso, que, para se entregarem d'elle pela manhã, se levantaram da cama para a mesa: tiveram o doente e os hospedes suas visitas; e quando veiu a noite, já os amigos estavam juntos em sua casa, com gosto de Leonardo que o pediu a todos elles. E D. Julio para lhes pagar esta diligencia no em que elle sabia que mais desejavam a satisfação, lhes disse: — Não parece razão que á conta da cortezia, com que dissimulaes commigo, me encerre eu com o que sei que desejaes de ouvir com muito cuidado. Quero agora acudir aos remoques de Solino, e á curiosidade dos mais, que lançaram juizos temerarios sobre a minha jornada; e para que não esconda nenhuma das cousas que passei, a conto deante de tão abonadas testemunhas. Soube (e não quero dizer que acaso, porque o procurei de proposito, o dia, em que o sr. prior levava para a cidade aquella religiosa peregrina; que por ter tantas cousas do céo, deixou todas as da terra, vencidas com o seu despreso, e acanhadas e humildes com sua formosura. E assim por o acompanhar a elle em obra de tanto merecimento, como por vêr despedir de todas as pretenções humanas quem em tantas partes e extremos era divina; e na resolução sua e desengano vêr o das esperanças, que o desejo podia fundar em sua gentileza: me fiz encontradiço no caminho, onde me dei por obrigado a chegar até á cidade, fingindo que alli de novo soubera sua determinação. Conhe-

ceu ella ser eu o mesmo que na fonte da serra a encontrára; e lembrada e agradecida da cortezia e respeito com que a tratei, sem saber quem fosse, me pagou com a brandura de seus olhos a alma que n'elles perdi quando a olhava n'aquelle desvio. Disse lhe o sr. prior quem eu era, accrescentando do seu o que agora fico a dever á sua cortezia: e conhecendo a extrangeira a sua vontade, me fez muitas mercês e favores pelo caminho; que, a não ser aquelle o derradeiro, que havia de fazer no mundo, me pudéra eu encher de vaidade para os não trocar por todos os interesses d'elle. O que n'ella vi foi o que já me ouvistes; e posto que o decóro e respeito com que a levavam, não accrescentou graças á sua formosura, lhe dava outro valor differente, como o engaste do ouro bem lavrado o costuma dar ás pedras finas. Ficou entregue ao céo com quem se parecia, e os olhos, que alli deixaram as saudades e desenganos. Não foram estas occasiões de minha doença, que não costuma a ser tão leve a que d'elles se gera: e assim póde fazer em mim maiores effeitos a sua lembrança. — Da vossa parte (disse o prior) tendes contado o que passastes: porém d'aquella extrangeira pudéra eu dizer muito mais; que só no que lhe ouvi se podia conhecer quanto estimou o bom termo da vossa cortezia, e muito mais esta segunda de a acompanhardes. — A primeira de a deixar sem companhia (tornou o fidalgo) me foi a mim mais custosa. E ainda que diz o rifão antigo, que *cortezia e falar bem custa pouco, e val muito,* não se podia dizer pela minha. — Antes sim (disse o soldado) pois vos rendeu tanto, e vós não mettestes mais cabedal, que dar logar á razão, onde o não podia ter o appetite. E posto que a cortezia tem muito grande logar entre os portuguezes, porque no comedimento fazem vantagem a muitas outras nações; no falar bem, segundo o sentido d'esse rifão, acham elles a difficuldade; porque dizel o dos seus proprios naturaes lhes não custa pouco (que é uma culpa que nos arguem com razão os extrangeiros) no qual peccamos contra o principal termo da cortezia. Mas certamente que uma e outra era devida áquella gentil senhora, de cuja riqueza e estado eu, como fronteiro que fui d'aquella ilha, pudéra dar informação; e a vi tão obrigada e desejosa de se mostrar agradecida ao

sr. D. Julio, que excedia o modo da sua brandura e receio. — Já desejo (disse o doutor) que passemos d'esta romaria; e não sei eu melhor occasião, que falar em cortezias, assim extrangeiras como naturaes; que é materia que beta muito bem com as das noites passadas. — Quem haverá (respondeu Alberto) que não approve a vossa escolha? que, além de vir a pratica a proposito das que entre nós se trataram, temos presente o sr. prior, a quem está melhor, que a todos, o cargo de nos fazer cortezãos por doutrina, assim como o póde ensinar a todos com o exemplo. — São os meus habitos (disse elle) tão alheios do estylo cortezão, que estão culpando a vossa inculca, e o atrevimento que eu desejo tomar para vos obedecer; porém tenho por menor erro cahir em muitos n'esta empreza, que desobedecer em todos ao vosso mandado: mas com tal condição, que acudaes vós, por cortezia, aos descuidos que eu n'ellas fizer, porque então não terei receio de falar, nem estes senhores pejo ou fastio de me ouvir. E falando em este nome de *cortezia*, é um vocabulo particular que entre nós tem a significação mui larga, porque no seu verdadeiro sentido ainda é mais estreito que o latino, que é *urbanidade* derivado de *urbs*, que quer dizer *cidade;* e assim é o comedimento e bom modo dos que vivem n'ella em differença dos aldeãos; e cortezia é dos que seguem a côrte, em differença de uns e outros. Porém na significação generica este nome comprehende estas tres especies de cortezia: *Cerimonia*, que é a veneração com que tratamos as cousas sagradas da egreja e dos ministros d'ella, que pertence á côrte ecclesiastica do papa, dos bispos e dos outros prelados inferiores: *Cortezia*, que é a que se tem aos reis, principes, senhores, titulos e ministros reaes: *Bom ensino*, que é a inclinação, reverencia e comedimento, que se costuma entre os eguaes, ou sejam de maior ou de menor qualidade. E deixando de tratar das duas primeiras e de outras duas, que muitos põem no segundo genero, que é *cortezia militar*, a que chamam *ordem*, usada nos exercitos, esquadrões e alojamentos; e a outra *naval*, que se usa nas frotas, armadas e navegações, porque umas e outras tem regras e leis declaradas, tratarei sómente do bom ensino. Para o que me parece advertir que da ceremonia se derivou a cor-

tezia, e d'ella o bom ensino, descendo por degraus, como o mostram os exemplos de uma e outra; que como os reis e principes se endeosaram com a vaidade, foram tomando muito na cortezia do que era devido só a Deus; e porque egualmente os inferiores quizeram parecer-se com os reis, foram tambem contrafazendo os seus estylos na cortezia, a qual consiste em tres cousas, na moderação, na inclinação e nas palavras: e trazendo o exemplo de cada uma com seus principios, a Deus falamos com os joelhos em terra por cerimonia, aos reis com o esquerdo posto no chão por cortezia, aos eguaes com elle dobrado, tornando o pé atraz por bom ensino: a Deus beijamos o chão ou o assento do altar, onde está posto; ao papa o pé; ao rei a mão (posto que a alguns da gentilidade costumam ainda beijar o joelho). Entre os eguaes beijamos a mão com que tocamos a sua, e de palavras as de todos. Nas palavras se quizeram os reis levantar mais com os titulos divinos: e de *mercê* e *senhoria*, que era o seu proprio logar, subiram a *alteza*, que era só de Deus; e depois a *magestade;* e ainda, se se poderam chamar *divindade*, e *omnipotencia*, me parece que o fizeram. Aos eguaes tratamos de *mercê*, como que fomos tomando o que os reis deixaram; e ficou-se o *vós*, e a brandura d'elle para os amigos, e para os mal ensinados. *Bom ensino* é tratamento de homens bem doutrinados, ou por experiencia da côrte e cidade, ou por ensino de outros que n'ella viveram. A *inclinação* consiste em abaixar a cabeça, ou a descobrir, em dobrar os joelhos ou os pôr em terra, em inclinar a vista, ou a desviar do com quem se fala. A *moderação* em se mostrar mais humilde em beijar primeiro a mão, em dar o melhor logar ao que fazemos a reverencia, ou, para melhor dizer, em tomar de tudo menos do que nos cabia. As palavras ellas mesmas declaram quaes são da côrte na conformidade do proverbio, ou sentença com que começamos, que é falar bem do terceiro, dizendo o que faça em seu favor, e escutando com cortezia em quanto ouvimos o que fala: fóra outra cortezia de palavras, a que chamam *cumprimentos*, de que por ora não determino tratar. Esta cortezia no exterior differe mui pouco da virtude da humildade, e tem o mesmo fruito entre os homens da terra, que o Evangelho promette

no céo aos humildes, que é serem levantados; porque tambem para os vangloriosos e arrogantes é grangearia o bom ensino e comedimento, porque assim são mais bemquistos, acceitos e respeitados dos menores. Tem esta virtude da cortezia, ou bom ensino (a que tambem Marco Tullio chama *virtude)* quatro escolas principaes, em que se exercita, que são o *encontro,* a *visita,* a *mesa* e a *conversação:* os dois termos, em que se sustenta, são humilhar-se uma das partes, e a outra querer-se melhorar na humildade; porque quanto um mais se aproveita d'ella, mais obriga ao outro a se querer mostrar bem ensinado. No encontro do caminho da visita, ou do passeio, é a regra entre os eguaes, que o que vem, ou está melhorado de logar, seja o primeiro na cortezia, assim da fala como do chapéo ou mesura: como, se vem andando, e o outro está parado, se vem a cavallo, e o outro está ou vem a pé; e se ambos andam, e um vem da mão direita, ou do logar mais alto; e da mesma maneira o que está em terra, casa ou logar seu, seja o primeiro que accommetta a cortezia. — D'esse termo de cortezia (disse Leonardo) temos uma historia antiga em Portugal, que nos póde servir de exemplo e auctoridade para ella. Conta a chronica de el-rei D. Fernando de Portugal que, quando elle e el-rei D. Henrique de Castella falaram no Tejo em dois bateis, houve de ambas as partes duvida em qual d'elles seria o primeiro que falasse; e el-rei de Castella se resolveu em ser o primeiro por ter Lisboa de cerco, e estar na guerra de melhor condição que el-rei D. Fernando; sendo assim que, por ser em terra de Portugal, havia elle de ser o primeiro: e assim lhe disse: *Mantenha-vos Deus, senhor rei de Portugal;* porque estes eram os cumprimentos d'aquella boa edade.—O mesmo (acudiu o doutor) entendia el-rei D. Filippe, o Sabio, quando com tanto excesso de cortezias recebeu no seu reino a el-rei D. Sebastião seu sobrinho na jornada de Guadalupe, onde na fala e mesura foi sempre o primeiro, como eu posso mostrar de uma relação que tenho da mesma jornada: e tambem se alcança da visita que o infante D. Luiz fez ao imperador Carlos V quando, dando-lhe a deanteira na entrada de uma porta, o infante, não se podendo escusar, arremetteu a huma tocha com que ia

deante um creado, porque era de noite, e foi allumiando ao imperador, para tambem o vencer na cortezia que com elle usára. — O mesmo (disse Feliciano) aconteceu a uma pessoa de não tanta qualidade, porém de sangue illustre, que, dahdo-lhe um titular a deanteira na entrada de uma porta travessa de uma egreja, elle se voltou a elle com agua benta fazendo o officio de seu capellão. — Todos esses lances e outros semelhantes são estratagemas e finezas de cortezia (respondeu o prior) das quaes eu não esquecerei no seu logar. E proseguindo a materia, a visita tem tres termos de cortezia, que são: o *recebimento*, o *assento* e o *acompanhamento* da despedida. O *recebimento* é sahir o visitado fóra da casa, onde ha de tomar a visita, até á sala, para na entrada dar a deanteira e melhoria ao que o vem visitar. O *assento,* dar o seu ao hospede, e tomar outro egual á sua mão esquerda, sem ser o primeiro que se assente. O *acompanhamento* da despedida é sahir com elle até á casa onde o recebeu, tomando sempre a sua mão esquerda, dando-lhe d'este modo a melhoria na entrada, logar e passeio. — O descuido dos ignorantes (respondeu Leonardo) tem pervertido essas regras tão verdadeiras; ou, ao menos, embaraçado pela sua má correspondencia: porque no receber das visitas ha alguns, que são como pesos de lagar, que se levantam de vagar e se assentam de pressa: e a um dos taes disse um cortezão: que era bom para testemunho falso, porque o não levantariam. Outro disse a um titular: que menos era para senhor que para vassallo; porque nunca se levantaria. Já no recebimento ha muitos que se ficam atraz dos paus, por não deixarem a casa só, e assim dão cinco, e fazem o mesmo no acompanhamento da despedida: a cujo proposito cabe aquelle dito excellente de um senhor tão illustre por sangue, como por entendimento n'este reino; que visitando a um legado do papa vindo de pouco a Lisboa, na despedida deu com elle mui poucos passos ao sahir da casa; e elle tomando-o pela mão, o trouxe adeante dizendo: "Para italiano faz V. S. muito pouco exercicio.„ Porém declarae-me se nas visitas falaes tambem das que se costumam a fazer a enjoados e enfermos: porque serão necessarias outras regras muito differentes. — Não podia eu (disse o prior) fazer essa

mistura sem grande confusão e enleio. Mas d'ellas e das que se fazem a donas e donzellas, e outras semelhantes, determino particularmente dar meu voto debaixo da censura de vosso entendimento; e agora seguindo a minha determinação: A terceira escola da cortezia é a mesa, em a qual as regras são muitas; porém muito ordinarias e conhecidas. A primeira é do assento, a segundo do serviço, a terceira das iguarias, a quarta das graças depois de comer. O assento, em mesa de muitos, é o primeiro logar o topo, a que chamam *cabeceira,* que fica á mão direita dos outros; entendendo que ha de ficar uma das partes da mesa livre para o serviço dos ministros d'ella: e quando é de menos gente, sempre o que agasalha toma por cortezia o logar da mão esquerda. No serviço o primeiro é dar agua ás mãos, em que sempre se ha de preferir o hospede; e andam n'isto já os servidores tão apurados, que não fica aos convidados logar mais que de algum leve comprimento. O segundo (entre os amigos) é o fazer o senhor da casa para cada um dos outros os pratos, que se hão de dividir na mesa, melhorando ao hospede na escolha de cada cousa, a que podem chamar *cortezia mimosa.* O comer ha de ser sem sofreguidão, sem mostra de gula nem demasiado appetite; e tambem não mostrar uma frieza cheia de fastio, que é desagradecer a comida e a vontade do que lh'a offerece. O beber seja sem pressa, e com tento, não levantando o copo nem o pucaro, quando outrem o tem na bôcca; salvo onde se usar a differente cortezia dos extrangeiros, que se convidam a beber em um mesmo tempo. O que está á mesa não ha de falar sempre em quanto os outros comem, nem comer em quanto os outros falam. E de uma maneira e outra, o que se disser não seja cousa que possa enojar o estomago ou diminuir o gosto dos convidados. Tambem deve cada um acabar de comer quando os mais, ainda que lhe tivessem vantagem na brevidade. As graças pertencem primeiro ao dono da casa; e aos hospedes a cortezia depois d'ellas; que é uma maneira de agradecimento cortezão. E posto que pudéra calar estas miudezas por mui sabias (como outras que deixo pela mesma razão) tenho algumas de falar n'ellas em quanto me servem para ao deante. — Antes de ess'outras (acu-

diu Solino) me quero eu metter como cebolinha em restea; que, se até agora não pescava em tanto fundo, porque a conversação obriga aos costumes, e eu estou ha tantos annos pelos d'esta aldeia; para as cousas da mesa tenho feito outro aranzel de cortezia: e posto que n'ella e na humildade dizem que *abaixo fica quem se não adeanta*, como as cousas de comer, e de proveito se atravessam com a vaidade d'este estylo, tenho outra regra mui differente, por que me rejo, registada nos livros dos rifães e proverbios das velhas, e encommendadas á memoria do meu moço, com muito cuidado, distincta por *itens*, muito importantes á quietação e socego da vida de uma aldeia. Primeiramente: melhorar o hospede por assento, e a mim no mantimento: dar-lhe nas cortezias o que a mim nas iguarias: elle o primeiro no prato, e a mim o melhor boccado: Se fôr pouco o vinho, beba eu deante; que quem leva a primeira não fica sem ella: Se fôr pouco o pão, tel-o eu na mão, por não pôr nas da cortezia o que folgo de ter na minha: Não tirar prato de deante sem servir outro, que m'o alevante: Em quanto outrem apara, fingir que não vejo a faca: Se os outros falarem muito, dizer os amens: porque *ovelha que bala, boccado perde*. Em quanto tiver fome, zombar de quem não come: E quando tiver sede, lembral-a a quem não bebe. E quanto em todas as mais entradas e sahidas, como são o *lavar das mãos, mesuras* e *prolfaças*, liberal como nas eiras. E a verdade é que o verdadeiro cumprimento em que se declaram os demais, e que serve de lei mental a todos, é: *Todo sou vosso, tirando fazenda e corpo*. E passando da mesa, seguem logo outras regras não menos respeitosas, como são: No acudir ao perigo, fingir-se manco: Na cama pequena, deitar no meio: No logar estreito correr deante; que quem vem tarde, mal se agasalha: Ribeiro grande, saltar de traz; que a verdadeira discreção é experimentar na cabeça alheia: e a mais trilhada parvoice é *não cuidei*. — Não vos desfaçaes d'essa doutrina (disse Leonardo) que é a melhor regra de viver em paz sobre a face da terra, que quantas andam nas cartilhas antigas. — Eu (tornou o prior) não defendo aquella seita aos que a quizerem seguir, respeitando mais a commodidade que a cortezia. E deixando esta eleição, a ultima escola é a da conversação;

que se entende no passeio, na roda ou na visita. O passeio, quando é de dois ou tres, voltam com os rostos sempre eguaes (não virando as costas um ao outro, como costumam os extrangeiros) e os que recebem em uma volta á mão direita, a dão na outra aos que trouxeram á esquerda. Se sào muitos, ou se dividem no meio ao voltar para ficarem todos de rosto; ou, se ha logar para isso, voltam em ala, ficando o primeiro da mão direita o ultimo da esquerda na volta do passeio: o que entra de novo faz primeiro cortezia aos que andam n'elle. E elles abrindo-o, lhe devem offerecer no meio o logar da mão direita; que elle não acceitará, senão o ultimo da esquerda, por não romper a ala; e porque na volta fica logo com o que na entrada lhe offerecem. Na roda ou ajuntamento se usa o mesmo; porém é para advertir a obrigação de cada um, para levantar do chão qualquer cousa que caia aos companheiros, como são luvas, contas, livro, chapéo, lenço e outras semelhantes; e, quanto a mim, esta obrigação de acudir a alçal-a é do visinho da mão direita. — N'isso (respondeu Solino) me releva pordes taxa certa, pelas cabeçadas que vi dar a muitos que acudiam juntos a essa cortezia: e tenho-me sempre com o primeiro que se alevanta; mórmente na roda onde todos os cabos são de palheta. — O que eu aconselhára (replicou o prior) é que, commettendo um, cessassem os mais, deixando o cumprimento ao dono da cousa. — Pois não é esse o termo (disse Leonardo) dos menos delicados na cortezia, assim no passeio, e roda, como na visita: e não só nas cousas, que cahem a caso, mas nas que se arremessam, ou com que tirám de proposito. E deixando o que aconteceu a um cortezão mancebo, que atirando-lhe uma dama, em castigo de um atrevimento, com um chapim, elle o beijou, e lh'o tornou a offerecer, e com este lanço a obrigou a d'alli adeante o ter em mais conta: um principe de sangue real d'este reino, andando á caça de montaria com um rei d'elle, se lhe adeantou a dar uma lançada em um porco montez, parecendo-lhe que se lhe mettia em o meio do perigo, por atalhar algum da vida de seu rei. Porém elle, que era mal soffrido, com paixão atirou ao principe com a lança: e elle apeando-se a levantou, e beijando-a lh'a tornou a offerecer; e com isto venceu

a colera do rei, e o obrigou a vergonhoso arrependimento. — Ainda agora (disse Solino) lhe eu houvera de deixar passar a ira; que *quem se guardou não errou*; e *á furia de senhor terra em meio*: e posto que lhe succedeu bem a cura, não houvera eu de provar a mézinha; que com estes perde o bem fazer a cento por um, que é o que com Deus se ganha. E porque no passeio se me offereceu uma duvida, pergunto: Quando um se diverte dos com que vae passeando, e fica carta atraz falando com alguem que passou e o deteve; ou em outro caso semelhante; que regra se ha de seguir? — Pararem os outros á vista (respondeu o prior) e elle, quando tornar, fazer sua cortezia, e entrar no passeio, tomando o logar mais humilde, como tenho dito. — E se passéaram a cavallo (replicou elle) e a mula de um dos mantenedores se parou a ourinar, e os companheiros foram adeante, é obrigado o que torna á têa a fazer cortezia em nome da sua mula? — Isso não (tornou o prior) porque no primeiro caso a cortezia é uma satisfação da tardança: e o segundo é um acto de um bruto irracional, que não merece ser desculpado. Com isto me parece que tenho tocado o que é o cantochão da cortezia, em cujo contraponto ha cem mil galanterias e extremos, que não cabem em regras tão limitadas; como tambem o seriam para as cortezias, que consistem em palavras, a que se não póde pôr limite. — Vós (disse o doutor) tendes tratado a materia com muita curiosidade: e posto que fica assás auctorisada com razões tão verdadeiras, costumes tão approvados, e, o que mais é, com experiencia vossa; quero eu accrescentar o que li, mais por me fazer figura no em que vós sois auctor, que por mostrar o que posso ser em alguma cousa sem favor vosso. E porque me lembra que na divisão fizestes á inclinação a principal parte d'ella, me pareceu dizer alguma cousa de sua antiguidade. porque já os Hebreus, Persas, Gregos e Romanos usaram inclinar a cabeça por cortezia, como contam Josepho, Plutarco, Eliano e outros auctores graves: e esta reverencia faziam em signal de humildade, confessando fraqueza, e menos poder ante aquelle a cujo valor se abatiam: posto que dos Romanos, Alexandre Severo, successor de Heliogábalo, não consentiu que ninguem lhe fizesse esta cortezia, havendo-a

por lisonja; antes mandava lançar de sua presença a quem a usava (como escreve Lampridio) dizendo que só a Deus se devia aquella inclinação. Os de Thebas, se sabiam que algum dos seus inclinasse a cabeça a pessoa humana, o castigavam rigorosamente: e esta lei pôz em grande confusão a Ismenias, que elles mandaram por embaixador a Artaxerxes (como na sua vida o escreve Plutarco) o qual estando já na sala para falar ao rei, lhe disse um capitão, chamado Tithraustes, que se não havia de fazer ao rei a inclinação que os Persas costumavam, que lhe désse a elle o recado, e que faria em seu nome a embaixada. Elle não querendo fiar de outrem o que lhe fôra encommendado, entrando a falar ao rei, deixou cahir um annel que trazia no dedo; e abaixando-se a o levantar, fez a inclinação dos persas sem poder ser culpado dos Thebanos. —Essa inclinação (disse o prior) de inclinar a cabeça, dobrar os joelhos, ou pôl-os em terra, e extendendo o braço para a pessoa, a que queremos venerar, beijar a mão propria, é cerimonia antiquissima, que só a Deus se fazia; e assim se colhe de muitos logares da escriptura, como é no livro v dos Reis, capitulo XIX, no de Job capitulo XXXI, e no Deuteronomio capitulo XVII. O que tambem alguns gentios usaram, como lêmos em Plinio livro XXVIII, capitulo II. E d'aqui creio que se derivou este uso, que entre nós ha, do *beijo as mãos de V. M.* — O costume de beijar a mão (respondeu o doutor) entre os Romanos antigos foi dos escravos a seus senhores. Mas Plutarco conta que, depois que Catão deu fim á sua milicia, despedindo-se d'elle os soldados com muitas lagrimas, e extendendo-lhe as capas e os vestidos por onde passava, lhe beijavam a mão; e d'aqui começaram os livres a usar esta cortezia; de que logo lançaram mão os pretendentes para grangearem animos e vontades alheias, como Seneca diz na Epistola CXVIII. E logo os imperadores modernos mandaram que seus vassallos lhes beijassem a mão, como escreve Pomponio Leto: e os reis da Hespanha o puzeram por ordenação, como se vê nas leis de el-rei D. Affonso nas leis de Castella livro v, titulo XXV, pag. IV. E d'aqui se derivou o *beijo as mãos de V. M.*, que é confessar-se por escravo ou vassallo d'aquelle, a quem se faz a cortezia. — Essa (acudiu Solino) me custa a mim

bem pouco: porque não gasto n'ella mais que palavras, e essas com as abreviaturas de agora são já muito menos. O que me a mim cansa é o tirar o chapéo, que me fazem de despeza as boas correspondencias de foros, e caireis, a fóra os daninos do feltro; o que Deus sabe e eu o sinto; e não me pesára saber d'onde teve principio este mal que padeço.— O chapéo (respondeu o doutor) era entre os romanos signal de nobreza, e symbolo da liberdade; e quando a queriam significar, pintavam um chapéo, como se vê nas moedas de Claudio, de Antonio e de Galba. E assim quando libertavam aos escravos, lhes davam chapéo, como refere Pierio Valeriano nos seus jeroglificos, livro XL, onde tambem affirma que os escravos, que se vendiam por maus costumes e ruins partes que tinham, os punham em almoeda com chapéo na cabeça, em signal que seu senhor o não queria por escravo, nem se obrigava a fiar sua má natureza. De sorte que o descobrir um homem a cabeça, e tirar o chapéo ao outro, é confessar-se por seu escravo; e a esta cortezia responde a de chamarmos senhores aos eguaes e maiores com que tratarmos, e ainda os inferiores.—Pois eu vos affirmo (disse Solino) que a muitos tiro o chapéo, de que não quizera parecer escravo; e esses m'o fazem trazer tal, que parece dos que o são. Comtudo me fizestes mui grande mercê em me descobrir essa razão e a de outra cousa em que eu já cansei algumas vezes o pensamento, que era saber o porque os chucarreiros se cobrem deante dos principes, e, sendo gente tão vil gosam de tão grande preeminencia; e agora entendo que deve ser por estarem no andar dos escravos, que se vendem por ter más manhas, que se vendem com chapéo para serem por elle conhecidos.—Mais me parece a mim (acudiu D. Julio) que é pelo pouco caso que se faz da sua cortezia; ou porque se entenda que, assim como tem aquella liberdade, tem outras para falarem o que não é licito aos homens cortezãos bem disciplinados. Porém não sei a causa, porque nos esquecemos da cortezia a que chamam *cumprimentos*, que n'esta edade tem chegado á mór perfeição de encarecimento que póde ser.—Nisso (disse Feliciano) se acredita ella muito pouco, e menos os que usam muito d'elles; que á falta de verdades e de obras, se introduziram no mundo os

cumprimentos, que são um engano desaforado de toda a jurisdicção; conforme ao rifão que diz, que *palavras de cortezia não obrigam a pessoa.* — Parece-me (tornou D. Julio) que tornamos á sentença, com que se começou a pratica, em quanto diz que *falar bem val muito, e custa pouco:* o que á letra se entende dos cumprimentos, pois que custam tão pouco, que ninguem por elles fica obrigado. — Não digamos mal d'elles (disse Solino) que são a melhor cousa do mundo, salvo que perderam reputação como as sardinhas, que, por as haver sempre e custarem baratas, as não estimam; e não era a materia dos cumprimentos para ficar de fóra n'esta occasião. — A noite (respondeu o doutor) é a que não basta a tanto; e n'esta me não atrevo eu a vos acompanhar mais: e assim me haveis de dar licença que me recolha.

Com isto se levantaram todos, e deram boas noites; e, depois de recolhidos, gastaram em o desejo da que se seguia o mesmo espaço que d'aquella poupavam; que muitas vezes a recreação dos sentidos vence a necessidade do repouso que os suspende.

DIALOGO XIII

DO FRUCTO DA LIBERALIDADE E DA CORTEZIA

Tendo Feliciano e seu companheiro por cousa sem duvida que se havia de tratar a materia dos cumprimentos a noite seguinte; e que já d'aquella ficavam encetados para se haverem de proseguir; se apercebeeram de exemplos, historias e razões mui escolhidas, com que lhes pareceu que deixariam a perder de vista os cortezãos velhos, em cuja mocidade é certo que se usa menos d'esta alquimia de palavras fóra da tenção mental de quem as offerece. Com este fundamento se chegaram ao outro dia com muita confiança: e juntos os amigos, disse o soldado: —Foi para mim tão saborosa a conversação da noite passada, que até a lembrança d'ella antepuz ao repouso; e sem poder entrar em o do somno me lembrou uma historia famosa que succedeu a um capitão nosso portuguez n'aquellas partes do norte, procedida de uma cortezia sua bem empregada,

que lhe rendeu graça com as damas extrangeiras e naturaes, inveja nos companheiros, e nos contrarios, gloriosa fama com louvor, e honra da nação portugueza. E como algum dia der logar o nosso exercicio, a hei de contar n'esta companhia em prova do muito preço e valor, que tem a cortezia com a gente generosa e illustre. — Certo (disse o doutor) que será bem errada cousa dilatarmos esta historia para mais tarde; que, posto que a todo o tempo as vossas o gastam mui bem aos ouvintes, agora tem ella o seu, e sahe bafejando á mesma materia que temos entre as mãos, maiormente que, como seja em favor e honra do nome portuguez, não consentirá o sr. D. Julio na tardança. — Antes (respondeu elle) se não accudireis com tanta pressa, me quizera já queixar da dilação: porque, por a materia, por a historia, e por ser o sr. Alberto o que a ha de contar, obriga por mil caminhos o meu desejo; e do d'estes senhores tenho a mesma opinião. — Não é errada (disse Feliciano, no que pertence á minha escolha.

E porque todos vieram na mesma vontade, começou o soldado:

"Um capitão portuguez, que nas guerras do Norte com singular esforço fez seu nome conhecido no mundo, e sua fama immortal na memoria d'elle; e que não representava menos na presença de sua vista, do que dava a conhecer a experiencia do valor de seu braço, com as mais partes de juizo, e galanteria, que pode desejar um cortezão; cessando por razão da entrada do inverno o exercicio da guerra, escolheu, ou lhe coube em sorte, para alojar as suas companhias, um districto das terras do inimigo, que eram aldeias sem defensão. Acertaram estas ser de uma senhora flamenga, donzella de muita qualidade; a qual vendo o damno sem reparo, que a seus vassallos se apparelhava, além de com a assistencia dos hespanhoes perder o interesse das rendas que colhia, e de que se sustentava; não sabendo que meio tivesse contra este mal, lhe veiu á imaginação de com as armas, mais poderosas por brandura, que por rigor, conquistar a cortezia do capitão, de cuja liberalidade e nobreza estava bem informada e satisfeita: e fiando de uma donzella, e de um rustico mensageiro o segredo do que queria, lhe mandou uma

carta, que vinha a comprehender as razões que se seguem:

"Se ó valor e grandeza de vosso animo vence a cubiça e crueldade de inimigo, confiada estou que o não queiraes ser de uma dama illustre, cujo dote, pelos successos da guerra, poz na vossa mão a ventura: e pois o ganho de me despojardes d'elle é tão pequeno, que nem basta para agazalhardes bem os vossos soldados; perdoae antes a essas fracas aldeias com brandura, havendo que ganhaes com ella o coração de uma mulher nobre, que em quanto viver vos ficará captiva (trophéo differente do que se pode esperar de um rustico alojamento), e pois de quem sois, e da fama que vos abona e engrandece se não espera que queiraes perseguir a uma dama rendida a vosso nome, dae-me liberdade para que em o de meus vassallos, para quem a peço, vos offereça os mantimentos, que ha n'esse pobre senhorio; que então será mais vosso, quando eu o possuir com o favor e mercê, que de vós espero, etc.„

O capitão, que, além do valoroso animo que tinha, sabia conhecer o muito que em semelhantes lanços se ganhava; lendo a carta se alegrou por extremo, como quem achara occasião de se mostrar gentil-homem a tão illustre e discreta senhora: e traçando primeiro o como melhor poderia responder com effeito a seus rogos; mandando vestir o rustico que trouxe a carta, e fazendo-se-lhe o agazalho e tratamento que, por quem o mandava, lhe era devido, sem respeitar a incommodidade do que para os seus não tinha, respondeu em maneira semelhante:

"Ainda as armas me não deram maior gloria que esta ventura: porque tenho por tão grande a de vos servir, que estimára em menos dominar um grande senhorio da terra, que ficar agora por guarda e defensor das vossas, as quaes tomo tanto á minha conta, que não sómente lhe tirarei a oppressão dos soldados que lhe causavam receio, mas farei que nenhuns outros lhe possam fazer offensa. Perdei, senhora, o cuidado d'ella; e crêde que saberei estimar o vosso dote mais que a propria vida. E se á custa d'ella quizerdes conquistar bens

da fortuna, que egualem o preço das graças que vos deu a natureza, elle será mais copioso, e eu não ficarei menos satisfeito. Por as mercês, que me offereceis, vos beijo as mãos; porém n'ellas as renuncio; porque mais quero parecer a estes companheiros contrario vencido, que amigo obrigado.„

Não se satisfez o capitão com responder tanto a gosto d'aquella dama; mas ordenou juntamente que, quando tivesse a carta, lhe chegassem as novas do que por a sua fazia; e para isto escreveu a um capitão, que alli perto se alojára; do qual tendo licença, se foi para elle com os seus soldados, aos quaes com regalos, vantagens, favores, e cortezias ia satisfazendo a falta do alojamento que deixaram. Soube isto a dama, cujo nome era Floriza; e vencida do primor da obra, e das palavras da carta do Luzitano, o começou a amar por informações que cada hora lhe trazia a sua fama; que estas costumam a ser mais favorecidas, que as da presença. Esta desejava ella de vêr extranhamente; porém a difficuldade de contrario lh'a fazia impossivel. Accommetteu por vezes fazer-lhe presentes, a que elle nunca deu logar; antes n'aquelles, que libertára, havia poucas pessoas que não experimentassem favores e boas obras do capitão, todo o tempo, que durou a visinhança do seu alojamento. Passado o inverno, tornaram a continuar as guerras d'aquella fronteira, muito mais intricadas e perigosas, que as que haviam precedido: e como n'ellas o capitão buscava sempre as occasiões de maior risco; porque o seu esforço o punha sobre o animo dos mais guerreiros; na defensão de um posto, que lhe quiz ganhar o inimigo, ficou elle mui mal ferido, porém o contrario desbaratado, e com muitos soldados menos. Chegou a fama do successo á agradecida senhora, que o sentiu por extremo; e desejosa de fazer algum, com que manifestasse a pena que tinha de seu damno, determinou de (com salvo conducto) passar ao campo contrario a o visitar: e havida a licença, sem levar comsigo mais que duas creadas, atravessou em um coche o arraial. Sendo d'isto avisado o capitão, preveniu os seus soldados para com bellicas alegrias receberem e festejarem a sua chegada. E mandando entrar algumas companhias de guarda, lh'a fizeram a ella com grinal-

das de fogo sobre os morriões, e com bombas em os piques, que parece que ardiam até a empunhadura da manopla; e outros foguetes e invenções de polvora muito apraziveis. Sahiu ella do coche á porta da tenda do capitão, vestida de uma téla verde, semeada de borboletas de ouro, que lhe estava muito bem; porque dava graça á neve do seu rosto, que com a afronta d'aquelle atrevimento se enchera de rosas encarnadas; os olhos tão alegres, que parece que se vinham rindo das estrellas, como os cabellos o poderam fazer do sol, se elle já não estivera escondido de pura inveja. Sobre elles trazia uma rede de prata, cujos laços se rematavam com perolas á maneira de camarinhas; e da parte esquerda tres plumas altas, uma branca e duas encarnadas, presas a um camafeu: sobre os pensamentos das orelhas rosas de flôres perfiladas de ouro, e pendurado em cada uma um Cupido, que quebrava o arco sobre um diamante; no pescoço uma volta pequena com pontas de aljofares muito miudos, e uma gargantilha de uns passarinhos de ouro com os peitos de esmeraldas. As creadas vestiam de setim amarello gualde, com guarnição de prata. O Portuguez, posto que não quizera mostrar descuido no que convinha para se entender, que no ornamento militar, e cortezão da sua pessoa, e tenda não faltava, como estava ferido, e incapaz de se valer das galas, converteu tudo em pavilhão rico, armação custosa, e trophéos de armas, que faziam a tenda muito agradavel, e auctorisada. D'alli com grande acatamento e inclinação, e com os olhos cheios de alvoroço festejou a boa chegada da formosa e discreta Floriza, que com as palavras accrescentou infinitas graças á sua formosura. Durou a visita grande espaço com mil finezas, e extremos de cortezia. E posto que o capitão com as feridas estava desfigurado, representava no brio e modo de seu parecer a gentileza de sua pessoa, sem a desculpa, que uns olhos affeiçoados offerecem com a parte offendida. A dama se lhe rendeu de maneira, que o mostrava na vista, empregando na sua muitas vezes os olhos. E por não ter mais tempo, suspensos os que esperavam vêr o successo da visita, lhe deu fim com nova graça: e voltando por onde viera, achou a mesma guarnição, e ordem nos soldados, que quando entrára. Logo entre elles e nos mais do exercito se praticou a

causa d'aquelle excesso e novo extremo de cortezia, havendo que a que o capitão tinha com ella usado o merecia. Porém não fez termo aqui o seu desejo; que depois de ausente, mandando por muitas vezes a visital-o na convalescença das feridas com que o vira, já de todo livre d'ellas, lhe escreveu Floriza, dizendo que, pois o vira em tal estado, e n'elle lhe parecera tão bem a sua gentileza, lhe pedia um retrato seu, tirado no campo em que elle fôra mais gentil-homem, e se contentára mais de suas partes. Elle, que em nada perdia o cuidado de se mostrar cortez, se mandou retratar no estado em que recebera a sua visita: e n'este lhe mandou o retrato, escrevendo-lhe que, só quando merecera a ventura de a vêr, se tivera por galhardo, e gentil-homem; e que não sómente n'aquella occasião, mas em todas as mais, que se lhe representasse aquelle bem, seria de si contente, e satisfeito. E tambem procurou logo ter da mesma senhora outro retrato no mesmo trajo, com que o viera visitar, tirado por o natural, com muito artificio, sem ella ter noticia d'esta diligencia, senão depois que era manifesto que o capitão o tinha na sua tenda mui venerado. E sobre um e outro se tratavam de recados com muitas gentilezas e cortezias, com a fama das quaes se accrescentou tanto a formosura e discreção de Floriza, que d'alli adeante era mais conhecida e requestada assim dos nobres do exercito, como dos senhores comarcãos, com que as suas terras avisinhavam. Sobre todos os mais entrou n'esta affeição um gentil soldado filho do conde de Hieme, fidalgo, de cujo esforço, brio, e gentileza havia no campo geralmente muita satisfação, e em muitos soldados nobres não menor inveja. Este se determinou que na primeira occasião, que houvesse de assalto, havia de fazer mais do possivel por se encontrar, e provar as armas com o hespanhol, a quem Floriza mostrava tão declarada affeição. Porém como esta escolha havia de ser da sorte, e não da sua vontade, succedeu que a primeira occasião, que houve, de poderem vir ás armas, foi sobre o contrario querer ganhar um posto para se entrincheirar n'elle, e fazer sombra a uma mina secreta, que para seus intentos ordenava. Foi revelado este ao general; e com um dissimulado apercebimento to*mou ás* mãos os inimigos, entre os quaes captivou o

gentil soldado, que se desejava assignalar n'aquella fronteira escurecendo a fama do Lusitano, a quem invejava. Elle, que já sabia d'aquella pretenção, fez muita diligencia para que ficasse depositado em seu poder; o que alcançou facilmente. E tratando-o logo com termos de excessiva brandura, e affabilidade, o tinha mais como hospede mimoso, que como preso vencido. De sorte que enleado elle lhe perguntou a causa, porque lhe fazia tantas mercês, podendo-o tratar como seu escravo, e ao menos do modo que o costumam fazer os capitães aos mais vencidos. "Eu (lhe disse o portuguez) vos trato como companheiro, por saber que, fóra da obrigação de Marte, nas de Cupido servimos ambos a um senhor: e sei que ainda n'esta egualdade me tendes muita vantagem, porque alcançaes na presença o premio de vossos extremos; e eu ausente faço só emprego de meus desejos; e por esta via me podera obrigar a inveja a má tenção, que em vós já fez o ciume. Porém como da senhora Floriza não pretendo mais, que ser ella amada, e servida como merece; e sei de vossa qualidade, e valor que sois digno sujeito da sua formosura, como a cousa já sua vos quiz antes offerecer a casa, que o campo: n'esta estareis servido, não como mereceis, e eu desejo, mas á medida das incommodidades da malicia, de que já tendes experiencia.„ Não sómente espantado, mas corrido ficou o illustre mancebo do bom termo e gentileza do capitão: e pondo os olhos n'elle com o animo mais affeiçoado, que o com que partira do arraial, lhe disse: "Tão alcançado estou do meu engano, quão vencido e obrigado de vossa cortezia: e já, senhor, não desejarei liberdade d'esta prisão mais, que para ser mais vosso quando fôr meu: e agora vejo quão bem adivinhava o meu receio em me fazer que temesse a vossa competencia, só por o que a vossa fama lhe descobria; mas agora, pelo que sei da presença, não só confessarei o muito que ella acredita, mas que deve ainda muito mais ao vosso valor, e d'elle serei eu a mais fiel testemunha ante a senhora Floriza.„ Eu, "senhor soldado (respondeu elle) no serviço d'esta senhora não pretendo mais, que, conhecendo-a por tal, não faltar a seu credito, honra, e satisfação, e conhecer ella de mim, junto com esta verdade, que não sou ingrato á mercê que me faz. E muito melhor satisfaço a esta obrigação

em lhe gabar o muito que vos deve, e o quão acertada será a sua eleição, escolhendo-vos por esposo, que em me mostrar competidor com vossos pensamentos. Com este presupposto podeis usar da minha vontade, e companhia sem receio, nem ciume. E se vós tiverdes confiança, e ella me dér licença que eu seja terceiro de se effeituar esta pretenção, d'aqui prometto de fazer extremos por facilitar brevemente o meio de vossa liberdade.„ O soldado cada hora mais vencido, e devedor a tão bom procedimento, se lhe lançava aos pés, sem ssber cousa que respondesse n'este mesmo intento. Tratou logo de sua soltura; a qual se fez brevemente com todos os mais, que n'aquella occasião ficaram presos, trocando-se por outros hespanhoes, que tambem havia no campo contrario. Por elle e em seu favor escreveu á formosa e agradecida Floriza, que com esta fineza de nova cortezia dobrou sua affeição; e vendo que elle era o que lhe havia escolhido tal esposo, o acceitou por esse, ficando ambos unidos em aquella fiel amisade do cortez Lusitano, que sempre conservaram, posto que nos limites de contrario a respeito de seu rei; que estes são os poderes da cortezia, que não só vence e obriga os mais barbaros animos do mundo, mas faz concordia e firme liança em corações tão inimigos.„

— Excellente me pareceu a historia (disse o doutor) e ainda mais porque nos dá motivo para uma questão, que pode fazer esta noite mais agradavel, se a estes senhores parecer tão bem o meu voto como a historia do sr. Alberto„. A isso responderam todos que o queriam seguir e obedecer: e juntamente gabaram com muita satisfação aquelle exemplo de cortezia: e pedindo ao doutor que continuasse o que queria dizer, elle o fez em a maneira seguinte: — Pois são tão grandes os interesses da cortezia, e com exemplos, e razões tão approvado entre os bem nascidos o emprego d'ella, parecia-me a proposito esta pergunta, e é: "Com qual de duas cousas se obriga e grangeia mais o animo dos homens, se com a liberalidade, se com a cortezia? e os effeitos que cada uma d'ellas faz para este fim?„ Bem pareceu aos amigos a questão: e depois que a approvaram, accudiu o prior: — Pouca duvida me parece que pode haver em apartar estas virtudes; porque, a meu

parecer, a cortezia é sómente um effeito da liberalidade: e assim fica correndo melhor a pergunta d'este outro modo: Qual obriga mais os animos agradecidos, se o liberal da fazenda, se o que o é na cortezia? Porque a liberalidade é um habito do animo, que o move a dar aos benemeritos o que está na mão do liberal, ou pedindo-lh'o outrem, ou offerecendo-o elle: e isto pode ser dinheiro, cortezia, honra, logar, e outras cousas muitas. — Boa é essa razão (respondeu elle) porém com os vossos mesmos livros hei de sustentar a minha: que, conforme define Santo Agostinho, liberal é o que dá sem obrigação de lei, nem de promessa, e sem esperança de satisfação do que deu. E Santo Thomaz diz que a liberalidade é uma virtude, que sabe dispender as riquezas em bom uso. E Aristoteles de todo desempeça a questão, dizendo que é virtude, que com o dinheiro, e fazenda se mostra benefica aos homens. E d'este modo não pode a cortezia ser effeito da liberalidade; que ha muitos cortezãos pouco liberaes, e alguns liberaes pouco cortezãos. — Posto que me atrevo a muito (disse Feliciano) hei de dar entre as vossas minha razão com a de alguns auctores, que chàmaram á liberalidade *humanidade:* porque verdadeiramente as obras de cada uma parecem muito eguaes, se ellas o não são; porque accudir ao pobre, dar ao benemerito, ser affavel, brando, e piedoso é humanidade; e os mesmos effeitos obra o liberal. E se a humanidade é a mesma cousa que a liberalidade, esta é a cortezia. E não o comprova menos o que escreve Aristoteles quando diz que a liberalidade pelo affecto se chama *benignidade,* e pelo effeito *beneficencia*: e vem a ser ambas uma mesma virtude.—Isso não (tornou o prior) mas diz Santo Agostinho que são companheiras liberalidade, humanidade, e clemencia. E por esta auctoridade sua, fundado nas mais razões que me ajudavam, tinha a opinião que o doutor não consente. — Os exemplos (tornou elle) nos mostrarão o engano; e a differença descobrirá a verdade. Primeiramente, o liberal, posto que o seja com a limitação que os auctores escrevem, que é dar ao necessitado, e benemerito o que ha de mister, sem que haja de sentir em si a falta do mesmo que deu; todavia fica sem a fazenda, ou dinheiro, que tem dado; e no que recebe fica viva a obrigação e a divida do que re

cebeu: e o cortez nem fica sem a honra que deu, nem o a quem honrou a fica devendo, sendo digno da mesma cortezia, e mostrando-se a ella agradecido. Pela mesma maneira tambem a humanidade nem é cortezia, nem liberalidade; porque ás vezes consiste em perdoar, e não já em dar, e em compadecer-se de males alheios, sem fazer n'elles despesa alguma; e em outros actos semelhantes: e d'este modo me parece que está bastantemente mostrada a differença, para tratarmos agora da que faz o cortez ao liberal em vencer e obrigar os animos agradecidos.—Parece-me (disse Leonardo) que da verdade da differença está dito o que basta, para que já o sr. D. Julio tome á sua conta dizer qual faz mais amavel, servido, respeitado e famoso a um cortezão, se o fazer cortezias, se o dispensar riquezas? E quem de cada uma d'estas cousas tem tanto exercicio, não lhe ha de faltar experiencia para tratar d'ellas com muitas vantagens.—As que me daes (tornou elle) quizera eu acreditar e merecer; e n'esta materia me vinha melhor ouvir para aprender, que falar para me escutarem: mas ainda que fique corrido, quero ser obediente. E tratando primeiro do liberal, me parece que o pode ser de duas maneiras; ou liberal por condição, e natureza, ou por prudencia, e entendimento; que é o que costuma a encher os vasios, e supprir as faltas d'ella. O liberal por natureza poucas vezes guarda a regra da vossa definição: porque não sabe negar, nem tratar de escolher; e mais consiste o acto da sua virtude no que lhe pede, que n'elle que ha de conceder.—Esses liberaes (disse Solino) são perigosos, e antes lhes chamara prodigos: porque ás vezes entornam o que haviam de dar, empregando-o em sujeitos depravados.—Com tudo isso (respondeu Pindaro) não faltou um auctor grave, que disse que o liberal não é obrigado a essa escolha: antes que fazer mercês a muitos, ainda que indignos, é obrigal-os a que as mereçam.—Tambem replicou elle) quereis dizer que não será prodigo dando o que ha de mister. — Ao menos (tornou Pindaro) não direi que deixou de ser liberal: e Pomponio diz que é proprio do liberal não olhar, nem respeitar a si mesmo, senão aos que ha de accudir. — Pois a esse (disse Solino) almagrai-o por ladrão, ou por mentiroso: porque o que dá mais, do que pode, sem respeitar o que a si se deve,

é necessario que furte a outrem para o poder fazer; e o que promette, ou concede mais do que tem, é forçado mentir a quem prometteu. De sorte que com estes dois vicios mal pode caber a virtude. — Eu (proseguiu D. Julio) darei á vossa duvida satisfação, repugnando um pouco á minha natureza por accudir á doutrina, e verdade dos escriptores; que pelo meu voto, para dar a quem o merece, se pode roubar a quem sem merecimentos o possue. E tornando ao meu ponto, o liberal por natureza quer fazer bem a todos, e não negar a nenhum dos que lhe pedem; mas temperando com a prudencia a condição, dá segundo o que tem: escolhe primeiro os que merecem, e o tempo e occasiões, em que aproveite o que dá. O que é liberal por entendimento, muitas vezes faz mercancia da liberalidade; e assim, posto que com ella obriga mais, lhe devem menos: porque se muitas vezes a emprega nos que merecem quasi todas, busca os que hão de ser publicos pregoeiros do que deu. D'onde nasce que ha muitos senhores, que aos benemeritos faltam com as mercês, pelas empregarem em o chucarreiro que as publique, no espadachim que as encareça, no farçante que as mostre, no extrangeiro que as passe de um para outro reino, e ás vezes na dama que as assoalhe. O primeiro se faz amavel a todos; o segundo famoso a muitos; porém um obriga melhores animos, e adquire mais certos amigos que o outro; um compra corações, o outro enganos; porém ambos com a liberalidade prendem a vontade dos homens. O que se viu na sua miseria favorecido põe facilmente a vida por quem lhe deu a fazenda; onde ouve falar n'elle, o acredita: onde vê ir contra sua honra, o defende; na sua presença se humilha; ouvindo o seu nome, se alegra; e servindo-o se deleita e satisfaz. Para isto me não pareceu fraco conselho o que um auctor deu em culpa a um principe nosso: Porém serve aos liberaes por entendimento, e que não tem riquezas demasiadas para o poderem ser. E a culpa é que dera a muitos, e que a nenhum dera muito. E se isto no rei foi vicio, a mim me parece que nos senhores de menor logar é acertada cautella: porque basta que um tenha recebida uma obra boa para se obrigar a dizer bem de quem lh'a fez; e com muitas empenhando a muitos, terá a todos por devedores, e pregoeiros de sua lar-

guoza: tirando os de tão má natureza, que com a peçonha da lingua corrompem o bem que lhe fizeram; que para estes nem bastam os bens de Cresso, nem a condição de Alexandre.

E deixando exemplos antigos e modernos, com que posso provar o muito que póde a liberalidade para atar, vencer e adquirir animos agradecidos: com tudo me parece que tem muitas vantagens o cortez ao liberal: e a razão é; que a gente, que se obriga do soccorro do interesse, é de muito menor condição, que a que se cativa da cortezia; e quanto é maior ganho ser a esta amavel, que a outra acceito, tanto vence a cortezia á liberalidade para o effeito que dizemos. O pobre, o humilde, o necessitado, o perseguido, o homiziado, o vagabundo e o taful estimam mais vezes a fazenda que lhe dais, que a cortezia que lhe fazeis: porque o seu ponto não é de honra, senão de interesse. Mas o honrado, o nobre, o cavalheiro, o cortezão, o brioso, o discreto e o rico antes quer que o honreis, que não que o enriqueçais. Os grandes com cortezias roubam os corações dos menores, quando com maior liberalidade d'ellas os favorecem: porque o animo generoso, posto que sente muito a estreitesa propria, mais lhe custa o despreso alheio, por não perder a opinião que de si tem á conta do com que lhe faltou a fortuna. Contam que um principe hespanhol tinha um creado seu, a quem queria muito, e de cuja fidelidade confiava mais, conhecendo-o por verdadeiro, fiel, honrado e brioso: e encarecendo-lhe o principe a confiança que d'elle tinha, lhe perguntou: N, por que preço me fizereis uma traição? Ao que elle respondeu: A vós, senhor, por nenhum preço; mas por um despreso muito me receára de mim mesmo. De outro ouvi contar que, honrando com favor em publico a um creado seu, a quem não pagava bem os ordenados de seu serviço, e outras dividas caseiras; querendo depois o mesmo senhor fazer a conta d'estas obrigações, lhe respondeu o creado: Vós, senhor, me deveis o com que cuidastes que me pagaveis; e agora vos devo eu dares-me o que me não promettestes, e o que eu tinha em maior estimação: por isso fazei livro novo, riscando as lembranças passadas, que só as presentes o serão na minha memoria, na qual conheço que vos devo muito. De ma-

neira que o que é nobre, ou tem partes que o sejam, mais abraça a cortezia que o proveito. E certo que até aos senhores vãos, e ambiciosos de serem endeosados está melhor esta liberalidade, que outra alguma: porque é grangearia não só para ser amado, mas para ser buscado e servido: porque sendo amavel por ella a todos, cada um o acompanha, o grangea, o louva, o acredita e deseja de lhe dar quanto tem; porque só tal homem lhe parece digno de ter tudo. Tambem declaro que o cortez ha de ter a eleição do liberal, para não levar a todos por a mesma medida, mas distribuir conforme a razão os effeitos do dom, que lhe deu a natureza. E tem tal força de obrigar a cortezia, que não sómente a faz ao que a recebe, senão ainda aos que a vêem fazer, por satisfação, por imitação, por inveja, e por outros caminhos. Uma infante n'este reino tinha uma creada de não muita qualidade, porém de tantas partes, gentileza e discreção, que a antepunha a muitas que a serviam com melhor foro do que esta tinha, que era moça da camara. Desejando a senhora grangear-lhe a ventura e graça dos cortezãos, uma vez que viu a sua casa acompanhada d'elles, mandou em publico que lhe chamassem aquella creada, nomeando-a; e que lhe trouxesse papel e escrevaninha. Como isto era officio, que pertencia ás damas, veiu a moça; e esteve parada com o que trazia, esperando que o viesse tomar da sua mão quem tinha a cargo de o offerecer á infante: a qual tornando-a a chamar lhe disse em maneira que todos ouviram: Chegai; que, ainda que o officio seja de outrem, não podeis ter por estranho o que mereceis. E em quanto a moça esteve de joelhos, e a senhora escrevendo, lhe falava com o rosto cheio de alegria, dizendo-lhe entre outras coisas: O intento, que n'isto tenho, posto que logo o não saibas, d'aqui a pouco o virás a saber. Foi assim; que, vendo os cortezãos o caso que a infante d'ella fazia, um de muita qualidade a pediu para sua esposa, e se casou com ella, movendo-se de ver aquella cortezia, para o que um copioso dote o não obrigára.—Extremamente provastes vossa tenção (disse o doutor) e me parece certo que essa é a verdade, que se ha de ter n'esta materia da cortezia: porque não póde a vileza do interesse egualar-se com a nobreza e magnanimidade da honra.

—Galante coisa é (arguiu Solino) quereres vós temperar todas as panellas, e falar sempre á vontade ao senhor D. Julio, o qual n'esta occasião acudiu por si, para nos culpar a nós: porém elle e vós me dareis licença para que tire á luz uns embargos, que tenho a essa resolução; em os quaes entendo provar que só a liberalidade, no dispender faz amaveis aos liberaes, e aos devedores cativos. E se dizeis que não são estes os nobres; ouvi aos poetas que subiram mais a corda, dizendo que dadivas venciam homens, e obrigavam Deuses: e o rifão diz, que quebram pedras. Boa causa é a cortezia, mas nenhuma comparação tem com a liberalidade. Falaes-me em quem dá o seu para soccorrer a outrem, no que soccorre ao aperto, á falta, á occasião, e á necessidade: que coisa poz aos homens entre as estrellas, se não o saberem dar? que só isto leva após si os homens, as feras, os animaes e as aves. O outro Plafon andava o seu nome no bico dos passaros pelos outeiros, e coruchéos da cidade de Ephezo, porque sustentava á sua custa as mesmas aves. E vós quereis que o outro, que não lança agua a pintos, só com uma inclinação dobrada, uma mesura rebatida, e umas palavras doces leve as lampas a um liberal? E além d'isto, como póde ser que obrigue e ganhe mais o que emprega menos? e que vença o cortez com uma barretada o que mereceu um liberal com obra tão custosa, como é dispender fazenda? Alexandre, Tito, Fabio, Flaminio, Tullo Hostilio, e outros similhantes, não deixaram assombrado o mundo com sua grandeza, e vencido o tempo com sua fama por cortezes, senão por liberaes: porque a cortezia não satisfaz mais que a vaidade; e a largueza acode ao principal da vida. E de mim confesso, como povo, que antes quero um descortez liberal, que um cortezão miseravel: porque esses camaleões da cortezia, que se sustentam com os ares d'ella, não são tão firmes como cuidais; nem ás vezes falam de fartos; e póde ser que não enjeitáram os comprimentos de contado, e que renunciaram facilmente os da urbanidade cortezã.—Não falta na companhia (disse Leonardo) quem queira defender a vossa parte, e a do liberal: porém uma duvida tenho, e é que esses, que de maior liberalidade fizeram extremos no mundo, todos eram prodigos como Alexandre, Tito, e outros si-

milhantes. — Na dignidade real (disse D. Julio) cabem todas as grandezas sem a limitação com que tratamos d'esta virtude; que Alexandre dava cidades, e talentos, sem que esses lhe pudessem fazer falta: o que nos menores tem muita differença; porque o modo n'elles sustenta a virtude para que (como diz S. Jeronymo) com a muita liberalidade não pereça a liberalidade: e nos reis e monarcas a tenção acredita a obra, se é feita de arrogancia, e benignidade; porque o liberal sempre acha desculpa para haver de fazer mercês como Alexandre, que a Perilo se desculpa, conformando-se com quem era para não culpar a demasia do que lhe dava: e a Xenocrates, que lhe diz que não lhe são necessarios os cincoenta talentos que lhe manda, responde que, se tem amigos, para elles os ha mister, pois a elle não bastaram as riquezas de Dario para os que tinha. E pelo contrario Antigono, a quem Diogenes pedia um talento, se escuzou dizendo que pedia muito para philozopho; e pedindo-lhe um dinheiro, disse que era pouco para dar um rei. De maneira, que o que o avaro busca para negar, acha o generoso para fazer mercês, que, conforme ao que diz Marco Tullio, são grilhões da liberdade dos homens. E porque é tarde, me dai por desobrigado d'estes.

Com isto se levantáram todos; e Pindaro, e Feliciano o fizeram assás descontentes com a magua dos seus conceitos mal logrados; que, quando, depois de escolhidos, não vem a lume, deixam o entendimento arrependido, a memoria queixosa, e a vontade offendida.

DIALOGO XIV

DA CREAÇÃO DA CÔRTE

Porque todas as cousas de novo na primeira vista contentam mais, e com maior razão a quem vive na aldeia, em a qual a continuação das que se offerecem de ordinario deleitam pouco quando não enfastiam muito: estavam os amigos tão affeiçoados ao irmão do

prior pela sua arte, e bom modo de falar e proceder, que vieram ao dia seguinte muito alvoroçados ao buscar nas horas costumadas, offerecendo-lhe cada um por seu caminho aquelle desejo, a que elle por todos se sabia mostrar muito obrigado. Depois de darem fim aos cumprimentos, que levam sempre a vanguarda n'estas batalhas, lhes disse Pindaro: — Posto que o natural de cada um é a principal parte que o favorece, para em todos os exercicios se melhorar na communicação dos outros homens; nenhuma escola me parece melhor para os bem nascidos, que a milicia. E ainda que me não ensinasse a experiencia esta verdade, claramente a conheço no exemplo de muitos soldados, com que me achei em occasiões; e sobre todos do senhor Alberto, que parece um exemplar, e espelho, em que se pode vêr um perfeito homem de guerra, e de côrte, pelo que de ambas colheu, aperfeiçoando a doutrina d'ellas com a clareza do seu engenho e a disposição, e vantagem de seu entendimento.—Eu desejo merecer (respondeu elle) a boa opinião, com que me honraes deante d'estes senhores, e logo a pago mal com a desacreditar tanto á vista d'elles: pelo que me era necessario accudir a essa falta com nova desculpa, dizendo que ha olhos que de argueiros se pagam; e que mais favorece um engano, que muitas verdades, porque bastava no vosso ter ventura para a alcançar em tão honrada conversação. Porém devo attribuir aos louvores da milicia os de que me fazeis mercê; e d'elles, como soldado, tirarei a minha parte; ainda que tendes tantas, que, quando o sejaes n'esta competencia, terão as lettras muita vantagem ás armas.—Não são de pouca estima os cumprimentos (accudiu Leonardo) se continuar com estes principios o discurso que se pode fazer sobre a differença da creação da côrte, da milicia, e das universidades, que são os tres exercicios nobres, em que os homens se occupam, apuram e engrandecem; e n'elles se pode gastar a noite com muita satisfação dos presentes, pois assim pode cada um saber muitas cousas das que convém ao particular de sua profissão.—Entendo (disse D. Julio) que escolhestes bem, e que vos cabe o primeiro logar para tratar da côrte: ao senhor Alberto o segundo para dizer da milicia: ao doutor Livio o terceiro para falar

das universidades. E se eu n'este voto parecer atrevido, confiança me deu a liberdade da nossa conversação, e o costume dos mais.„ Todos approvaram a escolha de Leonardo, e a repartição de D. Julio. Porém Solino não ficou tão satisfeito que se calasse, antes disse para D. Julio:—Vós, por vos forrardes do trabalho, fintastes os outros. E posto que não se pode ir contra eleição tão acertada, se o ensino da côrte se houver de pintar pela tempera velha, e tratar sómente do canto chão, de seus estilos, e gentilezas, ninguem dará melhor conta d'isto que o senhor Leonardo; porque se achou no paço ainda em tempo que eramos troianos, e viu luzir o que agora está cheio de ferrugem. Mas se houver de falar ao moderno, em que é tudo de outra freguezia, receio que lhe fique muito por dizer.—O mesmo receio tenho eu (tornou Leonardo) porém não são os males e bens da côrte tão pouco antigos como vos parece; que já no meu tempo havia os mesmos queixumes de agora: porém ha tanto que dizer d'ella, que de necessidade hão de passar muitos pela malha a quem vive ha muitos annos n'este desvio, e que no remanso do descuido da vida afogou todas as lembranças d'ella; e assim houvera o senhor D. Julio de passar esta obrigação a outrem que dê melhor conta d'ella. — Não faço eu as minhas tão erradas (respondeu elle) que vos desobrigue.„ A isto ajudaram todos os presentes; e Leonardo começou d'esta maneira:

—Quatro maneiras de exercicios ha na côrte, que para todas as cousas civis fazem um homem politico, cortez e agradavel aos outros. A primeira é o trato dos principes, e a communicação das pessoas que andam junto a elles: n'esta consiste o principal do a que chamamos *Côrte*, que é conhecimento d'aquelle supremo tribunal da terra, do rei, ou principe a quem pertence mandar, como a todos os inferiores obedecer na conformidade das leis, por que se governam. Traz isto o estado e serviço do mesmo rei, e dos seus, a obediencia, a cortezia, a inclinação, a mesura, a discrição no falar, a policia no vestir, o estylo no escrever, a confiança no apparecer, a vigilancia no servir, a gentileza e bisarria, que para os logares publicos se requer. O trato do principe no paço, na mesa, no conselho, na caça, nos caminhos e occasiões, como se grangeam os

validos, se visitam os grandes, e como se hão de haver os cortesãos, para communicar a uns, e outros. O segundo exercicio é o decóro, e veneração, com que se servem as damas; e d'este se alcança todo o bom procedimento, e perfeição cortezã, que pode desejar o homem bem nascido: porque sobreleva muito do serviço real, e com muitas vantagens faz a um cortezão discreto, cortez, advertido, galante, airoso, bem trajado, extremado na cortezia, no dito, na graça, no mote, na historia e galanteria: este o faz ser bom ginete nas praças, bem visto nas salas, bem ouvido nos saraus, e bem acreditado nos ajuntamentos. E como o serviço das damas é o mais apurado exame para se conhecerem sujeitos honrados, ellas graduam e auctorizam os homens; e do seu voto toma a fama informações para os fazer grandes na opinião de todos. O terceiro exercicio é a communicação dos estrangeiros: porque como os que assistem nas côrtes ou são homens de muito sangue e qualidade, ou de muita prudencia e valor, ou de muita confiança e riqueza, sempre d'elles se colhe uma doutrina mui avantajada para o cortezão, que é saber as gentilezas de outras côrtes, as leis de outros reinos, a belleza e serviço de outras damas, o estylo de outros reis, e finalmente os costumes e institutos de outras gentes. Esta variedade deleita e enriquece o entendimento e a memoria do que é bem nascido. O quarto exercicio é o soffrimento e diligencia dos pretendentes, que, para tirarem fructo de seus serviços, acções e requerimentos, se recolhem ao amparo dos grandes, ao favor dos ministros, á companhia dos criados, e se sujeitam a todos os encontros e avisos, que padece quem pede, sustentados no doce engano de uma esperança, que lhes sáe muitas vezes mentirosa. Sobre estas quatro maneiras de exercicio de côrte poderei discorrer o que baste para vos enfadar este serão, se o doutor, como costuma, interpozer a auctoridade de suas lettras na falta de minha sufficiencia, e Solino com addições de sua graça a der a minhas advertencias.—Essa humildade (tornou elle) como é demasiada, argue soberba, quando a respeito do doutor não seja adulação. Vós podeis falar ás duas mãos como em jogo de bola, e buscaes padrinho! E com tudo isso, se eu vir azas, por onde pegue, direi meu dito.—Assim o faremos

todos (disse o doutor) e com isto proseguiu Leonardo: —A pessoa real é a cabeça da republica, como escreve Plutarco; e nenhuma cousa na terra ha sobre ella mais que a lei, a que deve obedecer; e ella fica sendo lei para todos os inferiores para a imitação dos costumes e virtudes, que no principe estão mais certas que em outra pessoa particular, de maneira que fica sendo uma lição viva e continua, para os que assistem em sua côrte, na religião, na observancia das leis, na excellencia das virtudes, na reformação dos costumes, na moderação das paixões, na justiça, na clemencia, na liberalidade, na modestia, na magnanimidade e na constancia. E tanto é melhor a doutrina do seu exemplo, quanto de mais alto logar ensina a todos. E posto que houve e ha muitos reis (a que convém mais o nome de tyrannos) a que a sua depravada natureza desvia d'estas condições reaes, que juntamente com a corôa, e sceptro se lhe communicam: pela maior parte os reis se sujeitam mais á lei e á razão, que os que, obrigados de forçoso poder, não podem evitar o castigo de seus erros. E ainda o mesmo nome e superioridade de rei lhes põem em certo modo condição de serem os mais perfeitos entre os homens, para os regerem e mandarem; que para o primeiro se requer muita prudencia, para o segundo grande auctoridade.—Os reis por eleição (disse o doutor) d'essa maneira o começaram a ser no mundo; e pela excellencia de suas pessoas alcançavam o titulo que agora compete aos reis por nascimento. Os Persas não podiam eleger rei, que não fosse mui douto na arte magica, como escreve Tullio no 1.º *de Divinatione*. Os Médos escolhiam por rei, como conta Strabo, liv. II, o que aos outros excedia em forças naturaes. Os Cathecs, povo da India, como escreve Deodoro, liv. 17, não subiam á dignidade real, senão o que em gentilesa e formosura de corpo excedesse aos mais: e a mesma eleição faziam os de Meroe, como escreve Pomponio Mela. Os de Libia davam o titulo de rei ao que na velocidade do correr deixasse atraz a todos. E, como conta Herodoto, os Gordios tinham por digno do mando e titulo de rei o que fosse mais grosso e comprido, e tivesse o pescoço mais levantado, deduzindo da grandeza do corpo a excellencia do animo, que para exercitar tão grande nome lhe era necessario: de modo que todos es-

tes e outros povos entendiam que o ser rei convinha ao homem mais excellente n'aquella parte, que elles julgavam por melhor de todas, segundo a opinião em que viviam.—Esses (respondeu Leonardo) imitavam a natureza na superioridade que deu aos animaes por forças, velocidade e ligeireza. Porém entre os que são governados por razão, e policia, parece que era devido o nome de rei ao que no entendimento fizesse vantagem aos outros homens. E assim Platão chamou bem-aventurada á republica, onde os philosophos reinassem, ou os principes philosophassem. E Seneca disse que era a edade de ouro a em que os sabios reinaram. E Vegecio, no liv. 1 da Milicia, escreve que nenhuma cousa convém mais ao rei, que a sabedoria; pelo que Salomão não pedia a Deus outra cousa para reinar.—É verdade (disse o doutor) porém os reis, que succedem aos reinos por herança, não podem ser eguaes no entendimento e prudencia; mas com a dos que por elles governam vem a alcançar esta perfeição; d'onde nasceu o proverbio antigo de Atheneo que *o rei tem muitos olhos, e muitas orelhas*, pois ouve, e vê pelos ministros que governam o seu estado: E como diz Tullio, se é real cousa mandar, não o é menos escolher doutos e famosos varões, por quem se governem: e ainda os reis, que foram mais sabios (ou por este respeito tidos por esses) procuraram ter comsigo os mais afamados homens de seu tempo, de cujo conselho se valessem. Anthioco mostrou a Hannibal quanto se presava de favorecer os sabios em sua côrte. E Theodozio o Magno dizia que o rei quando comia, caminhava, governava, e se retirava, se não havia de achar sem homens sabios: o que tambem Lampridio escreve de Marco Aurelio. E d'este conhecimento nasceu a Dionysio mandar a Lydia a buscar o philosopho Platão: e aos reis do Egypto mandarem por seus embaixadores buscar o poeta Menandro. Por esta razão Frontino Filosofo foi tão grande pessoa na côrte do imperador Antonino; e Dion Sofista na de Trajano; Euripides na de Archelau rei de Macedonia; e outros muitos, que não bastara esta noite para os contar. E assim, como tendes mostrado, sempre a pessoa real é uma lição viva que por si, e seus sabios, e ministros está ensinando a todos os inferiores. Além do que o mesmo rei, por necessidade, e quasi

por força, ha de ser nos costumes mais puro que todos os seus, por viver mais registradamente que elles, constrangido de sua mesma dignidade; o que mostra bem Xenefonte na disputa de Hieron tyranno com Symonides sobre a vida regia, e particular: e tambem as mesmas leis os obrigam mais a elles, que aos particulares. Os reis do Egypto, como conta Diodoro Siculo, por lei não podiam beber mais que uma certa medida mui limitada, de que não passavam, porque com algum excesso não fizessem desordens. Os Athenienses, segundo affirma Alexandre de Alexandro liv. 3, tinham lei, que condemnava á morte o rei, que com o demasiado vinho se alienasse. Os Indios, de que escreve Atheneo, cujo rei davam em guarda a certo numero de donzellas, ordenaram que, se algumas d'aquellas o achasse com vinho demasiado fóra de seu juizo, e o matasse, esta fôsse desposada com o successor, a quem vinha o reino. Os Macinenses, como o seu rei fazia algum erro no governo, não lhe davam de comer aquelle dia. Os Persas faziam ao seu rei estar escondido no interior das casas, para nem vêr mulheres, nem ser muito tratado dos homens, como conta Herodoto liv. 3. De maneira que por razão, lei e força os principes são mais observantes das leis divinas, e humanas, mais sobrios, temperados, recolhidos e honestos. Além de que, sendo menos vistos, são mais respeitados, como ensina Aristoteles no livro *do Mundo*, em que conta do rei de Persia, que estava encerrado em um castello com tres muros, e que se não mostrava senão a poucos de seus amigos: como tambem dá a entender a Escriptura, falando da prerogativa dos sete sabios da Persia, que viam ao seu rei, e que cada dia tinha novas de todo o seu imperio.—Deixados (disse Leonardo) esses exemplos tão antigos, e costumes tão louvaveis e excellentes da gentilidade: os principes por creação, e natureza são mais benignos, liberaes, magnanimos, justos, animosos e verdadeiros, que os outros homens, e dotados pela maior parte d'aquellas virtudes, a que por excellencia chamamos reaes. E como é proprio dos homens de bom nascimento e inclinação aspirarem ás cousas mais altas, e desejarem vantagem e melhoria dos outros; tendo diante de si, e no alto da vista um espelho tão claro como é o seu principe, a elle se estão vestindo e enfei-

tando d'ellas; primeiro e melhor os que o vêem de mais perto; e depois os que por communicação d'estes participam da mesma doutrina.

Ao rei por assistencia lhe ficam mais perto os favorecidos, e officiaes de sua casa, que os grandes, e titulares. Porém estes, como primeiros por dignidade, se preferem a todos. D'estes se aprende o logar que tem na casa real, nas côrtes, nas jornadas, na guerra e em outras occasiões: a familia de que são, o appellido que tem: se os seus titulos são de juro, se de mercê: e os bens que tem de patrimonio, e da corôa: logo o que toca aos officios maiores do rei, em que occasiões não faltam, e nas em que precedem uns a outros: e assim os filhamentos, e moradias do mordomo mór: as entradas do porteiro mór: os pertos do camareiro mór: as praças, provimentos, e penas do monteiro mór: as aves, e ministros do caçador mór: as capitanias do guarda mór: os potros, e jaezes do estribeiro mór: os privilegios do almotacé mór: as vias do correio mór: e os particulares dos mais officios da côrte; assim os ecclesiasticos de capellão mór, e esmoler, e deão; os da guerra, como condestavel, alféres mór, almirante, marechal, e meirinho-mór.—Não era fóra de proposito (accudiu D. Julio) tratar mais miudamente de cada um d'estes cargos, e das obrigações e origem d'elles, e de outros menores, que agora com differentes nomes se accrescentaram no serviço real de Hespanha.—A esse desejo (tornou elle) satisfarei eu em outra noite; que agora nem da obrigação, que tomei, me atrevo a sahir com minha honra.—Com essa promessa (replicou D. Julio) eu fico contente, e vós podeis ir adeante.—Faço-o (disse Leonardo) por me desobrigar mais depressa. E falando dos privados e favorecidos do principe, tambem são dos mestres principaes que ensinam a viver os particulares, assim no adquirir a graça do senhor, como em a sustentar, usar d'ella, avalial-a, e encarecel-a aos cortezãos: porque assim como a privança é vidrenta e perigosa, assim os meios, por que se conserva, são muito subtis, e delicados: e posto que o eleger privado está na vontade do senhor, a diligencia faz n'esta parte muitas vezes o officio da natureza; que se, conforme a sentença de um sabio, *a semelhança é raiz da affeição*, tambem *a diligencia é mãe da boa ventura*. Os

reis é cousa muito antiga e certa terem privados: e a Providencia Divina o ordenou assim para o remedio de muitos, e allivio da pessoa real: quando elles são varões de valor, justiça, e bondade, como para este officio se requerem (que de outro modo seria cahir peçonha na fonte, de que bebe todo o povo, como escreveu discretamente o nosso bom portuguez Francisco de Sá de Miranda) a estes se inclina de ordinario, ou por semelhança de partes, ou satisfação d'ellas, com uma natural sympathia, que concilia este amor. Se o principe é affeiçoado a armas, se a amôres, se a gentilezas, se a forças, se a caça, ou a montaria, se a musica, ou a poesia, ou outras artes, e disciplinas, contentam-lhe os que tem essas mesmas partes, ou se inclinam a ellas. E assim o que entra n'esta pretenção, que é dos que andam mais perto do serviço do principe, o primeiro, que estuda, é a sua natureza, inclinação, e costume, para se ajustar, ou avizinhar com o seu gosto, e se fingir aquelle que lhe convém ser para o contentar: e porque os homens até a seus proprios defeitos são affeiçoados, maiormente os principes, a quem chega mais tarde o desengano d'elles, até n'estes o imita o que sabe grangear a sua vontade; como ouvi contar de um favorecido de Filippe rei de Macedonia, que se fingia coxo de uma perna, porque el-rei o era de outra; outro se finge curto da vista, outro indisposto, e outro se faz pallido e descorado, achando que o rei tem os mesmos accidentes: no andar, no falar, no olhar, no vestir, e em todas as acções o imita; aprende a arte, o jogo, o exercicio em que o rei se occupa, para que, sendo n'elle extremado, seja muitas vezes escolhido, e faça degraus á sua pretenção; entristece-se, e se alegra segundo ao mesmo rei a que grangea. E ainda passam adeante como a Carizosopho, privado de Dionysio, que estando o rei em conversação com alguns da côrte, e movendo-se entre elles grande riso, o favorecido, que estava apartado d'elles, se começou a rir desentoadamente: e perguntando-lhe Dionysio de que se ria, respondeu, que porque imaginava que as cousas, de que o via rir, seriam de gosto. Se entende que no jogo o principe se alegra com ganhar, deixa-se perder; se estima ser gabado, busca rodeios para que, sem parecer de proposito trate de seus louvores. E de um ouvi eu contar que as mes-

mas historias, que ao principe ouvia, das cousas de seu gosto, e das gentilezas, e esforço de sua mocidade, lh'as tornava d'ahi a tempos a referir, dizendo que as ouvira de outras pessoas; encarecendo-as, accrescentando-as, e pondo de casa o que movesse a mais gosto, e vangloria o mesmo Principe. Não faltar na continuação de sua presença (como Aristipo Cyreneo) que nem á necessaria deixava ir a Dionysio sem o acompanhar. E quando com estas, e outras diligencias alcança a graça do rei, é outro novo, e maior trabalho sustental-a; que é o cuidado com que todos os privados se desvelam, porque não comem com gosto, não bebem com quietação, não dormem com descanço, não vivem sem receio. E entre outras advertencias me parecem muito principaes, e excellentes as que aponta o bispo de Mondonhedo no seu *Aviso de Privados:* convém a saber, que o favorecido não descubra ao principe tudo o que cuida; que lhe não mostre tudo o que tem; que não tome tudo o que deseja; que não diga tudo o que sabe; que não faça tudo o que pode; que não negoceie para si, nem para outrem fora de tempo; e que em todos se incline e favoreça a parte justa, para que com conhecida sem razão não arrisque o logar da sua privança. Atraz d'isto se seguem os ciumes de seus competidores, o cuidado de os apartar da vista, e da communicação do principe: e ainda os de que mais se receie, trabalhar de os ausentar da côrte com despachos, dadivas e mercês do mesmo senhor, dourando com ellas a pirola de sua dissimulada tenção. Para o que é notavel exemplo o de uma historia que conta o cardeal Navarro no seu tratado *da Murmuração,* de um Fr. Francisco de Mendania seu natural, muito aceito ao imperador Carlos V; ao qual senhor privado, que se receava de sua valia, persuadiu com grandes louvores do frade que seria de muita importancia nas Indias Occidentaes para converter a gentilidade por sua admiravel doutrina, e bom modo de persuadir: e d'esta maneira com capa de amigo o fez prover com o bispado de Nicaragua, desterrando-o da vista, e lembrança do Imperador, e d'ahi a poucos mezes da propria vida. Outro valido, que não teve este meio para deitar da côrte um gentil-homem, que alcançava graça com o rei, e que nenhum cargo quiz *acceitar fora de* sua vista, espreitando occasião de uma

enfermidade sua, se falou com o medico que o curava, e fez que o persuadisse que viveria mui pouco, se assistisse n'aquelle logar, onde a côrte estava, por ser muito contrario a seus achaques. Elle vendo que se atravessava a vida com a privança, procurou de proposito o que antes enjeitara mil vezes, e se sahiu da presença do principe, deixando ao privado livre de ciumes. Tambem importa muito que o favorecido, depois de estar na graça do senhor se lhe não queira egualar, ou adeantar por opinião em alguma parte, de que elle se preze; nem mostrar-se mais discreto, mais valente, mais bem visto, mais airoso, mais acceito a damas, e em outras partes semelhantes; que é cousa, que os reis soffrem muito mal. El-rei D. João o II, e el-rei D. Sebastião não queriam que em fôrças, e valor se lhe egualasse nenhum vassallo, como se collige de muitas historias suas; e el-rei D. Manuel no entendimento: o que tambem se prova d'aquella historia, referida de Antonio Peres, que lhe succedeu ao mesmo rei com o conde de Sortelha D. Luiz da Silveira, a quem mandou que fizesse uma carta para o papa sobre certa materia de importancia, dizendo que elle faria outra minuta para de ambas escolherem a mais acertada: succedeu que, trazendo o conde a sua a el-rei, pareceu tão bem, que não lhe quiz mostrar a que fizera, e assignou a do conde: elle descontente d'este successo se foi a casa, e fez uma pratica a seus filhos, dizendo que cada um buscasse sua vida; porque já el-rei tinha entendido que sabia mais que elle. Assim que o mais alto logar da privança se sustenta com os maiores extremos da humildade em respeito do mesmo senhor; porém para os de fora lhe é neccessaria uma ostentação, e ufania, que mereça mais seus poderes, e quebre os animos que podiam ter com elle competencia, para se não atreverem a capitular seus erros, e a contrastar sua valia. E abreviando esta materia, por ser mui larga, se aprende tambem dos cortezãos, assim dos ministros, como dos continuos da côrte, aos quaes pela communicação dos superiores, e exemplo do principe convém serem modestos, sobrios no comer, cortezes no tratar, discretos no falar, polidos no vestir, honrados no gastar, bem creados no conversar, e amaveis a todo o genero de pessoa: e tem mais d'estas partes os que por creação da

meninice tomaram este leite, como são os filhos dos que no mesmo serviço gastaram a vida. Esta é a primeira escola, em que os homens aprendem o que pertence á profissão de homem de côrte. — O segundo exercicio (disse o prior) me parece que é o mesmo que tendes mostrado, advertindo mais algumas poucas cousas que são particulares do serviço das damas. O decóro e primor, com que ellas se tratam (respondeu Leonardo) n'este reino, principalmente as que assistem no paço, parece que em certo modo conserva aquella preeminencia, que os egypcios lhes deram, que com o exemplo do bom governo de Isis reinavam as mulheres, porque em presença, e ausencia os cortezãos as nomeiam por senhoras, se lhes descobrem, e ajoelham como a deusas, lhes fazem festas, jogos, justas, e torneios como a Deidades, estão pendurados de seus favores, e respostas, como de oraculos; as acompanham como a cousas sagradas; se vestem, ornam e enfeitam pelas agradar; se desvelam pelas servir; se apuram, para as merecer, no esforço, na gentileza, na galantaria, no dito discreto, no escripto avisado, no mote galante, na endecha subtil, no soneto conceituoso; por ellas se ensaiam para o sarau, no dançar, no falar, no acompanhar, e no offerecer; por ellas se apressam nas occasiões, de jornadas, de creados, e librés, galas, e ginetes; por ellas continuam e passeiam á vista das janellas, atravessam as salas á sua conta, e rodeiam o terreiro do paço mil vezes por seu gosto; por ellas se offerecem a todo o perigo: porque qual é, que um servidor de damas não ache facil por amor d'ellas? que palavras diz? que extremos receia? que esquivanças não soffre? que riquezas estima? que chimeras não finge? que occasiões não busca? vela de noite, não descança de dia, não se entristece com a pena, não desconfia com o desengano, não faz conta de aggravos, nem estima desprezos, não cura de vinganças, e emfim tudo é veneração e humildade, com que as engrandece. E d'esta escola de seu serviço (como no principio disse) sahem os homens tão apurados no que convém á honra, primor, e discrição, que se não pode esperar d'elles vilania em nenhuma cousa E porque falta a Portugal ha tantos esta creação, tem tão pouca muitos filhos dos illustres do reino, que livres d'este apra-

zivel, e honrado senhorio, ficaram no de sua vontade. E posto que a minha era dilatar mais esta materia, nem pela edade, nem pela confiança tenho licença.—Essa vos deram todos facilmente (disse então o irmão do prior) e eu de melhor vontade a procurara para com as damas honrar, e engrandecer as armas: contento-me porém que vos hei de ter presente para as duvidas, e perguntas, que se me podem offerecer.—Em tudo (respondeu elle) estaes vós tão avantajado, que mais podeis mover duvidas para me envergonhar, que para saberdes alguma cousa de novo; e assim de corrido, e de corrida me passo ao terceiro exercicio da communicação dos extrangeiros, da qual se não alcança menos doutrina, que de todos os exercicios cortezãos. Quatro generos de gente extranha costuma a assistir nas côrtes dos principes. A primeira reis, principes, e senhores, e homiziados, que por alguma occasião vem a acolher-se a seu amparo, ou por adversa fortuna ficam debaixo de seu senhorio. O segundo são embaixadores, com os nobres e ministros, que os acompanham. O terceiro gentis-homens, que vem a saber a grandeza dos reinos extranhos. O quarto mercadores, que por razão do commercio e correspondencia vem a assentar nas praças principaes do mundo, que são as mais das vezes onde os reis assistem. E todas estas quatro condições de gente são de muita importancia para se colher d'ella muito fructo. Primeiramente facil é de julgar a varia noticia de costumes e condições de gentes e dos ritos e leis de provincias, que os cortezãos portuguezes alcançaram com a vinda de tantos reis e principes extrangeiros, assim infieis, como catholicos, á côrte d'este reino, quantos reis, e senhores da Barbaria, da Ethiopia, e de outras partes da Africa, da India, de Maluco, e de Japão, e de outras remotas partes do mundo; e que cousa apurou mais a côrte d'el-rei D. João o I, que a vinda a ella do duque de Alencastre irmão d'el-rei Richarte de Inglaterra, a cujo respeito houveram os doze portuguezes em Londres aquella celebrada victoria em favor das damas? Pois os mais homiziados e queixosos, que se ampararam á sombra do principe, pela maior parte são homens de valor, sangue, e esforço. Os embaixadores, do que d'elles temos dito, se collige o de quanta importancia sejam para dar exemplo. Os gen-

tis homens, que por curiosidade vem a saber o estilo e gentilezas de côrtes extranhas, esta mesma diligencia os acredita; e além d'isto é de presumir que tenham visto, ouvido e sabido muito de reinos alheios: de modo, que de uns e de outros se colhe grande doutrina para a conversação civil, e perfeição do homem bem nascido; porque cada um conta da côrte, trajo, modo, e estilo do seu reino, a maneira de reger, governar, julgar, tratar, e peleijar da sua nação: d'elles se aprende as excellencias particulares, e os defeitos das provincias, e de que as suas gentes são mais notadas: como a gentileza de França, a furia de Inglaterra, a fortaleza de Allemanha, o siso de Lombardia, as cautelas de Toscana, a fidelidade de Milão, a presumpoão de Esclavonia, a conta e trato de Genova, a destreza de Bretanha, a caridade de Borgonha, a continencia de Picardia, a justiça de Veneza, a magnimidade de Roma: e logo a crueldade de Hungria, a infidelidade de Turquia, a lisonja de Grecia, as zombarias de Piemonte, a luxuria de Catalunha, e a golodice de Barbaria. Pois dos mercadores se não colhe tambem pequeno fructo: porque, deixando o que pertence á conta, peso, medida, correspondencia, confiança, credito, verdade e razão, se alcança do commercio das provincias o que falta em muitas partes; e as em que ha todas as cousas, que por via dos mercadores se communicam, e os portos, caminhos, e escalas de todo o mundo: por elles se conhecem as pedras finas, drogas, roupas, e materiaes de medicinas da India Oriental; as pedras, aljofar, porcelanas, e alcatifas da China; o ouro de Sofala; como no Occidente de Dalmacia, e Germania; e na França o celebrado de Tolosa: a prata de Nova Hespanha, e de Saxonia, e Sardenha: o metal de Corintho, e Chipre: o estanho, cobre, e arame de Flandres, e Inglaterra: o ferro, aço, e chumbo de Cantabria e Sicilia: o marfim da India, Brazil, e Ethiopia: as lãs de Bretanha, Calabria, Calcedonia, e França: o algodão, cheiros, e myrrha de Arabia, Pancaia, e Assyria: as télas e sêdas de Persia: o alabastro de Napoles: as martas, e arminhos de Polonia, e Moscovia: o papel e vidros de Veneza: o assucar de India, Brazil, e ilhas de Portugal: o coral de India e Marselha: courames, madeiras, vinhos, e trigo das ilhas do Oceano, que pertencem á conquista dos

portuguezes: e muitas outras cousas, que querer agora contar fôra infinito; e por o não parecer este discurso, tratarei brevemente de quatro exercicios dos pretendentes da côrte: materia mui larga, que pedia mais tempo, e muito importante a todos, porque do seu cuidado, diligencia e soffrimento se pode colher uma lição universal para todo o estado, e condição de pessoa, pois nenhuma ha a que não seja necessario desvelar-se, negocear e soffrer para effeito de dar alcance ao que deseja. E como n'este tempo os homens estão já desenganados de quão pouco valem merecimentos, que (por elles o não serem) vieram a chamar valia ás adherencias; e lhes tem mostrado a experiencia a verdade d'aquelle rifão, que *cada um dança segundo os amigos que tem na salla;* e que só põe em pé os serviços quem os arrima a boa parede, por mais arrastados que andassem na opinião da gente. Já nenhum pretendente discreto faz tanto cabedal d'elles como de ministros que o ouçam, creados que o admittam, amigos que o lembrem, ricos que o abonem, terceiros que o cheguem, e peitas que o despachem. Para o que o avisado, depois de fazer o signal da cruz á sua pretenção, primeiro sabe os que valem com o principe, depois d'isto os que tem logar e entrada com os privados: logo conhecer os creados mais mimosos; em sabendo a sala do valido, tomal-a de empreitada, ser continuo no passeio d'ella; onde a todos a primeira cortezia, e a mais humilde seja a sua; o riso sempre na bôca, os offerecimentos na lingua, os olhos no seu intento; dar o melhor logar a todos, porque acaso não falte a algum que pode ser em seu favor; não se aparte da vista do que grangea; faça-se encontradiço onde o veja; na egreja tomar o logar da porta; na salla a sahida; no acompanhamento o deanteiro, para parar onde fique tomando os olhos do privado, para que assim, ou com a continuação mereça, ou com a importunação o despache: usar do trajo limpo, mas não custoso: o comer leve, mas concertado, porque arguem moderação com gravidade: o falar sempre á vontade do ministro, dizendo os amens a todas suas orações, mostrar-se ao favor humilde, á representação agradavel, á esperança contente, ao desengano confiado: falar a todos no seu negocio, porque muitas vezes acerta com um, de que

elle não esperava abrir caminho a seu despacho; saber dos que tiveram os outros, e valer-se da queixa dos mal galardoados, para que, antepondo-lhe os seus merecimentos, approve a justiça e favor, que lhes fizeram. E no que toca á moderação das paixões naturaes, ninguem as traz mais registadas que o pretendente; porque dos cinco sentidos e tres potencias usa d'esta maneira. Vê tudo, e olha pouco; vigia, porque, como dizem, *a quem vela tudo se lhe revela;* mas com os olhos no que procura dissimula o que vê, ouve, e não escuta: e assim as más respostas dos ministros cançados, ou insolentes não o escandalisam, antes lhe mostra alegria fazendo do escandalo materia de agradecimento: cheira de longe o que receia; e dissimula. fingindo confiança no que merece: apalpa, e tenta todos os meios de seu remedio, e finge-se ignorante a tudo o que releva; põe o gosto no de quem o favorece, para não fazer mais que o que lhe contente: a memoria occupa-se em relatar seus serviços, e obrigações fingidas, por vêr se assim as pode ter verdadeiras: esquece-se do entendimento para não sentir, e para tambem com elles obedecer; porque o que pretende é muitas vezes prudencia fingir ignorancia, accommodar a vontade com a sua em um voluntario e forçoso captiveiro; e d'aqui nasce que os que pretendem vivem em pobreza, porque não podem ter proprio emquanto dependem de favores alheios; em obediencia, porque a tem com tanta sujeição, que, se ao senhor deseja parecer creado, ao creado quer parecer escravo, e ao amigo, e parente servidor; fazendo-se com todos os ventos para o contentar; em castidade, porque a sua inquietação e cuidado não dão logar aos de amor, que se criam em pensamentos ociosos, que além do pretendente ser humildé, liberal, cortez, paciente, discreto, comedido, sobrio, advertido, casto, diligente, e temperado, a sua cortezia é mais apurada, a sua discripção mais advertida, a sua liberalidade mais prodiga, a sua offerta mais timida, a sua queixa mais moderada, a sua paciencia mais humilde, o seu louvor mais encarecido, a sua voz mais baixa, a sua razão melhor encaminhada. Emfim é ornado de todas as partes boas, de que se pode prezar o homem bem nascido quando as tenha por natureza, e costume, comos os pretendentes as fingem e guardam por neces-

sidade. Com isto me deveis haver por desobrigado do cargo, que me déstes; e posto que as horas, que são passadas da noite, culpam a minha tardança, a materia a pedia; ainda que o desejo de não enfadar me aconselhasse outra cousa.—Tendes dito todas tão bem (respondeu elle) que a pratica, e a noite pareceu breve. Com isso vamos a descançar para na guerra de ámanhã entrarmos mais esforçados.—N'essa me dou já por vencido disse elle). — E eu por atalhado (accudiu Roberto) e todos se despediram com os olhos n'aquella côrte pintada, que ainda com as sombras da verdadeira enganava os sentidos.

DIALOGO XV

DA CREAÇÃO NA MILICIA

Solino foi o primeiro que a noite do outro dia buscou aos amigos em casa de D. Julio; e elle, e os hospedes lhe agradeceram muito a diligencia. E o prior (que lhe não era pouco affeiçoado) disse: — Bem me parece que não fez a edade falta no vosso animo, ainda que as cãs queiram desacreditar as forças, pois sois o primeiro que acudis á guerra.—Como esta (respondeu elle) ha de ser em alojamento, primeiro apparecem as barbacãs, que os soldados. — N'ellas (acudiu Alberto) está o mais seguro presidio contra os perigos; e tendo eu hoje as vossas da minha parte, temerei pouco as que tiver contra mim n'esta occasião. — Em muitas (replicou Solino) me releva mostrar que sou vosso, por dar boa conta da razão com que de mim faz alguma o sr. D. Julio; que, como sabe melhor o que se vos deve, me terá por rustico, se não pagar com esta vassallagem o que mereceis. — Nada haverá (disse D. Julio) que commigo vos desacredite, mórmente para um cumprimento, segundo agora vos vi armado para elles.— Pois se vae a falar verdade (tornou elle) eu vos affirmo que de nenhum inimigo desejo tanto fugir como de um cumprimento; porém ha alguns, que tomam a um homem como em becco sem sahida, onde o faz animoso a necessidade; e á minha acudistes vós agora

com essa interlocutoria; que já minha *copia verborum* ia dando os fios.—Se com esses me armaes a que vol-o gabe (disse elle) estaes enganado; que me importa poupar o cabedal para outra occasião.— Bem sabeis vós (tornou elle) que em nenhuma me quero gabado, antes praguejado como Adem; porque se é verdade (como diz Pindaro) que tenho a graça na murmuração, como a cobra a peçonha no rabo; quando me põem o pé n'elle, sei morder com mais subtileza, que na doçura de um cumprimento abemolado, de que já a mercê anda tão estylada a puras sincopas e signalefas que parece tisica, e não sei se, de o estar nas palavras, o anda agora nas obras dos senhores.— Ruim agouro foi para uma e outra cousa (disse o prior) escreverem-a sempre em breve letra por parte: e certo que nenhuma cousa era tão necessaria ás mercês de agora, como o *mantenha-vos Deus* do tempo antigo. Porém, se me não engano, ouço já os vossos aventureiros, que vem falando alto.— Eu tambem sou com elles (disse Solino) e conheço a Pindaro no riso, que sempre entra com chocalhada como picadeiro.„ A esta pratica atalhou a chegada d'elles, que com mais compridas desculpas do que foi a tardança se assentaram. E porque Solino tinha um galeote vestido, que trouxera por razão do frio, lhe disse Pindaro: nem de côrte, nem de milicia vos vestistes hoje; e não parece razão que em actos tão solemnes venhaes de caça a casa do sr. D. Julio. — O melhor seria (respondeu Solino) que me cortasseis vós agora de vestir, pois não tendes boa tesoura; e já sabeis que as ruins fazem a bôcca torta aos alfaiates. Porém já que vinheis de côrte para esta casa, onde ha tanta, porque antes de vêr o meu gabão rieis tão alto d'elle? — Vingado estaes (acudiu Feliciano) e o certo é que, se faltardes á milicia, nunca vos faltará a malicia.— Se nos mettermos por ella (disse Leonardo) não ficará tempo para que o sr. Alberto satisfaça á obrigação de nos ensinar a boa creação, que se adquire com as armas.—E se eu com as do vosso entendimento (tornou elle) não soccorrer as minhas faltas, mal me irá n'esta batalha: porém como as mais das instrucções da policia militar dependem, ou se parecem com as da côrte, do que d'estas dissestes tão doutamente me aproveitarei agora, pondo sómente de meu cabedal a

differença. E assim me parece que a creação da milicia leva a todas as outras grandes vantagens por quatro fundamentos; que cada um d'elles apura mais aos homens bem nascidos, que o trato da côrte e o exercicio das escolas. O primeiro é, que a honra é a fonte de todo o bom ensino, policia, procedimento e valor; e esta que mais nasce, se cria e conserva na guerra, que em nenhuma outra parte: e assim os reis, que são o primeiro logar, d'onde aprendem os seus inferiores, e d'elles passa a doutrina a todo o vulgo, primeiro os fez a milicia que os tivessem as côrtes: e o primeiro, que houve no mundo, que foi Nembrot, na guerra tomou o nome, e assentou com elle o seu imperio em Assyria; e de então todos, os que por fio de geração não succederam, as armas lhes deram titulo, corôa, sceptro e senhorio; e depois d'elles o tiveram pelo mesmo modo os potentados, duques, marquezes, condes, barões e ricos homens, que nas conquistas, instituições, ou restaurações de reinos, fizeram obras heroicas: e d'elles passaram a seus descendentes os appellidos, armas, insignias, senhorios, terras, vassallos, jurisdicções, liberdades, honras e rendas que engrandecem a nobreza. O segundo fundamento é o rigor, com que na milicia se conserva a lei da policia, bom termo, primor e procedimento; porque se commettem muitas vezes ás armas as faltas e emendas que a estes tocam; e onde o erro é tão arriscado, é a vigilancia e advertencia muito pontual; e por este respeito andam os soldados tão vistos nas miudezas e particulares da cortezia, que nenhum ponto perdem, nem deixam perder. O terceiro é a continuação do soffrimento, e da paciencia militar, que em tudo se adeanta com grande differença a pretendentes, creados ministros, no que é com maior risco da vida, ora seja marchando, ora navegando, ora em alojamento, ora em campanha, pelas incommodidades de sitios, gasalhados e mantimentos; e pelas continuas vigilias, que fazem por lei o repouso tão limitado, como o póde fazer por curiosidade o mais estudioso. O quarto fundamento é a variedade das terras e provincias que vê, as diversas nações e gentes com que trata; que é a creação mais importante para o homem bem nascido, e que na côrte ou nas escolas se não póde adquirir tão facilmente. E para que, ao

menos imitando a ordem do sr. Leonardo, dê alguma a minhas razões, discursarei com maior brevidade, que satisfação sobre estes quatro fundamentos, fazendo o principal de minha confiança no favor que d'elle, e de todos estes senhores espero. — Até o tomar na graça (acudiu Solino) ambos levastes um mesmo vento, senão quanto ao sr. Leonardo metteu mais traquetes e cevadeiras: e se isto até ao fim fôr em arremedados, póde ser que entre eu na musica antes de muitos dias.—De boa vontade (disse o doutor) vos passarei eu o de ámanhã.—Não o hei de pedir (respondeu elle) por alvará de renunciação, que será difficultoso o consentimento d'estes senhores; buscarei logar vago: e porque me entalei n'este em ruim tempo, o quero deixar ao sr. Alberto.—Pareceis-me n'elle tão bem (tornou elle) que já me esquecia de o cobrar; porém, já que me daes licença, o primeiro fundamento é que a honra se apura e sustenta mais na guerra que na côrte e nas escolas: este me parece que se prova melhor com uma sentença que diz que *a boa fama e o patrimonio na milicia;* porque a honra, o ser, o preço e a riqueza de um soldado, não consiste no appellido de sua familia, na herança de seus avós, na riqueza e morgado de seu pae, nem outros juros, tenças e rendas de que tenha esperança; senão na opinião em que está tido entre os amigos e contrarios, segundo seu valor e merecimentos. E se é certo que a verdadeira honra não consiste nas estatuas dos antigos, nem nos pavezes e escudos em que se conserva a memoria dos principios da nobreza, senão na virtude, valór, magnanimidade e esforço proprio; só o soldado é filho de suas obras, e se póde chamar honrado por si mesmo, sem por roubo, emprestimo ou herança se chamar nobre: porque os que de nascimento o são, e pelas armas o merecem ser, assim honram a seus passados, melhoram e obrigam a seus descendentes. E os que de principios humildes chegaram por seu braço a merecer titulos, grandezas e senhorios, dão felice principio a sua familia, e tambem a reinos, potentados e casas, que os ficam em seus successores eternisando, como por maravilhosos exemplos dos antigos conhecemos; e por experiencia dos modernos se vê cada dia. Ptolomeu de soldado de uma companhia do exercito de Alexandre, veiu por

seu valor a ser rei do Egypto. Dario e Artaxerxes por esforço e merecimentos proprios, sendo de mais humilde nascimento, alcançaram o sceptro e corôa real dos Persas. Valentiniano e Justino, imperadores de Roma, nascendo rusticos e pastores, por o braço vieram a merecer aquelle supremo titulo da grandeza humana. Viriato e Tamorlão, de pastores, caçadores e soldados vieram a ser, um imperador dos Scythas, o outro governador e general dos Luzitanos: e outros mais modernos, como foi Primislau rei de Bohemia, Francisco Esforcia duque de Milão, e outros muitos; e na milicia presente de Flandres, França, Allemanha e Inglaterra, na de Asia, e na do Oriente, e da Nova Hespanha, conheço eu por vista, e sei por nome, e da fama de muitos soldados, que, sendo de escuro nascimento, por sua extremada valentia e esforço se fizeram tão claros e illustres, e como taes tem os cargos importantes, os logares, honras e vantagens da milicia. De maneira que, pois a honra é uma universidade em que se aprendem todos os bons termos, procedimentos e cortezias; e esta está fundada na milicia, onde entre as armas nasce, com ellas se ganha, apura e sustenta; n'ella deve estar mais apurado o fructo de sua disciplina. O segundo fundamento é o rigor com que os erros contra a policia se castigam na guerra; de que nasce a vigilancia e cuidado, com que os soldados se disvellam para andarem apontados até em miudezas, de que na côrte se descuidam os mais advertidos para a differença que ha, cortando-se á espada o mato que cresce ao que é pouco cultivado no bom ensino e procedimento; de modo que, mais periga um homem em uma descortezia ás vezes, que em uma batalha. E assim o falar composto, o responder brando, o perguntar com tento, o tratar do ausente, o defender ao amigo, e o falar do contrario, cada cousa tem na guerra suas leis estabelecidas, em cuja execução se procede com todo o rigor; e dos particulares d'ellas nasceram os desafios e duellos tão justamente reprovados na republica catholica, quanto na barbara opinião antiga bem recebidos, como foi na dos reis de Lombardia, que reduziram o duello a dezoito casos das leis: e o imperador Frederico a quatro; e Filippe rei de França a tres: e Frotanio rei de Dacia fez lei que

toda a contenda que havia de ser em juizo, se averiguasse pelas armas. E como o descuido que o soldado tem na cortezia, a soltura na palavra, a má correspondencia no procedimento, a liberdade com que fala do ausente e do contrario, está sujeita a dar satisfação por um caminho tão breve: qualquer soldado pratico está mais advertido que o melhor cortezão no bom ensino, respeito e brandura com que ha de tratar aos homens.—A verdade é (disse o doutor) que os soldados conversam com toda a brandura e bom termo: e já Platão disse que o bom soldado devia de ser como o cão; para os domesticos e conhecidos muito fagueiro; e contra os inimigos arriscado e valente. Porém o duello é cousa muito mais antiga, e que se não inventou para essas miudezas que dizeis: porque, conforme a opinião dos legistas, é um combate e batalha particular de corpo a corpo para provar alguma cousa duvidosa, da qual o que sahe vencedor se entende que provou o que queria, como o desafio de Menelau com Paris, de Enéas com Diomédes, de Ajax com Heitor; os duellos de Lucio Sicinio Dentato, que oito vezes á vista dos dois exercitos sahiu vencedor; o de Tito Manlio Torquato, o de Lucio Emilio com o capitão dos Samnitas; de Alexandre Magno com Póro rei da India, o de Scanderbhec com Zayá e Tambrá, valorosos Persas: o de Roe rei de Dacia com Hudingo duque de Saxonia: e muitos dos nossos valorosos Luzitanos em muitas partes do mundo, o de Alvaro Gonçalves Coutinho o Magrisso em Flandres; o de Alvaro Vasques de Almada conde de Abranches em França; o de Duarte Brandão cavalleiro da Garrotea em Inglaterra; o de Gonçalo Ribeiro em Castella; o de D. Francisco de Almeida em Granada; e muitos outros no Oriente, na Asia e em Barbaria.—Não são esses (respondeu Alberto) os duellos reprovados de que agora tratei, que modernamente se usam, e se definem por differente modo, e por todos com bastantissima causa se defendem; que os de que falaes assim, como são batalhas singulares de corpo a corpo, se usavam de cento a cento, vinte a vinte, dez a dez e doze a doze, como foram os portuguezes de Inglaterra. Duello, segundo a definição moderna, é um combate de homens, que despresando as leis, querem averiguar por seu braço o que toca á sua honra ou

opinião, movidos do interesse de a sustentarem, ou de vangloria, arrogancia, inimisade ou vingança: e d'estes se usa na milicia a furto das leis e generaes, que com muito rigor os castigam: procedendo todos sobre miudezas e pontos as mais vezes impertinentes, introduzidos pela bizarria e fonfarria soldadesca, pendendo do que disse, calou, passou, respondeu, olhou, se gabou? se ficou melhor nas palavras, se alguma era escura, e ficou mal entendida? sobre perguntas, declarações, satisfações e respostas, e outras cousas, que, por não merecerem ser tratadas, antes com razão reprehendidas, deixo de dizer. Mas a conclusão, para o meu intento, é que na milicia andam as leis da cortezia, e procedimentos mais ajustadas com a razão, que em outra parte alguma, por meio d'este rigor, que faz aos que militam levarem muitas vantagens. O terceiro fundamento é a paciencia e soffrimento dos soldados, que creados no trabalho, e incommodidade d'aquella vida, é o maior de todos os estados; trazendo sempre como grilhões o peso das armas: que se o proverbio diz que *quem traz no dedo o annel apertado, faz para si voluntaria prizão*, quanto maior o será o cossolete, o morrião, o pique, o mosquete e o arcabuz, traz isto trazer o somno rezistado pelas leis do tambor, acudir ao seu quarto no melhor do repouso; e no maior escuro, e geada do inverno, passear á sombra das nuvens carregadas de agua, sem mais luz que a dos relampagos, e mais lume que o do murrão; e ter por cama a terra, que de ordinario serve aos soldados, que se alojam no campo, ou fronteira dos inimigos. E se d'el-rei D. Affonso Henrique, do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, do condestavel D. Pedro de Menezes, e de outros generaes portuguezes lêmos, que muitos annos inteiros dormiam as noites sem despirem a malha, e couraças com que pelejavam de dia: que colxões lhes podiam servir para tão asperos lençóes, se não fossem as carretas da artilheria, o espigão dos muros, e o reparo das trincheiras e barbacãs? Pois se a sobriedade e temperança é tão gabada nos bons costumes pelos muitos que d'ella nascem, quem póde ser mais temperado e sobrio que o soldado, do qual tantas vezes a necessidade é cosinheira, o escudo ou cossolete a mesa, o morrião o pucaro, e fome a iguaria? E deixando as

famosas, que houve no mundo, de que os auctores escreveram, que todas couberam em sorte aos soldados; qual se não ha de presumir que aconteça onde ha muita gente junta, da qual tudo se receia e nada se fia? E se em alguma gente se conserva o costume dos mantimentos da primeira edade, que eram fructas das arvores e legumes dos campos, só na da milicia acontece muitas vezes: não tratando ainda da guerra naval, que com maiores incommodidades e perigos da vida se exercita; nem nos cêrcos, onde mais vezes a necessidade da fome a põe em almoeda. Atraz d'estes extremos de soffrimento se segue a obediencia militar, que é o esteio em que se sustenta o principal peso da guerra, devida e guardada pelo mais valoroso soldado ao menor e mais humilde official do exercito, havendo n'elle tantos, como são general do exercito, coroneis, capitães, tenente, governadores, mestre de campo, sargentos-móres, generaes de infanteria, de cavallaria, capitães de gente de armas, capitães de cavallos ligeiros, generaes e capitães de artilheria: fóra os particulares, alferes, sargentos, cabos de esquadra, e outros officiaes não combatentes, como são provedor geral, commissario geral, furriel mór, barrachel, thesoureiros, collateraes, pagadores, e meirinhos, e outros muitos.

E em o que toca ao governo de cada um, nenhum soldado desobedece na ordem, na estancia, no concerto, no acometter, retirar, assistir, reconhecer, vigiar, e em todos os mais actos militares: e ainda que se lhes atravesse deante o rosto da morte, o despresa por acudir á obediencia de quem tem a seu cargo mandallo. E faltando esta sujeição, totalmente se destruirão os exercitos, conforme aquella sentença, que *o maior inimigo, que ha na guerra, é a discordia entre os proprios soldados:* e assim se perderão muitos campos, e armadas, por a inconveniencia dos capitães, e a discordia, e desobediencia dos inferiores. De modo que, por ser esta experiencia tão approvada, vieram os reis, e generaes a castigar bons successos, quando fóra da obediencia, e ordem militar se conseguiram; enjeitando aos vencedores a ventura, e castigando a ousadia, com que traspassaram a lei da milicia, como eu vi acontecer algumas vezes. Ha alem d'esta outra obediencia não menos importante nos soldados, que é a do se-

gredo; que vence ao maior que se deve aos negocios civis, e cortezãos: este se usa nos desenhos, intentos, avisos, estratagemas, ciladas, e até em o dar o nome ordinario da vigia; que tudo se guarda com inviolavel observancia. Assim que em tudo o soffrimento, e obediencia do soldado, muitas vezes alcança na guerra mais merecimentos que o seu esforço. E todas estas leis, costumes, e sujeição fazem a um homem tão apurado, polido, discreto, amavel, secreto, brando e animoso, que deixa atraz a todos os que nos outros exercicios se adeantam. O quarto fundamento é a communicação dos estrangeiros, e a vista de differentes terras, e provincias, que o fazem sciente, pratico e visto nos costumes, ritos, e reinos estranhos: porque um exercito se compõe de gente de muitas nações, que por soldo, irmandade, soccorro, pacto ou visinhança se ajudam uns aos outros: e assim capitães como soldados, cada um por competencia, não sómente quer assinalar seu nome, e honrar a sua nação, mas engrandecer os costumes, gentilezas, trajo, e galas da sua patria, contando ainda as guerras e empresas de seus naturaes, as grandesas da sua provincia, e outras miudesas, que nem pela lição escripta se pode comprehender tão facilmente. Pois a vista, que é só a que de todo satisfaz o animo, e enriquece o entendimento, ninguem a tem mais varia que o soldado, ora seja navegando, ora em presidios fora de sua patria, aprendendo nas alheias todo o bom termo de proceder, de obrigar, grangear, servir, e de ennobrecer, apurando a sua gentileza, e partes no serviço das damas, sua liberalidade com ellas, e com os soldados: a policia no seu trajo, bizarria; a descrição na sua pratica; e todos os outros costumes, que á vista de tantas testemunhas exercita, conquistando honra com o esforço, amigos com o bom procedimento, servidores com a liberalidade, a affeição das damas com a gentilesa; fama entre os estranhos, nome com seus naturaes, merecimentos com o rei; que, quando sejam mal galardoados da ventura, não lhe pode essa tirar o seu verdadeiro preço, que é o louvor que á virtude se deve. Tambem não é para despresar na discrição do soldado, antes muito para engrandecer, a relação dos successos, e occasiões, em que se achou, e contar as coisas d'elles

com mais propriedade que os cortezãos, e escriptores; pintando o campo em ordem, a cabeça do esquadrão, o rosto, as alas, os lados, e as costas d'elle, o logar das insignias e bandeiras, e dos instrumentos, artilharia e bagagem, a guarnição dos mosqueteiros, as mangas dos arcabuzeiros, as companhias dos alabardeiros, archeiros, bésteiros, escopeteiros, e piqueiros; dispondo nos combates cada uma d'estas coisas em razão, e termo militar. E egualmente no assalto, ou defensão, ou fortalesa, saber dos fortes os bastiões, torres, muralhas, ameias, barbacans, parapeitos, corredores, bombardeiras, séteiras, torreões, baluartes, terraplanos, platafórmas, trincheiras, praça de baluartes, respiradouros, casamata, rebelins, vias secretas, porta mestra, porta falsa, ponte levadissa, cavas, minas, fóssos, reparos, contrafortes, contraminas e contrareparos, e outros nomes, e serviço de coisas, em que só os experimentados nas armas podem falar propriamente: pelo que tenho o exercicio d'ellas por mais excellente para o homem bem nascido, que todos os outros. — Vós (disse Solino) canonisastes hoje os soldados, e engrandecestes sobre todas a vossa profissão. E são tão boas as razões com que o fizestes, que se assim foram os seus costumes d'elles, não vos podia ninguem contradizer; nem eu o fizera agora, se tratáreis do que todos vemos em vossa pessoa; mas pela differença de outras, com que eu tratei, correndo tantos lares, e estalagens, como João de espera em Deus, haveis-me de dar licença que mostre o avesso a essa pintura, e diga que a milicia é um homicidio commum, uma escola de todos os vadíos, e ociosos do mundo. E os soldados não são outra coisa, que soldados pagos, e armados em damno da republica, roubadores de honras, ladrões de fazendas, blasfemos, jogadores, insolentes, espadachins, matadores, rufiães, adulteros, sacrilegos, incestuosos, e perjuros, e cheios de todos os mais vicios, e maldades abominaveis, considerados na liberdade soldadesca, e em sujeitos tão perdidos, como o são os mais dos que se lançam por o caminho da milicia; de sorte que, se alguns saem tão bem doutrinados como vós, os mais são tão differentes, que desmerecem vossos louvores. — Bem sei (respondeu Alberto) que não posso provar commigo o que tenho dito dos soldados;

mas poderá allegar com outros, que me fazem grandes vantagens; e com ellas me desobrigaram, se os tivera presentes, ou dos que aqui o estão foram conhecidos: e tambem é coisa clara que vos não faltarão muitos, com que proveis o que dissestes: porém falo dos soldados honrados, que são os termos em que se deve tratar do fructo da sua profissão — Pouca razão (acudiu o doutor) mostrou Solino no seu arguir: porque primeiramente, a arte militar é muito approvada para a conservação da republica; e já Platão disse que era n'ellas tão necessaria como a agricultura; e os erros dos viciosos, e depravados não podem desacreditar a profissão, nem tirar merecimento aos bem disciplinados, e generosos: que se houvermos de fazer essa consideração em todos os exercicios, nenhum ha sem egual desconto: porque se no da corte, em que falou Leonardo tão discretamente, quizermos escolher os perdidos, acharemos que são mais que os aproveitados; e o mesmo proverbio declara que são a maior parte, em quanto diz que a corte é para privados, e para homens mal acostumados; e o mesmo, e peior acontece nas escolas. De maneira que a boa creação da milicia se deve entender sómente nos bem creados, a quem a honra obriga a que se queiram avantajar do vulgo; e não em os que fazem d'ella tão pouco cabedal, que empregam o de seu animo, e saber em cousas indignas de homens bem nascidos, occupando-os em latrocinios, forças, traições, maldades, enganos, e infamias.— Não me péza (disse Solino) senão porque me gabaram de valente quando aqui cheguei, para me não dar por vencido de duas razões tão fracas como as vossas; e com tudo me hei de calar até vos colher em um duello, em que eu escolha as armas, que vos não hão de valer as de quantos bachareis degolaram o mundo. — Guardae-lhe (disse D. Julio) esse animo vingativo para ámanhã, e virá mais a tempo. — Não já para mim (lhe tornou Solino) porque tem da sua parte muito favor, não sómente o de Solino, pelo que lhe importa, mas de Pindaro que tem estillada a quinta essencia de louvores escolasticos, e não ha travessa, nem beco sem sahida nas lettras, de que não possa fazer um mappa mui copioso. - E achaes (tornou D. Julio) que é isso mau para letrado? — Antes o tenho

por muito bom (disse Solino), prazerá a Deus que virá elle a saber ao que agora cheira, e assim o espero: que, posto que estes estudantes mancebos entornam ás vezes tudo no caminho, elle foi sempre pelo mais acertado. — Tambem a mim me parece agora (acudiu Alberto) acabar o meu discurso na vossa differença: para o que peço a estes senhores que me hajam por desobrigado de ir por diante. — Se estivera em mim (respondeu Leonardo) o poder obrigar-vos a dizer mais, como está o gosto, e desejo de vos ouvir, não sei se vos deixara despedir tão de pressa: porém deve ser tarde; porque já o era quando aqui viemos, por uma occupação que me deteve mais do que queria. — Não me parece a mim (disse D. Julio) que é tarde, nem entendi que estava tanto no fim a nossa pratica, que não podesse fazer algumas perguntas, como costumo, de algumas miudezas que o sr. Alberto passou por muito visto n'ellas, como eram alguns particulares, e differenças na ordem da infanteria, e cavallaria e muitas da milicia naval. — Porque essas cousas tocavam menos ao meu intento (respondeu elle) passei tanto por ellas: mas quando outro dia tiverdes gosto de ouvil-as, terei eu muito pouco trabalho em as relatar.

N'este tempo, porque os mais estavam já levantados, se despediram. E Solino se foi pendurando em palavras de galanteria com o doutor com tanta graça, que desejaram os companheiros poderem fazer o caminho mais comprido; que, por muito que o seja, a boa conversação o faz parecer breve, e desejado.

DIALOGO XVI

DA CREAÇÃO DAS ESCOLAS

Estava tão desejoso e alvoroçado Pindaro para na creação escolastica passar aquellas duas columnas, que Leonardo e Alberto levantaram no estreito limite da policia civil, que, imaginando que lhe fugia o tempo, sem o dar ao doutor, para vir com elle, obrigou a Feliciano a que se fossem mais cedo a casa de D. Julio, dizendo-lhe pelo caminho:—Certo que não desejei cousa

como alliviar ao doutor do trabalho d'esta empresa; que, posto que a sua auctoridade culpa o meu atrevimento, tambem o amor, que tenho ás sciencias, o favorece.—Muito bem estivera na vossa mão (respondeu elle) por quão boa a tendes para tudo: porém não desejeis de a tirar da sua; porque até em aquillo, que eu sei muito melhor que outros, quizera antes ouvir aos que sabem mais, que escutarem-me elles: e a razão é, que, além de aos antigos estar tão bem a confiança, como aos mancebos o receio, vou pesando o que lhes ouço com o que eu tinha para dizer, e faço mais certo juiso de meu cabedal para outras occasiões. E n'este appetite me parecestes homem que sabe a historia que ouve contar, que se adeanta nos passos d'ella ao que vai dizendo, e por mostrar que a sabe, faz perder o gosto ao que a ouve, e o feitio a quem a relata. Lanço é de habil essa prestesa, e ferir lume com qualquer golpe; mas de sizudo dissimular as faiscas.

Não vos abataes a todo o passaro, ainda que seja da vossa ralé, que não haverá quem queira caçar comvosco.—Mas quereis (tornou o amigo) que me fizesse mar morto, sem levantar ondas quando me vem o vento tão fresco: muito repugna a agudeza do engenho á paciencia de um fleugmatico como vós, que não sei dobrar as mãos quando a pélla me vem pular aos pés; e cedo vereis se tem razão a minha cubiça.—Perto estaes (disse Feliciano) do desengano, e muito mais perto da casa de D. Julio.

N'esta pratica chegaram a ella, e não muito depois os companheiros, e como Solino, em entrando, os vio sentados, disse logo:—Todavia viestes deante para mostrardes que ereis os mordomos da festa; e muito confiados na eloquencia, e auctoridade do doutor, vos parecerá que tendes a fogaça em casa, e eu cuido o contrario, se eu entrar na lucta, e vos não valer; que o dia, que se prega de um Santo, é elle o maior de todos.—Não sei que tendes contra as lettras (disse Leonardo) que, sendo tão grande amigo de Pindaro, vos picaes sempre contra a sua profissão.—Dir-vos-hei (respondeu Solino) o d'onde isso nasce; e é que as lettras não posso negar que são cousa boa, mas assentam as mais vezes sobre ruim papel; e como é feito de trapos,

tenho achado tantos n'elles, que me aborrecem — Melhor dissereis trampas, (tornou elle). Porém no amigo que por vos fizeram? — Ir-se-me todo em lettras (replicou Solino) — Não é razão (accudiu o doutor) que vos adeanteis tanto para me tomar a estrada: deixae-me primeiro falar, que eu vos darei tempo quando me quizerdes arguir; que, por mais que se apure a vossa murmuração, não pode diminuir os quilates e preço das sciencias.

— Pede razão o doutor (disse D. Julio) e porque elle e os mais desejavam de o ouvir, fizeram silencio; e elle começou d'esta maneira:—Duas cousas me envergonham n'esta empreza, que a puderam facilitar em outro sujeito, a clareza manifesta da muita vantagem que tem a creação das escolas a todas as outras. A segunda poder mostrar deante com exemplos vivos o que hei de provar com razões menos sufficientes, e que sempre á sua vista ficarão limitadas. Porém para accudir á obrigação, em que me puzeram, deixo a que tenho ás lettras, que era não pôr em disputa, como cousa duvidosa, o seu merecimento, e a muita differença que faz o estudo d'ellas a todos os outros exercicios; porque as escolas, e universidades do mundo, que fôram instituidas para o governo e conservação d'elle, são o coração dos reinos, onde estão fundadas, do qual sáem as operações principaes para o regimento da vida civil. E se, como diz Cassiodoro, ha tanta distancia do que alcançou sciencia ao idiota, como do homem ao que o não é: julgae quanto importe a creação das escolas, onde todas se aprendem, em differença de outras profissões, em que só por experiencia e communicação chegam algumas sombras das vivas côres da sabedoria. Esta é a razão, porque Diogenes buscava um homem entre os que o pareciam: e o porque disse do que viu estar sentado sobre um penedo *que estava pedra sobre pedra.* E assim como os metaes, que entre ellas se criam, sáem brutos, e toscos e desconhecidos, até que por via da fundição e beneficio da arte tem lustro, preço e merecimentos, assim a forja, em que se apuram os homens, e se põem nos quilates com que hão de ter a valia que a este nome se deve, são escolas, nas quaes da mesma maneira, que por alchimia de cobre se faz ouro, n'ellas de um idiota, e quasi bruto se faz homem com saber,

merecimentos, e sufficiencia para se avantajar do vulgo. E começando da grammatica das linguas, que é o primeiro degrau das lettras, ou, como disse um auctor grave, a primeira porta por que se entra a todas as sciencias, com cujo beneficio ellas se conservam, e se perpetúa a memoria das coisas; ainda que, como escreve Quintiliano, tem mais de trabalho, que de ostentação; é, como diz Izidoro, o fundamento de todas as artes liberaes, e disciplinas nobres. A esta dividem alguns em artificial, historica, e propria: que a primeira ensina o concerto, e disposição das lettras, com que escrevemos; a ortographia, e propriedade das palavras que falamos; a segunda, e terceira pertencem ao conhecimento dos logares, e obras dos historiadores, e poetas, e a explicação do que n'elles por antiguidade e differença da lingua está escuro e duvidoso, mórmente nas tres linguas hebraica, grega, latina, das quaes triumphando a carreira dos annos deixou em muitas edades differença. Na primeira da hebraica e chaldêa. Na segunda na grega commum, attica, dorica, laconica e eloica. A terceira em prisca, latina, romana, e mixta; e em umas e outras, e na propria de cada um ensina a grammatica a pronunciação das lettras, o som, e accento diverso das palavras, a distincção das vogaes, e consoantes, e a ordem de falar com pureza, e policia. E se este primeiro degrau é tão necessario aos homens, que parece que sem o conhecimento d'esta arte lhes não é licito abrir os beiços; que será levantar-se e subir ao cume mais alto das sciencias, e disciplinas nobres? O segundo degrau d'esta escada é a logica, arte, que ensina a distinguir e fazer differença do falso ao verdadeiro, e do torpe ao honesto; e como o entendimento é causa de obrar, assim o é ella do entender: é o peso, a balança, em que se conhecem todas as cousas leves e pesadas; arte, que não sómente ensina a saber a verdade de todas as cousas, mas a poder manifestal-a aos que mentem; reduzindo a dez cabeças, ou predicamentos, toda a variedade de cousas que o mundo tem, achando o verdadeiro modo de definir a todas ellas, e descobrindo os generos, especies, differenças, substancias, e accidentes; esta ensina diversos modos de arguir, provar e sustentar o que concebemos no entendimento: pelos quaes officios é esta

arte tão celebrada, que Platão, e depois d'elle Santo Agostinho a fizeram parte da philosophia, dividindo-a em moral, natural e racional. Aristoteles, Scoto, e outros lhe chamam sciencia, e instrumento de saber: de cujo testemunho, e verdade se alcança que sem o conhecimento d'ella não pode um homem falar seguro entre os outros. E posto que ha tão boas disposições de entendimentos, que naturalmente discorrem, e conhecem sem favor da doutrina estas miudezas; comtudo sem o favor da arte escurece as mais vezes a clareza do engenho. O terceiro logar é da rethorica, que ensina a falar bem, e a persuadir aos ouvintes com razões bem concertadas ao intento do que pratica, não fazendo o fundamento na verdade do que diz, senão no concerto, e semelhança da razão, com que obriga, e move. E porque d'esta arte se fala mais diffusamente n'esta conversação em favor da linguagem portugueza, passarei d'ella á poesia, arte tão nobre, e desejada, que trabalhando sempre os invejosos por escurecer seu preço, lhe não puderam tirar o que hoje tem na opinião e exercicio dos principaes senhores de Hespanha: e bastava para o seu grande valor ser conhecido ter n'ella o fundamento toda a philosophia, pois Plutarco conta, e Aristoteles confessa que todos os philosophos, e suas diversas seitas se derivaram das poesias de Homero: e não só deu principio a ella, mas Prometheu, Lino, Muzeu, e Orfeu, e esses mesmos, e outros deram fundamento ás deidades, que os antigos ritos da gentilidade veneravam. E deixando a recommendação de seus louvores para quem com vivo exemplo pode tratar d'elles, dizendo de sua perfeição, e grandeza o que eu em tão limitadas horas não posso dignamente declarar; passarei á mathematica: e, como a parte principal d'ella, á geometria, arte tão excellente, e tão necessaria ao cortezão, que favorece todas as boas partes que n'elle se requerem; e tão natural ao sabio, que Platão tinha na entrada da sua escola um letreiro que dizia: *não entre n'esta casa homem, que não saiba geometria.* E Filo Hebreu diz d'ella, que é princeza, e mãe de todas as disciplinas. E Francisco Patricio na sua republica, soccorro, e presidio de todas as artes. E Platão escreve d'ella estes louvores, que levanta o animo, e pensamento ao estudo da verdadeira philoso-

phia, e que é necessaria para a conquista de todas as disciplinas, favorecendo a arte militar no formar dos campos, dispôr os esquadrões, recolher e dividir as companhias, sustentando a cosmographia em suas medidas, a architectura em suas proporções, a arithmetica, e musica em seus numeros, e a outras infinitas; medindo em todas ellas as fórmas, espaços, grandezas, medidas, corpos, pesos, e todas as cousas que d'elles se compõem; e de medida de agua, vento, terra, nervos, cordas, e cousas semelhantes, como torres, fortalezas, relogios, moinhos, e instrumentos de musica; consta de linhas rectas, curvas, flexuosas, perpendiculares, planas, parallelas, e de angulos, rectilineo, curvilineo, direito, agudo, e obtuso; finalmente de superficie, circulo, circumferencia, centro, diametro, e outros nomes, e termos naturaes d'aquella arte, que na pratica commum parecerão peregrinos, e de que é bem que o homem cortezão se não ache alheio. Atraz d'esta se segue sua companheira a astrologia, sciencia tão levantada, que penetra da terra os segredos das estrellas, tratando do mundo em universal, e em particular, das espheras, dos orbes, do movimento e curso d'elles: das estrellas fixas, e de seus aspectos: da theorica dos planetas: dos eclypses do sol, e da lua: dos eixos, ou pólos celestes: dos climas, e hemispherios: de circulos diversos excentricos, epyciclos, retrogrados, raptos, accéssos, e recéssos, e outros semelhantes: e de outros muitos movimentos pertencentes aos céos, e ás estrellas, de cujo curso, e estações de tempos se faz natural juizo das cousas futuras tocantes á agricultura, e navegação, não admittindo a especie supersticiosa dos mathematicos, que é a astrologia judiciaria. E passando d'esta á philosophia, sem cujo conhecimento parece que os homens não podem alcançar perfeição alguma; é tão levantada, que lhe chama Santo Izidoro, no II das suas Etymologias, sciencia de todas as cousas divinas, e humanas, em quanto é possivel ao homem alcançar d'ellas. E Platão diz que ella é o maior bem, que Deus concedeu aos homens: porque ella é a lei da vida, a estrada da virtude, a fortaleza contra os vicios; a fórma das acções humanas, o lume de nossas obras, a ordem dos pensamentos internos, regra do entendimento, a mestra dos nossos

costumes, e descobridora dos segredos elementares: mas comtudo não chegou a conhecer a philosophia christã, a qual envolve as tres virtudes theologaes, cujo proprio officio é o que escuramente Platão tocou em seus louvores: e finalmente a contemplação de todas as cousas supremas do céo: e para as da terra ella é a chave que abre os segredos da natureza: que ensina a viver com disciplina; que destroe os erros, e aclara a confusão, e trevas do entendimento; une as differenças; restitue o governo com ordem; rege as cidades com justiça; e administra as nações com sabedoria. E repartindo estes attributos seus pelas cinco partes, em que se divide, physica, ethica, economica, politica, metaphysica; a primeira trata dos principios naturaes, e movimentos, quietação, finito, logar, vacuo, tempo, especies de movimento, medidas do tempo, até chegar ao primeiro e supremo movedor de tudo. A ethica se emprega na composição dos costumes, e na moderação das paixões humanas, em que consiste a felicidade da nossa vida. A economica ensina o governo, e regimento particular da casa, familia, mulher, filhos, e criados. A politica dá os preceitos á legitima ordem, e governo das republicas, reinos, e cidades, assim em razão dos que mandam, como dos que obedecem. A esta chamou Isocrates *alma das cidades;* porque n'ellas faz o mesmo officio, que a alma em um corpo. E Socrates lhe chamou *sciencia dos principes;* porque a elles mais, que aos outros homens, pertence o conhecimento d'ella. A metaphysica trata das cousas, por altissimas, segregadas de toda a materia sensivel, e ainda intelligivel do modo que os bons metaphysicos n'esta divina sciencia praticam. Finalmente considera as fórmas separadas, passando da contemplação das da natureza á das sobrenaturaes; das corporaes, das idéas, dos atomos, da materia prima, da introducção das fórmas, do fado, da eternidade do céo, dos transcendentes, das intelligencias assistentes ás espheras celestes. De modo, que só nos principios moraes d'esta sciencia está fundada toda a doutrina da côrte, e da milicia, que nas noites dos dias atraz se tem mui doutamente praticado. Na physica que é, como tenho dito, a primeira parte da philosophia, está fundada a arte da medicina, que assim pelo importan-

te sujeito em que se emprega, como pelas artes, e sciencia, que lhe ajunta, e encadeia, é o conhecimento d'ella mui digno do homem sabio, e bem nascido. Esta se divide em empirica, methodica, dogmatica, ou racional. A primeira é fundada sómente na experiencia dos remedios, nas virtudes das hervas, pedras, plantas, e animaes. A segunda considera sómente a substancia das enfermidades, sem respeitar conjuncção, tempo, logar, região, edade, natureza, ou habito. A terceira, não despresando a experiencia, nem a razão dos exemplos d'ella, abraça tambem as naturaes, em que está fundada a arte. Na ethica politica tiveram principio as nobilissimas profissões, e sciencias das leis civis, e sagrados canones, e derivadas d'estas fontes da philosophia, e do direito natural, e divino.

E se, como disse Solon, a republica, que não tinha leis, semelhava um monstro, que não tinha mais que o parecer humano; assim se pode imaginar o homem, que não tiver noticia d'ellas, que, por serem tão importantes ao mundo, endeusaram os antigos todos os inventores d'ellas, como Saturno, Belo, Minos, Pheaco, Solon, Licurgo, e outros muitos: e os nossos maiores fizeram leis segundo a differença dos estados; não umas sós, por que todos se governassem, mas convenientes ao genero da vida que cada um tomava. E assim os que apartados do gremio da republica civil se empregam no serviço da egreja, obedecem ás leis que os summos pontifices, e os concilios dos padres ordenaram, que são os Canones Sagrados: porém os seculares se governam pelas leis, e ordenações, que os seus reis fizeram, ou confirmaram; recorrendo em os casos, a que os particulares não alcançam, ás leis imperiaes dos romanos, e disposição do direito commum. E de quererem confundir esta tão necessaria differença os perfidos scismaticos, negando auctoridade ás leis allumiadas pelo Espirito Santo, na cega confusão das suas, que fundam em sua depravada liberdade, vivem em escuras trevas: sendo como disse Tullio as leis vinculo da republica, fundamento, e segurança da liberdade, e fonte da justiça. E por vos não parecer que na minha profissão particular me extendo muito, deixo o que d'ellas pudera dizer, que é infinito, começando dos primeiros legisladores até o estado presente, em que esta profis-

são está tão levantada, e ennobrecida. E só pela reformação do imperador Justiniano estão em seus volumes escriptas doze mil e setecentas e sete leis, tiradas de muitas mais que confusamente estavam nos livros romanos derramadas. E subindo da metaphysica á divina theologia, fundada sobre a verdade evangelica, se apura um homem, e chega ao mais alto a que se pode levantar o entendimento humano. Esta se divide em escolastica, e escriptura: a primeira é a que com argumentos fortes, razões demonstrativas, e provas invenciveis, disputa contra os hereges, e infieis, em todos os dogmas importantes á verdade da Fé Catholica Romana: como é da Trindade, e Omnipotencia de Deus, da presença divina, da predestinação, do livre arbitrio, da graça, da justificação, da gloria: do peccado, das penas, do logar do Purgatorio, dos Sacramentos, e dos Artigos de nossa Fé. A Escriptura consiste na interpretação, e exposição da Sagrada Escriptura, segundo os quatro principaes sentidos d'ella, que são literal. moral, tropologico, e anagogico: com cuja noticia dada aos homens por meios da sciencia, como antes foi dada por revelação aos prophetas, apostolos, e santos padres, não só dão perfeição ao sabio mas o fazem parecer uma semelhança de Deus na terra. E supposta esta grandeza das sciencias, com cujo lume fica tão claro o entendimento humano como tenho dito, que outra cousa é universidade, que uma côrte especulativa, em a qual se sabe o que nas dos reis se executa; onde á vista dos doutores prudentes, na lição dos mestres escolhidos, na communicação dos nobres bem acostumados, na conversação modesta dos religiosos, está o nobre em uma continua lição de policia, tendo por palmatoria de seus erros a vergonha de os commetter á vista de tantos censores d'elles; ajudando a advertencia de lhes fugir a curiosidade com que se espreitam, e a liberdade com que se reprehendem: pois a entrada nas escolas, a assistencia nas aulas, qualquer pequeno descuido se rebate com os pés dos que n'ellas assistem, obrigando a todos á compostura do rosto, á quietação do corpo, á modestia do trajo, á pontualidade na cortezia, ao cuidado no falar, e não se querer algum fazer singular entre os outros. Tem as escolas além d'estes um bem, que favorece esta opinião, e é que de ordinario os que

as buscam, ou são filhos segundos, e terceiros da nobreza do reino, que por instituições dos morgados de seus avós ficaram sem heranças, e procuram alcançar a sua pelas lettras; ou são filhos dos homens honrados, e ricos d'elle, que os podem sustentar com commodidade, nos estudos; ou religiosos escolhidos nas suas provincias, por de mais habilidade, e confiança para as lettras, e assim fica sendo a gente mais creada do reino; differença, que não pode haver na côrte, e na milicia. E á vista de tantas vantagens, sem tratar de outras particularidades menos importantes, me parece que tenho mostrado o quanto seja mais, que todos os outros exercicios, proveitoso o das lettras, pedindo por a dignidade d'ellas ao prior, e a Pindaro, e Feliciano, que tomem á sua conta aperfeiçoar o que eu não soube dizer, pois o exemplo de suas partes é a mais legitima prova de minhas razões.—As vossas (respondeu o prior) menos dão logar a glosas, que a invejas; e se essa me deixara dizer os louvores que vos devo, renovára no vosso sujeito os das escolas, pois n'ellas nos mostrastes o que sois, que é um mappa de todas as sciencias, tão perfeito, distincto, e intelligivel, que parece que as pode medir qualquer rasoado entendimento; porque recolhidas em vós como em proprio centro estão na sua altura.—Esta vantagem (accudiu Feliciano) tem os que sabem perfeitamente, que não é só para si, mas para ensinarem aos com que falam. Certo estava eu que o doutor sabia de tudo o que disse, não só os termos, e fundamentos, mas ainda o mais difficultoso, e substancial de todas as artes, e sciencias: mas o praticar d'ellas de modo, que eu as entendesse, é graça de seu saber, e não sufficiencia do meu engenho.—Tambem essa sua submissão (disse Leonardo) é grande prova dos merecimentos de vossa habilidade, que a essa nada ficaria escuro, senão o que por culpa de quem falasse estivera confuso: porém em mim se vêem mais os poderes do doutor, que o posso agora parecer no que lhe ouvi.—A isto (accudiu Soline) *todos dizem amen, amen, sinò D. Sancho que calla.* Pindaro está descontente, pois que emudeceu: se o deixarem, elle vos fará guerra. —Para que a quereis commigo (respondeu Pindaro) se as razões e a occupação da noite é do doutor? a elle podeis contradizer; que para o que calla não servem

argumentos. — Bem sei (replicou elle) onde estão os páus; mas quizera costear a bolla por este rodeio, que todos os lettrados sois como cerejas, que se vem após uma todas as outras. — Ahi não ha cousa boa sem contradicção (disse D. Julio) ouçamos as de Solino, e veremos quem tem lebre. — E por vós correrdes esta (lhe disse elle) metteis os cães na mouta, e quereis (como dizem) tirar a sardinha com a mão do gato: na vossa tendes a faca, e o queijo, cortae, que não falta por onde: que eu não tenho nehuma cousa contra o doutor, salvo se elle me deixar com os outros do seu gráu que o não merecem; que eu farei um *A, B, C,* por onde á primeira vista lhe conheçam logo as lettras. — Já desde hontem (disse o doutor) os tendes ameaçado; e eu consenti no desafio: não sei agora a causa, porque o temeis. — Porque (disse elle) tendes no campo muitos padrinhos da vossa parte, que o são minhas n'esta demanda. Porém dae-me licença, que em boa paz vá botando a rasoura a esses louvores das sciencias que accogulastes; e sabereis que de cento não ha um lettrado, que não traga cascavél, por onde lhe conheçaes a altura em que anda como furão; e se o tirardes do bairro de sua profissão, se perde na metade da hora do dia, como em bêcco sem sahida: para o que eu tenho um astrolabio excellente, que me deu a experiencia em penhor do serviço de alguns annos sem galardão, que ainda o tempo me deve. Primeiramente, como o vós virdes falar por *secundum quid,* e metter a *materia prima,* e dividir *em abstracto,* accudindo a um *ergo,* e *a fortiori,* assentae-m'o por logico: mas se vos falar em *superficie plana,* e *figura quadrilatera, corpo rotundo, semicirculos,* e outras semelhantes cousas, entendei que é geometra, se o ha no mundo. Se vos disser dos *nervos opticos, dos meatos, intestinos, veias mezeraicas, palpitações, suffocações, apoplexias, ophtalmias,* matriculae-m'o na medicina: se vos desandar com uns pontinhos das regras do direito, que são os anexins dos juris consultos, e falar em *ad rem,* e *jus in re,* e em *lite pendente,* e *in rei veritatem, in foro exteriori,* e outros verbos d'esta linhagem, não escapa de jurista. Ora os theologos, que pela preeminencia, e grandeza de sua profissão tem logar apartado, aos dois lanços se alevantam da conversação com a materia dos anjos, e dos auxilios, e outras, em que vos deixam

o entendimento em jejum, sem darem um bordo á commum, e civil conversação dos cortezãos. Pois se qualquer d'estes, que digo, acerta de ser official de grammatica, além de debruar tudo de versos de Ovidio, e de sentenças de Plauto e de Terencio, por levar o portuguez arrastro até o fazer latim, fala por *septe, docto, scripto, e benigno* De maneira que para bem, e conservação da lingua portugueza, e para se não corromper de todo, me parecia que se houveram de arruar os lettrados; que receio, se se misturam, que em poucos annos nos achemos em uma certa Babylonia.—Não cuidei (disse o doutor) que estaveis hoje tão venial; a isso chamam morder na capa: esperava eu que viesseis com algum libello mais rigoroso contra os lettrados; que essas palavras, que se lhes pegam dos termos das mesmas sciencias, não são defeituosas, ainda que não sejam vulgares; porque muitas vezes significam mais propriamente que as outras.

—Bem esteve o libello (replicou Solino), mas se lhe quereis uns artigos accumulativos, com a auctoridade d'um auctor moderno, diz elle que tres cousas deu Deus ao homem de maior estima, que os lettrados lhe tem deitado a perder, que são corpo, fazenda e consciencia: o corpo os medicos que com suas purgas, xaropes e sangrias, nem a invenção da polvora foi mais prejudicial que elles para a vida. A fazenda os legistas, que com demandas, embaraços e concluios a põem cada dia em passamento, sem haver entre a poeira de suas encontradas opiniões quem enxergue a verdade: e ainda para si proprios vereis poucos medicos sãos; e nenhum legista vencer demanda sua. Dos da consciencia não quero tratar por ser cousa perigosa: mas ha muitos que fazem por esta parte grande damno. E posto que isto não é culpa das sciencias, senão dos lettrados, elles tiraram a innocencia fóra do couce, e abriram de par em par as portas á malicia, semeando enganos e hypocrisias, de que andam mais inçadas as escolas, que de manteos de têsto: isto é quanto á linguagem e aos costumes: que na policia do vestir, a sua anda fóra do roteiro dos cortezãos; porque o lettrado que se quer trajar galante, como não sabe por uso, segue extremos: porque ou traz a espada que lhe dá com os cabos nas virilhas, ou tão alta que lhe vem comer á

bôcca; e por fazer addições ao vestir de modo accrescenta de novo, que se conhecem na côrte os estudantes entre os outros homens, como podengos de agua pela guedelha: e pelo costume do barrete, ou tiram o chapéo de meio a meio, ou o penduram pela ponta do cairel, como em tenda de sirgueiro. — Bem sei (disse o prior) que quem vos agora fôr á mão dará nova materia á vossa habilidade: mas sem embargo de todas as culpas que arguis aos lettrados, que eu agora não trato de defender, por vos não ajudar a vós e offender a elles, vós sabeis a differença que elles fazem aos outros homens, que não aprenderam; pois sem habilidade, exercicio e doutrina não se alcança sabedoria, de maneira que muitos idiotas não fazem um lettrado. — Tambem eu sei (respondeu Solino) que muitos lettrados não fazem um homem cortezão; e que este ás vezes vence em pouco tempo o que elles trabalham em muitos annos: porque além de ser comprido o caminho das sciencias por preceitos, e breve por exemplos, o cortezão, que o é, põe de sua parte maior desejo de saber uma cousa que o estudante: e é certo que alli tem maior força o engenho onde está mais prompta a vontade: e no que toca aos lettrados pudera eu agora trazer um par de historias em meu favor, que cabiam n'este proposito. — A essas (disse Leonardo) não faltará logar em nenhum tempo, porém é gastado parte do d'esta noite: e pois esta foi das lettras, não mettamos contra ellas maior cabedal. — Agora (acudiu Pindaro) lhe destes jogo, porque lhe parece que nos perdoou aquellas historias; sendo cousa clara que toda a sua opinião nasceu de uns principios de grammatica que teve; que, depois de ferrugentos n'aquella edade, os alimpou com a cinza do borralho d'esta aldeia para se levantar contra os que sabem, sendo sua murmuração puras fezes de idiota; e se o virem entre os rusticos do termo falar latins, notar prégações, aconselhar em demandas, e applicar medicinas a enfermos, dirão que é manta de retalhos das escolas, e presa-se de dizer mal do que acredita. — Já parece (respondeu Solino) que tomastes folego, que estaveis mui mortal: a verdade é que não sois agudo, senão quando vos dou quatro fios sêccos na minha sufficiencia; e de a eu ter para tudo, me nasce abran-

ger aonde vós não chegaes; que, segundo a capacidade dos que aprenderem, aproveita a doutrina dos que ensinam: e sabei outra cousa, que se não póde chamar sabio o que não conhece os nescios, e d'estes que nenhum se conhece a si. — *No se maten tales dos* (disse Leonardo) deixemos as letras em paz, e a Solino com seu credito); que são horas de partirmos esta briga, e acabar por hoje a conversação. — Em todas me é de proveito o vosso favor (disse Pindaro) e mais agora que estava colerico contra meu amigo; que, ainda que o não pareça no modo com que me encontra, eu o sou seu na verdade com que o amo, e estimo suas cousas. — Amisade (respondeu elle) quando é segura não periga, nem quebra em tão pequeno salto; que nem por este deixaremos de ir juntos para casa. E querendo os mais levantar-se, começaram alguns a fazer juizo das duas noites passadas com aquella: porque cada um era interessado na profissão que se seguia, se calaram deixando a eleição ao voto de quem o tiver desapaixonado, se ha algum que ao menos na inclinação o não seja á côrte, armas e letras, de cujo fructo, se são muitos os queixosos por parte da ventura, nenhum ha que da sua propria sufficiencia se mostre descontente. — Eu o estou de mim (disse o doutor) porque esta madrugada determino fazer um caminho á cidade, em que me hei de deter alguns poucos de dias, e esses hei de ter de penitencia na falta de tão boas noites: e para isto peço licença ao sr. D. Julio. — Porque consentir n'essa (respondeu D. Julio) é obedecer-vos, o faço muito á minha custa, com tal condição, que volteis com muita brevidade, que sem vós nem podem estas praticas ir deante, nem deixarei de sentir agora muito mais a falta de vossa conversação, partindo-se ámanhã, como determina, para a sua egreja o sr. prior. — D'essa maneira (acudiu Solino) faço conta que se dividiram os dialogos das noites de inverno, e que ficam servindo esta, e as passadas de uma primeira parte d'elias, que se continuará com a vossa boa vinda; e em tanto se apurarão os entendimentos e a linguagem para materias e sujeitos mais escolhidos que sejam proveitosos e agradaveis aos ouvintes. — Em muitas outras cousas (disse Leonardo) soffrêra eu intervallos, mas n'esta conversação os sinto agora por extremo;

por isso, já que n'ella nos tendes bem acostumados, não tardeis muito. — Até nos gostos (tornou o doutor) a muita continuação causa fastio; pelo que os auctores discretos, por não cansarem com elle o juizo dos curiosos, dividem seus volumes em partes, e essas em capitulos e outras divisões, que com a novidade e brevidade, facilitem a leitura. — Fazem elles muito bem (disse Solino) que ha uns livros sem estalagens, tão compridos como leguas do Alemtejo, que os deixa um homem muitas vezes no signal da cruz, por se não atrever aos levar de um trago. E tambem os poetas nas suas comedias, que são mais proprias para recreação e passatempo, dividiram a obra em actos, a que agora chamam jornadas, e essas repartiram em scenas; e por divertir da gravidade e decóro das pessoas introduzidas, inventaram os comicos modernos entremezes e bailes. Não vos detenhaes muito, e tornaremos ao nosso exercicio com maior desejo e melhor cuidado. — Eu o terei (respondeu elle) de fazer pouca tardança; que o interesse me não deixará cahir em descuido, quanto mais esta nova obrigação em que me pondes.

Dizendo isto se levantou, e os mais o vieram acompanhando, feita primeiro cortezia ao senhor da casa, e aos hospedes que ficaram n'ella. Em quanto com a falta d'aquelles assistentes a houve tambem na conversação das noites que se seguiram, será justo que descansemos um pouco da continuação d'este estylo, que se ao gosto dos curiosos leitores fôr bem acceito, sahirá brevemente á luz outro volume de dialogos, que espera vêr o successo dos primeiros; pois esta virtude de escrever não tem no auctor d'elles outro fructo mais que a satisfação dos animos affeiçoados a seus escriptos, aos quaes com o trabalho de suas obras deseja pagar a vontade e opinião com que acreditam.

FIM DA "CÔRTE NA ALDEIA„

ECLOGA

CONTRA O DESPRESO DAS BOAS ARTES

BIEITO

E d'onde houve aquella rez,
Que elle poucas vacas cria?

ALEIXO

Ganhou-a n'uma porfia
Nas festas, que Ergasto fez.

Houve então grão desafio
Em lucta, canto, e louvores,
Venceu todos os pastores
Da serra, e d'além do rio.

BIEITO

Muito sabe, mui bem canta,
Muito faz quem se lhe atreve:
Como dança! como é leve!
Que voz tem! como a levanta!

Viu, correu muitas aldeias,
Viveu n'uma e n'outra parte;
E com ser só na nossa arte,
Sabe o muito das alheias.

E segundo tenho ouvido,
Já elle houve outro cuidado
Bem longe de guardar gado
Com o nosso trajo, e vestido

Foi na villa dos melhores:
Mas uma dôr bem sentida
Fez que deixasse essa vida,
E buscasse a dos pastores.

Mas ainda quando se eguala
Com o nosso modo aldeão,
D'outra sorte dá razão,
D'outra sorte canta, e fala.

ALEIXO

Digo-te que assim parece;
Que logo na arte, e no geito
Tem uma graça, um respeito
Que aos pastores nos falleee.

Vêl-o? assoma na ladeira;
Anda o bom pastor sem tino,
Chamo por elle, ah Corino.

BIEITO

Não responde com canceira.

Cá anda a tua estrellada.
Para nós vem, já nos vê:
Façamos que um pouco estê
Com nosco n'esta abrigada.

Que uma hora do seu falar,
E um lanço do seu saber,
Nem é para se perder,
Nem é para se pagar.

CORINO

Deus vos salve: venho morto

ALEIXO

Senta-te, descançarás.

CORINO

Corri todo o valle atraz
E ainda agora tomei porto.

ALEIXO

Tens a novilha segura;
Descança e descuida d'ella.

CORINO

Folgo de achal-a, e perdel-a
Já não tenho em má ventura.

Porque é tão grande interesse
O de vossa companhia,
Que de ganho ficaria
Quando de todo a perdesse.

Ha muito que estais aqui?

BIEITO

Já sol fóra nos juntámos,
E até gora não cantámos:
Foi dita esperar por ti.

CORINO

Eu não sei negar-me: agora
Vedes que venho cansado,
Que não me quero rogado:
Cantára, se isto não fôra.

Faz seu officio a edade,
Sou já velho, a voz fallece:
Mas se a vontade merece,
Tendes bem certa a vontade.

BIEITO

Toma alento; então nos dá
O que sem te ouvir não temos;
Que a vaca nós a traremos,
E t'a levaremos lá.

Faze-nos prazer que ouçamos
Aquelle cantar primeiro,
Que te ouvimos no ribeiro
Quando acaso te topamos;

Que mui gabado, e mui raro
Para a coisa de que trata.

CORINO

Canto emfim: que quem dilata
Dizem que quer vender caro.

E pois que em al não mereço,
Quero colher d'isto o fruito.

BIEITO

Tudo o que dizes val muito,
Mas isso só não tem preço.

(Canta Corino)

"Aqui n'esta montanha,
Aonde este trajo humilde, e despresado
Dos homens não se extranha;
Aonde só com um cajado,
Vence a fortuna um pobre desarmado;

Aonde não tem valia
As mais custosas pedras do Oriente,
E as riquezas que cria
O mar, que ousadamente
Commetteu cubiçosa, e cega gente;

Aqui n'esta rudeza
Só de humildes pastores escolhida,
Aonde a natureza,
Já menos offendida,
Dá doce amparo á desejada vida;

Aqui meu desengano
Góso contente, e minha liberdade,
Livre d'aquelle dano
Da cega vaidade,
Que corrompeu nos homens a vontade

Aqui de burel grosso
Me vestirei contente, e esquecido
D'aquelle traje nosso
Tão vão, tão mal trazido,
Dos primeiros principios esquecido.

Qual entre a concha amada
A tartaruga tem quieto abrigo,
Não se teme de nada,
E no maior perigo,
Escondida entre si, vive comsigo;

Tal o meu pensamento
Não quero que á ventura o logar deva;
Que não ha mór isento,
Nem que melhor se atreva,
Que o que tudo, que tem, comsigo leva.

Qual cobra na espessura,
Que deixa entre os espinhos esquecida
A velha vestidura,
E d'ella já despida,
Como anguia no mar, renova a vida:

Assim quando me vejo
Que começo a viver n'esta mudança,
Contendo meu desejo,
Troco minha esperança,
Não quero mais de enganos, que a lembrança.

cauta cotovia,
Vendo o ligeiro imigo, o voo nega;
N'elle não se confia,
Com a terra se apega,
Porque ali com as azas não lhe chega.

D'esta arte se defende
O Pastor despresado da ventura,
Que ella sempre pretende
Descer da mór altura
Quem cuida que no alto se assegura.

Da lã d'este meu gado
Coberto escaparei, terei socego;
Que n'ella disfarçado,
Em perigo mais cego,
Escapou do gigante o cauto grego.

E o meu desejo acceso,
Que encontrando a razão mal se empregava,
Ponha em mãos do despreso
Os bens que procurava,
Da liberdade minha, que era escrava.

Adeus doces enganos;
Já parece razão que vos despida,
Viveis ha muitos annos,
Deixae-me agora a vida,
Que, em quanto a vós tivestes, foi perdida.

BIEITO

Ah! Corino, quem podera
Dizer agora o que sente,
Se, só com te ver prezente,
A voz não lhe emmudecera.

Confesso que estou culpado,
Mas não só de atrevido:
Mil vezes te tenho ouvido,
E só agora escuitado.

Quem te trouxe entre pastores,
Aonde esta vida t'extranha?
Que póde dar-te a montanha,
Senão rusticos louvores?

Quem não sabe conhecer-te,
Como saberá presar-te?
Mas ainda acertaste em parte,
Pois vinhas para esconder-te.

Não fieis da serra tanto;
Que al vai de vêl-a a sentil-a:
Torna pastor para a villa,
E serás na villa espanto.

Não apouques ao teu muito,
Não vivas n'estas aldeias,
Aonde entre as ramas alheias
Se não conhece o seu fruito.

CORINO

Louvores mal empregados,
Quando as partes são presentes,
Menos deixam de contentes.
Pastor, que de envergonhados.

Porém te affirmo, Bieito,
Que n'estas nossas montanhas
A's boas partes, e manhas
Se tem ainda algum respeito.

Que eu já na villa tratei
Muitos mezes, muitos annos,
Trouxe d'ella os desenganos,
Com que aos matos me tornei.

Aprendi muito, e bradavam
Os mestres para ensinar-me:
Ensinaram-me a queixar-me,
Porque todos se queixavam.

Depois de ter conhecido
Homens, e o seu proceder,
Aprendi a me esquecer
De quanto tinha aprendido.

Ouvi gabar esta vida,
Este trajo, este cajado;
Busquei-a agora obrigado
Da que já tinha perdida.

Que ainda cá por esta serra
Se ama o saber; se deseja,
Lá não lhe deixa a inveja,
Lugar, em que estê na terra.

Não se tecem já coroas
Para as partes estimadas;
Entre nós de envergonhadas
Se encolhem as artes boas.

Saber, e conhecimento
Fazem já desmerecer;
De sorte, que o não saber
Serve de merecimento.

Assim que é melhor partido,
Ao que busca o que convém,
Enterrar partes se as tem,
E andar dos outros vestido.

BIEITO

A' fé que não dizes mal
Quem m'o disse hora? qual dia?
Que o bem que perde a valia,
Porque entre os homens não val.

Cresce a virtude louvada,
A planta favorecida,
A vontade agradecida,
E a parreira alevantada.

Fui domingo a vêr a lucta,
E outros com grande alvoroço;
Vim encantado d'um moço,
Que alli cantava em disputa.

Dos pastores máis gabados
Tinha á roda mais de mil,
Que ao som do seu rabil
Estavam como enlevados.

Perguntei, vendo occasião,
Onde, que gado guardava,
Entre nós? que eu n'isto dava
Primeira fé de affeição.

Eis quando alli se murmura,
Que se ia d'estas aldeias
A buscar terras alheias,
Ou buscar n'ellas ventura.

Engeitou-lhe a natureza
O bem de seu natural;
Então sustenta-se mal
A arte onde se despresa.

CORINO

As hervas que os gados pascem,
E as flôres que os olhos vem,
Mais poderes do sol tem,
Que não da terra onde nascem.

O grão, que na varzea cresce,
Com humidade arrebenta:
O sol cria, o chão sustenta,
Levanta-se e reverdece.

O enxerto já crescido
Com o sol, e agua accommodada,
Se cae sobre elle a geada.
Secca-se murcho, encolhido.

O bom natural é parte,
Que o despreso desanima:
Como a cousa não se estima,
Não podes d'ella prezar-te.

Vi eu d'isto uma pintura
Com arte e modo extremado;
E se inda estou bem lembrado,
Tinha ella esta figura:

Um mancebo que encaminha
Vôar com desejo acceso,
D'uma mão atado um peso,
Na outra umas azas tinha;

Uma livre, outra sujeita,
E dizia a lettra assim:
Se esta pésa contra mim,
Est'outra que me aproveita?

Quanto melhor parecera
Valer menos tudo o mais,
E que ás partes naturaes
A mão, e o favor se déra!

Em que se hão de conhecer
Os homens, se n'isto não?
Que em forças vence o leão,
E outro animal qualquer.

Nas partes que o mundo présa,
Quantas féras vão adeante,
No corpo, gesto e semblante
Nas forças, na ligeiresa?

Só no saber as vencemos,
Com elle as senhoreamos;
E quantos n'isto encontramos,
Que nos vencem, não soffremos.

D'isto, em que o mundo se pôz,
Nasce já que os animaes
No que eram tão deseguaes,
Nos podem vencer a nós.

Não posso ter soffrimento
N'esta queixa, e não me val;
Que acanha um baixo metal
A um subido entendimento.

Os homens como pintura
Falam só com o que apparece:
Cada um monta e merece
Pelas mostras da figura.

Dizem que já n'outra edade
Falaram os animaes,
(E eu creio que por signaes
Inda hoje falam verdade).

Ouvi-cantar como então
Se fez valente, e temido
Um vil jumento escondido
Nos despojos de um leão.

Emquanto de longe o viam
Os outros, fugiam d'elle;
Eram milagres da pelle
Do rei, a que elles temiam.

Quiz falar, buscou seus damnos,
Que os outros com raiva crúa
Fazem pagar pela sua
Da outra pelle os enganos.

Quantos ha na nossa aldeia
Leões e lobos fingidos,
Que houveram de andar despidos,
Se não fôra a pelle alheia!

Sem saber, sem consciencia
Andam com ella entre nós,
Conhecem-os pela voz,
Honram-os pela apparencia.

BIEITO

O bom tempo é já perdido;
N'este de agora, em que estamos,
Taes somos, que nos mostramos
Ou no tracto, ou no vestido.

Vendem-se as mostras de fóra;
Al era no tempo antigo;
Deus dê repouso a Rodrigo,
D'isso canta, e d'isto chora.

Eram tempos deseguaes,
Tratava a sorte melhor;
Se ás partes davam louvor,
Não lhe negavam o mais.

Se Franco cantava bem,
Era por isso estimado:
E hoje quiçaes que é culpado
Por essa parte que tem.

CORINO

Muitos annos ha que dura
O queixume em toda a parte,
De vêr que não póde a arte
Vencer em tudo a ventura.

Mas se houve alguns queixosos
N'esses bons tempos passados,
Quantos houve levantados?
Quantos houve venturosos?

Com muitos provára o dito;
Mas calo-os, porque em respeito
Contar poucos é defeito,
E todos fôra infinito.

Não demos culpa á edade
Com tudo que é desacerto:
Temos a causa mais perto,
Porque é nossa enfermidade.

Que estes despresos que vemos,
Do bom saber, da boa arte,
Não se usa em toda a parte,
Que al na terra onde nascemos.

Nas outras ainda se présa;
(E não sei se diga mais)
Nós, e os nossos naturaes
Somos de má natureza.

Queremos grão mal ao bem,
(Se isto se póde dizer)
Sómente pelo querer
A quem o merece, e tem.

Verás um pastor, dotado
De mil graças excellentes,
Andar entre as nossas gentes
Assim como homiziado.

Descontente, e mal vestido,
De encolhido não se atreve;
E assim como o homem, que deve,
Sempre só, sempre escondido.

E a causa, que lhe sobeja,
Porque traz em companhia
Saber, que é mercadoria,
Que deve muito á inveja.

Coitado do passarinho,
Que nasceu no valle escuso,
Aonde nem canta por uso,
Nem ha quem lhe saiba o ninho.

Coitado do que nasceu
N'esta nossa terra ingrata,
Que tão mal conhece e trata
Bens da sorte, e dons do céo.

Que o mais honrado, e mais dino
Pelas partes naturaes,
Não lhe serve de ser mais,
Senão de ser mais mofino.

Sempre cae, sempre periga:
No que ama, no que procura
Faz-lhe acintes a ventura,
Que é declarada inimiga.

De tudo lhe nega o fruito:
Se com pouco se sustenta,
E'-lhe do pouco avarenta;
E se de muito, é de muito.

Agua, Fogo, Terra e Ar,
Sol, Estrellas, Austro e Norte,
Tudo lhe negara a sorte,
Se lh'o pudéra negar.

E os homens por condição,
Ao que devem mór corôa,
Se lhe vem vir sorte boa,
Vão-lhe mil vezes á mão.

E qualquer que a causa seja,
E' bem baixo o fundamento
Ou de fraco entendimento,
Ou de mui forçosa inveja.

Vão mil por este caminho
De erros qu'eu contar não posso:
Pesa-nos do bem que é nosso,
Quando o vemos n'um vizinho.

Ouvir qualquer extrangeiro
Falar de seus naturaes,
Dá d'elles tão bons signaes,
Que o não tem por verdadeiro.

Falem-vos n'um natural,
Dizeis faltas que não tem:
Mente o outro para bem;
Nós mentimos para o mal.

Deixemos para outro dia
Os queixumes, que é já hora;
Que a meu pesar deixo agora
A elles, e a companhia.

ALEIXO

Da tua é para sentir
A perda: mas bens não duram,
Porque os muitos, que os procuram,
Os tem affeito a fugir.

Comtigo iremos andando,
Que isto tambem foi partido:
E pois o valle é comprido,
Bem podemos ir cantando.

Que eu quero da minha parte
Mostrar que na voz me atrevo:
E se não pago o que devo,
Mostro que não sei pagar-te.

CORINO

Tu farás como eu presumo,
Que é como o melhor da aldeia;

ALEIXO

Ante ti quem não receia?
Quanto mais eu, que o costumo.

Vamos, qu'eu quero ir deante;
Por este caminho estreito
Torna a novilha, Bieito.

CORINO

Chega manso, não se espante.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

Dialogo IX	— Da pratica e disposição das palavras	3
Dialogo X	— Da maneira de contar historias na conversação	9
Dialogo XI	— Dos contos, e ditos graciosos e agudos na conversação	24
Dialogo XII	— Das cortezias	37
Dialogo XIII	— Do fructo da liberalidade e da cortezia	49
Dialogo XIV	— Da creação da côrte,	63
Dialogo XV	— Da creação na milicia	79
Dialogo XVI	— Da creação das escolas	90
Ecloga contra o despreso das boas artes		107